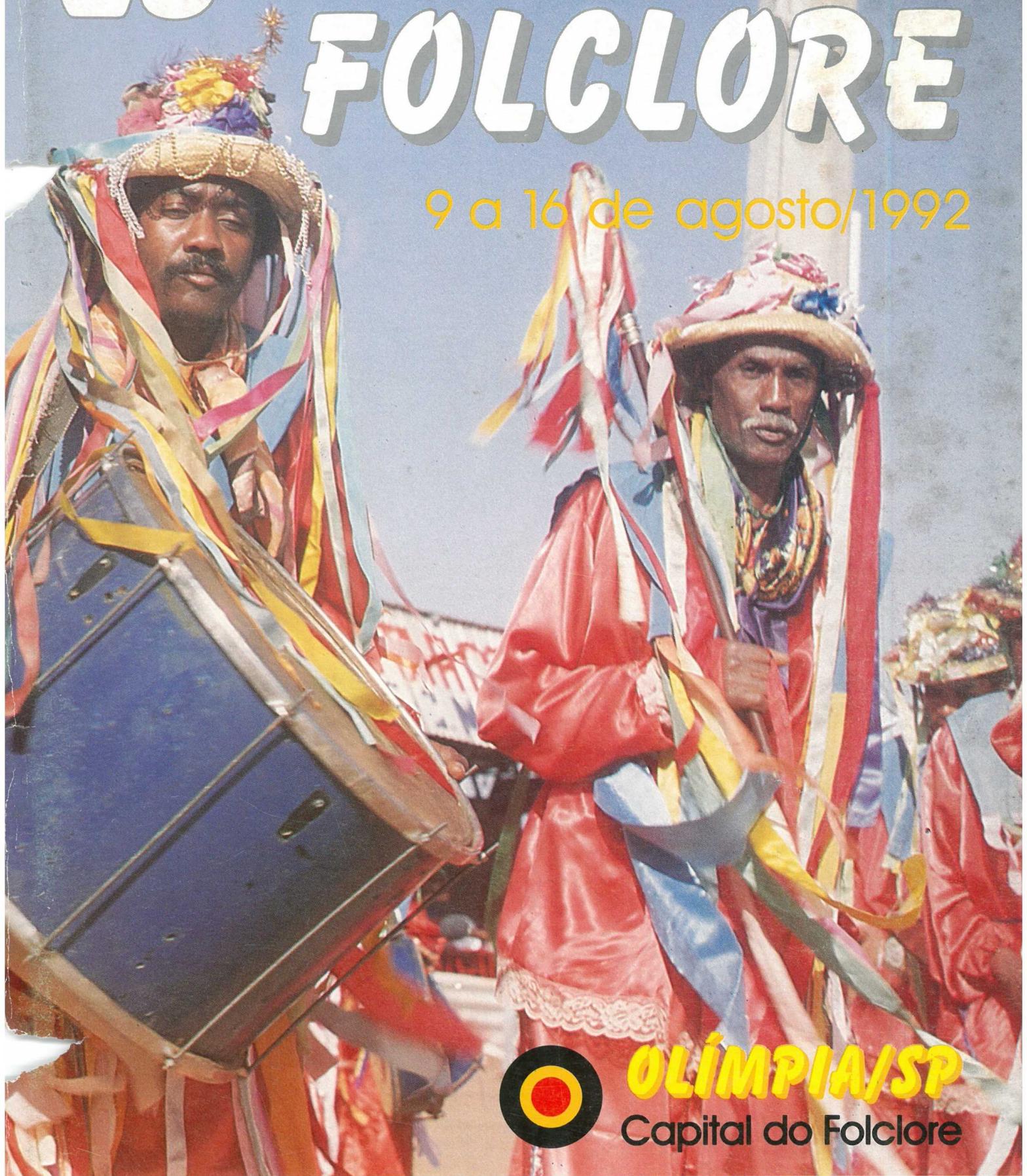


28º FESTIVAL DO FOLCLORE

9 a 16 de agosto/1992



OLÍMPIA/SP

Capital do Folclore

Colaboração

BRADESCO

NOSSA CAPA

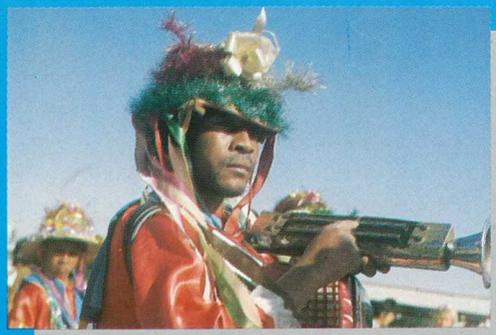
Terno de Congada da Coroa do Menino Jesus, da Família do Jerominho, de Passos, Minas Gerais

"Eu não sabia, Meu avô que falô pra mim Que no tempo do cativeiro Os pretos dançava assim."

Nem nós sabíamos, Jerônimo, que Passos de Minas Gerais, entre tanta beleza que explode nos festivais do folclore olimpiense, fosse capaz de fazer tanto sucesso. É bela a Congada Mineira, que tem, como 1º Capitão, a garbosa figura do senhor Jerônimo dos Santos. Esse grupo surgiu, há muitos anos, na fazenda Olhos D'Água, Passos, MG, graças ao seu proprietário, Antônio Alves, que muito fez pela preservação da Congada. E o Jerônimo, hoje com 64 anos de idade, desde os seis é membro do grupo. 25 anos no comando. Sabe muito da história, das

pelejas, dos sucessos que os participantes do Terno da Congada da Coroa do Menino Jesus vêm passando pelos anos afora. E ele nos conta que, descendente de ex-escravos africanos, seus avós, principalmente o avô Jerominho, seu tio João Luís e outros o levaram a interessar-se pelo ritual do Congo. Os antigos trajes, confeccionados em algodão, luisina, como era chamado, eram da autoria dos membros da família, católicos que "mantinham um bom entendimento com a Umbanda". Também os instrumentos musicais, na sua maioria, eram feitos em casa.

O terno de Congo, com 42 figurantes do sexo masculino, incluindo crianças, ao apresentar-se nas festas natalinas, levava uma sanfona de 8 baixos, violão, viola e cavaquinho, dois bumbos maiores para os guias e bumbos menores para os demais



participantes, bumbos de couro cru (caixas) e adufes, substituídos por pandeiros e tamborins. Esse instrumental ia para a cidade em carro de bois, duas viagens, no mínimo, de Olhos D'Água a Passos.

Atualmente, o grupo veste calças e camisas de cetim vermelho, com detalhes azuis, faixa à cintura, chapéus ornamentados com fitas coloridas, quantidade e comprimento determinados pela condição econômica de cada participante. As calças são amplas, pontalonas que, durante a dança, assemelham-se a saias. E quem confecciona calças e camisas são a esposa de Jerônimo, D. Amaziles e sua filha Penha, trabalho de adorável cunho caseiro.

Segundo o senhor capitão Jerônimo, o grande segredo da Congada está nos bastões, que são carregados por ele, 1º capitão, e por Expedito Estevam dos Santos, 2º capitão. Suas apresentações homenageiam a Coroa do Menino Jesus, as Irmandades de São Benedito, Santa Ifigênia, Senhora do Rosário

e, é claro, a princesa Isabel, libertadora dos escravos sofredores. Esta, em síntese, a longa história desse belo grupo folclórico mineiro, grupo que guarda, na singeleza de sua dança e cantoria, rica tradição afro-brasileira, demonstrando, coreograficamente, que a fé religiosa, e só ela, pode unir os povos e perpetuar-lhes a

saga milenar. Agora nós sabemos, Jerônimo, porque os pretos dançavam assim, no tempo do cativeiro. Nossas homenagens a vocês, que há sete anos participam do Festival de Olímpia.

Prefeitura Municipal de Olímpia Estado de São Paulo



Administração:
JOSÉ FERNANDO RIZZATTI
MARCELO GIL MUNHOZ



Anuário do Folclore 28º FESTIVAL DO FOLCLORE

9 a 16 de agosto de 1992
Olímpia - SP - A Capital do Folclore

Ano XIX
22 de agosto de 1992
Nº 22

Edição do
Departamento de Folclore
do Museu de História e Folclore
"Maria Olímpia" e
Secretaria da Educação, Cultura,
Esportes, Turismo e Lazer
Conselho Municipal de Cultura
Comissão de Folclore
da Prefeitura Municipal de Olímpia.

Patrocínio:
Banco BRADESCO S.A.

Todo trabalho de redação assinado é
de total responsabilidade do autor.

Quaisquer artigos ou ilustrações
podem ser reproduzidos, desde que
citada a fonte.

EXPEDIENTE

Rua David de Oliveira, 420
Caixa postal 60
Patrimônio de São João Batista
15400-000 - Olímpia - SP
Telefone: (0172) 81-1929 (R-14)
Telex: 0172 - 233

Diretor: José Sant'anna

Redatores: André L. Nakamura e Iseh B. de Camargo
Conselho Editorial: Membros da Comissão de Folclore
(Conselho Municipal de Cultura) da
Prefeitura Municipal de Olímpia.

Datilografia: Célio José Franzin

Fotografias: Francisco de Assis Madalena,
Hélio Garcia Filho e Paulo de Tarso Pereira

Desenhos: Hélio Minari Filho, João Carlos Oliveira da
Rocha e Willian Antônio Zanolli

Organografia Musical: Antônio Possato (maestro),
Maria Aparecida de Araújo
Manzolli e Rosemeire
Aparecida Martins

Diagramação: José Antônio Arantes

Composição, Fotolitos Internos e Cópias:

Folha da Região (Rua David de Oliveira,
nº 1255, Patrimônio de São João Batista -
Telefone: (0172) 81-1261- Olímpia - SP)

Revisão: André Luiz Nakamura e José Sant'anna

Auxiliares: Antônio Clemêncio da Silva, J. José Abra e
José Maria de Jesus Marangoni

Sumário: André Luiz Nakamura

Fotolitos a Cores (capas): Quadricolor — Estúdio de
Reproduções Gráficas Ltda.
(Rua Joaquim Carlos, 96 -
Brás-São Paulo-SP)

Impressão: Centrograf (Praça Rui Barbosa, nº 47,
Patrimônio de São João Batista - Telefone
(0172) 81-1060 - Olímpia - SP)

SUMÁRIO

O HOMEM E SEUS PARENTES IRRACIONAIS (No Reino Animal)

A professora **Iseh Bueno de Camargo** (Departamento de Folclore - Olímpia) faz uma ampla abordagem da importância dos animais no cotidiano do homem, cujo reflexo se encontra em palavras e expressões resultantes de comparações e metáforas, em nomes próprios, adjetivos, verbos, provérbios, crenças, no jogo do bicho, etc.

Página 3

PEQUENO ANEDOTÁRIO (Humorismo)

Uma reflexão, ilustrada por 45 boas anedotas selecionadas por **Antônio Clemêncio da Silva** (Departamento de Folclore - Olímpia), sobre um tema comum à maioria dos brasileiros: a mania secular de contar e ouvir piadas.

Página 20

BRINQUEDOS CANTADOS (Recreação Infantil)

Numa época em que a televisão consome a atenção, a imaginação e grande parte do tempo das crianças, a professora **Meire Irâni** (Departamento de Folclore - Olímpia) fala dos brinquedos cantados, um tradicional entretenimento para as crianças que, embora tenham perdido a antiga frequência, ainda são cultivados em Olímpia.

Página 24

ROSA, RAINHA DAS FLORES (Rodologia e Folclore)

Entre as mais belas demonstrações de maravilha e perfeição da natureza, e atuando como símbolo protagonista de fortes romances e sentimentos, está a Rainha das Flores: a Rosa. A professora **Ineh Bueno de Camargo** (Departamento de Folclore - Olímpia) a perscruta nos âmbitos romântico, místico e científico.

Página 26

QUADRINHAS FOLCLÓRICAS: A LUA (Folclore Verbal)

Embora já tenha sido alcançado pelo homem, o satélite natural da Terra permanece cercado de misticismo, crenças e supostas influências na vida humana. Bela e nefasta; mística e apaixonante; romântica e enigmática, a Lua, ao mesmo tempo que faz parte de cenas de terror fictício, é um dos cenários naturais preferidos dos amantes. O professor **José Sant'anna** (Departamento de Folclore - Olímpia) mergulha nas contradições, considera os laudos científicos e toma emprestada a espada de São Jorge para apontar os diversos aspectos das faces da Lua, vistos da Terra.

Página 36

O POETA ACEDILO NOVAES (Literatura de Cordel)

Clarismundo Sant'Anna (Departamento de Folclore - Olímpia), grande admirador dos cordelistas, mais uma vez discorre, sem preconceito crítico, sobre a literatura do povo que, embora não tenha grande acuidade lingüística e vocabular, esbanja em conteúdo e imaginação. O poeta cordelista **Acedilo Novaes** é o objeto das apreciações do autor e o representante desta arte popular.

Página 40

VOCÊ É SABIDO? COMPROVE! (Adivinhações)

A estudante **Anali de Oliveira** (Centro de Pesquisas e Estudos Folclóricos - Olímpia) apresenta uma coletânea de enigmas bem humorados: as adivinhações, cujo teor envolve matemática, estudos sociais, poesias, etc. É uma forma divertida de estimular o raciocínio e o desenvolvimento lógico das crianças.

Página 46

ESCOLA, ESTUDANTES E TRADIÇÃO (Escritos em Livros)

A professora **Ivete Fernandes** (Departamento de Folclore - Olímpia) faz, nostálgica, uma retrospectiva do rígido sistema escolar nas conturbadas décadas de 50 e 60 em contraponto

ao atual. Relembra o rigor inflexível das normas disciplinatórias dos colégios e nos mostra as inspirações românticas, escritas secretamente, sobretudo em quadras, nos cadernos e nos frontispícios dos livros dos alunos.

Página 50

CONTA E TEMPO (Soneto)

Célio José Franzin (Departamento de Folclore - Olímpia) fala sobre o soneto Conta e Tempo, feito pela mão do povo, buscando a correta interpretação e constatando o valor da arte folclórica.

Página 53

COROÇÃO DE MARIA (Religião e Folclore)

A professora **Aparecida Gil** (Departamento de Folclore - Olímpia) acompanhou o ritual católico em homenagem ao mais forte símbolo feminino e materno: a Virgem Maria e nos descreve, passo a passo, a Coroação de Maria realizada no distrito de Ribeiro dos Santos (Olímpia).

Página 55

DINAMISMO DO FOLCLORE (Modismos)

André Luiz Nakamura (Departamento de Folclore - Olímpia) comenta o dinamismo inventivo e imaginoso da gente do povo na aplicação de palavras e expressões apoiadas em metáforas, metonímias, e outras figuras de linguagem, ilustrando-o com frases venenosas e com antiprovérbios - uma manifestação contraditória à própria sabedoria do povo demonstrada nos provérbios.

Página 67

DOM JORGE E JULIANA (Romanceiro)

Um dos temas do romanceiro folclórico mais divulgado e conhecido até hoje, o romance Dom Jorge e Juliana, é publicado e sutilmente comentado neste artigo da professora **Rita de Cássia Sant'Anna Martos** (Centro de Pesquisas e Estudos Folclóricos de Olímpia).

Página 71

EXPERIÊNCIA DE PESQUISA E APLICAÇÃO DIDÁTICA DE DANÇAS FOLCLÓRICAS (Conferência)

Maria Amália Corrêa Giffoni, professora emérita da USP, esteve em Larissa, na Grécia, representando o Brasil na 2ª Conferência Mundial de Pesquisa de Danças Folclóricas. Lá foram apresentados folguedos e danças do gênero de todos os países participantes. A autora fala do sincretismo coreográfico, das danças e folguedos nos níveis antropológico, geográfico, cultural, social e dos assuntos abordados na Conferência.

Página 73

CONTADORES DE PATRANHAS (Contos Folclóricos)

O professor **José Sant'anna** atualmente dedica muito do tempo de suas pesquisas ao recolhimento de contos folclóricos. Nesta edição, ampliou o número de contos que geralmente apresenta, publicando 20 deles, selecionados e coletados aqui mesmo, em Olímpia.

Página 78

NOTICIÁRIO DA ISEH (Registros)

A jornalista **Iseh Bueno de Camargo** (Departamento de Folclore - Olímpia) registra todos os eventos e os mais importantes fatos e acontecimentos do 27º Festival do Folclore, além de nos dar algumas informações acerca do movimento folclórico nacional.

Página 101

CORRESPONDÊNCIA

Publicação de parte da correspondência com folcloristas e entidades folclóricas concernente à publicação do Anuário de Olímpia/91 e assuntos correlatos.

Página 135

O homem e seus parentes irracionais

ISEH BUENO DE CAMARGO

DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

Talvez por trazer, no inconsciente, lembranças de primitivos parentescos, o homem, volta e meia, introduz os animais na sua conversação.

Os animais mascaram ofensas: Você é uma **anta**! Este **jumento** não aprende nada! É uma **piranha** de alto nível!

Os animais brindam qualidades humanas: O Rui é uma **águia**. O doutor é **raposa** velha. É uma **gatinha**.

Os animais são parâmetros comparativos: Tem olhos de **lince**. É gorda como uma **baleia**. Anda como **pata choca**.

Os animais simplificam a linhagem genealógica: Por que Roberto da Silva Alvarenga, se posso dizer **Taturana?** Ou **Jacaré?** Ou **Tucano?**

Assim, os animais, além das clássicas utilidades, acabam se envolvendo com a vida do ser humano, prestando a este mais um serviço não remunerado. Chegamos a um ponto de não prescindir dessa ajuda amiga, conscientes ou não do nosso jogo figurativo, disfarçando objetivos bem certos e, por vezes, malévolos.

Todos os vocábulos, empregados em sentido figurado, disfarçam a sua exata significação, perdem o seu valor real, exprimem uma outra idéia.

A **linguagem figurada** resulta, via de regra, da ocorrência de três fatores:

1.º) A “Lei do Menor Esforço”, a mais humana e querida de todas as leis. Sintetizando em uma imagem o que se deseja dizer, o esforço para falar é menor, a compreensão fica mais fácil. Descanso para a massa cinzenta. Ninguém precisa aprofundar-se em análises literárias, filosóficas ou teológicas se eu disser:

- O fogo morreu.
- O Sant’anna voou.

2.º) Tendência natural para a comparação, facilitando exame concreto e rápido dos fenômenos e sua fixação. Essa tendência é perene, tão velha quanto o ser humano. Se dissermos que o sol se deitou, compreendemos o ocaso do astro-rei em seu processo de “levantar-se”

e “deitar-se”, conforme fazemos nós. O sol jamais deitar-se-á, mas é vivida a imagem que fixamos ao ouvir: o sol já se deitou.

3.º) Concretização do abstrato através de imagem figurativa. Dizer que um navio “geme e chora” durante um temporal, é uma forma simplificada de explicar-se um fenômeno comum àqueles que convivem com embarcações e águas revoltas. Com pouco se diz muito.

Por estas e mais algumas outras razões é que a linguagem figurada é mais freqüente no falar de pessoas incultas, seres que, medianamente ilustrados, encontram recursos vários para exprimir suas idéias. Os homens cultos também lançam mão desse recurso, porém, com reservas, moderadamente, criando imagens que enriquecem o que escrevem ou o que dizem.

O uso da linguagem figurada presta-se, ainda, a algo que é muito do agrado do povo: a manifestação da veia humorística, a inclinação para explorar o ridículo de certas situações.

- **Piranha** é mulher de má fama que agarra seus homens através de meios desleais.

- **Grilo** é o policial que patrulha as ruas trilando seu agudo apito.

- **Pantera-cor-de-rosa** é o homem muito branco, que pisa macio e anda simiescamente.

Das várias figuras conhecidas e admitidas em literatura, a METÁFORA é a mais comum, talvez por resultar de uma **comparação**, recurso dos mais usados pelo povo. Pode-se até dizer que “a metáfora é uma comparação de onde um dos termos desapareceu, ficou esquecido.”

Uma pessoa impetuosa, afoita, destemida, “é forte como um touro” ou “valente como um leão”. No entanto, se pela lei do menor esforço não se fizer a comparação, diremos: “Ele é um touro” ou “Ele é um leão”. Isto é **metáfora**. A comparação está implícita. Quando digo que fulano é um leão, refiro-me a um homem que possui algum atributo

próprio do animal.

As metáforas primam por sua clareza, adequação e naturalidade. Transformam-se, assim, com grande facilidade, em símbolos. Perpetuam-se, disseminam-se, esclarecem, instruem.

- Aquele homem é astuto como uma raposa. (**Comparação**).

Raposa é o símbolo da astúcia.

- Aquele homem é uma raposa. (**Metáfora**)

- O atleta é ágil como um gato. (**Comparação**)

Gato como símbolo de agilidade.

- O atleta é um gato. (**Metáfora**)

As metáforas quando muito expressivas, transformam-se em **lugares-comuns**, expressões simbólicas empregadas com freqüência, até serem desvirtuadas, muitas vezes.

Este menino é um **papagaio**. O bandido é uma **fera**. O juiz é uma **águia**. Ele é um **galinho-de-briga**. Ele é um **leão**. Um verdadeiro **bicho-preguiça**. É uma **cobra mal matada**. Fez uma visitinha de **beija-flor**. Tem um pescocinho de **girafa**. É um **hipopótamo** quando anda. É uma **raposa velha**. Tem cinturinha de **macaco**. É um **tatu**. Não é tão **burro** quanto parece. Tem idéia de **jerico**. Tem nariz de **coelhinho**. Tem ar de **coelho assustado**. Tem uma garganta de **canário-do-reino**. Tem bunda de **tanajura** (bem provida nessa parte da anatomia). Tem perna de **pica-pau**. Tem cara de **peixe-frito** (sonso, disfarçado). Tem cara de **fuiinha** (cara miúda, desconfiada). Tem cara de **mandi-chorão**. É um **amigo da onça** (falso). É um **amigo urso** (idem). Esta mulher é uma **zebra** (burra, tapada). Parece uma **cabra-cega**. É um **garanhão** (indivíduo sem escrúpulos quanto a sexo). É uma **capivara** (mulher de má fama). É um **gavião** (espertalhão, ladrão, sabido). É um **cabra macho** (forte, valentão). É um **pau-de-arara** (pode significar sujo ou referir-se àquele que trabalha na roça, sem eira nem beira). Tem cabelos de **graúna** (pretos, luzidios). Ele é um **veado** (quase pejorativo, no sentido de ser homosse-

NO REINO ANIMAL

xual, travesti ou "gay"). Isto está um **balaio de gato** (desarrumado). Vieram uns **gatos pingados** (pouca gente). Isto é **papel de cachorro** (maldade). É um verdadeiro **cricri** (grilo). Mas encolhido do que **gato em saco**. Tem cara de **boi sonso**. Fez papel de **cachorro magro** (comeu e saiu). É um **cachorrinho de padre** (bajulador). Levo **vida de cachorro** (ruim). É pior do que **cadela no cio** (mulher à procura de homem). É um **burrinho** (fraco de idéias ou espécie de monjolo que leva a água de fonte ou riacho aos canos). É uma **burra** (fraca de idéia, ou cofre-forte). É um **burro xucro** (sem educação, anti-social).

É uma **lesma** (lerda). Tem memória **cavalar** (boa memória). Tem **títica de galinha na cabeça** (nada). É uma **galinha arrepiada** (briguenta, responzona). É **vaca de presépio** (diz sim a tudo). É **ovelha desgarrada** (não segue o previsível). Tirar o **cavalinho** da chuva (desistir). É a **ovelha negra** da casa (diferente dos demais). É um **rato de igreja** (ladrão). É um **galo índio** (briguento). É uma **cavalgadura** (verdadeiro cavalo no trato). É uma **mosca morta** (apática, parada). É **franga nova**, uma **franguinha** (adolescente). É uma **potranca** (elogio grosseiro). É **abelhuda** (curiosa, metedica). É um **tubarão** (ladrão da classe alta, aproveitador). É só **papagaiada** (conversa sem valia). É um **serelepe** (vivo, arteiro, irrequieto). Tem em casa uma **cobra criada** (pessoa má). Virar uma **onça**. Tem olhar de **caxinguelê** (esperto, fugidio). Ficou uma **cobra**. Virou uma **caninana**. É uma **barata tonta** (desajeitada). Ele é um **gambá** (beberrão).

COMPARAÇÕES

Para explicar bem as coisas, temos as comparativas:

Rir como uma **hiena**. Mudar de cara como **salamandra**, ou **cobra**. Falar como um **papagaio**. Trabalhar como uma **formiga**. Dá mais coices que um **asno**. Cantar como uma **cigarra**. Escorrega mais do que uma **enguia** (dizem enguia em vez de enguia). Comer como um **passarinho**. Mais esperto que um **lambari**. Comer como um **porco**. Mais verde que um **gafanhoto**. É pior do que **cadela no cio**. Morrer como um **passarinho**. Grudado como um **carrapato**. Andar como um **tico-tico**. Vive atrapalhada como **barata** em terreiro de **galinha**. Alegre como um **cachorro com pulgas** (falsa alegria). Chorar como **gata parida**. Cantar como **gralha tonta**. Cantar mais que um **sabiá-poca**. Feder mais que um **gambá**. Ronçar como um **porco**. Nada como **peixe**. É micagento como **macaco**. Lerdo como um **pato**. Sossegado como **tartaruga**. Ligeiro como **voador**. Esperto como **gato**. Come como

um **boi**. Come como um **elefante**. Gordo como um **porco**. Come ovo como **gambá**. Bravo como **abelha**. Por carne é pior do que **urubu**. Entra e sai feito **cachorro** sem dono. Pula feito uma **cabrita**. Fede como **cavalo** morto à beira da estrada. Branco como **garça**. Parece **barata** descascada. Vermelho como **peru**. Preto como **urubu**. É manso como um **carneiro**. Mais velhaco que **raposa**. **Traíçoeiro** como cobra. Feio como **coruja**. Parece uma **baleia** de tão gorda. Magro como **minhoca**. Mais mole do que **peixe** fora d'água. Mais sujo do que pau de **arara**. Teimoso como **mula**. Feio como um **sapo**. Falso como um **urso**. Pior do que **cachorro** sarnento. Destemido como um **lobo**. Mais trombuda que um **elefante**. Mais beicudo que **bagre** velho. Pior do que **cachorro** cheirando o cu do vizinho (bajulador). Teimosa como a mãe do **piolho**. É negrinho como **tiziu** (pássaro de cor preta). Ciscar como **pinto** na gamela (comer sem apetite). Chateia mais que **pernilongo**. Mais filante que **macaco** de circo (ladrão). Sorrateiro como **gato** no telhado. Brigam mais que **cão e gato**. Pior do que sogra de **cascavel**. Pior do que sovaco de **cobra** (desamparado, sozinho). Ir como **boi** para o matadouro (desanimado, sem qualquer reação).

EXPRESSÕES

São muitas as expressões que o povo usa para bem explicar o que precisa. São ricas, são singelas:

Parece um **pinto** molhado. Parece uma **cobra** cega. Parece uma **barata** no melado. Parece **coruja** gabando o toco (quando pais e parentes elogiam muito a criança). Estar com tosse de **cachorro**. Estar com um **galo** na testa (calombo, machucado). Isto é dose para **elefante**. Não servir nem pra **bigato** (pessoa sem valia). Tem a cor de **burro** quando foge. Deram com os **burros** n'água. Bateu o (ou com o) **pica-pau**. Fez um ninho de **guacho** (encrenca, amolação). Mudar de **pato** para **ganso** (mudar de assunto). Ele é de matar **passarinho** (terrível). Não tem **grilo** (não há problema). Tem sangue de **barata** (medroso). Comer **gambá** errado (comer gato por lebre). Aquele homem tem **pulgas** na venta (destemido). Deu **zebra** (azarou, saiu tudo errado). Falei com aquela **barata** descascada (pessoa branca demais). Ele é do **peru** (perturbador). É hoje que a **cobra** vai piar, ou fumar (pressupõe dificuldade). Cair do **cavalo** (ficar decepcionado). A **porca** torce o rabo (dificuldade). Pegou o **boi** pelo chifre, ou pelo rabo (enganou-se). Acertou na **mosca**. Meu negócio é **mosca** branca (é bom). Pra ser **cachorro** só faltam as orelhas (em se tratando de pessoa normal, por-

tadora das duas orelhas, significa que não falta nada. É cachorro mesmo).

Um pisa na **barata** (bom baile). A **vaca** foi pr'o brejo (tudo saiu errado, desmoronou). Lavar a **égua** (conseguir além do esperado). Fazer boca de **siri** (guardar segredo, ficar calado). Deixa estar **jacaré**, que a lagoa há de secar (espécie de praga, desejo de algo ruim para outrem). O mar não está para **peixe** (tudo errado). Apanhar mais que **vaca** na horta. Ela é **mão-de-vaca** (unha de fome, sovina). Ele é **mão-de-leitão** (idem; ladrão cheio de maldade). O empregado é um **burro** de carga (carrega o mundo nas costas). É um **cachorro magro** (mal agradecido, faminto). Ana tem boca de **jacaré** (fala demais, tem boca grande). Você já ficou uma **arara** com alguém? Já caiu como um **pintinho** em alguma armação? Conhece gente que se exhibe como um **pavão**? Sabe de alguém que age como **raposa**?

Todas estas frases têm algo em comum: mostram que o comportamento do ser humano pode ser e é parecido com o dos animais.

Graças a isso vão surgindo as comparações: Lutar como um **leão**. Ser forte como um **toouro**. Ser mais sujo do que pau de **galinheiro**.

Para provar que você é mesmo **cobra**, procure entre seus amigos, colegas, vizinhos, aquele que consegue lembrar expressões e comparações como as que vimos, ou verbos, como veremos.

VERBOS

Todos sabem que somente a primeira conjugação verbal, a conjugação viva, pode criar novos verbos para a língua. A ela pertencem dez mil verbos dos onze mil existentes e dos quais seis mil são de uso freqüente. É a chamada rica.

Vamos, portanto, relacionar alguns verbos da 1.ª conjugação que exprimem ação imitativa ou estado inerente aos seres a que se referem:

Avacalhar (estragar um trabalho, uma reunião). **Baratinar** (ficar zonzó, sem rumo). **Bodejar** (gaguejar). **Borboletear** (andar aereamente, sem fixar-se em algo). **Cadelar** (prostituir-se). **Camelar** (fazer trabalho duro). **Corujar** (ficar acordado, lendo, passeando sem rumo a noite toda). **Curiangar** (ficar flamando, parado). **Desembarstar** (correr impetuosamente). **Embestar** (bestificar, teimar, obstinar-se). **Embestegar** (encantar-se). **Embezerrar** (amuar, zangar-se). **Emburrar**. **Engalinhlar** (acovardar-se). **Empacar** (não ir para diante). **Emperiquitar** (enfeitar-se em excesso). **Empombar** (procurar briga). **Emporcalhar**. **Engatinhar** (andar como gatinho, de quatro). **Formigar** (comichar, picar, ferroar). **Galinhar**

NO REINO ANIMAL

(prevaricar, pecar). **Grilar** (zangar-se, pular de raiva). **Largartear** (ficar ao sol, sem ocupação). **Macaquear**. **Morcegar** (sem fazer nada ou dependurar-se em alguém). **Moscar** (cair fora da encrenca). **Papaguear** (falar demais, como papagaio). **Patinhar**. **Pavonear**. **Pererecar**. **Peruar**. **Sapear** (assim como peruar, refere-se a jogos, não espiar, não dar palpites). **Serpentejar**. **Vaquejar** (perseguir).

A esta categoria de verbos pertencem os que designam vozes de animais e que podem ser aplicados em sentido figurado. São inúmeros.

-Deixe de **coincar**, menino (voz do leitão).

-O homem **berrava** como louco (voz do boi).

-Este menino fica **miando** feito bobo (voz do gato).

-Vê se fala, menina, não **pipile** (voz dos pássaros).

-Vá **latir** longe de mim, mulher (voz do cão)...

ADJETIVOS REFERENTES A ANIMAIS

Considerável número de adjetivos, empregados em sentido figurado, se aplicam ao homem e são, em geral, empregados por pessoas preparadas. Poucos são de uso popular.

Garras **acipitrinas** (de gavião). Nariz **aquillino** (de águia). Estupidez **asinina** (de burro). Fome **bovina** (de boi). Apetite **canino** (de cão). Raça **equina** (de cavalo). Olhar **felino** (de gato, de felinos). Cheiro **hircino** (de bode). Braveza **leonina** (de leão). Lábio **leporino** (de lebre). Gesto **simiesco** (de macaco). Robustez **taurina** (de touro). Ferocidade **tigrina** (de tigre). Gemidos **turturinos** (de rolas). Olho **vacum** (de vaca). Traição **viperina** (de víbora). Astúcia **vulpina** (de raposa). Garras **vulturinas** (de abutre).

E assim, outros: **apiário** (de abelha), **bodum** (de bode), **caprino** (de cabra), **cervino** (de veado), **colombino** (de pombo), **colubrino** (de cobra), **condoreiro** (de condor), **galináceo** (de galinha), **lupino** (de lobo), **ovino** (de ovelha), **suíno** (de porco), **ofídico** (de serpente)...

COLETIVOS DE ANIMAIS

Entre os substantivos comuns convém salientar os que exprimem uma coleção de animais, isto é, os coletivos.

Eis alguns coletivos especiais:

Ádua (cães de corrida). **Alavão** (de ovelhas leiteiras). **Alcatéia** (de hie-

nas, leopardos, lobos, panteras). **Alfeire** (de porcos novos para engorda). **Armentio** (de gado grosso). **Bestiagem** (de bestas). **Boana** (de peixes miúdos). **Boiada** (de bois). **Burrama** (de burros). **Cáfila** (de camelos). **Cambada** (de peixes). **Canzoada, canzoeira** (de cães). **Cardume** (de peixes). **Carreira** (de formigas). **Cavalaria, Cavalgada, Récova, Récuca, Tropilha** (de cavalos). **Chafardel, Malhada, Oviário, Pegulhal** (de ovelhas). **Colmeal, Colmeia, Enxame, Garfa** (de abelhas). **Corso** (de piabas, piranhas, sardinhas). **Encame** (de javalis). **Fato** (de cabras). **Fauna** (de animais de uma região). **Fieira** (de peixinhos). **Fio** (de atuns). **Formigueiro** (de formigas). **Gadaria, Gado** (de animais criados no campo). **Galinhaça, Galinhame** (de galinhas). **Gataria** (de gatos). **Grei** (de gado miúdo). **Jugada** (de bois). **Legião** (de gafanhotos). **Manada** (de bois, burros, éguas). **Maromba** (de bois). **Matilha** (de cães de caça). **Moscária** (de moscas). **Ninhada** (de avezinhas, de pintinhos). **Nuvem** (de insetos). **Piara** (de animais domésticos). **Plantel** (de cavalos de raça). **Praga** (de gafanhotos, de mosquitos, insetos em geral). **Revoada** (de pombos, aves em geral). **Vacagem** (de vacas). **Vara** (de caititus, porcos, queixadas). **Viveiro** (de pássaros)...

O coletivo, exclui, em regra, a necessidade de nomear o animal a que se refere. Dir-se-á, no entanto, junta de bois, manada de elefantes, manada de búfalos, bando de aves, etc., sempre que a significação do coletivo não for muito explícita.

PALAVRAS E EXPRESSÕES CORRIQUEIRAS COM UM OU MAIS SIGNIFICADOS

Fazer de alguém **gato sapato** (judiar). Dormir com as **galinhas** (ir cedo para a cama). Ficar **grilada** (furiosa). Conversa mole para **boi** dormir (palavreado maçante). Ter espírito de **porco**. Dar um abraço de **tamanduá**. Ter pés-de-**galinha** (rugas ao redor dos olhos). Ter estômago de **avestruz** (come de tudo). Comer um **boi** morto (exalar mau cheiro, expelir gases). Destripar o **mico** (vomitar). Pagar o **pato** (tornar-se responsável por alguma coisa). Pegar o pai dos **burros** (dicionário). Matar a **cobra** e mostrar o pau (não esconder nada, trazer tudo à luz). **Galinha** choca (pronta para a briga, irritadiça, facilmente se zanga). Dizer **cobras** e **lagartos** (esbravejar,

falar tudo o que possa ofender). Ouvir com orelhas de **elefante** (escutar atrás das portas e ser flagrado). Oferecer castanhas com a mão do **gato**. Cantar de **galo**. Matar **cachorro** a grito (brigar à toa). Procurar chifre em cabeça de **cavalo** (querer complicar o que é simples). É o mesmo que chutar **cachorro** morto (não há reação). É hora de arrancar os **cachorros** (cair fora). É um **burro** xucro (mal educado). Atirar na **mosca** (atirar veneno na mosca, tentar atingir um alvo; entender conversa cifrada). É uma **mula** (fraco de idéias, mal educado ou traficante de drogas). É um **gato** (bonito, carinhoso ou empreiteiro de serviço rural). Tem bico-de-**papagaio** (pessoa nariguda ou que tem problema de coluna). É um pé-de-**boi** (pessoa trabalhadora). É um amigo-da-**onça** (amigo-urso, falso, infiel). Jogar o leite de **pato** (jogar não a dinheiro, sem lucros). Passar o carro adiante dos **bois** (ser intrometido). Tem olho-de-**perdiz** (pequeno calo redondo). Tem olho-de-**sapo** (saliência exagerada do globo ocular). Ele é **vagalume** (lanterna de cinema). Estrada cheia de costela-de-**vaca** (acidente de terreno, que provoca solavanco dos veículos). Estar de **bode** amarrado (zangado, contrariado). Ser **bode** expiatório (pessoa sobre a qual fazem recair as culpas alheias). Carregando o **galo-de-briga** (mala de roupa para viagem). Fulano peou o **galo** (ficou bêbado). Ficar cozinhando o **galo** (desocupado, sem nada fazer). Sicrano é **galo-índio** (briguento, bravo). Aquele coitado ficou para **galo-de-são-roque** (solteirão). José salgou o **galo** (tomou, pela primeira vez, uma bebida alcoólica). Beltrano é cabeça-de-**galo** (cabeça de vento, memória fraca). Tomei um rabo-de-**galo** (aguardente misturada com vermute). Assistir à missa-do-**galo** (dita na noite de Natal, de ordinário à meia-noite). Este menino é um **galo** garnisé (pessoa de pequena estatura, arrogante, brigona e provocadora). Parece um **galo** apumado (alegre, indicando que as coisas vão bem). Este guri está cantando como **galo** (dando uma de galo, querendo ser mandão, chefe). Ser pau-de-amarrar-**égua** (pessoa desmoralizada, que a tudo se presta). Pau-de-**arara** (caminhão coberto para transporte de trabalhador rural. Também é o trabalhador rural que viaja diariamente para o trabalho). Mata-**boi** (correia de couro cru). Mata-**cobra** (porrete; espécie de cobra). Mata-**gato** (nome de um peixe). Mata-**piolho** (dedo polegar). Mata-**rato** (cigarro barato, de má qualidade). **Peixe-frito** (nome de uma ave). Pé-de-**cabra** (alavanca). Mão de **macaco** (mão chata, atrofiada). **Macaco**

NO REINO ANIMAL

(maquinismo provido de manivela, para levantar grandes pesos). **Pé-de-burro** (fumo de qualidade inferior). **Pé-de-cachorro** (sem importância). **Pé-de-carneiro** (rolo para acertar terreno). **Pé-de-pavão** (pessoa que tem o pé feio). **Galo** banquiva (nome de pássaro). **Galo-de-campina** (ave, também chamada cardeal). **Galo-da-rocha** (**galo-da-serra**, ave passeriforme). **Galo-das-trevas** (candelabro triangular de 13 velas). **Galo-de-penacho** (nome dado ao peixe-galo). **Galo-do-campo** (nome dado ao sabiá-do-campo). **Galo-do-fundo** (peixe teleosteo). **Galo-do-mato** (ave passeriforme). **Olho-de-boi** (clabóia). **Rabo-de-tatu** (chicote)...

ANIMAIS APAVORANTES

Aqueles que são mal vistos, que causam asco ou provocam medo:

Barata (ortóptero repugnante). **Boto** (a grande vítima de lagos e lagoas do Norte e Nordeste. Rapta e engravida donzelas).

Cobra (ofídio horripilante, provoca pavor).

Coruja (seu pio agourento prenuncia a morte).

Gavião (predador, traidor, não cumpre o que promete, segundo os leitores do Antigo Testamento).

Jacaré (crocodiliano de boca horrível e olhos estatelados).

Lagarto (lacertílio de aspecto amedrontador).

Pardal (ave de hábitos urbanos, multiplica-se velozmente).

Rato (nocivo, útil às pesquisas, assusta as mulheres).

Sapo (repulsivo, útil à lavoura, à medicina, usados em terreiros de Umbanda).

Urubu (comedor de carniça, mal cheiroso e desengonçado, nunca amigo do homem).

OUTRAS EXPRESSÕES RELATIVAS A ANIMAIS

Estar com **pulga** atrás da orelha (desconfiado). Vai pentear **macaco** (aborrecer outro). Ficar comendo **mosca** (ser enganado). Vai caçar **sapo** com bodoque (desapareça). Vai encrespar crina de **cavalo**. Vai-te catar (subentende catar pulgas, revide grosseiro). Vai pintar olhos de **pernilongo** (deixar de aborrecer). Vai ensacar **pulgas!** Vai ensacar **borboletas** (um não categórico). Vai matar pulga com **machado** (sobre esta, em Pirangi - SP, no final da 3.ª década do século, cantava-se em um circo: "Valência, a mulher do delegado, mata pulga com o ma-

chado)... com a música famosa, de então, (Valência). Sentar-se em cima do **rabo** (não reconhecer os próprios erros e apontar os alheios). Ser delicado como um **mastodonte**. Agir como **avestruz**, ou **ema** (enfiar a cabeça no solo para não ver os estragos ao redor; esconder-se). Parece **urubu** em cima da carniça (ansiedade grande). Ser pior que **piolho** de cobra (muito mau). Estar com **cobreiro** (erupção cutânea). Estar com mal de **simioto** (doença de macaco). Matar o **bicho** (tomar um gole ou dose de cachaça). Pagar o **pato** (sofrer as conseqüências). Dar o pescoço para ver se no ango não tem **mosca** (se há algo de oculto no que se diz ou faz). Enfiar o **rabinho** no meio das pernas (sair vencido como saem os cães maltratados). Sair **escoiceando**, dando patadas (brutalmente). Sair dando **rabanadas**. Beber como esponja (esponja é protozoário que se enxarca de água). Contar com o ovo no cu da **galinha** (gastar esperando o que a sorte trará). Ser **abelhuda** (curiosa, intrigante). Sair **bufando** (furiosamente). Sair **chifrando** as portas (nervosamente, usa-se também para o marido traído). Ficar **mexurufando** (mexurufada é alimento de porcos; fossando, ser abelhudo, curioso). Ficar **urubusser-vando** (de observar faz-e o trocadilho).

TEMPO DE VIDA DE ALGUNS ANIMAIS

Tartaruga (200 - 300 anos). Elefante 130 - 200 anos). Falcão (160 anos). Papagaio (130 anos). Carpa, lúcio-peixe - (150 anos). Abutre, baleia, gralha (118 anos). Águia real (104 anos).

Cisne (102 anos). Coruja, corvo (100 anos). Pelicano, urso (50 anos). Avestruz, cavalo, gaivota, sapo (40 anos). Cervo, leão, rês (35 anos). Cuco (33 anos). Arengue, cão, caranguejo, gato, porco, veado (20 anos). Rouxinol (18 anos). Coelho, formiga, minhoca, ovelha, raposa, salamandra (10 anos). Esquilo, rato (6 anos). Abelha rainha (3 anos). Aranha (2 anos). Zângão (5 meses). Mosca efêmera (algumas horas). Bactérias (15 minutos).

E cresce o nosso zoológico folclórico, cresce até o infinito, os animais nos cercam, nós os cercamos, tememos, amamos, respeitamos. E aproveitamos, comendo sua carne, seus ovos, suas vísceras, seu mel, ovas. Utilizamos o couro, a pele, os cornos, penas, escamas, garras, ferrões. Servem-nos de montaria, trabalham por nós, defendem-nos. São nossos, muito nossos.

Está até em recital mexicano: "A cantora mexicana é recebida no palco

com gritos da platéia, solicitando músicas do seu repertório: Hipócrita! Malvada! Perversa! E o brasileiro que lá estava julgando ser hora de xingamento, berrou: Vaca! Cadela! Piranha! (Piadinha velha)

NOMES PRÓPRIOS

Assim estão os animais perpetuamente envolvidos com os problemas humanos, servem de modelos, de comparações, metáforas, encobrem erros, zangas, ciúmes. E não só aí que o homem se serve de animal.

I - Como nome próprio (prenome), poucos encontramos: Acari, Anfíbio, Aquilino, Cervino, Felino, Ema, Leão, Leonina, Porcino...

II - No que convencionamos chamar de sobrenome (nome familiar). Encontramos, em nossas procuras, os resultantes da derivação imprópria: Angola, Aranha, Bacalhau, Barata, Bezerra, Camarão, Camelo, Casca-vel, Cascudo, Carneiro, Carpa, Cavalo, Coelho, Cação, Cordeiro, Curió, Dourado, Falcão, Formiga, Galo, Gato, Grilo, Gorgulho, Juriti, Leão, Leitão, Lobo, Mosca, Paca, Pata, Passarinho, Pardal, Pavão, Peixe, Pelicano, Perdígão, Pinto, Pombo, Quati, Raposo, Rato, Sabiá, Sardinha, Tigre, Tourinho...

NA LINGUAGEM E LITERATURA APELIDOS

Não há um único recanto onde não encontremos os famosos apelidos.

Só em Olímpia, o Prof. Sant'anna compilou estes: Araponga, Arapuá, Arara, Bacalhau, Bacurau, Bagre, Bigato, Boi, Borboleta, Borrachudo, Buldogão, Burrinho, Cabrita, Caburé, Cachorrão, Cadelinha (de homem), Calango, Canguru, Caracu, Carrapato, Carneirinho, Caruncho, Cascavel, Cascudo (peixe), Cateto, Chanchã, Chimpanzé, Chupim, Cobrinha, Coelho, Cuitelo, Curiango, Curruíra, Dragão, Égua (de homem), Formigão, Franga, Franguinho, Gafanhoto, Galisé, Gambá, Ganso, Gato, Gavião, Gorila, Grilo, Jacaré, Jaburu, Jabuti, Jaguatirica, Javali, Jibóia, João Bodinho, João Piau, João Sardinha, Joaquim Guacho, Lagartixa, Lambari, Leão, Lobão, Macaco, Mandi, Manuel Besouro, Minhoca, Minhocão, Miqüim, Miquinho, Mocó, Mocozinho, Morcego, Mosquito, Muçum, Mula (de homem), Mulinha, Muquirana, Mutuca, Ouriço, Pantera, Papagaio, Papa-vento, Pardal, Pássaro Preto, Patão, Peba, Peixe Frito, Peixe Morto, Perdigueiro, Perereca, Periqui-

NO REINO ANIMAL

to, Pica-pau, Pintado (de peixe), Pingüim, Pomba, Pombo, Porquinho, Preguiça (de bicho-preguiça), Pulga (de homem), Queixada, Rato, Rolinha, Sobiá, Sagüi, Sapo, Sapão, Socó, Sucuri, Surubim, Tatu, Tião Vaca, Tigre, Tilápia, Tiú, Trafra, Tucano, Tuim, Tiziu, Urso, Urutu, Verme, Zebu, Zé Coruja, Zé do Periquito, Zé Macaco, Zé Galinha, Zequinha Onça e outros.

Pois é, são alguns, sei que há mais. Às vezes, o apelido condiz com a expressão fisionômica do portador, é imediatamente entendido, outras nada têm a ver. O interessante é que quase todos amam o apelido, orgulham-se dele, até se esquecem do nome do registro e lépidos atendem a **Jacaré, Lobão, Javali**.

Lá vai uma justificativa de apelido:

Um moço já meio entrado em anos, sofreu um acidente, ficou com defeito na perna, incapacitado para o serviço. Alguém, ao vê-lo com aspecto sadio, perguntou-lhe por que não trabalhava. Respondeu ele:

- **Já vali**, agora não presto pra nada. Pronto, surgiu o nosso **Javali**. É verdade...

Muitas vezes, o apelido diz respeito a atos praticados pelo portador, uma forma pejorativa de marcar homem ou mulher. Ninguém quer ser "**Galinha**", "**Vaca**", "**Piranha**". Nem o **bezerro** ficará contente se lhe dissermos, com raiva: "**Sua mãe é uma vaca!**" E o pintinho arrepiar-se-á se lhe dissermos, zombando: "**Sua mãe é uma galinha!**"

No entanto, com orgulho, ambos, homem e mulher, sorrirão ao ouvir: "**Gato**". "**Gata**".

"**Pombinha**" pode ser apelido do órgão sexual feminino, "**pinto** ou **pintinho**", do masculino, **Rato**, por vezes, identifica o ladrão, **Coelho** o fazedor de filhos em penca, **Bode** e **Gambá** cheiram mal, **Perereca** é a vagina, **Carneiro** o homem manso, que aceita a traição da mulher, **Chupim** é o aproveitador, o preguiçoso, **Muquirana** o sovina, e por aí afora...

Se, porém, nós dissermos: "**Cachorrão**", estaremos fazendo um carinho, meio pesadão, embora. Você é um cachorrão, isto é, um bom amigo.

- Cachorro! é xingamento no duro. E como é bom usar a bicharada para "soltar os cachorros" que ficam dentro de nós...

Cachorro! Vaca Velha! Burro! Cadela à toa! Zebra! Piranha! Cavalos! Besta! Porca! Mosca morta! Lesma! Caninana! Cascavel! Jararaca! Cabrita assanhada! Bode Velho! Galinha! Veados! Perua!...

Acho que você deve estar **cabreiro**, tecendo em **suas teias** um vespeiro, por pensar que por aqui há **dente de**

coelho ou que está diante de uma **língua de vaca**... Eu é que fico em **palpos de aranha**, querendo parar e vendo milhares de exemplos lá adiante. Que fazer? É tempo de **vacas magras**... Há mais.

PROVÉRBIOS (Paremiologia)

1 - Lagoa que tem **piranha**, **macaco** toma água de canudinho.

2 - **Cobra** que não anda, não engole **sapo**.

3 - **Jacaré** que não circula, vira bolsa de madame.

4 - Não se atira pedra em **cachorro** morto.

5 - Quem **cabras** tem, **cabritos** vende.

6 - Quem seu carro unta, seus **bois** ajuda.

7 - **Vaca** mansa é a que machuca o dono.

8 - **Pato** e parente só servem para sujar a casa da gente.

9 - Cada um quer puxar a brasa para a sua **sardinha**.

10 - Moça que assobia e **galinha** que canta, faça na garganta.

11 - A necessidade faz o **sapo** pular.

12 - De raminho em raminho, o **passarinho** faz o ninho.

13 - É andando que **cachorro** acha osso.

14 - **Maribondo** pequenino já mostra que tem ferrão.

15 - Quem nasceu pra **tatu**, morre fossando.

16 - **Boi** morto é **vaca**.

17 - **Burro** velho não pega marcha.

18 - **Cachorro** que enjeita osso, pau nele.

19 - **Cão** que ladra não morde.

20 - **Macaco** velho não cai de galho seco.

21 - O bom **cabrito** não berra.

22 - Pé de **galinha** não mata **pinto**.

23 - Praga de **urubu** gordo não mata **cavalo** velho.

24 - Quem não tem **cão**, caça com **gato**.

25 - **Cavalo** alazão deixa o dono com o estribo na mão.

26 - **Cavalo** calçado, dono apeado.

27 - **Cavalo** castanho-escuro, pisa no mole e no duro, mas traz o dono seguro.

28 - **Cavalo** de dois pêlos, nem têlos nem mantê-los.

29 - **Cavalo** de mão branca, manca.

30 - **Cavalo** fouveiro deixa o dono no terreiro.

31 - **Cavalo** pampa, só tem a estampa.

32 - **Cavalo** pedrês, um vale três.

33 - **Cavalo** rosilho cansa até comendo milho.

34 - **Cavalo** tostado, antes morto que cansado.

E muitos outros publicados no trabalho "Sabendas", de nossa autoria, no Anuário de 1990.

CRENDICES

1 - Se a **coruja** cantar sobre a casa de alguém, é sinal que morrerá pessoa da família.

2 - Quem come coração de **galinha** ficará covarde.

3 - Quem passar diante de um **gato** preto, numa sexta-feira, terá muito azar.

4 - Não presta matar **sapo**. Se ele sofrer muito para morrer, a pessoa ficará sofrendo, para sempre, de dor de cabeça.

LEMAS DE PÁRA-CHOQUES

1 - Quando pobre come **galinha**, um dos dois está doente.

2 - Sogro rico e **porco** gordo só dão lucro depois de mortos.

3 - **Urubu** e mulher feia comigo é só na pedrada.

PARLENDAS

- Cadê o toicinho daqui?

- O **gato** comeu.

- Cadê o gato?

- Foi pr'o mato.

- Cadê o mato?

- O fogo queimou.

- Cadê o fogo?

- A água apagou.

- Cadê a água?

- O **boi** bebeu.

- Cadê o boi?

- Foi puxar o trigo.

- Cadê o trigo?

- A **galinha** espalhou.

- Cadê a galinha?

- Foi botar ovo?

- Cadê o ovo?

- O padre bebeu?

- Cadê o padre?

- Foi rezar missa.

- Por onde é o caminho da missa?

- É por aqui, por aqui...

(Termina fazendo cócegas na criança).

TRAVALÍNGUAS

1 - Um **tatupeba**, quem o destatupebatizar, bom destatupebatizador será. 2 - **Bagre** branco, branco bagre. 3 - Um **tigre**, dois tigres. 4 - **Porco** preto, cepo preto. 5 - O **rato** roeu a correia da carroça do rei de Roma. 6 - A pipa pinga, o **pinto** pia.

NO REINO ANIMAL

Quanto mais o pinto pia, mais a pipa pinga.

7 - A **aranha** arranha a rã.
A rã arranha a aranha,
Arranha a aranha a rã?
A rã, a aranha a arranha?

8 - Fale rápido, apressado:
Se ela foge, também fujo,
Um **porco** preto comendo
Chuchu chocho em tacho sujo.

ADIVINHAS

Os animais são encontrados em inúmeras Adivinhas coletadas por Célio José Franzin e Rogério de Oliveira, publicadas em diversos Anuários do Folclore de Olímpia:

1 - Cinco **cachorros** entraram numa igreja. Por que não saíram mais?

- Porque entraram somente cinco.

2 - O que é que quem tem procura, mas quem não tem não quer?

- **Pulga**.

3 - Um ovo de **pato** colocado em uma ladeira, rola ou fica parado?

- Pato não bota.

E prossigue com muitas dezenas de perguntas envolvendo animais.

Do livro **Quadras-Adivinhas**, de José Sant'anna, Olímpia - 1989, retiramos, dentre muitas, as seguintes quadras sobre **animais**:

1 - Esperta e trabalhadeira
Levo a vida a tecer.
Mato para eu ter vida,
Mas minha sina é morrer.
- **Aranha**.

2 - Visto de frente pra trás
Sou um pássaro voando,
Visto de trás para frente,
Sou o mesmo regressando.
- **Arara**.

3 - A comida é necessária
Em dose grande ou pequena,
Mas entre todos os seres
Quem é que come com pena?
- **As aves**.

4 - Entrei no fundo do mar,
Saí do fundo da areia;
Quem quiser saber meu nome
Pegue o be-a-bá e leia.
- **Baleia**.

5 - É inseto asqueroso,
Muito veloz no andar,
Tem antenas compridinhas
E cheiro de enojar.
- **Barata**.

6 - Esse atrevido não fala,
Salta tal qual o Saci,

Mas bem que diz muito bem:
Não escondas que eu te vi.
- **Bem-te-vi**.

7 - Tem chifres e não é boi,
É preto e não é carvão,
Tem asas e não é pássaro,
Ronca e não é avião.
- **Besouro**.

8 - Vou fazer-lhe uma pergunta,
É esquisita, eu acho:
Que animal nasce fêmea,
Quando morre, vira macho?
- **Bicho-de-pé**. (1)

9 - Não fique preocupado
Em me dizer o que é:
Sentado fica maior
Do que quando está em pé.
- **Cachorro**.

10 - Sendo mansos ou ferozes
Guardam a casa do dono,
Uns vivem muito felizes,
Outros vivem no abandono.
- **Cão**.

11 - Eu vinha pelo caminho,
Rezando um Padre-nosso;
Coisa que eu nunca vi:
Carne por dentro dos osso(s).
- **Caranguejo**.

12 - Eu sou fêmea perigosa,
Rápida e bem decidida,
Mesmo que eu seja macho,
Sou fêmea toda a vida.
- **Cobra**.

13 - Pequena e trabalhadeira
Não gosta de vida mansa,
Trabalha todo o tempo
E no inverno descansa.
- **Formiga**.

14 - Qual o nome de uma ave
Que às vezes nós criamos,
E com ela na cabeça
Muitas vezes nós ficamos?
- **Galo**.

15 - É de tapa, é de fuça,
E é de pulos em pino,
O vivo dentro do morto,
Alegre, cantando fino.
- **Grilo**.

16 - Juro e juro por ti,
Por quantas penas "tivé",
Quem não sabe a pergunta
Cabeça de burro é.
- **Juriti**.

17 - Anda de mãozinhas postas,
Parece religioso,
Com aspecto de santinho
É inseto perigoso.

- **Louva-a-deus**.

18 - Sou papa e não sou de Roma,
Em gaio termino o nome;
Como com o rei à mesa,
Eu falo, mas não sou "home".
- **Papagaio**.

19 - É de supor que o malandro
Leve vida regalada;
Ninguém sabe o que ele faz,
Todos, porém, dizem: nada!
- **Peixe**.

20 - Ele tem cintura fina
E perninhas alongadas,
Vive tocando corneta
E levando bofetadas.
- **Pernilongo**.

21 - Sou magro e impertinente,
De dia pouco apareço,
À noite é que trabalho,
Incomodo e aborreço.
- **Pernilongo**.

22 - Sou famoso pelo bico,
Sei muito bem martelar,
Procurando alguns insetos
Para eu me alimentar.
- **Pica-pau**.

23 - Quero que você responda
Sem que você enlouqueça:
Qual o animal que anda
Com os pés sobre a cabeça?
- **Piolho**.

24 - Quem tem, vive e persegui-la
Com atenção e peleja,
Aquele que não a tem
Não procura e nem deseja.
- **Pulga**.

25 - Dizem que sou muito feio,
Nojento, dou má impressão,
Jogam-me sal, dão-me chutes,
Mas sou útil à nação.
- **Sapo**.

26 - Sou branco de nascimento,
Mas preto por natureza,
Os mortos me dão a vida
E os vivos me dão tristeza.
- **Urubu**.

27 - Vê no escuro, não é gato,
Levo a vida a voar,
Tem lanterna e não é guarda
E todos o querem pegar.
- **Vaga-lume**.

28 - É de tamanho pequeno,
Vai pra frente num zás-trás,
Solta fogo pelo rabo,
Coisa que você não faz.
- **Vaga-lume**.

NO REINO ANIMAL

29 - É história verdadeira,
Você precisa saber:
O que entre os animais
Só a zebra pode ter?
- **Zebrinha**.

30 - Um dê, um i, dá um di,
Um dê, um á, dá um dá,
Quero que você me diga
As pintas de um gambá.

- Muitas vezes eu já vi
Duas pintas num gambá:
Uma na ponta do rabo,
Outra em cima do apá. (2)

(1) Bicho-de-pé. É pulga. Entra no pé, vira bicho.

(2) Apá (bras. - São Paulo) Pá, omoplata do animal.

FÓRMULAS DE ESCOLHA

1 - Lá em cima daquele morro
Tem uma velha pra morrê,
Urubu está rodeando
Tem carniça pra co-mê.

2 - Em cima daquele morro,
Passa **boi**, passa boiada,
Também passa um negrinho
Da cueca ar-re-men-da-da.

3 - Lá em cima daquela casa,
Tem um ninho de **pavão**,
Quem mexer co'a minha vida,
Cai na ponta do fa-cão.

FÓRMULAS PARA TERMINAR ESTÓRIAS

1 - "Entrou no bico do **pinto**,
Saiu no bico do **pato**,
Nosso Senhor mandou contar
Mais três ou quatro."

2 - "Era uma vez
Uma **vaquinha** chamada Vitória,
Morreu a vaquinha,
Acabou-se a história".

3 - "Era uma vez
Um **gato** xadrez,
Se gostaram da história,
Eu conto outra vez. "

FÓRMULAS DE VENDER FIADO

1 - Fiado só quando a **galinha** criar dente.

2 - **Macaco** é dezessete,
Vinte e quatro é **veado**;
Nem que chova canivete,
Eu não vendo mais fiado.

3 - Caldo de **galinha** é canja,

Conversa não é valentia,
Tudo com dinheiro se arranja,
Nesta casa não se fia.

4 - Eu nunca vendi fiado,
Meu trabalho tem valor,
O **nambu** perdeu o rabo
De tanto fazer favor.

QUADRINHAS

1 - O **tatu**, tatu-mulita
Leva a vida regulada,
Se a cria for de fêmeas
Não há machos na ninhada.

2 - **Passarinho** triste canta,
Triste só deve cantar,
Quem tem seu ausente,
O seu consolo é chorar.

3 - Ó que noite tão escura,
Tão cheia de **vaga-lume**;
Meu amor é bem novinho,
Mas tão cheio de ciúme.

Do livro **Quadras Anônimas**, de José Sant'anna, onde há centenas de quadrinhas sobre animais.

POESIA

Há muitas poesias de autores desconhecidos. Citemos apenas uma:

AMA AS AVES

À sombra dum arvoredado
não sejas, não caçador:
Quem mata, por gosto, as **aves**
é malvado e pecador.

Os ninhos onde se criam
e cantam as avezinhas,
São benditos como os berços
que embalam as criancinhas.

É a dor mais lancinante
a dor da mãe desgraçada
Que ao ver o filhinho morto
sente a alma esfacelada.

E as aves, se não têm alma,
sofrem como quem a tem.
Não as mates, não, que as aves
são filhas de Deus também.

(Extraído do Almanaque do **Tico-Tico**, 1944)

LITERATURA DE CORDEL

Abraão Batista (Juazeiro do Norte - CE): História do beato Lourenço e o **boi** mansinho. O **bode** que nasceu metade bode e metade gente. O homem que deixou a mulher para viver com uma **jumenta** na Paraíba. O **papa-**

gaio. O **pássaro** encantado da gruta de Ubajara. O vale das **borboletas**. Se o povo votou num **bode** cheiroso, por que não votar num bode carteiro?

Acedilo Novaes (Olimpia - SP): As idades do homem.

Expedito Sebastião da Silva (Juazeiro do Norte - CE): A mulher que virou **porca** porque açoitou a mãe. Oração do **cachorro**.

João Cristo Rei (Brejo das Areias - PB): Carta profética de um **pombo** misterioso.

Manoel Caboclo e Silva (Juazeiro do Norte - CE): A **vaca** da costela de pau. O casamento da **porca** com Zé da Lasca. O menino que nasceu com a pintura do **cão**.

No livreto de cordel - **História do cachorro dos mortos** - **Leandro Gomes de Barros** (Juazeiro do Norte - CE), numa das sextilhas, à página 38, assim se expressa:

"Em casa do dono dele
à noite, nada chegava
um **bacurau** que voasse,
ele se erguia e ladrava
do poleiro de **galinhas**
até **coruja** espantava".

No Reino da Bicharada

1 - A **Cabra** tava danada,
Num parava de xingá,
O **Bode** havia saído,
Num lembrava de vortá.
Tinha ido na farmácia
Comprá uns remédiozinho
Pra sarampo e catapora,
Que atacô seu **Cabritinho**.

2 - Passava de meia-noite
E o Bode nunca chegava,
A **Cabra** tava maluca
E o **Cabritinho** chorava.
Depois foi a **Cabritinha**
Que começô dar gemido,
A coitadinha chorava
Por estar com dor de ovido.

3 - A **Cabra**, pobre coitada,
Tomô a resolução
Pôs o vestido de chita
E o mantô de algodão
Calçô sapatos e luvas,
Pôs perfume nos ovido
Saiu pra cidade afora
À procura do marido.

4 - Primeiro foi na farmácia,
Lá fez especulação:
- Teu marido, disse o **Gato**,
Por aqui não veio não.
A **Cabra** comprô os remédio,
Pagô, mandô embrulhá,

NO REINO ANIMAL

Foi à caça do marido,
Tava duro de achá.

5 - Foi andando pela rua,
Vi a comade **Cadela**:
- Você não viu o meu Bode?
Disse a Cabra para ela.
- Eu vi sim, comade Cabra,
Teu marido é um velhaco,
Está jogando baralho,
No cassino do **Macaco**.

6 - A Cabra foi pr' o cassino,
Lá viu o Bode jogando,
Tinha perto uma **Cabrira**
Que tava acariciando
De um lado jogava o **Burro**
Do otro o **Tamanduá**
Os dois de combinação
Com o broto a dá siná.

7 - A Cabra ficô danada,
Parecia um busca-pé
Avançô contra a **Cabrira**
A sopapo e pontapé
Rancô as oreia do **Burro**,
Surrô o **Tamanduá**
Depois bateu no **Macaco**
Que era o dono do lugá.

8 - A Cabra fez um pampero
Quase mata o **Piriá** *
Os brotinho do cassino
Se puseram a gritá
Todos bicho amedrontado
Se puseram a corrê
A Cabra tava valente
Ninguém queria morrê.
* **Piriá**: **Preá**.

9 - O cassino ficô limpo
Depois de todo o pagode
De um lado estava a Cabra
E do otro o seu Bode
E este, pobre coitado,
Co'intenção de disfarçá
Começô a trançá as barba,
Fazê graça e assobiá.

10 - A Cabra se enfureceu
Co' o disfarce do marido
Transportô ele pra casa,
A sopapo e pé de ovido
Descarado, sem-vergonha,
Disse a Cabra a soluçá
Em vez de comprá remédio,
Você saiu pra jogá?

11 - O Bode apanhô tanto
Com o cabo da vassora
E quando foi notro dia
Tomô banho de salmora
Foi preciso o dotô **Gato**
Lhe fazê um curativo,
Pois o pobre do seu Bode
Tava mais morto que vivo.

12 - O Bode regenerô-se,

Até parece um santinho
Faz comida, arruma a casa
E dá banho nos filhinho
Hoje a Cabra é guarda-livros
Faz negócio nas forguinha
Escreveu em sua casa:
Quem manda aqui é a **Galinha**.

Poema de autoria de **Antônio Girade**, de Pirangi - SP, onde nasceu e onde vive. Foi escrito em 1957 ou 1958.

Consta de doze estrofes de oito versos (oitavas).

Os versos têm sete sílabas poéticas (heptassílabos).

Rimam o 2.º com o 4.º e o 6.º com o 8.º versos (rimas alternadas).

Os demais versos ficam soltos entre si (não rimam).

As rimas são pobres, soantes e atraentes.

No **Reino da Bicharada** é, sem dúvida, uma modalidade de poema de cordel. Pena que o autor só tenha produzido este trabalho no estilo.

CONTOS

E os animais ilustram inúmeros contos coletados e publicados por José Sant'anna e estão nos Anuários do Folclore: A **baleia**, o **leão** e o **sapo**. A banda do **porco-espinho**. A **lagartixa** dourada. A **perereca** encantada. A princesa e os **patos**. A **porca** velha. A **raposa** e o homem. A **raposa** lograda. A **vaquinha** amarela. **Frango** ou **peixe**? Maldição para a **codorna** e a **mula**. O **burro** e o **ovairo**. O **cabrito** santo. O exemplo da **mula**. O **galo** e o **quero-quero**. O **lagartinho** verde encantado. O **lagarto** e a **cobra**. O **mandioccal** e o **cateto**. O pescador de **traíra**. O príncipe **Tatu**. O rei e o **piolho**. **Passarinhos** no tragal. Pedro Malasartes e a **pomba** mágica. Príncipe **Lobo**. Proezas de um **pica-pau**. Por que a **aranha** é abençoada. **Rãs** barulhentas. Sermão aos **peixes**. E muitos outros.

Registramos o conto a **Onça** e o **Macaco**, ouvido pela menina Ísis Scatolin de Oliveira, de 9 anos, e por ela reproduzido.

“A **onça** e o **macaco** se desentenderam. Por este motivo a onça resolveu comer o macaco. Mas de que jeito? O macaco é muito esperto e muito desconfiado. Ela não conseguia uma maneira como pegá-lo.

Depois de muito matutar, ela teve uma brilhante idéia. Previniu todos os bichos que eram inimigos do macaco e soltou a notícia de que ela estava muito mal e que ia morrer.

No dia seguinte, não se levantou. Ficou estendidinha perto da toca, como

se estivesse morta.

A **raposa**, pertinho dela, velava o defunto. Muitos **bichos** foram vê-la, inclusive o **macaco**.

Quando o macaco chegou ao local, fez a pergunta:

- Comadre raposa, a onça morreu?

- Morreu sim, compadre!

- Ela já roncou? perguntou o macaco. Quem morre ronca. A senhora sabe disto?

Então, a idiota da onça, para provar que tinha morrido, roncou bem baixinho.

- Comadre raposa, disse o macaco, defunto que ronca, fuja dele. E fugiu, rapidamente, para o mais alto galho da primeira árvore que encontrou.”

LENDAS

Andorinha, **Arapaçu**. **Borboleta**. **Beija-Flor**. **Cambaxirra**. **Chupim**. **Japim**. **Jesus** e o **tatu**. O **cururu** e o **urubu**. O **galo** no folclore paulista. O **tico-tico**. O **vaga-lume**. **Pássaro-de-verão**. **Pintarroxo**. Os **tatus** brancos. **Tangarás**. **Viuvinha**.

Sirvam de ilustração estas:

Por que o Tico-Tico anda aos pulinhos

Quando Nossa Senhora, São José e o Menino Jesus fugiam para o Egito, todos os **passarinhos** os acompanharam, a fim de apagar os rastros que eles iam deixando pelo caminho. O **tico-tico**, porém, negou-se a colaborar com os demais e, por isso, segundo se sabe, foi amaldiçoado e passou a andar aos pulinhos.

Também como castigo, teve o encargo de criar filhotes do **chupim** que costuma pôr os ovos no ninho do tico-tico.

Quem não contribui para salvar uma criança em perigo, não pode ser abençoado por Deus.

A Lenda do Colibri

“Numa casinha branca, à beira de um bosque florido, vivia um casal de camponeses, que tinham cinco filhos: quatro mocinhas e o caçula, um menino meigo e encantador.

Embora pobres, viviam felizes. Um dia um gênio mau, invejoso de tanta felicidade, pensou em destruir aquele lar. E, numa noite de tremenda tempestade, enquanto o raio rasgava o céu, os trovões faziam tremer de medo as almas simples, e o vento ululante parecia tudo derrubar, entrou, sorrateiro, na casinha branca e matou os dois camponeses e as quatro irmãs.

Quando o menino despertou, pela

NO REINO ANIMAL

manhã, vendo o pai e as irmãs mortos, ficou inconsolável. E, debulhado em lágrimas ia, de uma a outra irmã, aos pais, incansavelmente, beijando-os repetidas vezes.

Passaram-se as horas. O sol já se apagava no ocaso, quando uma fada boa passou pela casinha branca.

Lá estava ainda o infeliz correndo de irmã a irmã e aos pais, beijando-os com sofreguidão.

A boa fada condeu-se de sua sorte e quis amenizar-lhe a grande dor. Tomando da varinha mágica, tocou levemente os corpos que jaziam inertes e eles foram transformados em flores. Depois tocou também o menino e transformou-o em pequeno e delicado pássaro de variegadas e brilhantes cores.

Foi assim que nasceu o **colibri**.

E até hoje o pobrezinho ainda anda por aí pelos campos e jardins, voando doidamente de flor em flor, na ilusão de que beija os seus entes tão queridos”.

(Coletada por José Sant'anna)

MITOS

Caipora. Cavalo branco. Lobisomem. Minhocão. Mula-sem-cabeça. Onça maneta. Onde mora o Boitatá. Porca e os sete leitões. Porco preto...

ANEDOTA

Há muitas anedotas, sobretudo de caçadores e pescadores, mas vamos publicar esta: A arreata de prata e a cascavel.

“Uma vez um boiadeiro tinha um arreamento especial para seu cavalo, para os dias santos e domingos. Todos os metais eram de prata.

Num domingo, ele foi à missa. Parou para tomar água numa bica, à beira da estrada. Tornou a montar no cavalo, e sentiu um puxão forte, curto. Olhou de lado e viu uma **cascavel** que se enfiava pelo mato. Saltou do cavalo, matou a cascavel com um pedaço de pau. No chocalho havia quinze anéis formados. Era cobra velha e venenosíssima. A sorte é que a picada atingiu só o estribo. Seguiu viagem para a missa, levando a cobra para mostrar aos curiosos. Conversou com os amigos e no final da tarde, voltou para casa. No dia seguinte saiu com uma **boiada**, mas usando o arreamento normal de trabalho. Ficou um mês fora, tocando a boiada.

De volta à fazenda, no domingo, mandou o filho mais velho arrear o cavalo, com o arreio de prata.

Meia hora depois, o menino voltou, dizendo que não conseguia levantar o arreio, pois estava muito pesado.

-O que houve, meu filho? Você está acostumado a mexer com aquele arreio.

E foi lá ver. De fato estava pesado demais, que havia caído do prego da parede.

Então o boiadeiro disse:

-Chame lá um peão para ajudar-nos.

Aí, conseguiram levantar o arreio. E descobriu a causa de tanto peso.

Era o estribo, o que levou a picada da cobra. Devia estar pesando umas duas arrobas. E de prata pura.

Aí, o cavaleiro, muito alegre, explicou:

-Todo lugar que leva picada de cobra venenosa, incha, quando a lua é cheia.

Ficou muito animado com a fortuna que passou a recolher toda lua cheia. Cada vez eram duas arrobas de prata que ele recolhia.

Durou uns sete meses, até acabar o efeito do veneno”.

CALEMBURES

E a bicharada aparece nos Calembures da Débora Aparecida Vicente, no Anuário do 24.º FEFOL de Olímpia:

Eu crio **galinha** e o Laerte **Coelho**. João cria **onça** e o José **Quati**. Criamos **cachorro** e o Pedro **Gato**. Eu temo **leão** e o Rui **Lobo**.

A estes acrescentamos os recolhidos no Tocantins:

Nelmo é um **gatão** e o Carlos **Tourinho**. Admiro **ema** e o Pedro **Pavão**.

DESABAFOS

Não quero nem saber

- se **baleia** tem chafariz.
- se a **coruja** vive fazendo careta.
- se o **gambá** usa perfume.
- se o **gafanhoto** tem motor de arranque.
- se a **girafa** usa colarinho.
- se o **joão-de-barro** é engenheiro diplomado.
- se o rabo de **porco** é saca-rolhas.
- quem pôs a bateria no **vaga-lume**.
- quem pisou no **pé da pata**.
- quem envernizou a **barata**.

RÉPLICAS

Um diz e outro repete com gracejo, ironia:

- Tiau.
- Batatinha com **bacalhau**.
- A **bênção**, titio.
- Deus te abençoe, cabeça de **boi**.
- Indecente!
- **Cachorro** sem dente.

- O que há de novo?

- Muita **galinha** e pouco ovo.

- O que você está fazendo?

- Nada.

O que nada é **peixe**. Quando você for, não me deixe.

- Jura?!

- **Tanajura**.

MEDICINA FOLCLÓRICA

1 - Para curar reumatismo, apanhar 9 **formigas** lava-pés, colocá-las dentro de um saquinho de pano (patuá) e pendurá-lo no pescoço da criança. Deixe que o patuá caia por si. Quando isso ocorrer, a criança estará curada.

2 - Para que a pessoa deixe de beber, torra-se uma **barata** sobre a chapa do fogão, mói-a bem fininha, coloca o pó na garrafa de pinga. Dê ao viciado para beber. Antes que termine a pinga da garrafa, ele estará curado do vício.

3 - Para curar sarampo, fazer um chá com três **cupins**. Deixar esfriar e coar. Dê à criança.

4 - Contra queimadura, desmanchar, em água, um ninho de **mariquinha** (minguita, abelha) e colocar sobre a parte queimada.

5 - Para fazer criança andar, esfregar nas juntas das perninhas, um ou dois ovinhos de **aranha**.

6 - Para fazer criança falar, é bom apanhar um **pintinho** e pô-lo a piar em sua boca (dela).

7 - Carne de **quero-quero** é bom para curar sonolência de criança.

8 - Contra dores, esquentar sebo de **carneiro** e fazer fricção no local. É bom também para fraqueza das pernas.

9 - Para curar criança que tem lombriga, dar-lhe a beber, o pó de um **grilo** torrado e moído, num copo d'água.

10 - Leite de **égua** é bom para curar icterícia. Dar a beber, durante alguns dias, para a criança.

SIMPATIAS PARA CURAR ANIMAIS

1 - Para curar dor de barriga de **cachorro**, fazer para ele um colar de sabugo de milho.

2 - Para proteção dos **cachorros**, no dia 16 de agosto, dia de São Roque, oferecer um bom almoço aos cães.

3 - Para curar dor de barriga dos **cães e bois**, fazer uma cruz no chão ligando os quatro rastros do animal doente.

NO REINO ANIMAL

4 - Para curar dor de barriga de qualquer animal, amarrar uma palha de milho no rabo dele.

5 - Para curar bicheira de animais, fazer o animal doente passar por um lugar úmido. No sinal deixado pelas patas do animal, enfiar um prego. Quando o prego estiver enfiado, os bichos sumirão.

MÚSICAS FOLCLÓRICAS

Brinquedos cantados pelas crianças de Olímpia

A barata. A carrocinha. A cobra e a rolinha. A galinha do vizinho. A pombinha voou. Atirei o pau no gato. Baleia. Cachorrinho está latindo. Caranguejo. Carneirinho, carneirão. Chora, piranha. Coelhinho. Eu vi uma barata. Formiguinha da roça. Fui morar numa casinha. Galinha arrepiada. Gata espichada. Gato ladrão. Gatinha parda. Hoje eu vi um leão. Jacaré. Lá na ponte do leão. Marrequinha da lagoa. Meu galinho. Meu pintinho amarelinho. Minha rolinha. O boi Barroso. O caracol. O galo morreu. O sapo. O gato. O gavião. Olha a macaca na roda! O macaquinho. O velho Freitas. Periquito Maracanã. Peixe vivo. Pica-pau. Pombinha branca. Pombinha rolinha. Pisa na barata. Pulga. Sapo jururu. Se eu fosse um peixinho. Tutu marambá. Tem grilinho. Três sapinhos. Vamos passear no bosque...

Há muita música folclórica que fala de animais. Há muita brincadeira, muitos jogos. Não esgotaríamos jamais exemplos e modelos.

AINDA AS MÚSICAS

Em Olímpia é muito divulgada a música "A Moça e a Mosca", canto acumulativo, que discorre sobre a perturbação da mosca na moça e vêm, a seguir, a aranha, a barata, o rato, o gato, o cão, a onça, o lobo, até a morte chegar.

Há ainda muitos temas - modinhas, cantos de ninar e modas de viola: Eu vou mergulhar, Jacaré tá no caminho, Eu tava na minha casa, Ó juju, Boi da cara preta, Boi amarelinho... cantados pelos olimpienses.

Em 1958, o professor José Sant'anna recolheu, em Olímpia, a moda "O Casamento da Onça", conhecida também como "Festa da Bicharada" e uma variante. Faz menção a uma série de bichos. É assim cantada:

O CASAMENTO DA ONÇA

A - JUN - TA RO A BI - CHA - RA - DA FI - ZE - RO A COM - BI - NA - ÇÃO PRA FA -
ZÊ U - MA GRANDE FES - TA NES TE CEN - TRO DE SER - TÃO A
ON - ÇA TI NHAU - MA FI - LHA DE - LI - CA - DA DE FEI - ÇÃO PRA
NÃO MIS - TU - RÁ A RA - ÇA FEZ, CA - SÁ COM PRI - MO IR - MÃO IA JUN

1 - Ajuntaro a Bicharada
Fizero a combinação
Pra fazê uma grande festa
Neste centro de sertão.
A Onça tinha uma filha,
Delicada de feição
Pra não misturá a raça
Fez casá com primo-irmão.

2 - O padre era o Bandera
E o Lobo sacristão
O Macaco, juiz de paz;
O Veado, o escrivão.
Pra assiná a rogo da noiva,
O noivo disse que não.
Pra assiná a rogo do noivo
Foro chamá o Leão.

3 - Para tocá nesta festa
Veio um bando de Pavão
Que até tinha a terra
No tinir o borbodão.
O Lagarto co'a sanfona,
O Sapo co'o violão,
Veio um bando de Bugio
Pra mestre dos forgazão.

4 - Na hora do jantar
Fizero combinação
Por causa do fandango
Não entrá na coleição.
Tive dó do Gambazinho
De dançá de pé no chão,
Dero um posto para ele
Ser servente do quantão.

5 - A Paquinha co'a Cutia
Entraro num pomadão
Com sainha de babado,
Paletó de revirão.
Carçadinhas de botina,
Correirinha de botão,
Vestiro da melhor forma
Pra ser dama do salão.

6 - O Quati chamô a Cutia
Pela réstia do lampião,
O Cateto chégô perto
O Quati não achô bão.
Da meia-noite pr'o dia
Se atracaro no facão,
Veio um bando de Queixada

Levô todos a prisão.

Cantada pelo Sr. Ezequiel Batista de Carvalho, 46 anos (1958), hoje residente na Rua Marechal Deodoro, nº 566, Olímpia. Aprendeu-a com os amigos Mário e Nanhão, em 1924. Moda de viola acompanhando o catira, no dia do casamento de sua irmã Salvina com Inácio Moreira. Outro cantador da mesma moda é o Sr. Salvador Sabino de Miranda, 59 anos (1958), hoje residente na Avenida Brasil, nº 170, Olímpia.

UMA VARIANTE DA LETRA, PORÉM, COM A MESMA MÚSICA

Festa da Bicharada

1 - Reuniu a Bicharada
Fizero combinação
Pra fazê uma grande festa
Neste centro do sertão.
A Onça tinha uma filha,
Delicada de feição
Pra não misturá a raça
Fez casá com primo-irmão.

2 - Tamanduá era o padre
O Lobo o sancristão
Veado, juiz de paz,
O Macaco, escrivão
Pra assiná a rogo da moça,
O noivo disse que não,
Pra assiná a rogo do noivo
Foro chamá o Leão.

3 - Capivara e a Paquinha
Entraro no pomadão
Se vestiro na mor forma
Pra sê dama do salão,
Com sainha de babado,
Paletó de revirão,
Carçadinhas de botina,
Carreirinha de botão.

4 - Tive dó do Gambazinho
Por dançá de pé no chão,
Pusero um posto pra ele
Sê servente do quantão
O Tatu com a sanfona,
O Macaco com violão
Veio um bando de Bugio
Pra dançá no forgazão.

5 - Reuniu a Bicharada
Fizero a reunião
Pra jogá o compade Sapo
No meio do riberão

NO REINO ANIMAL

O Sapo então jurô
E até fez intenção:
Eu não faço mais pagode
Neste centro de sertão.

6 - Os **Bichos** deste bairro
São tudo sem-educação
Quando entra na caninha
Fica tudo valentão
É uma farta de respeito,
Tudo vira confusão
Pra educá esse povo,
Só mandano pra prisão.

Cantador: **José Batista Sobrinho**,
32 anos (1958), residente na Avenida
Júlio Ferrânti, nº 237, Bairro de São
José, Olímpia.



Reunião dos informantes desta música, no dia 22 de janeiro (quarta-feira) de 1992, em Olímpia. Trinta e quatro anos depois que a informaram.

Da esquerda para a direita: **Salvador Sabino de Miranda** (Dodô), 93 anos; **Ezequiel Batista de Carvalho**, 80 anos e **José Batista Sobrinho**, 66 anos.

Salvador é primo de Ezequiel e de José. Ezequiel é tio de José.

E a música **Sapaiada**, também recolhida pelo Prof. Sant'anna, em Olímpia.

A SAPAIADA

NO TEMPO DE CHUVARADA DA FUI DÁ UM PASSEIO NO PIRIZÁ
ZÁ AI, AI, AI NA CASA DA SAPAIADA
QUANDO ME VIRO VIERO ENCONTRÁ AI, AI,
AI, A SAPA MUIÉ DO SAPO DISSE QUE IO
SAPO TÁ MEIO GUAPQUE O SAPO VÉIO MAS CAVA
TRAPO ESCUMANO A BOCA DE MAGINÁ AI, AI,

1 - No tempo da chuvarada
Fui dá um passeio no pirizá, ai, ai, ai.

Na casa da sapaiada
Quando me viro, viero encontrá, ai, ai, ai.

2 - A **Sapa**, muié do **Sapo**,
Disse que o Sapo tá meio guapo,
Que o Sapo véio mascava trapo,
Escumano a boca de maginá, ai, ai, ai.

3 - Eu sentei numa cadera
Que a Sapa "troche" pra mim sentá, ai, ai, ai.
Gritei lá pra cozinheira
Que venha pinga pra nós tomá, ai, ai, ai.

4 - E peguei numa violinha
Cantei uma moda pr'uma Sapinha,
Namorada que o Sapo tinha
E no fim das conta, garrei sapeá, ai, ai, ai.

5 - Lá da porta da cozinha
Uma Sapa gorda me deu siná, ai, ai, ai.
Se eu falava em i-s'embora,
Ela só falava pra mim posá, ai, ai, ai.

6 - E peguemo nesse assunto:
Não vai-s'embora, nós dorme junto
Enterrado que nem defunto,
Lá no meio do tijucá, ai, ai, ai.

7 - Eu tava com muita pressa,
Mas com vontade d'exprimentá, ai, ai, ai.
Dormi c'uma Sapa dessa
Bem perigoso de acostumá, ai, ai, ai.

8 - Cruz-credo, Ave-maria,
Dormi co'a Sapa da perna fria
E quando amanhece o dia
Sai catiçando corimbatá, ai, ai, ai.

9 - Inté no meio do tanque
Tem Sapo loco pra macetá, ai, ai, ai.
Tem uns que faz tanque-tanque,
Taranque-tanque, quaraquaquá, ai, ai, ai.

10 - Outros faz qüiriquiüfri,
Qüiriquiüfri, qüiriquiüfri
Qüiriquiüfri, qüiriquiüfri,
Qüiriquiüfri, quaraquaquá, ai, ai, ai.

Cantada por **Lauro Bernardes da Silva**, 26 anos (1980), Rua Dr. Irineu Gotardi, 25, C.H. "Vitorio Parolim", Olímpia, acompanhado ao violão por **Júlio César Escanhoela**, 18 anos (1980), Rua Gastão Vidigal, 140, Vila Rodrigues, Olímpia.

JOGOS E BRINQUEDOS INFANTIS

Jogos de campo e de salão, de correr, de corridas de estafetas, de pular, de puxar e empurrar, de esconder, de montar, de roda, de sentidos, de observação e de memória, praticados pelas crianças, nos quais se aplicam nome de bicho:

Aí vai o **ganso**. **Boi-de-são-joão**. **Cabritinho**. Cadê o **grilo**? **Capabode**. **Cabra-cega** ou **Cobra-cega**. **Cachorro** e **Coelhinhos**. **Cachorro** e **osso**. **Cobra venenosa**. **Colmeia**. Corra, seu **urso**. Corram, meus **carneiros**. Corrida do **canguru**. **Égua** de pau. **Esquilo** e a **noz**. **Esquilo** sai da toca. Fazer a **gata** parir. **Gato** doente. **Gato** e **rato**. **Gatos** e **ratos**. Jogo dos **peixes**. **Lobo** e **pintinho**. **Lebre** e **caçador**. **Levar o porco** à feira. **Macaca**. **Macaquinho** mandou. O **gato** do padre. **Pata** choca. **Papa-vento**. **Pôr o rabo no burro**. **Pica-pau**. **Raposa** e **frangos**. **Sardinha**. **Soltar papagaio**. Um na **mula** (com as variantes: **Unha a mula**, **Mama na mula**, **Mãe da mula**). **Viu meu carneiro?** **Veado** quer fugir. **Vaga-lume** tem, tem. **Jogar sardinha** (com os dedos indicador e médio)...

GRUPOS FOLCLÓRICOS

Cabeções: grupo folclórico carnavalesco, de Olímpia. Desfila no 1.º e 3.º dias do Carnaval e se apresenta, também, no Festival do Folclore de Olímpia, em agosto. Usam camisolões e sobre a cabeça colocam grandes máscaras, com cara de animais: **boi**, **vaca**, **cavalo**, **sapo**, **galo**, **gato**... Um conjunto musical (4 instrumentistas) acompanha o grupo, executando belas músicas carnavalescas.

Há animais no grupo folclórico "Cordão de Bichos", de Tatuí - SP, no **Boi-de-mamão**, de Florianópolis - SC, no **Bumba-meu-boi**, de São Luís - MA; no **Reis-de-boi**, de Juazeiro - BA, no **Pastoril**, de Capela, Chã Preta e Maceió - AL, etc. que todos os anos participam de nossa festa maior, o Festival do Folclore, no mês de agosto.

RECREAÇÃO

Carreira de bois. **Cavalladas**. **Corrida de cavalos**. **Briga de canários**. **Briga de galos**. **Rodeio**. **Tourada**. **Vaquejada**...

NO REINO ANIMAL

ARTESANATO

O artesanato típico olímpense, destina-se a atender a necessidade de peças utilitárias e figurativas (decorativas). Produção conseguida com emprego de técnicas manuais e tem como característica marcante a criatividade, originalidade e habilidade dos artesãos. Assim são fabricados bichos de barro, de madeira, de arame, de cera de abelha, palha de milho, de bucha, de algodão, papel, etc. Dentre os principais artesãos merecem destaque: Sr. Ademar Claudinei Celis, D. Antônia Gonçalves, D. Benedita Grecco Ribeiro, Sr. Joaquim Garcia (Zico), D. Maria Santana Pegoraro, Sr. Miguel Moriel, Sr. Orlando Miguel dos Santos e D. Rosa Pereira dos Santos e os saudosos D. Francisca Porto Bôni e Pio Osório de Menezes, pelas figuras de animais e famosos presépios que confeccionaram.



Presépio de Buchas com animais
Trabalho de Ademar C. Celis e
Benedita Grecco Ribeiro.

VEGETAIS

Nomes de árvores, arbustos, flores, plantas rasteiras e aquáticas que levam nome de animais: arranha-gato, assa-peixe, bico-de-papagaio, boca-de-dragão, boca-de-leão, boca-de-sapo, boi-gorda (paratudo), camarão, capim barba de bode, cavalinha, cavalo-de-batalha, cavalo-de-cão, crista-de-galo, crista-de-mutum, crista-de-peru, cipó-cururu, cipó-de-cobra, dente-de-leão, esporão-de-galo, guizo-de-cascavel, jacaré, língua-de-boi, língua-de-cão, língua-de-teju, língua-de-tucano, língua-de-vaca, macieira-de-boi, mamica-de-cadela, mão-de-gato, mão-de-onça, mata-cachorro, mata-cão, mata-cavalo, mata-leopardo, milho-de-grilo, olho-de-boi, olho-de-cabra, olho-de-gato, olho-de-pombo, orelha-de-onça, passarinho, pau-cavalo, pau-cobra, pau-de-boto, pau-de-cutia, pau-de-macaco, pau-de-mocó,

pau-de-porco, pau-pombo, pau-tucano, pé-de-bezerro (taioba), pé-de-gato, pé-de-galo, rabo-de-arara, rabo-de-gato, rabo-de-raposa, rabo-de-rato, unha-de-vaca...

HUMORISMO

Do Jornal "Voz do Povo", Olímpia, de 7/10/1967, retiramos estas jôias que têm por título: **Caço... ando - Verdades Rimadas:**

1 - **Cobra apaixonada** é o fim da picada.

2 - **Dizia o boi:** Vou desaparecer do mapa, minha mulher é uma vaca.

3 - **A minhoca** para outra: Meu namorado é gozado, sempre me beija do lado errado.

4 - **Uma girafa** para outra: O que ela diz não me espanta, ela é tão garganta.

5 - **O elefante** comenta com outro: Do sexo frágil ele zomba, mas leva todas na tromba.

6 - **Diz o porco** ao amigo: Por ela meu coração reclama, mas ela vive na lama.

7 - **Comentam os bichos:** Início de Ano Novo de tamanduá é de matar, ninguém pode se abraçar.

8 - **Dizia a mulinha** à outra: Não há nada que ele não invente, é um burro muito inteligente.

9 - **Comenta o porco:** Ele tem uma mentalidade "sadia", pena é que só pensa em porcaria.

10 - **Dizia o pai gambá** para a filha: Este teu noivo pensa que é o tal, teu noivado com ele já me cheira mal.

11 - **Reclama o cão:** Qualquer dia eu morro, não agüento esta vida de cachorro.

Bonitinhos, não? A coluna do jornal era do Prof. José Sant'anna.

POLÍTICA

Nos bastidores da política, às vésperas da fundação de Olímpia, então solo barretense, havia duas facções políticas curiosamente denominadas **araras** e **pica-paus**. Dicotomia análoga e metaforicamente empregada pelos arqui-rivais políticos **Silvestre de**

Lima (arara) e **Dr. Antônio Olímpio (pica-pau)**. Pica-pau é denominação que os rebeldes riograndenses de 1893 davam aos republicanos ou legalistas.

A VERBORRAGIA DA POLÍTICA

Os discursos verborrágicos dos políticos, atualmente merecem o descrédito dos eleitores, mas os artistas, há muito, manifestaram seu ceticismo. É o que sugere a música "Eu conheço muita gente", registrada pelo folclorista Rossini Tavares de Lima, em 1948, em São Paulo. Esta solfa é também conhecida, aqui em Olímpia, por "Camaleão".

EU CO - NHE - ÇO MUI - TA GEN - TE I - GU - AL AO CA - MA -
LEÃO COM A CA - BE - ÇA DIZ QUE SIM | COM O | RA - BI - 'NHO DIZ | ÒUE
NÃO | SE - GU - RA MEU BEM SE - GU - RA | SE - GU - RA O CA - MA - LE -
ÃO SE - GU - RA MEU BEM SE - GU - RA SE - GU - RA O CA - MA - LE -
ÃO.

1 - Eu conheço muita gente,
Igual ao camaleão,
Com a cabeça diz que sim,
Com o rabinho diz que não.

Estrilho

Segura, meu bem, segura,
Segura o camaleão.

2 - As virtudes deste bicho
São de grande estimação,
É filho do patronato,
É sobrinho da eleição.

Estrilho

3 - Se ele é verde ou amarelo,
Responda algum sabichão,
Tem as cores do estadista
Que pra si serve a nação.

Estrilho

OBSERVAÇÃO: No sentido figurado, a palavra **camaleão** designa indivíduo que toma o caráter que serve a seus interesses; hipócrita que muda de opinião segundo o interesse do momento.

NA BÍBLIA

Nas páginas bíblicas há muitas referências a animais.

Em Êxodo 32-1, há a descrição do bezerro de ouro.

NO REINO ANIMAL

Salomão disse: "Vai ter, ó preguiçoso, com a formiga e considera os teus caminhos, e aprende dela a sabedoria: a qual não tendo condutor, nem mestre, nem príncipe, faz o seu provimento no estio, e ajunta no tempo da ceifa de que se sustentar". - Provérbios 6, 6-9.

"Será melhor expediente viver com um leão e com um dragão do que habitar com uma mulher má". - Eclesiásticos 25, 23.

Em Provérbios 26, 29-31: "Há três coisas, que andam bem, e uma quarta que anda magnificamente: O leão, o mais forte dos animais, de nada que encontre terá medo: o galo, que anda mui senhor de si: e o carneiro: e um rei, a quem nada resiste."

Agnus Dei, expressão latina que se traduz por Cordeiro de Deus, significa Jesus Cristo - símbolo da inocência, mansidão e obediência. Foi tirada da expressão com que João Batista apontou Jesus a seus contemporâneos como sendo o Messias. (João 1.º, 29).

A utilização simbólica dos animais é milenar, o que se pode constatar pelas fantásticas visões de João, no Apocalipse: Capítulo 4.º, 7: Leão, novilho (touro), homem e águia simbolizam o que há de mais nobre, forte, sábio e ágil na criação. Capítulo 5.º, 6: um Cordeiro como morto, que estava em pé, o qual tinha sete cornos, e sete olhos: que são os sete Espíritos de Deus, mandados por toda a terra. Capítulo 6.º, 2: Cavalo branco (o cavaleiro seria o próprio Cristo, vitorioso no mundo sobre o Evangelho). Capítulo 6.º, 4: Cavalo vermelho (símbolo de guerra). Capítulo 6.º, 5: Cavalo negro (símbolo da fome). Capítulo 6.º, 8: Cavalo amarelo (simboliza a peste, a morte). Capítulo 13, 18: Quem tem inteligência calcule o número da Besta. Porque é número de homem: e o número dela é 666 (seiscentos e sessenta e seis).

INTERPRETAÇÃO DE SONHOS

Sonhar com animais tem diversos significados.

Vejamos o sonhar com abelhas, segundo Karol Lenko e Nelson Papavero, no livro "Insetos no Folclore", publicada pela Secretaria da Cultura do Governo de São Paulo, 1979, página 499:

"Vê-las: riqueza. Vê-las sobre flores: herança. Ver muitas abelhas: facundidade. Vê-las trabalhando: bom presságio. Matá-las: insucesso. Dentro de casa: dignidade. Colmeia contendo muita cera: doença grave. Zumbidos constantes: cansaço físico, sistema nervoso à flor da pele. Picada de abelha: vítima de amor ciumento, gravidez ou perseguição de pessoa invejosa. A casa

cheia de abelhas: riqueza que se aproxima. Uma abelha perdida: solidão pelo abandono do lar, ou perda de parentes. Para o cultivador: lucros e proveitos fáceis. Para pessoas ricas: desassossego, inquietação. Pondo mel em casa: sucesso imediato. Sendo pegas: ganho notório".

TOPÔNIMOS

Cidades, logradouros, rios

1 - Abará - espécie de veado, raposa (MG, SP, BA). 2 - Acará - cascudo, peixe (SP, TO, GO, BA). 3 - Acua - ave de rapina (BA, SP, GO, TO, MA). 4 - Aguai - cascavel, guizo de cobra (SP). 5 - Andirá - morcego (PR). 6 - Araberi - rio das baratinhas (PE). 7 - Araberimbarata (MG). 8 - Araçari - chapada dos tucanos (AM). 9 - Araguaia - rio das araras ou papagaios (TO, GO, MA, PA). 10 - Arapongas - lugar do pássaro martelante (PR). 11 - Araraquara - refúgio das araras (SP). 12 - Araras - arara (SP). 13 - Araruama - o comedouro das araras (RJ). 14 - Araruna - arara preta (RJ, MA, PA, SP). 15 - Ariranha - lontra (SP). 16 - Arujá muitos guarus, lambaris (SP). 17 - Atibaia - lugar onde há muitos atis, alma-de-gato, ave (SP). 18 - Barigüi - mosquitinho (PR). 19 - Bertiooga - a casa das tainhas (SP). 20 - Boissucanga - a cabeça da cobra grande (SP). 21 - Boituva - local de muitas cobras (SP). 22 - Capibaribe - rio das capivaras (PE, SP). 23 - Capivari - rio das capivaras (SP). 24 - Cotia - cutia, roedor (SP). 25 - Embu-de-Mboi - local das cobras (SP). 26 - Exu - de abelha negra (PE, CE, BA). 27 - Grajaú - de macaco preto (MA, RJ). 28 - Guaburu ou Gabiru - rato (SP, MG). 29 - Guandu - ouriço (RJ, SP). 30 - Guará-lobo, garça (SP). 31 - Guaratinguetá - muitas garças brancas (SP). 32 - Guariba - espécie de macaco (SP, MA). 33 - Guarulhos - lugar dos barrigudinhos - peixes (SP). 34 - Guatapará - veado campeiro (SP). 35 - Jaçaná - ave caridríforme (SP, TO). 36 - Jacareí - rio dos jacarés (SP). 37 - Jacarepaguá - lagoa do jacaré (RJ). 38 - Jacuí - rio do jacu - pássaro (MG, RS). 39 - Jacupiranga - rio do jacu vermelho (SP, RJ). 40 - Jacutinga - jacu branco (SP, MG, PR). 41 - Jaguarão - cão ou onça feroz (RS, SP). 42 - Jaguaré - onça diferente (SP). 43 - Jaguaribe - local do rio da onça (CE, BA, SP, MG). 44 - Jandaia - papagaio errante (MG, PR, GO, TO). 45 - Jandira - abelha que produz mel (SP). 46 - Jataí - árvore de fruto duro, nome de abelha (GO). 47 - Jaú - peixe de rio (SP, MT, MG). 48 - Jericoaquara - buraco das tartarugas (CE). 49 - Jiparaná - rio das rãs (PR).

50 - Jundiá - o rio do bagre (SP). 51 - Lambari - pequeno peixe de rio (SP, MG). 52 - Maracanã - espécie de papagaio (RJ, SP, MG, PA). 53 - Moji das Cruzes - rio das cobras (SP). 54 - Moji Guaçu - rio da cobra grande (SP). 55 - Moji Mirim - rio da cobra pequena (SP). 56 - Pacaembu - riacho das pacas (SP). 57 - Panamá - borboleta (GO). 58 - Paraguai - rio dos papagaios (MT). 59 - Parati - peixe narigudo, tainha (RJ, SE). 60 - Piracaia - cardume de peixe (SP). 61 - Piracanjuba - peixe de cabeça amarela (GO). 62 - Piracicaba - onde o peixe é facilmente pego (SP). 63 - Pirai - rio do peixe (RJ, RS). 64 - Piraju - local do peixe amarelo, dourado (SP). 65 - Pirangi - rio do peixe vermelho (SP, BA). 66 - Pirapora - a morada do peixe (SP). 67 - Pirassununga - o barulho do peixe (SP). 68 - Taiaçu - porco do mato (SP). 69 - Tatuapé - o caminho dos tatus (SP). 70 - Tocantins - nariz de tucano (TO, MA). 71 - Tucuruvi - gafanhoto verde (SP).

Observações: A melhor grafia: 20 - Boiaçucanga. 24 - Cutia. 65 - Piranji. 67 - Piraçununga.

Derivados de Guará (nome tupi: garça)

Guaranésia - MG. Guarái - MG e TO. Guaraitá - SP. Guaramiranga - CE. Guarapiranga - SP. Guarapuava - PR. Guaratiba - RJ e PR. Guaranhuns - PE.

Temos, por todo o país, outras cidades com nomes de animais, não tendo, diretamente, origem guarani ou tupi.

Aruanã - GO. Carazinho - RS. Cascavel - CE e PR. Dourados - MS. Formiga - MG. Garça - SP. Jacarezinho - PR. Lagarto - SE. Pato Branco - PR. Patos - PE. Patos de Minas - MG. Peixe - TO. Raposo - RJ. Rio das Ostras - RJ. Tangará da Serra - MT. Tubarão - SC. Vacaria - RS...

HOMENAGEM ÀS AVES

Atendendo à proposta do Prof. José Sant'anna, a Prefeitura Municipal de Olímpia prestou homenagem à Ornitologia, baixando o

Decreto n.º 1272, de 18 de maio de 1979

-Dispõe sobre denominação de ruas e avenidas do Conjunto Habitacional "Antônio José Trindade" -

Álvaro Cassiano Ayusso, prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, e

Considerando que é obra de alguns idealistas que há muito se batem pela preservação da natureza pátria, constan-

NO REINO ANIMAL

temente ameaçada pelo crescente surto do progresso tecnológico, que veio revolucionar todos os campos da atividade humana;

Considerando que é dever de todos incutir no povo o respeito pela natureza, o amor à ave, o dever da preservação, para as gerações vindouras, deste patrimônio natural que a ninguém é lícito destruir impunemente;

Considerando que a ave, tão delicada e sensível como a criança, deve, pois, ser preservada com o mesmo cuidado dedicado à infância, e que seu desaparecimento constitui aviso de que a vida humana corre perigo por carência de condições de salubridade mínima;

Considerando que a denominação de ruas e avenidas com nome de criaturas aladas proporciona ao homem a oportunidade de conhecer a natureza, dando-lhe o incentivo de luta pela preservação de nossa flora e fauna,

Decreta:

Artigo 1.º: As ruas e avenidas constantes do Conjunto Habitacional "Antônio José Trindade", da cidade de Olímpia, passam a ter a seguinte denominação:

Rua 1 - Rua da **Patativa**. Rua 2 - Rua da **Coleirinha**. Rua 3 - Rua da **Cotovia**. Rua 4 - Rua da **Rolinha**. Rua 5 - Rua da **Juriti**. Rua 6 - Rua da **Andorinha**. Rua 7 - Rua da **Arara**. Rua 8 - Rua da **Araponga**. Rua 9 - Rua do **Pintassilgo**. Rua 10 - Rua do **Uirapuru**. Rua 11 - Rua do **Tico-Tico**. Rua 12 - Rua do **Papagaio**. Rua 13 - Rua do **Rouxinol**. Rua 14 - Rua do **Colibri**. Rua 15 - Rua do **Sanhaço**. Rua 16 - Rua do **Bem-te-vi**. Rua 17 - Rua do **Pica-pau**. Rua 18 - Rua do **Bicudo**. Av. A - Avenida do **Sabiá**. Av. B - Avenida do **João-de-barro**. Av. C - Avenida do **Tucano**. Av. D - Avenida do **Canário**.

Artigo 2.º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Registre-se e publique-se.

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 18 de maio de 1979.

a) **Álvaro Cassiano Ayusso** - Prefeito Municipal

Registrado e publicado na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 18 de maio de 1979.

a) **Lázaro Roberto Ferreira** - Diretor Geral

(Segue, apenso ao decreto, descrição de cada pássaro)

Além das aves, outros animais são lembrados. Temos os bairros **Lambari**

e **Tamanduá**. E os córregos **Capivara**, dos **Bagres**, **Lambari**, do **Sapo** e do **Tamanduá**.

Em distantes anos, onde hoje existe a Avenida Brasil, um grande terreno baldio, coberto de capinzal e mato rasteiro, era conhecido pelo sugestivo nome de Largo das **Cabritas**. Era pasto das cabritas e ainda é conhecido como tal. Poucos sabem que lá é a Avenida Brasil.

O JOGO DO BICHO

Com as informações do amigo André Luiz Nakamura, um contumaz jogador, vamos falar um pouco sobre o mais popular dos jogos: o **jogo do bicho** (jogo de azar).

O jogo do bicho foi criado em 1889 pelo Barão João Batista Viana Drumond para incentivar as visitas ao zoológico carioca. O jogo era constituído de 25 bichos, cada um pintado em um grande quadro, e realizado em forma de sorteio. No início, os bilhetes eram os ingressos, depois a aposta era optativa.

Essa prática teve grande eficácia até ser proibida pela Justiça e fortemente policiada. Providência que se mostrou paliativa, pois mais tarde o jogo reapareceu vinculado a loterias.

Proibido desde 1944, o jogo do bicho foi passível de várias tentativas de legalizações, mas todas esbarraram em uma série de dificuldades e oposições. Situação que permanece e mantém o governo à margem do curso lucrativo do jogo. Teoricamente, o jogo do bicho ainda é ilegal e proibido, mas muito teoricamente.

Os **vinte e cinco** bichos do jogo, curiosamente, não seguem a uma ordem rigorosamente alfabética. Cada bicho tem um número simbólico e quatro representativos, atrelados aos resultados das loterias Federal, PTN, Paulista, Para Todos e, recentemente, **Corujinha**.

1 - **Avestruz** (01, 02, 03, 04). 2 - **Águia** (05, 06, 07, 08). 3 - **Burro** (09,

10, 11, 12). 4 - **Borboleta** (13, 14, 15, 16). 5 - **Cachorro** (17, 18, 19, 20). 6 - **Cabra** (21, 22, 23, 24). 7 - **Carneiro** (25, 26, 27, 28). 8 - **Camelo** (29, 30, 31, 32). 9 - **Cobra** (33, 34, 35, 36). 10 - **Coelho** (37, 38, 39, 40). 11 - **Cavalo** (41, 42, 43, 44). 12 - **Elefante** (45, 46, 47, 48). 13 - **Galo** (49, 50, 51, 52). 14 - **Gato** (53, 54, 55, 56). 15 - **Jacaré** (57, 58, 59, 60). 16 - **Leão** (61, 62, 63, 64). 17 - **Macaco** (65, 66, 67, 68). 18 - **Porco** (69, 70, 71, 72). 19 - **Pavão** (73, 74, 75, 76). 20 - **Peru** (77, 78, 79, 80). 21 - **Touro** (81, 82, 83, 84). 22 - **Tigre** (85, 86, 87, 88). 23 - **Urso** (89, 90, 91, 92). 24 - **Veado** (93, 94, 95, 96). 25 - **Vaca** (97, 98, 99, 00).



Moda do Jogo do Bicho

(Coletada por José Sant'anna)



"O um é a **avestruz**
Começô o jogo agora.
O dois é a **águia** **bis**
Bateu asa e foi-se embora.
O três é o **burro** **bis**
Dá garupa pra senhora.

NO REINO ANIMAL

O quatro é a borboleta bis
 Bate a asa pra i embora.
 Cinco é o cachorro bis
 Que acua mata afora.
 Seis é a cabra bis
 Que dá leite pra quem chora.
 Sete é o carneiro bis
 Bichim de Nossa Senhora.
 Oito é o camelo bis
 Pega a carga e vai-se embora.
 Nove é a cobra bis
 Joga o bote e não demora.
 Dez é a lebre * bis
 Comendo capim angola.
 Onze é o cavalo bis
 Dê sião (silhão) pra sua senhora.
 Doze é o elefante bis
 Rola a tromba e desenrola.
 Treze é o galo bis
 Pra brigá tem suas espora.
 Quatorze é o gato bis
 Que tem faca e não amola.
 Quinze é o jacaré bis
 Nada com lombo de fora.
 Dezesseis é o leão bis
 Fechadinho na gaiola.
 Dezesete é o macaco bis
 Bicho esperto até umas hora.
 Dezoito é o porco bis
 Fritado na caçarola.
 Dezenove é o pavão bis
 Que olha pr'o pé e chora.
 Vinte é o peru bis
 Faz a roda e vai-se embora.
 Vinte e um é o touro bis
 Chegado no pé da tora.
 Vinte e dois é o tigre bis
 Pegue o home e vai-se embora
 Vinte e três é o urso bis
 Bicho dá-te peringola.**
 Vinte e quatro é o veado bis
 Que corre pr'o campo afora.
 Vinte e cinco é a vaca bis
 Acabô-se o jogo agora".

* Embora a lebre e o coelho sejam mamíferos roedores do gênero *Lepus*, no jogo do bicho emprega-se o Coelho.

** Frase meio confusa.

Cantada por João Fernandes do Nascimento "Fernandinho", 58 anos (1991), residente na Vila Valdomiro Graça, n.º 45, bifurcação da Rua Américo Brasiliense e Travessa José Alves de Sousa, Olímpia. Aprendeu a moda quando tinha 9 anos.

JOGO DO MICO

Este jogo se compõe de 17 casais de bichos. Só o Mico não tem par. Então, são 35 cartas. Desenvolve na criança: criatividade, memória visual, percepção e fixação das cores.

1 - Leão. 2 - Onça. 3 - Jabuti. 4 - Sapo. 5 - Tatu. 6 - Jacaré. 7 - Veado. 8 - Boi. 9 - Serelepe. 10 - Tamanduá. 11 - Coelho. 12 - Papagaio. 13 - Tucano. 14 - Pica-pau.

15 - Garça. 16 - Elefante. 17 - Cachorro.
 Com as cartas vem um cartão com as regras do jogo.

ANIMAIS POR TODOS OS LADOS

Os animais andam por toda parte:

Nas duplas de cantores: Canário e Passarinho. Castilho e Cardeal (olimpienses). Chitãozinho e Xororó (o correto é Xitãozinho e Chororó). Duo Ciriema (o correto é Seriemas). Felipe e Falcão. Mocó e Mocozinho (olimpienses). Os Canarinhos. Pardinho e Pardal. Passarinho e Beija-flor. Pássaro Preto e Sanhaço. Rouxinol e Sabiá...

Nos instrumentos musicais: berra-boi, pé-de-bode...

Nos cordoamentos de cordofones: Canário, Rouxinol, Sabiá...

Nas danças folclóricas: Calango. Caranguejo. Coco-Gavião. Cururu. Maçanico. Maribondo. Tatu...

Nas revistas infantis: Bem-te-vi (metodista). O Tico-tico (extinta).

Nos troféus a contores: Canário de Ouro. Rouxinol.

Nos nomes de churrascarias: Boi Bom. Boi na Brasa...

Em clube literário: Clube do Pombo-Correio.

Nas marcas de cachaça: Arara. Capivara. Jacaré. Pitu. Tatuzinho.

Nos nomes e apelidos de automóveis: Baratinha. Corcel. Peixe-frito. Rabo-de-peixe.

Em editora: Editora Cão e Gato.

Em produto de laboratório farmacêutico: Emplastro poroso Sabiá.

Nos Signos do Zodíaco: Peixes. Carneiro (Áries). Touro. Caranguejo (Câncer). Leão. Escorpião.

No horóscopo chinês: Rato. Boi. Tigre. Coelho. Dragão. Serpente. Cavalo. Carneiro. Macaco. Galo. Cão. Porco.

Na brincadeira para exigir silêncio: Vaca amarela.

No Grupo Parafolclórico "Tradições Cearenses", de Olímpia: Asa-branca.

Nas Escolas de Samba de Olímpia: Águia Dourada, Galo Azul e Gato Preto.

Nos alimentos: Vaca preta (sorvete com coca-cola). Canelinha-de-veado (biscoito). Cu-de-boi (bolacha). Jacaré (rosca). Língua-de-gato (biscoito). Traíra (bolo). Vaca atolada (costela de vaca com mandioca).

Nos nomes de cães olimpienses: Baleia, Curiango, Jaó, Lobo, Leão, Tatu, Tigre, Rolinha, Tubarão, Serelepe...

No Transporte: Empresa Transportadora Andorinha.

No Comércio: Casa de Carne Rouxinol (I e II). Casa do Boi. Bar Pingüim. Lembram-se todos do famoso Bar Pingüim, ponto de encontro de grande parte da população, na Praça Rui Barbosa, com comida de primeira, e longos bate-papos?.

O QUE NÃO SE DEVE IGNORAR

Há bichos que gostam de ficar em casa: o cachorro (fiel amigo do homem), o gato (grande amigo da casa), o papagaio, etc. Há bichos no ar, na terra, nas águas. Enfim, há bichos em todos os lugares. O homem se serve dos animais, mas também presta-lhe homenagens.

É bom guardar, muito bem guardado, o que aqui vai, pois é importante, principalmente para quem pretende continuar a corrida que começamos. Vamos lá:

1 - Águia é animal impuro para os judeus ao passo que para os babilônios simbolizava uma divindade.

2 - Cacareco (um hipopótamo) foi muito bem votado numa das eleições municipais de São Paulo, para vereador. Pena ser bicho!

3 - Um bode, chamado Cheiroso, em Jaboaão - PE, foi mais votado que o candidato a prefeito numa das eleições do município. Protesto do povo.

4 - A avestruz, ave de grande porte, é também conhecida por camelo-pássaro e camelo-ave, pelo fato de se servirem dela como verdadeira montaria.

5 - Tartaruga ou jabuti são os nomes mais comuns dados aos obstáculos (lombadas, quebra-molas) que têm por objetivo diminuir a fúria dos motoristas.

6 - Água-que-gato-não-bebe, água-que-passarinho-não-bebe, assovio-de-cobra, engasga-gato, mata-bicho são nomes dados à cachaça.

7 - Bicho-preto, Bode-preto, Cão, Cão-miúdo, Cão-tinhoso, Pé-de-cabra, Pé-de-pato, são nomes dados ao Diabo.

8 - Boca-de-lobo é nome de bueiro, colocado nas ruas, para escoamento de águas das chuvas.

9 - Fazer uma vaquinha é associar-se a alguém para qualquer despesa.

10 - Mata-burro é ponte de traves espaçadas para vedar o trânsito de animais.

11 - Pé-de-cabra é alavanca de ferro, com a extremidade fendida, à semelhança de um pé de cabra. É instrumento amado pelos arrombadores de carro, portas e fechaduras.

12 - O senhor "emo" choca os ovos da preguiçosa consorte.

13 - O cachorro transpira na língua.

14 - A baleia e o morcego mamam quando bebês. São mamíferos.

15 - A abelha-rainha manda o marido para a cova logo após o casamento.

16 - Na Índia, a vaca é animal sagrado.

17 - Em algumas regiões do Oriente, o macaco é considerado sagrado.

18 - Tribos africanas adoram o Leão.

19 - Ninho de andorinha é prato oriental dos mais afamados e caros restaurantes.

20 - Engolir um lambari vivo é tiro e queda para se aprender a nadar.

NO REINO ANIMAL

- 21 - Urso gosta de mel.
22 - Pé-de-coelho é amuleto.
23 - Bicho-de-pé (pulga, que depois que entra no pé vira bicho) entra em qualquer parte do corpo.
24 - Uma **cadela** (Laika) foi o primeiro vivente a ir à lua.
25 - Coração de **Leão** foi o ricardão mais famoso da história. Seus feitos chegaram a alterar a marcha da humanidade.
26 - O verbo ovacionar vem do latim (os, ovis - ovelha). Significa sacrificar uma **ovelha** ao vencedor. E, daí, para a língua portuguesa, com o sentido de aplaudir.
27 - **Cão** é peça de espingarda que percuta a cápsula; ou pessoa de má índole.
28 - **Cão** é nome de constelação austral: **Cão Maior** e **Cão Menor**.
29 - **Ursa** é a constelação boreal: **Ursa Maior** e **Ursa Menor**.
30 - **Leão**, nome escolhido por alguns papas é, também, nome de reis.
31 - **Cavalo** é o médium apossado pelo espírito, na Umbanda.
32 - **Boi Estrelado** e **Cabra Preta** são nomes de orações fortes.
33 - **Patinho** e **patão** significam pessoas tolas, bobas.
34 - **Gato-pingado** é pessoa que acompanha enterro, ou funcionário de empresa funerária.
35 - **Gatos pardos** significam que de noite é difícil reconhecer o verdadeiro responsável de certos atos. Daí: De noite todos os gatos são pardos.
36 - **Formiga** cura reumatismo.
37 - O **dragão** fumegante da Mitologia foi para a lua com São Jorge. Tomou-lhe o cavalo e bufou lá no alto.
38 - **Leão** de chácara é o grandalhão que monta guarda a pessoas importantes, isolando-as da plebe.
39 - As famosas ovas de caviar são fornecidas pelo **esturjão**.
40 - **Briga de galo** leva a apostas milionárias, mas é proibida por lei.
41 - Um certo **tatu** é necrófago, come carnes podres e adora cemitérios.
42 - **Escargô** é **lesma**.
43 - **Cavalo-de-crista** e **crista-de-galo** são nomes vulgares de doenças venéreas.
44 - **Olho-de-boi** é selo do correio, da primeira emissão, feita em 1843, com desenho que lembra o olho de um boi.
45 - **Olho-de-cabra** é selo do correio, emitido em 1845.
46 - **Olho-de-gato** é pequena placa que, à noite, reflete a luz na sinalização das estradas modernas.
47 - O **leão** é o rei dos animais.
48 - O **galo** é o rei do terreiro.
49 - O **boi** é o símbolo de mansidão.
50 - A **formiga** é o símbolo da previsão.
51 - A **tartaruga** é o símbolo da lentidão.
52 - O **louva-a-deus** é o símbolo da esperança.
53 - A **cobra** é o símbolo da Medicina.

54 - A **coruja** é o símbolo da sabedoria.
55 - O **sabiá-verdadeiro** é ave-símbolo do Brasil.

56 - O **sabiá-laranjeira** é ave-símbolo do Estado de São Paulo.

57 - Na fala do Brasil, a **araponga** é o símbolo do velho, por ser toda branca.

58 - A **cegonha** (de mentirinha) é quem traz os filhos para os pais.

59 - Na Literatura Brasileira há um poeta **lagartixa** e um poeta das **pombas**.

60 - Vinte e oito de agosto é o Dia da **Avicultura**, Dia quatro de outubro é o Dia Mundial dos **Animais**. Cinco de outubro é o Dia da **Ave**.

61 - Muitos poetas e compositores de músicas brasileiras teceram loas aos bichos. A Filatelia dedicou muito selos aos animais, principalmente aos pássaros.

62 - **Aranha** é o nome de um pequeno carro de duas rodas, triolê.

63 - Na arca de Noé, feita por Noé, para os dias do dilúvio, segundo narração bíblica, havia todas as espécies **animais**.

64 - Os cantadores das folias de reis se tratam por **canarinhos**.

65 - **Papagaio!**, **Pombas!** são interjeições que exprimem admiração, espanto.

66 - **Onça** é peso (antigo) equivalente a 28,691 gramas.

67 - **Ariranha** é também conhecida por **onça-d'água**.

68 - **Lagarto**, **Patinho** e **Peixinho** (certas partes da carne da vaca vendidas nos açougues).

69 - A criatura que tem o maior número de costelas é a **cobra**, com 300 pares.

70 - **Carrega-bestas** é casta de **uva** de cachos muito grandes.

71 - **Fura-se o olho do ássum-preto** para ele cantar melhor, e de outros pássaros também. **Ássum preto** é vocábulo criado por Humberto Teixeira Cavalcânti, equivalente a pássaro-preto (não está no dicionário) para a música em co-autoria com Luís Gonzaga do Nascimento.

72 - **Galo** é o nome da torcida olimpense - O.F.C. - que vem brilhando nas torcidas pelo clube olimpense.

73 - Um olimpense, dono de um **galo** seresteiro, depôs na polícia antes de fazer calar o penoso.

74 - A fala rimada: "Éh, bebé, mamá na gata ocê num quê", é zombaria dirigida a quem quer algo meio difícil. Pode ser: mamar no bode, no gato...

75 - **Que frango!** No futebol é gol fácil de ser defendido. Uma goleada.

76 - "Vamos fazer um trato? Eu como no prato e você no cu do **gato**" é brincadeira muito apreciada pelas crianças.

77 - Há um pega tradicional. A pessoa diz à outra - Repete: **Paca, tatu, cutia** não. Infalivelmente a pessoa não obedece ao exposto. Repete tudo.

78 - Exclamação com rima: **Zé prequeté**, tira **bicho** do pé pra tomar com café.

79 - Na linguagem bancária, **papagaio** é

qualquer letra de câmbio ou promissória. **Borboleta** é a emissão de um cheque sem fundo, depositado num banco a fim de se ganhar tempo para sua cobertura em outro banco (tapeação). **Cheque-boi** é aquele que depois de consultado, o bancário diz: Uhm! não tem fundo! **Cheque-borrachudo** é o que vai ao banco e volta. **Cheque coruja** é o que é dado durante a noite porque de dia nada vale. **Cheque-peixe** é o que vai ao banco e, nada! **Cheque-pombo** é o cheque dado numa cidade para ser recebido noutra, algum tempo depois. **Cheque-sabiá** é o que, na certa, voltará.

80 - Trinta e oito **pirilampos** (vaga-lumes) obtêm a intensidade da luz de uma vela.

81 - O **papagaio**, a **arara** e outras aves palradoras possuem, à diferença das demais aves, uma língua grossa e carnosa que muito lhes ajuda a tagarelice. O Brasil é tão rico em espécies dessas aves que foi, durante muitos anos, conhecido como "Terra dos **Papagaios**".

82 - O **burro**, animal tão depreciado, aparece em três passagens importantes da vida de Jesus: aqueceu Deus-Menino no presépio de Belém, com o seu alento quente; serviu para a fuga da Sagrada Família para o Egito e foi montado em um burrinho que Jesus entrou em Jerusalém.

83 - As **lagartixas** se mutilam voluntariamente para conservarem a sua liberdade atacada, mas têm a boa sorte de lhes não tardar a crescer novamente, o pedaço da cauda que abandonaram, o qual, às vezes, até renasce duplo.

84 - Depois da **baleia**, que é o mais pesado e gigantesco dos animais conhecidos, o **elefante** é o de maior peso, pois chega a pesar mais de cinco toneladas, geralmente. Seguem-lhe o **hipopótamo** e o **rinoceronte**, com mais ou menos, duas toneladas. A **girafa** poucas vezes excede de uma tonelada, o que se dá com a tartaruga do mar. O peso do **urso** branco varia entre 400 e 500 quilos. O **tigre** pesa, quase sempre, 200 quilos. Outro grande animal, de grande peso, é o **gorila** africano, com 200 quilogramas.

85 - **Animais sagrados** - No velho Egito dos faraós, o **gato** era sagrado, dedicado à deusa Bast. Mas havia muitas outras divindades sob forma animal. O deus de olhos onividentes (que enxergavam tudo) era o **falcão** Anúbis. O deus solar de Mênfis era o **touro** Ápis. Íbis, ave pernalta e aquática, era uma divindade associada com as enchentes do Nilo, que fertilizavam as terras egípcias.

Na Grécia houve época em que o **cão** era consagrado à deusa Diana, e o **mocho** à deusa Atenas (Minerva).

Na Índia, até hoje as superstições populares conservam as divindades sob a forma de animais. Assim é que a **vaca** é considerada sagrada e passeia tranqüilamente pelas estradas e ruas do país.

NO REINO ANIMAL

86 - Aves dos deuses, nos fabulários ou na mitologia: A ave de Júpiter é uma das formas de designar a **águia**. A ave de Juno é o **pavão**. A de Minerva é a **coruja** ou o **mocho**. E a de Vênus é a **pomba**.

87 - Seres fabulosos, alguns antropo-zoomorfos:

Cérbero - cão terrível de três cabeças, que guardava a entrada do palácio de Plutão, o deus dos infernos.

Fênix - ave fabulosa da mitologia grega que morria e renascia das suas próprias cinzas.

Górgonas - eram três irmãs monstruosas com cabeça e corpo de mulher, dentes compridos como as presas do javali e garras nas mãos em vez de unhas. No lugar dos cabelos tinham serpentes vivas.

Grifo - uma espécie de cavalo alado. Seu corpo era metade águia, metade leão, com orelhas de cavalo.

Harpías - figuras monstruosas com rosto de mulher, corpo de abutre, orelhas de urso.

Hidra de Lema - serpente medonha que assolava a Argólida, região montanhosa da antiga Grécia. Tinha sete cabeças, todas muito teimosas, pois renasciam cada vez que eram cortadas.

Minotauro - monstro com corpo humano e cabeça de touro, que protegia Minos, rei de Creta.

Pégaso - cavalo alado que quis ir ao sol com asas de cera.

Quimera - monstro misto de leão, dragão e cabra, nascido de Equidna e Tifon.

Unicórnio - cavalo branco dotado de um chifre no meio do focinho. Dominava as florestas, sendo implacável com os caçadores. Licorne.

88 - A religião muçulmana diz que dez animais tiveram permissão para entrar no Paraíso:

1 - A **baleia** que engoliu o profeta Jonas. 2 - A **formiga** de Salomão. 3 - O **carneiro** que Abrão sacrificou em lugar de Isaac. 4 - O **pássaro** de Belquise. 5 - O **camelo** do profeta Salê. 6 - A **burra** de Balaão. 7 - O **cachorro** Kratim dos sete jovens cristãos adormecidos. 8 - O **boi** de Moisés. 9 - O **burro** Al Borak de Maomé. 10 - A **pomba** que levou à arca de Noé o ramo de oliveira.

89 - Os árabes têm horror aos **gafanhotos**, porque vêem neles, cabeça de cavalo,

olhos de **elefante**, pescoço de **touro**, cornos de **cervo**, tórax de **leão**, ventre de **escorpião**, asas de **águia**, músculos de **camelo**, patas de **avestruz** e cauda de **serpente**.

90 - Há bichos: **bactérias** e **vírus**, que ninguém pode ver. Os vírus medem menos de um milésimo de milímetro. As bactérias são maiores que os vírus, mas ainda são minúsculas.

NA RETA FINAL ANIMAIS PERDIDOS

Perdidos, de fato, pois só apareceram quando o trabalho estava quase no final. Para não perecerem por falta de amparo, vamos dar-lhes acolhida rapidinha. Expressões, locuções interjetivas, disputas, etc. Todas com bichos.

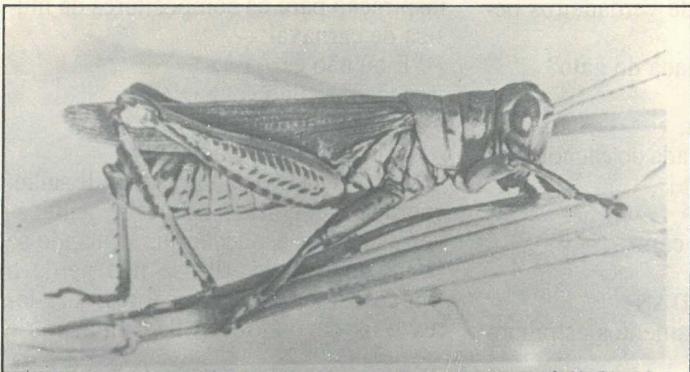
Asa de **papagaio**, **borboleta**, **cavala**, **cavalinho-do-mar**, **crista-de-galinha**, **língua-de-mulata**, **olho-de-cão**, **vaca-sem-chifre** são nomes de peixes. **Cavalo-marinho** é o nome vulgar do hipocampo. **Cavalinho-de-deus** é outro nome dado ao louva-a-deus. **Vaquinha** é designação dada a certos besourinhos. **Vaca-marinha** é também o nome do **peixe-boi**, mamífero. **Papagaio** é vaso, feito de forma que o doente do sexo masculino possa urinar sem deixar o leito. **Papagaio** é brinquedo de criança, solto ao vento (pipa). **Papa-peixe** é outro nome dado ao martim-pescador (ave). **Balaio-de-gato** (desordem da grossa). **Pagar o pato** (sofrer as conseqüências). **Pássaro** é empregado para designar "homem astuto". **Maribondo-cavalo** é nome de maribondo de bom tamanho, grande. **Macaco** é maquinismo para levantar grandes pesos. **Macaco velho** é expressão empregada para homem esperto, astuto, ladino. **Macacos me mordam!** (locução para exprimir espanto total). **Mico** de circo ou **mico de cavallinho**, muito usado em: Quero ser um mico de circo, se isto não for verdade. **Rato** de biblioteca (maníaco por investigações em bibliotecas e arquivos). **Rato** de hotéis (gatuno que age nos hotéis). **Rato** de sacristia (carola). **Rato** de igreja (larápio). **Égua** velha (empregada para mulher idosa e velhaca). **Olho-de-mosquito** (diamante). **Olho-de-peixe** (calcedônia branca; sonso; com calo). **Olho-de-tigre** (variedade amarelo-avermelhada de quartzo). **Olho-de-boi** (clarabóia). **Raposa** (mulher da vida). **Rabo-de-égua** (briga, encenca, garrucha antiga ou penteado feminino). **Rabo-de-arraia** (golpe duro). **Pai-d'égua**, em "Eta, pai d'égua!", é expressão nordestina

que se difunde no Estado de São Paulo. **Mata-burro** é ponte de traves espaçadas para vedar o trânsito de animais. A **cobra** está fumando serve para indicar estado de fúria. **Mula-manca** é usado para o indivíduo que falseia na prática do crime. **Camarão** é tratamento dado ao fuzileiro naval. **Jaburu** e **jururu** são palavras que se empregam ao indivíduo que anda triste. Tinha gente pra **burro** (em grande quantidade, muito). Magra que nem um **bacalhau** (magérima). Não saio daqui nem que a **mula tussa** (de modo algum). O homem, aos quarenta anos, entra na idade do **lobo**. Bafo de **jibóia** ou bafo de **onça** são empregados à pessoa de boca que cheira mal, fedida, sobretudo à dos pinguços. **Porco-espinho** é pessoa de cabelo duro, espetado. **Mulata** é nome usado para o papagaio fêmea. **Bicho** é nome do que ingressa na faculdade, calouro. **Bicho** é a gratificação dada aos jogadores de futebol, quando o clube ganha. **Virar bicho** (zangar-se). **Bicho-de-parede** (barbeiro). **Bicho-de-sete-cabeças** (coisa muito complicada). **Bicho-do-mato** (esquivo, esquisitão). **Bicho-de-porco** (bicho-de-pé). **Marreco** (indivíduo ladino). **Ostra** (indivíduo que custa a sair de um lugar). **Paca** (indivíduo que se deixa enganar no jogo, trouxa). **Peixão** (mulher grande). **Piaba** (aquele que no jogo aposta pequenas paradas). **Pulo-de-gato** (furtar o banqueiro no jogo). **Urso** (indivíduo insociável). **Vira-lata** (cão vagabundo). **Virar vaca** (falecer). **Pegada-de-irara** (parceiro mentiroso). Não tem **mosquito** (está tudo certo). Vivem como **gato** e **cachorro** (briguentos). Teimosa como a mãe do **pio-lho** (por demais). Cair como **mosca** no mel pode significar muitas **gatas** para um só **gato**. O que é do **lobo** a **onça** não come. Quem tem **grilos** na cabeça, acaba maluco. **Sogra** não é **cobra**, **genro** não é **cachaço**. As **baratas** sobreviverão ao homem. **Boi** na linha (dificuldade inesperada). **Cão-de-fila** (amigo indefectível). Ter caveira de **burro** (ter azar). Hora da **onça** beber água (hora de perigo). Até lá morre o **burro** (promessa a longo prazo). Sangrar o **burrinho** (recurso usado pelos motoristas em relação ao veículo).

Achamos que basta. Apenas uma amostra do que sabemos sobre o aproveitamento dos animais na vida do homem, especialmente no linguajar cotidiano. Amostragem singela daquilo que o homem simples e sabido dos dias atuais utiliza, objetivando divertir-se, zombar do vizinho, das autoridades, dos opressores, do quanto um bom zoológico pode fazer para infundir ânimo, para proporcionar descanso e lazer.

O Prof. Sant'anna, grande pesquisador da ciência folclórica que nos diga.

Oxalá os estudantes procurem, depois desta corrida ecológica, complementar nossa pesquisa, enriquecendo-a e enriquecendo seus dias de "árido labutar". Vivam nossos bichos queridos! Ave!



Pequeno anedotário

ANTÔNIO CLEMÊNIO DA SILVA
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

O que é anedota?

Anedota é um rápido relato jocoso, particularidade engraçada, histórica ou lendária.

Outras palavras e expressões de significação próxima à da anedota são: caçoadada, chalaça, chalaça picante, chocarrice, dito picante, zombeteiro, escárnio, esgar, gracejo, gracejo atrevido, história mentirosa, lorota, mofa, mornice, motejo, piada, potoca, truanice, zombaria e mais.

ANEDOTA TAMBÉM FAZ PARTE DO FOLCLORE

As anedotas (piadas) são derivadas do espírito humorístico e satírico do povo. São tradicionais, muito antigas e anônimas, pois o seu autor nunca as assume, portanto tornam-se de autoria e predileção coletivas. Acredita-se que as primeiras piadas tenham sido contra os portugueses, numa crítica à colonização e ao jeito europeu de se vestirem e se portarem. Para o povo, desde então até hoje, tudo o que foge aos seus próprios costumes e tradições provoca-lhe inesperadas reações, mas esperadas são as anedotas e piadas.

Luís da Câmara Cascudo, saudoso, imortal escritor e folclorista que teve a proposta do Banco Central aceita pelo Conselho Monetário Nacional para usar sua effigie como tema da nota de 50 mil cruzeiros, a primeira impressa em alto relevo pela Casa da Moeda para a identificação por cegos, em circulação desde setembro de 1991, diz em seu livro de folclore "Contos Tradicionais do Brasil":

"A Anedota, espécie de pintura mural, irresponsável e maravilhosa de acuidade satírica, voz anônima do povo, é uma obra-prima que se desinteressa ao copyright. Sua função social, eliminando recalques e realizando análise serena, é um índice tão claro da mentalidade de um Povo como os melhores padrões nos testes. São assuntos que aguardam os benefícios de um estudo tranqüilo e fiel."

OS CONTADORES DE ANEDOTAS

Embora as piadas e anedotas tenham a aprovação unânime do gosto popular, nem todos os seus apreciadores têm talento para intérpretes. Alguns são mestres dessa arte. Fazem rir, se não for pelo

conteúdo, pela forma. A piada pode não ser tão engraçada, mas a maneira como esses mestres a contam garante as gargalhadas. Eles mesmo são os primeiros a rirem. Porém, outros pretendentes, por mais que se esforcem, não fazem sucesso. Às vezes, uma piada de bom enredo, nas mãos desses, pode tornar-se desenxabida. Merece o risco deles próprios.

Os juvenis, independentemente de sua atuação como narradores, têm ótima memória e grande disposição para esparramar as piadas que ouvem dos mais velhos.

Além dos juvenis, há outros veículos de comunicação que transmitem as piadas. O circo, o rádio, a televisão têm programas exclusivamente humorísticos, recheados de piadas; almanaques, jornais, revistas publicam piadas em suas seções de lazer e recreação, sob variados títulos: Ria a valer, É proibido não rir, Passatempos, Bom humor, e livros especializados publicam-nas, inclusive as imorais, com o rótulo: "proibido para menores". Entretanto muitas piadas se limitam à transmissão oral e são passadas de geração a geração.

ALARME FALSO

No mundo das anedotas existem também pregadores de peças, que fazem o alarme falso das piadas. Estes animam o picadeiro e preparam o espírito dos seus ouvintes para uma boa piada:

-Você sabe da última piada?

- Não!

E, diante da negativa e da espera ansiosa por risadas do público, diz:

-Piu, piu!

Ou:

- Você conhece a última piada?

- Não!

- Ainda não chegou!

#

Estas não passam de verdadeiros pegadas:

-Você conhece a piada do gato?

- Não!

- Gato não pia, mia.

- Você conhece a piada do cachorro de uma perna só?

- Não!

- Chegou no poste, caiu.

ALVOS DAS PIADAS

Além dos comportamentos estranhos

aos seus costumes como o pioneiro exemplo dos portugueses, que até hoje são vítimas do escracho dos brasileiros, o mundo político, religioso, social, personagens de notícias, tipos populares, celebridades, são alvos das anedotas do povo.

As piadas, muitas vezes, são representantes bem humoradas do preconceito dos sulistas contra os nortistas, especialmente os baianos; os estrangeiros (portugueses, japoneses, italianos, etc.); pessoas de cor e outros tantos. Motivo para piadas é o que nunca há de faltar.

É interessante lembrar que as piadas dos brasileiros sobre os portugueses têm reciprocidade. Os portugueses, do mesmo modo, satirizam os brasileiros.

AMBIENTES

Muitos lugares são suscetíveis ao triunfo e quase inevitável surgimento de piadas. Desde botecos, escolas, rodoviárias, bancos de jardim, salões de baile e de cabeleireiros e até, por mais incrível que possa parecer, aos velórios. Mas neste último cenário, os contadores de anedotas atuam com maior moderação, afastados do defunto. E contam várias piadas para ganhar tempo, enganar o sono e distrair os presentes.

AS PIADAS

Há diversos tipos de piadas: **curtas**, que contam pequenas histórias (ou estórias) e são como um conto; **locais**, que depois de algum tempo são esquecidas; **nacionais**, conhecidas pela grande maioria dos brasileiros; chocantes, de fundo imoral, obscenas, picantes, pornográficas, desrespeitosas, que inclusive abusam da religião. Estas últimas omitiremos, em razão da boa ética que não nos permite publicá-las e por serem incompatíveis com a linguagem tradicional do Anuário.

Tal cuidado com piadas desse nível foi inspiração para os compositores da música de carnaval:

"É ou não é,
piada de salão,
Se acham que não é,
então não conto não".

Mas nós vamos contar piadas de salão, engraçadas, porém, suaves e publicáveis, sem nos esquecer que "Quando se conta uma piada, ria, se não perde o freguês". Piadas de pescadores, caçadores e as de políticos? São inúmeras e

HUMORISMO

incontáveis. Vamos aproveitar a que o Dilé, electricista da Prefeitura, nos contou enquanto redigíamos este trabalho:

"Um homem disse ao compadre que comprou um lambari de 5 quilos.

O compadre lhe disse:

- Você está mentindo!

E, em seguida, contou esta:

- Sabe, compadre, eu fui pescar um lobó, à noite, e bati a mão na lamparina e ela caiu dentro da água e ficou acesa no fundo do rio.

O outro replicou:

- Agora é o senhor que está mentindo.

- Não, não estou mentindo. O senhor abaixa o peso do seu lambari que eu apago a minha lamparina".

É colossal também o número de piadas que envolvem professores, alunos, enfim todo o ambiente escolar. Preste atenção nesta:

"Num exame oral, o professor, depois de dar uma grande oportunidade ao aluno, interrogando-o sobre toda a matéria ministrada durante o ano, aborreceu-se por não vê-lo abrir a boca para tentar uma resposta, por mais cabotina que fosse, pede, em voz alta, ao servente da escola:

- Traga-me, por favor, um feixe de capim!

Ao que o aluno, nervoso, acrescenta:

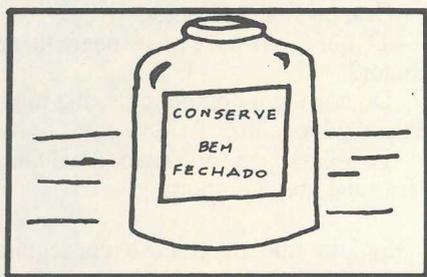
- E, para mim, uma xícara de café."

Sem mais preâmbulo, vamos ao Anedotário. Apresentamos 45 anedotas, num crescendo, em ordem progressiva de palavras que vão até 24 linhas.

1) Médico: - O senhor tomou o remédio que receitei?

Cliente: - Impossível, doutor. Ele tinha o rótulo que dizia:

Conserve bem fechado.



2) O professor diz ao aluno:

- Cita-me um exemplo que confirme o provérbio: É mais agradável dar que receber.

- O óleo de rícino.

3) Dizia aquela garotinha, quase gente, às amigas, com uma pontinha de vaidade:

- É certo que meu namorado fuma maconha, mas é o único vício que ele tem!

4) - Mamãe, o professor deu-me nota

zero só porque não soube responder onde estavam os Andes.

- Fez muito bem, assim você prestará atenção ao lugar onde deixa as coisas.

5) À beira do rio, o médico pergunta ao caipira que estava ao seu lado:

- Como se chama esse rio?

- Esse rio, dotô, não se chama, ele vem sozinho.

6) - Então, ficou satisfeito com a cura do tal médico que lhe fez recuperar a memória?

- Sim, estou muito satisfeito, mas esqueci o meu chapéu no consultório do médico e não há meio de me lembrar do endereço.

7) A esposa:

- Há um mês que te dei esta carta para deixar no correio e encontro-a na algibeira do teu casaco castanho.

O marido:

- Já me lembro. Tirei o casaco, nessa ocasião, para tu lhe pregares um botão e ele ainda não foi pregado...

8) Chega a freguesa e pergunta à velha proprietária da padaria:

- Estes pães estão malfeitos. Muito duros!

- Malfeitos? A senhora não era nascida e eu já fazia pães!!

- Ah! Então estes são daquele tempo!

9) - Se esse pé te faz sofrer tanto, por que não vais a um calista?

- Vou esperar um pouco. Sei de um calista que faz grande abatimento por uma dúzia de calos.

10) O homem estava sendo acusado de ter roubado um relógio, mas se defendeu, acusando o dono da joalheria:

- Eu estava lá dentro quando ele, depois de arrumar a vitrina, colocou um cartaz assim: Aproveitem a ocasião. E foi embora.

11) - Aquele indivíduo esteve todo o dia ali sentado, perdendo, miseravelmente, o tempo.

- Como você sabe?

- Eu sei, porque eu o fiquei observando o dia inteiro, sentado no outro banco.

12) Ela: - João, não sei o que tem este telefone. Mamãe tocou para cá, mas não houve forma de uma entender o que a outra dizia. Ontem foi a mesma coisa. E é sempre assim.

Ele: - Vocês já experimentaram falar cada uma por sua vez?

13) O professor de Matemática, após uma aula bem motivada, pergunta a um dos alunos:

- Você compra um terreno retangular. Quer medir a superfície do terreno. Que faz, então?

- Chamo um agrimensor!

14) O patrão para o empregado:

- Imbecil! Há um grande erro nesta escrita. Você escreveu posse com dois esses e mais adiante com cê. Corrija isso!

- Qual delas, senhor?

- Ora bolas! A que estiver errada.

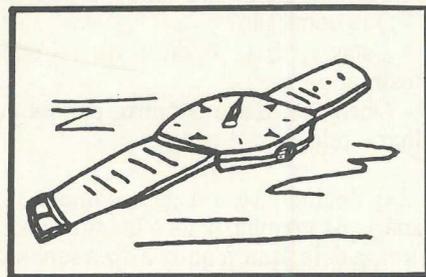
15) Um amigo pergunta ao outro que estava com um relógio no pulso:

- Que horas são?

- Faltam vinte.

- Vinte para quanto?

- Não sei, porque meu relógio só tem o ponteiro dos minutos.



16) Frenético, a pena a correr sobre o papel, Barnabé está escrevendo uma carta, a qual, vê-se bem, ele tem pressa de fazer seguir. A certa altura, diz para a mulher:

- Enquanto eu acabo de escrever, fecha tu o envelope. Assim ganharemos algum tempo...

17) Pergunta o juiz ao réu:

- Quantas vezes o senhor esteve preso antes?

- Cinco vezes, senhor juiz.

- Pois então vou condená-lo à pena máxima.

- Que horror! Eu pensei que os fregueses tivessem abatimento.

18) A moça disse ao pai:

- Paizinho, meu noivo pode ocupar o lugar do seu sócio que faleceu esta manhã?

O pai respondeu:

- Por mim, pode. Não sei é se a Empresa Funerária vai concordar com a troca.

19) Diz um senhor muito xereta a uma senhora:

- Muito bonito o seu cãozinho, minha senhora!

- Obrigada! Realmente ele é bonito, mas tem um defeito: só come carne mastigada.

- É mesmo? E quem é que se dá ao trabalho de mastigá-la?

- Ele próprio!

20) Dois cidadãos conversaram sobre

HUMORISMO

as dificuldades da vida.

- Eu, dizia um deles, ganho em todas as loterias.
- Como consegue isso?, perguntou, interessado, o outro.
- Vendo bilhetes.

21) Dona Chiquinha mandou o pequeno Minduca colocar uma carta no correio. O menino foi e voltou contente:

- Tome, mamãe, aqui está o dinheiro do selo.
- Como? Então você não selou a carta?
- Não, mamãe. Consegui enfiar a carta na caixa enquanto o empregado não estava olhando.

22) Nenhum dos meninos sabia ver horas, mas um deles tinha um relógio. Então, outro do grupo, querendo deixar o dono do relógio atrapalhado, perguntou:

- Que horas são?
- Estas..., disse o dono do relógio, mostrando-o.
- Obrigado, disse o outro, depois de olhar o relógio.

23) Zezinho vê um gato comendo o canário da vizinha, pega o ladrão e leva-o à casa dela. Bate à porta e diz à senhora que lhe vem abrir:

- Aqui trago o canário da senhora.
- Mas, Zezinho, isto não é canário, é gato.
- Sim, senhora, mas o canário está dentro do bucho dele.

24) Num lugarejo do interior, um candidato a vereador exclamava:

- Podem escrever: se eu não cumprir minhas promessas serei um homem morto!

E o caipira, que estava bem próximo:

- Não adianta nada, seu dotô. Todos nós aqui somo analfabeto.

25) - Vamos, Carlinhos: se eu dividir uma folha de papel em quatro partes, que é que eu obtenho?

- Quatro quartos.
- Muito bem! E se dividi-la em oito?
- Oito oitavos.
- Perfeitamente! E se dividir em cem?
- Aí, obtém um monte de papel picado!

26) Dois caçadores conversavam:

- Como foi que você matou o ganso?
- Eu fiz pontaria. Atirei e acertei na pata e na cabeça dele ao mesmo tempo.
- Ora, não me venha com lorotas! Como podia você acertar na pata e na cabeça do ganso?

- É que ele estava coçando a orelha.

27) O menino vai à tinturaria com uma camisa nas mãos e diz ao tintureiro:

- Papai mandou dizer que se o senhor tornar a passar os colarinhos dele deste

jeito, ele vem aqui e lhe dá uma surra.

- Qual é o número dos colarinhos dele?
- Trinta e sete.
- Então, diga-lhe que pode vir quando quiser.

28) Um velho professor foi convidado por seus alunos para uma festa. Na saída, devido ao abuso do álcool, estava com as pernas bambas.

- Por que, diz o aluno, o álcool, nos moços sobe à cabeça e, nos velhos, ataca as pernas?
- O álcool ataca sempre as partes mais fracas, retrucou o professor.

29) - Que tens tu, que estás tão aborrecido?

- Imagina que hoje pela manhã me acordaram dizendo que o Joaquim estava doente, gravíssimo. Saí de casa, embaixo de chuva, com um frio terrível. Nem tomei café! Na casa do Joaquim, encontrei-o em pé. Tivera apenas uma ligeira indisposição, nada mais. Não é para ficar furioso?

Eu pensei que iria encontrá-lo morto ou, pelo menos, nas últimas.

30) Um senhor, meio desconfiado de que estava sendo prejudicado pelo vizinho que estava quase acabando de fechar um buraco no quintal, se aproxima e lhe pergunta:

- Que é que você está enterrando aí?
- Estou tornando a plantar minhas sementes, se faz questão de saber.
- Mas isto parece ser a minha galinha!
- É! As sementes estão dentro dela.



31) Certo sujeito está a jantar na mesa coletiva de um restaurante popular e, na altura em que vai começar a comer um apetitoso prato de arroz-doce, vem o criado avisá-lo de que o estão a chamar ao telefone. Medroso de que alguém lhe coma a guloseima, lembra-se de um truque que não pode deixar de dar resultado: põe sobre o prato um aviso que diz assim: Eu cuspi no arroz-doce.

Vai telefonar e, quando volta, no mesmo papel, mas com letra diferente, está escrito o seguinte: Eu também...

32) Um rapaz pergunta ao colega de trabalho:

- Que festa foi aquela perto de sua

casa?

- Ora, um casório...
- E os noivos, estão em viagem de núpcias?
- Não. Ela foi para o hospital e ele para o cemitério.
- Quê!? A festa terminou em tragédia?
- Nada disso! Ela é enfermeira, e ele administrador do cemitério. E ambos têm plantão hoje...

33) Exímio tocador de flauta foi a uma cidade dar um concerto. Entre os muitos admiradores que o aplaudiram, houve um ricaço que o convidou para ir no dia seguinte jantar em sua casa, com a família. O maestro respondeu que aceitava com muito prazer tão subida honra.

- Olhe, disse o ricaço, e não se esqueça de levar a flauta!
- Não é preciso, respondeu o músico, a minha flauta nunca janta.

34) Na rodoviária, dois amigos conversavam enquanto aguardavam a chegada do ônibus. Iam viajar.

De repente, um deles diz, muito afobado:

- Porcaria! Esqueci meu relógio de bolso na calça que troquei. É o único que tenho. O pior é que estou tão habituado a carregar o relógio, que não consigo sair de casa, sem ele.

E, distraidamente, retirou do bolso o relógio para ver as horas e saber se ainda havia tempo de ir a casa buscar o relógio, antes que o ônibus chegasse.

35) Um advogado viajava a cavalo pelo sertão. Em certo lugar, perto de uma porteira, viu um caipira. Gritou-lhe:

- Ó coisa, abra essa porteira!
- Quem é ocê pra me mandá tanto?
- Ora, eu sou um doutor.
- O que vem a sê esse negócio de doutor?

- Doutor é um homem que sabe tudo, disse o advogado.

- Pois então, se sabe tudo, deve também sabê abri a porteira.

36) Um tipo preguiçoso conseguiu, com um político, emprego no cemitério municipal.

Dias depois de empossado, apareceu, novamente, no gabinete do seu protetor.

- O doutor desculpe, mas aquele emprego não me agrada. Não fico, não.

- E por quê? Ora essa! Explique-se!
- O doutor acha que é bom andar o dia todo, lendo nas sepulturas: Aqui repousa. Aqui repousa. E a gente tendo que dar duro no trabalho.

37) Certa vez, um rapaz da capital foi excursionar pelo interior e, numa caçada, acabou perdendo-se dos companheiros. Era noite quando foi bater à casa de

HUMORISMO

um caipira pobre e pedir-lhe pouxada.

O matuto perguntou-lhe:

- Vancê trouxe rede?
- Não.
- Corchoado?
- Também não.
- Cobertô?
- Não trouxe.
- Ué... então vancê pra drumi só trouxe os óio?

38) O proprietário do bar despediu os fregueses e rumou para casa. À meia-noite, o telefone tocou e uma voz de bêbado perguntou:

- A que horas o senhor vai abrir o bar?
- Às oito horas em ponto, e desligou o telefone.

Dois minutos depois, o telefone chamou novamente e a mesma voz perguntou:

- Mas a que horas mesmo o senhor vai abrir o bar?
- Às oito horas, nem um minuto antes!
- Bobão! Eu não quero entrar no seu bar, eu quero é sair dele, foi a resposta.

39) Sentado na sarjeta, com um horrível par de óculos escuros, o mendigo pedia esmola:

- Ajudem o pobre cego!
- Uma senhora tira da bolsa uma nota de cinquenta cruzeiros e lhe entrega.
- O cego diz:
- Vai querer o troco ou ficam os cinquenta mesmo?
- O senhor enxerga?
- Graças a Deus, minha senhora. O ponto aqui é do cego. Eu sou o mudo. Estou aqui só enquanto ele assiste a uma sessão de cinema. Ele volta já.

40) A senhora telefonou para a farmácia próxima de sua casa e perguntou:

- Os senhores têm naftalina?
- Temos sim, minha senhora, respondeu um empregado que acorreu, solícito.
- Então arranje-me meio quilo, porque tenho muitas traças em casa, e não me deixam sossegar.
- Sim, minha senhora. E deseja que eu mande à sua casa?
- Pois com toda a certeza! - Ou quer, porventura, que eu ainda tenha o trabalho de lhe levar as traças?!...

41) Um homem encarregou um paisagista de lhe pintar uma paisagem, com uma igreja.

O pintor, que não pintava bem as

figuras, não pôs nenhuma no quadro. Quando o sujeito voltou, ficou encantado com a frescura da cor e beleza da obra. Mas teria gostado de algumas figuras, a animarem a paisagem e, assim, disse, ao pintor:

- Que pena não ter posto algumas pessoas!

- É que estão todas dentro da igreja, a ouvir a missa!, respondeu aquele.

Ao que o outro replicou:

- Bem... Então, nesse caso, virei buscar o quadro... quando a missa tiver acabado!

42) Dois camaradas e amigos iam de jornada, num dia quente de verão.

- Levas aí alguma coisa que se coma ou beba, ó Zé? - perguntou um deles.

- Levo uma garrafa de cerveja. E tu, Antônio?

- Eu, uma língua seca.

- Belo! Então vamos dividir irmãmente as nossas provisões.

Princiaram por dividir e beber a cerveja.

- Bem, então vamos lá a essa língua seca, Antônio, disse o Zé.

- Agora já não está seca, homem. A cerveja já a molhou...

43) Existiam dois cachorrinhos muito amigos. Um chamava Calaboca e o outro Encrenca. Um belo dia Calaboca e Encrenca resolveram brincar de esconde-esconde. Encrenca foi-se esconder enquanto Calaboca contava até dez. Calaboca procurou, procurou muito e não conseguia encontrar seu amiguinho. Nisto aparece um cão enorme e começa a puxar conversa com ele.

- Como é o seu nome?

- Calaboca.

- Eu estou perguntando como você se chama (já nervoso).

- Eu já disse: Calaboca.

- Você está procurando encrenca?

- Estou sim, você quer me ajudar?

44) O sujeito entrou no bar, olhou em torno, até encontrar a mesa onde estavam os amigos, conversando. E para lá se dirigiu.

- Salve, meninos!, exclamou.

Depois sentou-se e disse, com voz triste:

- Acabo de perder cem mil cruzeiros, por causa de uma palavra!

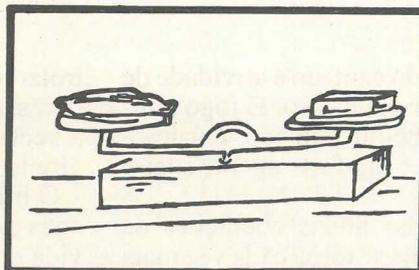
- Não diga! Como assim?, perguntaram os outros.

- Bem... Eu subi no escritório do meu patrão e lhe disse, no peito:

- Patrão, eu preciso de cem mil cruzeiros. Passe-os para cá, está bem?

- Aí, ele disse: Não!

Se tivesse dito sim, eu agora os tinha no bolso.



45) Um padeiro comprava manteiga de um fabricante de uma fazenda. Desconfiado de que a mercadoria não lhe chegava ao peso exato, resolveu verificar quanto faltava em cada remessa e, de uma entrega para outra, foi achando que o peso ia sempre diminuindo e apresentou queixa contra o vendedor. O fabricante de manteiga foi intimado a comparecer em juízo. Pergunta-lhe o magistrado:

- O senhor tem balança?

- Sim, senhor juiz.

- E pesos?

- Não, senhor juiz, não os tenho.

- E como pode pesar a manteiga que vende?

- É simples, senhor juiz. O padeiro compra-me a manteiga e eu lhe compro o pão. Este é de um quilo. Com ele é que eu peso a manteiga. Se há diferença, a culpa é do padeiro, não minha.

Piada sempre existirá. Sempre será contada e em quaisquer momentos da vida do homem, porque o homem não permite o abandono da tradição. Não quer ser triste e nem comparado a um galo depenado e sem esporas.

O folclore funciona, na maioria das vezes, como uma crítica. Seus temas têm cunho social e suas manifestações são utilizadas como forma de protesto e desabafo popular. A cultura do povo é um ato dinâmico que deve ser realizado em todos os sentidos. Consiste em emitir juízo de valor, crítica social. Se observarmos com muita atenção nos elementos folclóricos, podemos notar como é fascinante e rico este mundo de fantasia, que é o próprio folclore.

Finalmente, agradeço a atenção dos leitores e estendo meus agradecimentos ao Prof. José Sant'anna, pela orientação, e ao amigo André Nakamura pela efetiva colaboração na montagem do texto.

Nota: Algumas das anedotas estavam registradas na minha memória, outras me foram contadas por amigos e grande parte delas extraídas do extinto semanário olímpense "Voz do Povo".

BRINQUEDOS CANTADOS

MEIRE IRÂNI

DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

O brinquedo cantado é atividade de grande valor educativo. É jogo simples e, por incluir tradição, música e movimento, é um forte agente socializador.

Em face das atuais condições de vida, nas quais se torna cada vez mais difícil o brinquedo de crianças em grupo, é um grande achado ver crianças reunidas para esse fim.

Por esta razão, é uma tarefa a mais a ser exercida no âmbito escolar, integrando o programa de Educação Artística ou Educação Física destinado a crianças de quatro a sete anos. É contribuição para o desenvolvimento das coordenações sensoriais e motoras. Educa o senso de ritmo e favorece a socialização. Desenvolve o gosto pela música e perpetua tradições folclóricas que, aos poucos, se extingue. Proporciona contato sadio entre as crianças e disciplina emoções.

O brinquedo cantado é próprio para as crianças do jardim da infância, da pré-escola e do ciclo básico do primeiro grau, ou seja, para as crianças na faixa etária dos quatro aos sete anos, idades em que elas manifestam o interesse pelo brinquedo coletivo. Nesse período da vida, a criança sente satisfação de estar de mãos dadas com os colegas, de cantar, de movimentar-se ao som de uma melodia e de participar dos mesmos gestos. Assim sendo, o brinquedo cantado é o primeiro passo para o ajustamento social da criança.

Torna-se aconselhável que o professor, para o êxito das atividades com brinquedos cantados, organize um planejamento para tais sessões, levando em conta, naturalmente, o número dos participantes, o desenvolvimento bio-psicológico do grupo, o local onde será realizado e as condições do tempo (sol ou chuva).

Mas mesmo que as atividades sejam programadas, o professor não poderá deixar de atender às sugestões partidas das próprias crianças. O que, sem nenhuma dúvida, aumentará o interesse pela atividade. Nesse caso, é preciso que o professor dê oportunidade às crianças tímidas para superar a inibição, encorajando-as e conduzindo-as à liderança, bem como con-

trolar os desejos das crianças dominadoras, as prepotentes, ensinando-lhes a necessidade de união e respeito ao direito das outras.

O brinquedo cantado integra a criança ao grupo, preparando-a para a vida em sociedade.

Recolhemos em Olímpia, três brinquedos cantados que podem transmitir às crianças o gosto pela tradição, além de apresentarem valor educativo e imprimirem na alma, através de melodia singela, duradouras recordações.

I - SENHORA DONA CONDESSA

Só meninas

Faz-se uma fila de meninas de mãos dadas e a menina escolhida (cavaleiro) se aproxima, lentamente, do grupo, pára a pouca distância e canta:



1 - Senhora dona condessa
Ou de França ou de Valença
O seu rei mandou pedir
Uma de vossas filhinhas
Pra com ele se casar.

A fileira de meninas avança uns passos cantando e voltando ao lugar primitivo:

2 - Minha filha eu não dou
Nem por ouro, nem por prata,
Nem por ouro, nem por prata,
Nem por sangue do nagão.

A menina (cavaleiro) dá um passo à frente:

3- Vou chegando tão alegrinha,
Vou voltando tão tristonha,
Pela filha da condessa
Que nem uma vou levando.

O grupo canta, parado:

4 - Corta, corta, cavaleiro,
Corta e volta bem depressa,
Vem escolher a qual que quer,
Vem escolher a qual convém.

A menina (cavaleiro) se aproxima do grupo:

5 - Esta quero, esta não quero,

Esta eu quero por demais,
Esta come o pão da mesa,
Vem pra cá, meu coração.

Nesta estrofe, ela canta colocando a mão direita sobre o peito de cada menina. Quando ela diz: **o pão da mesa** é esta a menina que a substituirá no brinquedo.

Recomeça-se o brinquedo e só terá fim quando todas forem escolhidas.



COMENTÁRIOS:

1 - Pelo texto cantado, deveria aparecer, pelo menos, um menino no brinquedo: **Corta, corta, cavaleiro** (estrofe 4) - (o mensageiro do rei - cavaleiro). No entanto, no bairro onde colhemos o brinquedo, os participantes eram só meninas: **Vou chegando tão alegrinha** (estrofe 3).

2 - Compõe-se de cinco estrofes. O brinquedo é um diálogo cantado entre a menina que leva o pedido do rei e o grupo (condessa e suas filhas).

3 - A primeira estrofe diverge das demais. Tem cinco versos (quintilha), enquanto que as outras são formadas de quatro versos (quartetos).

4 - Os versos ficam soltos entre si (versos brancos), com exceção da segunda estrofe em que o 2º verso se repete no 3º, rimando os vocábulos prata/prata: rima emparelhada. Também na terceira estrofe há rima emparelhada entre o 1º e 2º versos: alegrinha/tristonha.

5 - Trata-se de um tema do romanceiro. Quanto à execução musical há solo e coro. Andante.

Todas as estrofes são cantadas com a mesma melodia. Cabe uma observação quanto à primeira estrofe que é constituída de cinco versos, divergindo das outras que têm estrutura em quadras, havendo um pequeno desequilíbrio musical. A 4ª frase musical tornou-se necessária para atender às exigências sintáticas.

6 - No 4º verso da segunda estrofe aparece a palavra **nagão**, variante de **nagã** (bra-

RECREAÇÃO INFANTIL

sileirismo): revólver grande de cano longo, usado na cavalaria.

II - MARIQUINHA RIFOFÓ

Só meninas

Escolhe-se a "Mariquinha" e faz-se uma roda com ela ao centro.



1 - Mariquinha rifofó, rifofó,
Arrasta a saia pela lama, rifofó,
Ela, ela, ela, ela é meu bem,
Se morrer fico sem meu amor.

2 - Mariquinha sacode a saia,
Mariquinha levanta o braço,
Mariquinha tem dó de mim,
Mariquinha me dá um abraço.

DESENVOLVIMENTO

Quando cantam: "Mariquinha rifofó...", ela requebra.

"Arrasta a saia...", ela se agacha, arrastando a saia.

"Ela, ela..." e "Se morrer...", ela fica com a mão direita no peito.

"Mariquinha sacode a saia", com as duas mãos à altura das coxas, ela sacode a saia.

"Mariquinha levanta o braço", ela levanta os dois braços e permanece com eles levantados até quando se canta: "Mariquinha me dá um abraço". Aí, então, ela abraça uma das meninas.

A menina abraçada passa a ser a "Mariquinha". Vai para o centro da roda e a menina que a abraçou entra em seu lugar.

O brinquedo continua até que todas tenham sido a "Mariquinha".



COMENTÁRIOS

1 - Compõe-se a música de duas estrofes.

Na primeira estrofe os versos são brancos. Na segunda, rimam o 2º com o 4º versos. Esquema rimático: abcb.

2 - Brinquedo cantado, de roda, simples, com uma figurante ao centro que obedece às ordens cantadas pelo grupo. Participam só meninas.

3 - Cantado em coro com andamento alegre moderado. Quanto à estrutura, reúne duas diferentes melodias: AB, uma para a primeira e outra para a segunda estrofe. É tema da vida social.

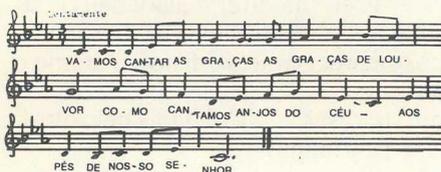
4 - A palavra rifofó, empregada nos dois primeiros versos da primeira estrofe, além de completar a frase musical, tem o sentido de muito sutil, dengosa.

III - VAMOS CANTAR AS GRAÇAS

Só meninas

Escolhe-se uma menina e esta vai esconder-se.

O grupo canta:



1 - Vamos cantar as graças,
As graças de louvor,
Como cantam os anjos no céu
Aos pés de Nosso Senhor. (bis)

Aí, a menina se levanta do esconderijo, com um véu branco e uma grinalda sobre a cabeça e, em atitude de louvor, caminha em direção ao grupo das amigas que estão em fileira, de mãos dadas.

O grupo continua cantando:

2 - Lá vem vindo um anjo,
Um anjo lá do céu,
Não é anjo, é uma virgem,
Porque está de grinalda e véu. (bis)

A virgem, a passos lentos, chega em frente da fileira de meninas e canta:

3 - Ando por aqui,
Por aqui ando eu,
À procura de uma de vocês
Pra levar aos pés de Deus. (bis)

À medida que a virgem vai cantando, põe a mão na cabeça de cada menina.

A menina em que puser a mão quando estiver cantando a palavra Deus, é a que vai esconder-se.

O brinquedo continua até que elas se canssem.



COMENTÁRIOS

1 - Três estrofes heterométricas, pois aparecem versos de 5, 6, 7, 8 e 9 sílabas poéticas. Rimam o 2º e 4º versos de cada estrofe. Esquema rimático: abcb.

2 - A música é lenta e o tema totalmente religioso. As três estrofes são cantadas com a mesma melodia.

CONCLUSÃO

A letra, música e movimentação dos brinquedos cantados que apresentamos foram fielmente recolhidos da transmissão oral.

O grupo de crianças foi observado várias vezes nas primeiras horas da noite, cantando num mesmo local, ocupando, inclusive, a calçada dos transeuntes, no Jardim Santa Ifigênia, de Olímpia, próximo à Avenida Constitucionalista.

Indagamos sobre estes três brinquedos cantados, se haviam aprendido na escola.

A resposta foi negativa. Disseram que eram alunas da Creche Narizinho, mas lá aprenderam outros brinquedos, que também brincavam ali.

Os três brinquedos que recolhemos, as crianças aprenderam com as colegas mais velhas do bairro.

Brincam natural e espontaneamente. E com muito espírito de justiça, pois quando iniciam o brinquedo, havendo necessidade de destacar alguém, aplicam uma fórmula de escolha, através de solfas para seleção. Escolha justa e rápida.

O Jardim Santa Ifigênia é bairro populoso, de pessoas pobres, próximo ao centro da cidade.

Na oportunidade, rendemos nossos agradecimentos ao Prof. José Sant'anna que nos recomendou esta pesquisa, ao maestro Antônio Possato, que cuidou da tecnografia musical, e à Profª Maria Inês Franzin que nos indicou o local dos brinquedos dessas crianças.

Rosa, Rainha das Flores

INEH BUENO DE CAMARGO
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

Rhodd, Rhodon, Rosa, Rose, Rosen, Rôza, Rocza, Rouze, Roose, Ros, Oussrath, Nisrin, Chabalsseleth, estranhos nomes aos nossos ouvidos interioranos que, em síntese, nada mais são que rosa. Rosa, a rainha das flores. Rosa, a magia dos jardins. Rosa, o presente dos deuses aos mortais.

Cerquemo-nos de rosas, híbridas ou verdadeiras, o nosso mundo ficará mais belo, nossas mágoas serão aliviadas, nossas dores passarão, nossa mente abrir-se-á para a harmonia universal.

Há cerca de 60 milhões de anos (!) a rosa vem encantando os homens, por sua perfeição, falsa fragilidade, perfume, valor estético. Foi encontrada, em meio a fósseis, uma rosa mumificada entre 25 e 40 milhões de anos. Como milhões de anos é tempo demais para nossos meios de medição, digamos que a rosa encanta o ser humano bem antes do advento do cristianismo.

Os chineses com ela enfeitavam seus lares há uns 5 mil anos. Os egípcios também. Houve um faraó que foi sepultado entre rosas, rosas que permaneceram perfeitas em sarcófago, encontrado neste século, é claro, secas. Os gregos amavam as rosas, levaram-nas a Roma, onde foi adotada e fixou-se como nativa por centenas de anos. Nero cercava-se de rosas, talvez para ocultar o ranço do seu ódio à humanidade, aliviado pelo perfume dessa imortal rainha.

Quem disse que a rosa era a rainha das flores não fomos nós, mas Safo, poetisa grega que viveu seis séculos antes de Cristo. No Brasil, as rosas foram trazidas, provavelmente, pelos jesuítas, entre 1560-1570. Anchieta, em carta, registrou o uso das rosas em andor de procissão. E, D. Pedro I, em 1829, criou a Ordem da Rosa, para benfeitores do Império, civis e militares.

Como não nos prendemos apenas à história, urge esclarecer a que nos propomos: demonstrar que a rosa, pela magia que evoca, pelo poder atrativo que possui, mexe com a imaginação do homem, permite-lhe vôos da fantasia, modifica-lhe o dia-a-dia, pauta seu caminho em duras travessias. A rosa entrou para o nosso folclore, graças ao homem que a "divinizou", que a transformou de bela planta da famí-

lia das Rosáceas, parente próxima dos morangos, pêssegos, cerejas e maçãs, em motivo de conversa que não tem fim. Está nos versos, nas quadrinhas, nos correios-elegantes, na música, nos contos, em todos os setores da vida moderna. Rosa é assunto inesgotável, fonte de temas pitorescos e literários.

"Dois senhores louvavam a maravilha da criação e diziam que a natureza não tem adorno nem encanto, nem primor comparável à rosa.

Depois falaram do corpo humano que também lhes parecia digno de admiração, embora lhe encontrassem defeitos muito graves.

- Eu compreendo, disse um deles, que tínhamos necessidade de olhos para ver, mas acho que o corpo do homem ganharia muito suprimindo essa coisa feia que é o nariz.

- Pois eu lhe direi, respondeu o outro, que a piedade suprema de Deus se mostra precisamente nisto: inventou o nariz depois de ter sentido como cheiram as rosas..." (Coletado pelo Prof. José Sant'anna).

Já que temos nariz, podemos, então, falar do quanto a rosa pertence ao nosso meio, de que forma ela enriquece a vida do homem atual, especialmente daqueles que, pouco esperando na corrida para o sucesso, fazem dela o seu amuleto precioso no espinhoso peregrinar. São fontes perenes de inspiração às Trovas Folclóricas. Vejamos as coletadas pelo Prof. José Sant'anna:

1 - A **rosa** é muito bonita,
A roseira tem espinho;
Eu não vivo com você
Por falta do seu carinho.

2 - A **rosa** traz alegria,
Cravo alegria nem traz;
É por isso que prefiro
Teus carinhos, nada mais.

3 - Se a **rosa** tem espinho,
Não deixa de ter perfume,
Se o amor tem seu carinho,
Não deixa de ter ciúme.

4 - Sou a **rosa** perfumosa
E todos gostam de mim,
Por isso é que me fizeram
A rainha do jardim.

5 - Joguei a **rosa** pra cima,
De tão alta desfolhou;
Vê se vai na minha casa,
Porque na tua não vou.

6 - Como a **rosa** se mudou
Do jardim para o deserto,
Ama-se mesmo de longe
Quem não pode amar de perto.

7 - Oi que **rosa** tão bonita
Que desta porta saiu;
Os anjos gritaram: viva!
A porta do céu se abriu.

8 - Semeei a **rosa** roxa
Numa noite de São João,
Em vez de nascer no vaso,
Nasceu no meu coração.

9 - Eu plantei a **rosa** e o cravo
Tudo na mesma "vasia",
O cravo disse pra rosa:
Isso mesmo é que eu queria.

10 - Caiu uma **rosa** do céu
E ela formou um jardim,
Gostaria de saber
Se você gosta de mim.

11 - Ganhei uma **rosa** branca
De tão linda, ela murchou,
Deus abençoe tua mãe
Que tão linda te criou.

12 - Eu não quero **rosa** aberta
Porque toma muito vento,
Eu quero **rosa** fechada,
Porque meu bem está dentro.

13 - Quero bem a **rosa** branca
Que se cria no jardim,
Quero mais a sua mãe
Que criou você pra mim.

Variante - Eu gosto da **rosa** branca
Que nasceu no meu jardim,
Gosto mais de sua mãe
Que criou você pra mim.

14 - Eu gosto da **rosa** branca,
Do perfume que ela tem;
Quem tem amor, tem ciúmes,
Quem tem ciúmes, quer bem.

15 - Eu gosto da **rosa** branca
Por ser mãe de toda flor,
Eu gosto da minha sogra

RODOLOGIA E FOLCLORE

Por ser mãe do meu amor.

16 - Tu és minha **rosa** branca,
Eu sou teu cravo cheiroso;
Eu moro no campo triste,
E tu no jardim formoso.

17 - Se eu fosse uma **rosa**
Te daria um botão,
Mas como sou uma jovem,
Dou-te um aperto de mão.

18 - Não te mando uma **rosa**,
Porque não tenho jardim,
Mando-te este correio
Pra não se esquecer de mim.

19 - Com erre se escreve **rosa**,
Com bê se escreve botão;
Com a se escreve alguém,
Alguém do meu coração.

20 - Plantei uma bela **rosa**
E esta rosa cresceu,
Eu e "ocê" nos conhecemos
E o nosso amor nasceu.

21 - Eu plantei um pé de **rosa**
Em um monte de areia,
Quem falar com meu amor
Tem dez anos de cadeia.

22 - Plantei um pé de **rosa**
No fundo de uma caneca,
As mocinhas de hoje em dia
Têm rostinho de boneca.

23 - Queria ser uma **rosa**
Para estar em seu jardim,
Pra saber que você pensa
Quando está longe de mim.

24 - O perfume de uma **rosa**
Espalhou pela cidade,
Namorar mesmo, não quero,
Quero somente amizade.

25 - Minha mãe é uma **rosa**,
Sou neta de uma roseira,
Não posso deixar de amar
Uma flor que tanto cheira.

26 - A mocidade é uma **rosa**,
Nossa vida é uma roseira,
Deus nos amarra à segunda
E o tempo tira a primeira.

27 - Do galho nasceu a **rosa**,
Da rosa nasceu a luz
E de um cravo encarnado
Nasceu o Menino Jesus.

28 - Passei por um pé de **rosa**
Cinco folhinhas apanhei,
Dos meus cinco namorados,
Só de você eu gostei.

29 - Você é bela **rosa**

E eu sou o seu espinho,
Estamos no mesmo galho,
Talvez no mesmo caminho.

30 - Não consigo apanhar **rosa**
Por causa dos seus espinhos,
Não consigo ser feliz
Por falta dos seus carinhos.

31 - Outro dia eu vi a **rosa**,
Chorando que nem menina,
Porque viu o cravo branco
Namorando a cravina.

32 - De encarnado veste a **rosa**,
De verde o manjeriço;
De branco veste a açucena,
De luto meu coração.

33 - Minha sogra é uma **rosa**,
Meu sogro é um botão,
A filha deles é a chave
Que trancou o meu coração.

34 - Se você fosse uma **rosa**
Eu queria ser jasmim,
Morando num só canteiro
Do nosso imenso jardim.

35 - O cravo tem vinte pétalas,
A **rosa** tem dezesseis;
Ou me queres para sempre,
Ou me esqueças de uma vez.

36 - Vai, meu cartão venturoso,
Cheirando **rosa** e jasmim,
Vai dizer àquele ingrato
Que não se esqueça de mim.

37 - No tempo em que eu te amava
Eras **rosa** sem espinho;
Agora que eu não te amo,
Não quero ver teu focinho.

38 - Eu gosto de todas flores,
Da **rosa** um pouquinho mais,
Meu amor chama-se Rosa
E dela eu gosto demais.

39 - Antigamente eu te amava
Como **rosa** na roseira,
Hoje somente te amo.
Como agulha no palheiro.

40 - Da outra banda do rio
Tem uma **rosa** pra abrir,
Eu queria ser sereno
E nesta rosa cair.

41 - Quando nesta sala entrei,
Eu senti cheiro de **rosa**,
Meu coração já me disse:
Aqui tem moça formosa.

42 - Mande fazê uma barca
Toda enfeitada de **rosa**
Pra passá c'o meu benzinho
Na frente das invejosa.

Variantes:

Mande fazer um barquinho
Da raiz do pé da **rosa**
Pra tirar o meu benzinho
Do meio das invejosa.

Mande fazê um barquim
Todo enfeitado de **rosa**
Pra sentá c'o meu benzim
No meio das invejosa.

43 - Há muita moça travessa
Que vai por onde outras vão,
Pondo **rosa** na cabeça
E nada no coração.

44 - A mãe é como roseira
A enfeitar os caminhos,
Guarda a **rosa** para os filhos
E para ela, os espinhos.

45 - Eu vivo sempre pensando
Quando floresce uma flor,
Será breve como a **rosa**
A vida do nosso amor.

46 - Namorei uma menina
Mais linda do que o jasmim,
Mais bonita do que a **rosa**
E todas flor do jardim.

47 - No coração da criança
Tem uma roseira em flor,
Cada ano é uma **rosa**,
Cada espinho é uma dor.

48 - Trilhando por muitas terras,
Passei por muitos caminhos;
Pois quem quer amar a **rosa**,
Suportará os espinhos.

49 - Menino de dente de ouro *
É bonito quando ri,
Parece um botão de **rosa**
Quando está querendo abri.

* Dente de ouro: Houve época em que era elegante ter-se um dente chapeado de ouro.

50 - Tua graça de menina
Faz de mim o teu escravo,
Tua alma será minha,
Tu és **rosa**, eu sou cravo.

51 - Da banda que o sol esquenta
Eu tenho minha roseira;
Quanto mais o sol aquece
Tanto mais a **rosa** cheira.

52 - A coruja cantou alto
Perto da minha janela,
Eu comparo o meu amor
Como **rosa** amarela.

53 - Sete cravos, sete **rosas**
Formam lindo ramallete,
Meu benzinho está no meio,

RODOLOGIA E FOLCLORE

Servindo de alfinete.

Variante: Cinco cravos, cinco rosas

Adornam um ramallete,
Meu amor está no meio,
Servindo de alfinete.

54 - Procurei no dicionário
A letrinha mais formosa,
Encontrei a letra *cê*
Dentro de um botão de *rosa*.

55 - Se a *rosa* branca soubesse
O perfume que a roxa tem,
Pousava um dia em sereno
Pra ficar roxa também.

Variante: Se a *rosa* branca soubesse

O cheiro que a roxa tem,
Tomava sol e sereno
Pra ficar roxa também.

56 - Menino de calça branca,
Camisinha cor-de-rosa;
No meio de tanta gente,
Parece um botão de *rosa*.

Variante: Menino de calça azul,
De camisa cor-de-rosa,
No meio de outros meninos,
Parece um botão de *rosa*.

57 - *Rosas* vermelhas e brancas
Há demais em minha sala,
O dia que eu não te vejo
Chego até a perder a fala.

58 - As *rosas* é que são belas
Os espinhos é que picam,
Mas são as *rosas* que caem,
São os espinhos que ficam.

59 - As *rosas* são belas flores,
Os lírios belos também,
Porém, entre meus amores,
É a você que eu quero bem.

60 - Não há *rosas* sem espinho
Nem espinho sem picar,
Não há amor sem ciúme,
Nem ciúme sem amar.

61 - Se lágrimas fossem *rosas*
Que por ti tenho chorado,
O meu quarto, onde durmo,
Seria um jardim florado.

62 - Meu coração viu as *rosas*,
Os espinhos não os viu,
Fez do amor um punhal
E a si próprio feriu.

63 - Eu gosto muito das *rosas*,
Das que nascem no jardim,
Abençoada sua mãe
Que doou você pra mim.

64 - Eu não te ofereço *rosas*,
Porque elas têm espinho,
Mas te dou meu coração
Com todo amor e carinho.

65 - Sete cravos, sete *rosas*
Na ponta de uma varinha,
Tenho fé em Nossa Senhora
De sua mãe ser sogra minha.

66 - Passei por uma igreja,
Duas *rosas* atirei,
Uma delas me dizia:
Jamais te esquecerei.

67 - Andando pela floresta,
A floresta escureceu;
No meio de tantas *rosas*,
Meu amor apareceu.

68 - Por te amar, sempre peço:
Não quero sofrer ciúme:
O vento desfolha as *rosas*,
Mesmo assim fica o perfume.

69 - Por seu amor eu sofri
Andei horríveis caminhos;
Parti coberto de *rosas*,
Voltei cheinho de espinhos.

70 - Os seus lábios são tão belos,
Sua boca tão mimosa,
São pintados com a tinta
Com que Deus pintou as *rosas*.

71 - As *rosas* que se desfolham
Não voltam mais em botão,
O amor que se acaba
Não volta ao coração.

Variante: As *rosas* que desfolharam
Não voltam mais ao botão,
Um amor que terminou,
Nunca volta ao coração.

72 - Entre *rosas* eu nasci,
Entre cravos fui criada;
Numa noite tão bonita,
Por teus lábios fui beijada.

Variante: Nas *rosas* fui nascida
Entre cravos fui criada;
Numa noite de luar
Por você eu fui beijada.

73 - Entre flores fui nascido,
Entre *rosas* fui criado,
Entre cravos fui perdido,
Em teus braços fui achado.

Variantes:
Entre cravos eu nasci,
Entre *rosas* fui criado,
No mato entrei, me perdi,
Nos seus braços fui achado.

Nas *rosas* eu fui perdido,
Nos cravos eu fui criado,

Nos matos fui percebido,
Nos teus braços fui achado.

Trovas heptassilábicas. Rimam o 2.º e 4.º versos.

As quadras 3, 42 (variantes), 43, 59 e 73 (e suas variantes) são de rimas alternadas: o 1.º verso rima com o 3.º e o 2.º com o 4.º.

E as *rosas*, suntuosas, prosaicas, singelas, continuam firmes o seu roteiro, embelezando jardins, praças, ornamentando altares de igrejas, mesas de banquetes, festas de casamento, aniversários, bodas de ouro, prata, símbolo de saudade sobre túmulos, perfumando janelas de casebres, envaidecendo colecionadores, viajando pelos ares de avião, pelos mares em navios, em furgões frigoríficos por terra, exportadas, importadas, podadas, esmagadas, enaltecidas sempre.

Nascidas há milhões de anos ou, segundo os muçulmanos, quando Maomé subiu aos céus, essas flores majestosas mexem com a imaginação do homem. É há, até, aqueles anti-*rosas*:

“As *rosas* é que são belas,
São os espinhos que picam,
Mas são as *rosas* que caem,
São os espinhos que ficam.”

No entanto, ninguém guardará um espinho entre páginas de um “diário”, nem uma recordação de etéreo perfume entre lençinhos esquecidos. O espinho seca, esfarela-se, morre sem lembranças. A primeira *rosa* que a juvenzinha recebe não será esquecida, mesmo que a fase romântica tenha passado. Um botão oferecido à professora, um “maitre” de bom restaurante estendendo-o à senhora à mesa, a mãe recebendo-o de um pequerrucho que o roubou de um canteiro, o rapaz sem jeito estendendo-o à mulher querida, são momentos eternos na mente de qualquer pessoa.

A *rosa* é símbolo perpétuo de carinho, de amor, de beleza, de força e fragilidade conjugadas e, segundo entendidos, a cor branca diz respeito a amor oculto, a vermelha de amor entre namorados, a encarnada a amor platônico, a vermelho-negra aos malefícios que destroem o amor.

Tem, também, a sua linguagem própria, a chamada **Linguagem das Rosas**.

Rosa Amarela - você será sempre meu bem.

Rosa Almiscarada - beleza caprichosa.

Rosa Amélia - murmuração.

Rosa Aveludada - gentileza.

Rosa Azul - hoje ou amanhã na-

RODOLOGIA E FOLCLORE

moraremos.

Rosa Branca - afeição.

Rosa Branca Cheirosa - laços indissolúveis.

Rosa Branca e Encarnada - fogo do coração.

Rosa Capuchinha - brilhantismo.

Rosa de Cheiro - (encarnada) - sou assaz feliz.

Rosa da Índia - estima constante.

Rosa do Japão - amor.

Rosa-de-Jericó - graça, beleza.

Rosa Maxixe - doces instantes vivi.

Rosa de Musgo - amor, voluptuosidade.

Rosa das Quatro-Estações - formosura inalterável.

Rosa de Todo o Ano - continue e vencerá.

Rosa de Touca - você é o meu único amor.

Rosa - (uma pétala de) - nunca será importuno.

Rosa Brava - efeição descrente, ansiedade, poesia...

Há, nessa linguagem meio difícil, coleta do Prof. José Sant'anna, algumas dificuldades aparentes: onde há rosa de touca? ou a almiscarada? ou a capuchinha? Rosa é rosa, qualquer seja ela, um símbolo de amizade e simpatia. Sem cor, sem idade, sem raça, um gesto de carinho daquele que oferece, um mundo de emoções de quem recebe.

Por ser tão amada, lendas sem conta envolvem a rosa. Algumas coletadas aqui e ali, pelo Sant'anna:

1 - A ROSA

Em tempos que já vão longe, quando os deuses ainda habitavam a Terra, vivia na cidade grega de Corinto uma mulher muito bela chamada Rodanta. Era tão bela que todos os homens e até os reis queriam casar-se com ela.

Para fugir ao assédio dos admiradores, Rodanta escondeu-se no templo de Diana, mas os homens arrombaram as portas do recinto sagrado. Enfurecida com aqueles desrespeitos, a deusa Diana deu uma de feiticeira: transformou Rodanta numa rosa vermelha. E os que a perseguiram viraram...espinhos!

2 - A ROSA-DE-JERICÓ

Curiosa lenda cerca a chamada rosa-de-jericó, também conhecida como flor-da-ressurreição. Dizem que ela é assim chamada por ser dotada da singular propriedade de murchar e depois tornar a florescer. Conta a lenda que a rosa-de-jericó nasceu aos pés da Virgem Maria quando ela fugia de Belém

com José, levando o Menino Jesus. A roseira continuou a florir enquanto Jesus viveu. Quando ele foi crucificado, as rosas murcharam. Mas, assim que Cristo ressuscitou, as rosas também reviveram, voltando a florir.

3 - POR QUE AS ROSAS TÊM ESPINHOS?

Certa vez a fada Sinceridade veio à Terra em busca de uma criança boa. Procurou demais, mas não encontrou nenhuma. Umam brigavam, outras discutiam, outras falavam nomes feios. Muitas desobedeciam a seus pais.

A fada ficou muito triste e pôs-se a pensar como poderia fazer para que as crianças fossem boas. Por fim, resolveu:

- Vou arranjar muitos espinhos e, à noite, quando elas estiverem dormindo, vou pôr, em cada coraçãozinho, um espinho.

Mas depois se lembrou:

- Onde vou colher tantos espinhos para tantas crianças?

Foi quando se lembrou da rainha das flores. Procurou uma rosa branca e contou a ela o que resolvera fazer.

A rosa respondeu:

- Eu te ajudarei. Volte amanhã, à noite, e terá os espinhos para serem usados.

Quando a fada Sinceridade se foi, a rosa branca começou a encher seus ramos de espinhos, pontiagudos e pequeninos. As demais rosas, ao saberem a razão daqueles espinhos, quiseram ajudar.

Na noite seguinte, quando a fada Sinceridade voltou, pôde encher, facilmente, muitas cestas de espinhos. E partiu para colocar no coração de cada criança um pequeno espinho para que recordassem sempre as coisas boas que têm de fazer.

E, quanto às bondosas flores que deram seus espinhos, seu bom serviço mereceu um prêmio, porque com seus espinhos, nunca mais as cabras vieram comer seus ramos. Nem as vacas e outros animais vieram pisoteá-los.

Além das muitas lendas, a rosa está presente em número imenso de Crenças, Adivinhas, Simpatias. Lá em Dueré - TO, enquanto passávamos uns dias felizes pescando, encontramos um livreto, muito manuseado, autor Irmão Cirilo, esclarecendo haver 6460 Receitas Botânicas. Entre elas, muito sobre rosas. Apresentando:

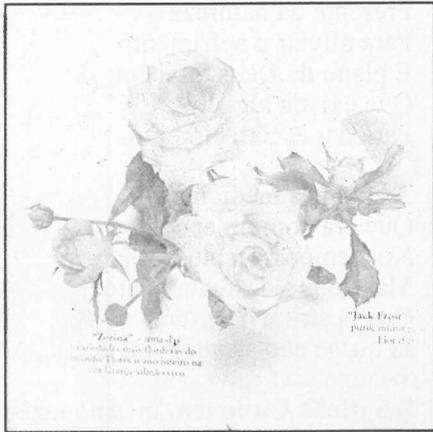
As plantas podem transformar-se
Em valorosos medicamentos
Têm seu valor, seu talento

Presente da natureza
Para aliviar o sofrimento
É plano de Deus também
Que existia alguém
Para dar esclarecimento.

As plantas medicinais
Que era comum encontrar
Nos tempos dos nossos pais,
Mas com o desmatamento
Que destruiu o sertão,
Já quase não se vêem mais.

E o irmão Cirilo tem mesmo razão. Mas a rosa fica, é cultivada, não depende de matas, até não gosta de viver à sombra, quer sol, vento e ar puro. O livreto dá receitas:





1- PREPARAÇÃO DO CHÁ DE PÉTALAS

Colocam-se (não diz quantas) pétalas de rosas num caneco com 1 litro d'água. Ferve-se de 5 a 20 minutos. Deixa-se o cozimento bem tampado, coa-se e aí está pronto para ser servido - 3 a 5 xícaras por dia, preferivelmente quente, com mel ou açúcar.

2- PREPARAÇÃO POR MACERAÇÃO

1 a 2 colheres de sopa de pétalas de rosa para cada xícara de água, fria ou quente. Coloca-se em garrafa ou garrafa acrescentando-se pinga ou vinho à vontade. Se for pinga, são necessários 9 dias para macerar e vinho bom, um pouco menos: 7 ou 8 dias. Faz curas miraculosas - asma, bronquite e outros males respiratórios, além do seu valor social.

Em seguida, explicações: há rosa de todas as cores. As pétalas das rosas, em medicina caseira, são **adstringentes, calmantes, digestivas, refrescantes e laxativas**. Quando comidas, são usadas contra **inflamação da boca, garganta, amígdalas, estômago ou digestões difíceis, intestinos, diarreia, prisão de ventre**. Servem para compressas sobre os olhos inflamados, cansados ou avermelhados.

O suco das folhas ou das flores pode ser aplicado em tumores, queimaduras e hemorróidas. O suco com vinagre, posto sobre manchas da pele, as faz desaparecer, servindo, ainda, para aliviar dores de picadas de abelhas. Em maceração se preparam, também, perfumes e licores.

Deixando as 6460 receitas do Irmão Cirilo, vamos ver outras coletadas pelo Sant'anna em Olímpia e por nós em Pirangi, Dueré e São Paulo.

1- PARA ACABAR COM AS PULGAS

Espalha-se folhas de rosas por cima da cama. Se não for tempo de rosas, aspergir algumas gotas de essência de rosa. Pessoas nervosas não devem fa-

zer uso dessa essência. (não justifica o motivo).

2 - SE HOVER PROBLEMAS EMOCIONAIS

Coloque algumas pétalas de rosa branca dentro de um recipiente com água, juntamente com hortelã e mel. Deixe o recipiente no quintal durante a noite. No dia seguinte, antes que o sol apareça, recolha-o e tome um cálice em jejum, meia hora antes do café.

Faça esta simpatia durante 7 dias, utilizando sempre uma nova vasilha e um novo preparado. Pare por 7 dias e repita, novamente, por outros 7 dias. Curar-se-á.

"Receita" da Bahia, de Dona Gandovalina Pereira - Livro **Simpatias e Curas**.

3 - Dona Gandovalina ainda explica: há muitas variedades de rosas, das quais a medicina faz uso: **rosa-de cão ou silva-macho; rosa-de-cem-folhas** ou da **Alexandria, rosa de musgo**. As pétalas dessas flores são adstringentes e o seu chá combate as inflamações dos olhos, se lavados com ele. E gargarejos curam moléstias da garganta. A **rosa Amélia**, sob a forma de chá, tem indicações nas hemorróidas.

4 - A infusão serve para abrir os olhos da criança que está com dor d'olhos e acorda com olhos grudados. Ferver um copo d'água com as pétalas de uma rosa branca. Deixar esfriar. Passar à água, com o auxílio de um algodão, nos olhos da criança.

5 - **Depurativo do sangue**. Apanhar três rosas brancas, retirar-lhes as pétalas e pô-las a ferver num litro de leite. Dê a pessoa para tomar, quanto quiser, a qualquer hora.

6 - **Calmante**. Pôr a ferver em meio litro d'água três rosas brancas. Adoçar bem e tomar frio, de preferência à noite.

7 - **Descarrego**. Para retirar os males do corpo, impostos pela inveja, trabalhos feitos, etc., ferver, num litro de água muito limpa, as pétalas de 3 rosas brancas. Depois de tomar o banho costumeiro, a pessoa despeja, do pescoço para baixo, esse cozimento, água e pétalas juntas. A seguir reza uma Salve Rainha.

Obs.: As receitas" 4, 5, 6 e 7 foram cedidas por Dona Narcisa Batista Franzin, de Olímpia.

8 - É bom ter uma rosa natural dentro de casa. Atrai sorte.

9 - Para a criança ser bonita, feliz e inteligente, a mãe deverá enterrar seu umbigo debaixo de uma roseira.

10 - Menino brincar com rosas (ou outras flores) é mau sinal (agouro).

11 - **Oráculo das Flores**. Escolhe-se uma certa porção de flores, que se

põe uma ao pé da outra, em cima de uma mesa, dando-se a cada uma a significação que se escreve no papel:

Rosa branca: amor oculto.

Rosa encarnada: amor feroso...

Depois convida-se quem quer saber a decisão do Oráculo, a escolher uma flor e apresentá-la a qualquer pessoa. (sexo oposto, de preferência). Depois se relata o resultado.

Obs.: para saber a profissão do futuro esposo, pode-se colocar junto à flor: negociante, professor, padeiro. Procede-se da mesma forma.

12 - **Magia**. Ferver 2 litros de água e colocar 7 pétalas de rosa vermelha juntamente com 3 gotas de alfazema (ou outro perfume). Depois do banho, despejar a mistura, do pescoço para baixo, mentalizando bons fluidos.

13 - **Olhando a sorte** (para ver se vai casar com ele/ela).

Bem-me-quer e mal-me-quer.

Pega-se uma rosa qualquer e a desfolha, pétala por pétala, começando na primeira delas, dizendo: bem-me-quer; na segunda mal-me-quer. E assim por diante. Depois de haver despetalado tudo, o último dito é que confirmará se o amor é firme ou não, se haverá ou não casamento.

14 - **Sonhar com a pessoa amada**. Para ter bons sonhos com a pessoa amada durante o sono da noite, escrever num papel o seguinte:

Anjo da Guarda me deixe sonhar com (fulano) a quem hei de amar.

Em seguida, pegue uma pétala de rosa, que deve ir, junto com o papel escrito, para dentro de um envelope pequeno.

A hora de dormir, coloque o envelope debaixo do travesseiro. Ao fechar os olhos, para adormecer, repita trinta vezes a mesma quadra: Anjo da Guarda me deixe sonhar com (fulano) a quem hei de amar.

Depois, repetir mais trinta vezes apenas o nome da pessoa.

15 - **Para engravidar**. Para quem deseja ter um filho e encontra dificuldade de qualquer ordem, pegue um cacho de rosas brancas no terceiro dia da Lua Crescente e prepare com ele um chá. Tome três goles do chá e com o restante faça uma lavagem vaginal. Repita esse procedimento quando a menstruação estiver para chegar. Faça duas ou três vezes e o resultado será positivo.

16 - **Para que a pele fique bonita**. Para que pele fique sem mancha, sem rugas, sem espinhas ou verrugas, macia, enfim, pegue doze rosas vermelhas e desfie numa vasilha limpa, com água limpa e deixe-a ao sereno durante três dias seguidos. No quarto dia, lave o rosto com a água dessas rosas,

RODOLOGIA E FOLCLORE

pronunciando o seguinte:

Minha pele manifesta a pureza, a harmonia e delicadeza das mais belas criações do Universo. Assim, eu rezo e peço a Deus para que a minha pele fique sempre lisa e perfeita e para que nenhum olhar de maldade me enxergue. Assim seja.

17 - Para evitar que a menstruação venha num dia impróprio. Para que a menstruação não venha num dia de passeio, festa, etc., basta levar três botões de rosa vermelha junto ao seio esquerdo.

18 - Para conseguir namorado. Em três domingos seguidos tome um banho com água açucarada e, em seguida, outro banho de água fervida com pétalas de rosas, bem perfumadas. Ao sair de casa depois do banho, traje-se com roupas da cor que mais lhe agrade.

19 - Para curar males dos olhos. Deixa-se no sereno um copo de água, dentro do qual colocamos um punhado de pétalas de rosas e três galhinhos de arruda. No outro dia, molha-se nessa água uma aliança de ouro e passa-se nos olhos, para tirar a vermelhidão (coletado por Ruth Guimarães: Medicina Mágica - As simpatias)

20 - Terçol. Levam-se os olhos com água deixada no sereno, com três galhinhos de arruda e nove pétalas de rosa branca (idem).

21 - Simpatia para todos os males. Chá das pétalas da rosa benta do dia de Santa Rita de Cássia (da Ruth).

22 - Arrumar casamento. Pegue uma rosa e um cravo. Amarre-os com uma fita da mesma cor da rosa que você pegou. Fale o seu nome e o do seu namorado e durma uma noite com o ramallete sob o travesseiro. No outro dia, você joga fora, em água corrente, de preferência. O casamento acontecerá.

De dona Rosália dos Santos, Ubá, MG.

23 - Dor de estômago. Sobre pétalas de rosa seca, despejar água fervente. Coar, adoçar com mel e beber. Pode guardar e tomar frio, sempre que sentir sede.

24 - Dor d'olhos e garganta. Colocar em 1 litro e meio de água quente, cerca de 25 gramas de pétalas de rosas (uma xícara bem cheia) bem lavadas. Depois de 24 horas passar pelo coador de papel. Usar como gargarejo para dores de garganta ou, com 1 contagem, pingar nos olhos.

25 - Simpatia. Apanhar três rosas vermelhas. Escrever num pedaço de papel o que se deseja, dirigido a Iemanjá. Juntar as rosas e o papel e atirar às águas de um córrego, repetindo, em voz alta, o pedido.

USO DA ROSA NA CULINÁRIA

1 - Geléia de rosas. Cozinha num litro d'água até ficarem bem molinhas, as pétalas de 12 rosas.

Para cada xícara de pétalas cozidas, com o caldo, junte 3/4 de xícara de açúcar e volte ao fogo.

Acrescente o suco de um limão e deixe fervendo em fogo brando até dar ponto de geléia. Para certificar-se se está no ponto, derrame uma colherada num pires com água fria; a consistência deve ficar como a de geléia sem desmanchar na água.

Você pode servir a geléia pura, como sobremesa — chiquíssimo! como acompanhamento para torradas, pão ou bolo, ou usar como recheio de tortas.

2 - Iogurte com rosas. Ingredientes: 1 litro de leite cru ou fervido; uma lata de leite condensado; 1 copinho de iogurte natural; 1 pacotinho de gelatina sabor morango; 1 rosa vermelha grande.

Misture o iogurte ao leite morno. Logo ele estará coalhado. Coloque 1/4 de coalhada no liquidificador com as pétalas da rosa vermelha e bata por 3 minutos mais ou menos. Junte os outros ingredientes, bata bastante. Sirva bem gelado.

3 - Torta de rosas vermelhas. Ingredientes: 8 ovos; 8 colheres de farinha de trigo; 8 colheres de açúcar; 2 xícaras de pétalas de rosas e 2 colheres de suco de limão.

Misture os ovos, a farinha de trigo e o açúcar, bata bem, como massa de pão-de-ló. Coloque a massa numa forma untada com gordura vegetal e asse em forno moderado. Depois de assado, deixe esfriar e corte em camadas.

Recheio: lave as pétalas de rosas, enxugue, coloque numa vasilha, misture o suco de limão. Vá esfregando com as mãos para que o limão penetre nas pétalas. Deixe descansar 10 minutos. Coloque para cozinhar em 2 xícaras de açúcar. Quando as pétalas estiverem bem cozidas, junto 2 xícaras de açúcar e continue fervendo até formar uma espuma grossa. Esfriar. Recheie. Cubra a torta com glacê e enfeite com uma rosa vermelha bem no centro.

4 - Vitamina de rosas. Ingredientes: pétalas de 15 rosas, só escuras ou só claras; 1 litro de leite; 1/2 lata de leite condensado; 3 maçãs; 2 folhas de hortelã; 1 colher de suco de limão e açúcar a gosto.

Coloque no liquidificador as pétalas de rosas (devem ser novas), o suco de limão e as folhas de hortelã. Junte o leite e bata por 2 ou 3 minutos. Coloque em seguida o leite condensado, as maçãs picadas e o açúcar. Bata longamente. Sirva gelado.

5 - Licor de rosas. 30 rosas verme-

lhas, uma garrafa de pinga, meia xícara de açúcar. Tire as pétalas das rosas, lave-as e coloque na pinga por uma semana. Coe. Faça calda grossa e misture à cachaça. Coloque em garrafa bonita, tampe e espere maturar uns 8 dias antes de servir.

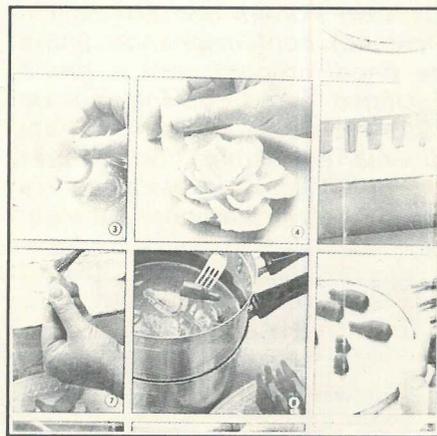
Obs.: Se quiser, pode dobrar a pinga e o açúcar, acrescentando umas gotas de essência de rosas.

PS - As receitas 1, 2, 3, 4 e 5 foram provadas pela mana Ideh, Pirangi - SP e, com alguns acréscimos, para maior rendimento, ficaram excelentes.

6 - Rosas de chocolate. Pique uma barra de chocolate com a faca de serra, derreta-o em banho-maria e faça o resfriamento.

Pincele o chocolate na forma própria para as rosas, de modo que as pétalas fiquem na espessura desejada. Leve à geladeira para secar e desenforme. Preencha com chocolate a área da forma que servirá de base à rosa. Com o chocolate ainda mole, monte as pétalas da rosa como achar conveniente. No centro, um pequeno cone de chocolate para servir de miolo. Enfeite com folhas plásticas ou naturais, leve à geladeira para secar bem. Faça os arranjos que quiser.

TRABALHANDO COM ROSAS



Rosa de chocolate



Rosas de chocolate

RODOLOGIA E FOLCLORE

1 - Rosa de papel crepom. Olímpia é a Roselândia de crepom, embora praças, ruas e jardins sejam pródigos em belas roseiras e encantadoras rosas. Mas há aqui um grande número de artesãos que primam pela confecção de rosas de papel crepom, papel de seda, de palha de milho, de bucha, de algodão, até de sabonete.

Corta-se o papel, no sentido das nervuras, tamanho que quiser, molde de pétala. Com a tesoura aberta, encrespa-se a extremidade. Com arame maleável, faz-se a haste, com miolo na ponta e ali, uma a uma, vão sendo ajeitadas as pétalas, usando-se goma arábica. Ou amarra-se bem, com linha forte. Cobre-se o cálice com papel verde, assim como a haste.



D. Rosa Pereira dos Santos (D. Rosinha) confeccionando flores de papel crepom para o grupo folclórico Terno de Moçambique "São Benedito", do Jardim Santa Ifigênia, de Olímpia. Suas rosas de papel são de uma beleza inconfundível. Parecem naturais.



D. Benedita Grecco Ribeiro (Dita) e Ademar Claudinei Celis preparando o material para a confecção de rosas de palha de milho para a exposição do Museu de História e Folclore "Maria Olímpia" e para a Primeira Exposição de Criatividade e Artesanato (28º Festival de Folclore - 9 a 16/8/1992)

Assim como D. Rosinha, outros olímpios: Ademar Claudinei Celis, D. Benedita Grecco Ribeiro, D. Edávia dos Santos, D. Eva Aparecida Pereira,

D. Felicidade Gil, D. Maria Alves Toledo, D. Marina Munhoz, D. Ritinha Giacóia, D. Teresinha Teixeira e muitas outras, produzem flores de papel crepom, de palha de milho ou de bucha, para o Festival do Folclore de Olímpia, realizado no mês de agosto.

2 - Desodorante de rosas. Ferver em meio litro de água bem limpa, as pétalas de 2 rosas brancas, de tamanho grande. Depois de bem fervido, deixar esfriar. Coar, acrescentar 1 xícara (chá) de álcool e algumas gotas da essência que preferir. Alfazema por exemplo. Aplicar debaixo do braço, após o banho.

Estas receitas bastam, pelo que sei, para sabermos que a rosa é importante como medicamento para vários males. É empregada com sucesso em simpatias, aumenta os encantos da mesa do brasileiro, enfeitam, agarram namorados, seguram amores, preenchem o dia de quem gosta de cuidar delas. Para agilizar o preparado de tantas poções e drogas é melhor plantar as roseiras.

TÉCNICA DE PLANTIO

Vejam como o pastor metodista de Olímpia, Reverendo Francisc Boitar, planta suas roseiras:

- 1º) Terra boa (argilosa, porosa).
- 2º) Corte um ramo bem maduro e sadio.
- 3º) Divida-o em estacas de 15 cm.
- 4º) Mergulhe-as mais ou menos 7,5 cm na terra, a uma distância de 20 cm uma da outra.
- 5º) Aperte bem a terra ao redor.
- 6º) Regue em seguida com água limpa.
- 7º) Plante as estacas em ambiente de sol, vedado com tela ou sombra de árvore.
- 8º) Não retire as folhas-mães das estacas.
- 9º) Mantenha as plantas em terra úmida.
- 10º) Em 30 dias as estaquinhas darão sinal de vida com gêmulas.
- 11º) Não enfiar as estacas com pressão.
- 12º) Ao envasar ou mudar as plantas de lugar, não arranque a muda; corte a terra ao redor dela, com o máximo de torrão.
- 13º) Agora sim, plante as mudas em terra bem adubada.
- 14º) O período ideal par plantar estacas de roseiras é o mês de junho, quando a roseira-mãe está em repouso completo.

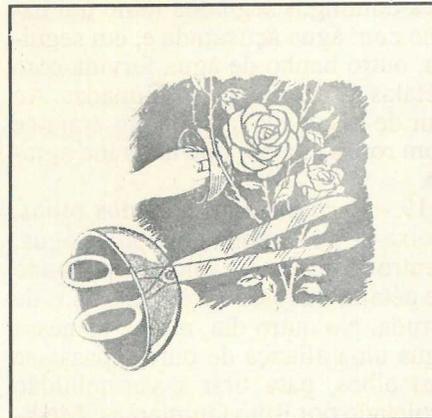
Bem, parece complicado mas não é. Ou, preferindo, faça como eu: pego um galho, com ou sem rosa, desfolho-o, enterro-o direto na terra molhada, rego sempre, logo tenho belas roseiras. Agora é importante: qualquer planta cresce segundo a mão de quem cuida dela.

Mão de seca-pimenteira só serve para plantar tiririca, e olhe lá! Mais uma dica: converse muito com minhas roseiras, bajulo-as, sou mãe-coruja. Bri-

go com os pulgões, ataco a ferrugem e outras pragas, com tudo que é inseticida. Formiga é nosso grande inimigo, mas com tenacidade eu acabo com elas.

Vem aqui uma sugestão para quem colhe rosas e não quer sofrer ferimentos.

Com uma banda de bóia de borracha, que se rasgou, faz-se um "escudo" excelente para usar no jardim, como proteção para a mão que empunhando a tesoura, tem que penetrar no meio dos espinhos.



CURIOSIDADE: ROSA DE OURO

A Rosa de Ouro que o Papa Paulo VI ofereceu ao Santuário de Aparecida pelo 250º aniversário, e que foi entregue no dia 15 de agosto de 1967, tem a forma de uma roseira inclusive com espinhos, e é a segunda que o Brasil recebe. A primeira foi concedida em 1888, pelo Papa Leão XIII, à princesa Isabel, como recompensa pela abolição da escravatura.

A doação da Rosa de Ouro é uma tradição de mil anos e por ela se quer demonstrar o apreço da Igreja a pessoas que se destacaram em sua dedicação à causa católica, ou para realçar santuários ou centros de devoção.

A Rosa de Ouro tornou-se muito rara a partir do século XVIII: Leão XIII enviou três rosas de ouro, Pio XII enviou uma. Paulo VI retomou a tradição, sendo esta a quarta que envia, sempre a santuários: a primeira, levou pessoalmente, em 1964, à Basílica da gruta de Belém, a segunda ao Santuário de Fátima, a terceira ao Santuário de Guadalupe, no México, e esta quarta a Aparecida.

(Extraído do artigo "Ano da Padroeira" revista Presente, nº XXI (setembro - outubro), 1967, página 25, Campinas - SP).

ALGUNS DADOS SOBRE A ROSA E A CRUZ

Misticamente, a rosa simboliza a iniciação, adquirida pela perseverança

RODOLOGIA E FOLCLORE

ça e sofrimentos. Para os alquimistas, era o símbolo da realização da "Magnus Opus" (Obra Magna) e, para os rotarianos, o emblema da perfeição atingida.

Rosa-Cruz, símbolo da rosa unida à cruz, indica o amor pelo auto-sacrifício, o segredo da imortalidade e a doce fragrância de uma vida santa. A rosa, por sua fragrância, seus ciclos de germinação e florescimento, decomposição e transformação em pó, representa os Ciclos da Vida. O fato de que a semente em desintegração, caindo na terra, encontra oportunidade de renascer, simboliza a continuidade da Vida.

A Cruz representa, esotericamente, as lutas e fardos da vida, o carma que deve ser suportado, enquanto que a Rosa representa o sigilo e a evolução. E explica um esotérico, Alberto Gabriel Bianchi (Camargo), de São José do Rio Preto: A Vida é representada pela Luz, a Aspiração pela Rosa e pela Cruz. A Morte pelas Trevas. Por isso, compreendemos que a Aspiração, o desejo de fazer algo, de servir, de concluir uma obra, de dominar as situações, saindo, finalmente vitoriosos, é possível por Meio do Carma (Cruz) que devemos suportar, e da Evolução (Rosa) que atingimos". Rosa - Cruz...

BODAS DE ROSA

As festas que comemoram aniversários de casamentos, deu-se o nome de bodas, que não se resumem às de prata, de ouro, de diamante.

Há comemoração e nomes para todos os aniversários que devem ser festejados com presentes que nem sempre são pedras. Incluem-se, também, tecidos, metais, vegetais, animais, até papel.

Aos 17 anos, portanto, ocorrem as Bodas de Rosa.

Ao pesquisar sobre rosas, pouco encontrei de brincadeiras infantis e música folclórica falando delas. Cheguei até a pensar que, pragmático como é o homem simples, o que "faz" o folclore, não encontre tempo para a rosa. Ou o machismo característico do brasileiro seja um obstáculo a esse declarado amor à rainha das flores. Um caso a ser estudado. Pelo menos, aqui em Olímpia, planta-se a flor, (quase sempre mulheres), colhe-se, usa-se rosa como enfeite, como remédio, pouco se canta a rosa. Pouca rosa nas brincadeiras infantis. Só uma adivinha com rosa. Com meu nome pequenino, /Sirvo à flor ou à mulher. /Também à ave que palra, /Adivinhe, se puder

- Rosa.

MÚSICAS FALAM DE ROSA

Músicas folclóricas

1 - O CRAVO E A ROSA (muito conhecida)

Roda infantil - Olímpia

O cravo brigou com a rosa
Debaixo de uma sacada
O cravo saiu ferido,
A rosa despedaçada.

O cravo ficou doente
A rosa foi visitar
O cravo teve um desmaio
A rosa pôs-se a chorar.
Etc.

2 - ROSA AMARELA (muito conhecida)

Roda infantil - Olímpia

Olha a rosa amarela,
Rosa tão bonita e tão bela (bis)

Iaiá, meu lenço, ô Iaiá!
Para me enxugar, ô Iaiá!
Esta despedida, ô Iaiá!
Já me faz chorar, ô Iaiá! (bis)

3 - BELA ROSEIRA (muito conhecida)

Roda Infantil - Olímpia

No meu jardim há uma roseira (bis)
Que solta rosas no mês do maio (bis)
Entrai, entrai, linda roseira (bis)
Faça caretas pra quem não gostar
E abrace a quem gostar mais.

4 - Lá do Céu

Moçambique



Lá do céu caiu uma rosa,
Ai com Deus
Do Rosário de Maria,
Ai com Deus.
E depois da rosa aberta,
Ai com Deus
Desfolhou na companhia
Ei com Deus.

Recolhida por Laura Della Mônica - Manual do Folclore, 1ª edição (1976), letra (página 159) e música (página 163), Produções Audiovisuais Brasileiras Ltda., São

Paulo.

Do livro "Abecê do Folclore", 6ª edição (1985), Ricordi, São Paulo, de Rossini Tavares de Lima, transcrevemos as melodias 5, 6 e 7.

5 - LEVANTEI DE MADRUGADA

modinha - página 235



Levantei de madrugada,
Serenava caindo,
Fui passeá no jardim,
Achei a rosa drumindo.
Eu dei um suspiro triste,
A rosa acordô-se rindo,
Me deu um abraço apertado
Que até hoje tô sentindo.
Etc.
(De um violeiro de Pocinhos do Rio Verde - MG, recolhida em 1947).

6 - ROSA COLHIA SOZINHA

modinha - páginas 218 e 219



Rosa colhia sozinha
Lindas flores no jardim,
E nas faces também tinha
Rosas da cor do carmim.

Eu lhe perguntei, ó Rosa,
Qual dessas rosas me dás,
As das faces primorosas,
Ou estas que unindo estás?

Ela me fitou sorrindo
E logo enrubesceu,
Depois, ligeira, fugindo,
De longe me respondeu.

Não dou-te as rosas das faces
Nem as que tenho na mão,
Daria se me estimasses
As rosas do coração.
(cantada pela doméstica Josefina de Sousa, em 1949, no bairro de Barra Funda, em São Paulo).
Em Olímpia é cantada sob o nome de

RODOLOGIA E FOLCLORE

Rosa Colhia Lindas Rosas, com pequena modificação na letra.

7 - ROMANCE DE SANTA HELENA OU SANTA IRIA



Passados sete anos
O assassino ali voltou,
E o seu corpo intacto
Cobriu de rosas brancas
Cobriu de rosas brancas, morena,
E ali ele deixou.

(Entoadada pela escritora Ruth Guimarães, de Cachoeira Paulista, em 1947).

8 - VIRGEM DO ROSÁRIO

Oração cantada

Virgem do Rosário
Tu és uma rosa
Que entre as mais flores
És a mais formosa.
Etc.

(Coletada pelo Prof. Sant'anna, Anuário do 24º FEFOL de Olímpia, página 15). Nos anuários de Olímpia há outros cânticos folclóricos que falam da rosa.

E este outro trequinho que nada tem com música folclórica. É de um velho Carnaval, marchinha que foi sucesso:
Escrevi um bilhete
Para o meu amor
Numa pétala de rosa perfumada. (bis)

E nas páginas bonitas
Da recordação
A pétala murchou
E nosso amor
Nem a saudade deixou.

Agora, felizes por vermos a rosa cantada, vamos saber

COMO NASCERAM AS ROSAS

“Era uma vez uma tribo que tinha por chefe um ancião quase centenário e quase cego. Seus filhos, os homens, tinham morrido em combate. Restou-

lhe uma filha muito linda. Sentindo que ia morrer, o velho cacique desejou entregar a chefia da tribo a um moço.

Não tendo um filho vivo, decidiu entregar o mando àquele que soubesse conquistar o coração da filha.

A bela índia declarou que só aceitaria por esposo quem lhe entregasse uma flor negra, porque sabia que era impossível essa dádiva. Mas dois jovens audazes resolveram pelear pela difícil conquista.

Um dos moços rumou para o norte e o outro para o sul, em busca da flor negra.

O que foi para o norte, depois de muitas buscas viu, à beira de um precipício, a flor escolhida pela jovem. Colheu-a e vitorioso correu para entregá-la ao velho cacique.

O jovem índio que tinha ido para o sul, não logrou êxito. Avistando o rival que, cheio de júbilo, regressava, atirou sobre ele, matando-o. Apanhou a flor e levou-a ao cacique. A tribo estava reunida para acolher o vencedor. Ele se aproxima, com orgulho, para fazer a oferta.

A virgem sorri, estende as mãos. Mas, no mesmo instante, ante o pasmo geral, a flor negra se muda numa flor vermelha, tão vermelha que parecia gotejar sangue. E, a um sinal do cacique, a índia recusa a dádiva.

Naquela mesma noite, a flor foi levada a uma velha feiticeira, que vivia numa gruta, para desvendar o segredo, que só podia ser um caso de magia.

E a bruxa, tomando entre as mãos a flor, falou:

- O moço que trouxe esta flor, é um traidor. Matou o outro rapaz que havia encontrado a flor negra, que só cresce à beira dos profundos abismos. O seu corpo ainda não foi sepultado e o seu espírito reclama vingança. Foi o seu sangue que tingiu as pétalas da flor.

A tribo puniu o criminoso e um bando de índios foi enviado à busca do corpo do índio realmente vitorioso.

No dia seguinte, entre solenes pompas, era dado à sepultura numa cova aberta no meio da floresta.

E junto à cova, a formosa índia jurou permanecer eternamente fiel à memória daquele que, por seu amor, perdera a vida.

Aquela flor vermelha, espalhou-se desde então por todos os cantos da terra, tornando-se o símbolo do amor e do sacrifício.

E foi assim que nasceram as rosas, tão belas, mas tão carregadas de espinhos. (Recolhida pelo Prof. José Sant'anna, de Olímpia, em 1970).

OUTRA LENDA DAS ROSAS

Rosa é também símbolo de caridade.

Isabel, a rainha Santa de Portugal, era esposa de D. Dinis, rei austero e avarento, que preferia perder as sobras de seus celeiros a dar uma migalha que fosse à gente pobre e faminta que lhe vinha implorar um centavo.

Mas Isabel condoía-se da pobreza e miséria daquele povo e dava-lhe, às ocultas, esmolas e conselhos.

Aconteceu, porém, um belo dia, que o avarento senhor, avistando-a com um cesto encoberto por uma toalha, tudo adivinhou: Isabel desobedecia-lhe e dava esmola aos pobres.

Correu, então ao seu encalço e bradou, brutalmente:

- Isabel, que leva aí?

Trêmula, aflita, certa do castigo impiedoso, Isabel respondeu num soluço:

- São rosas, senhor.

Incrédulo, o soberano arrancou-lhe o cesto das mãos, entornando-o.

Mas eis que caíram, alcatifando o chão, rosas maravilhosas!

O rei perturbou-se... Percebeu o mi-lagre e ajoelhou-se emocionado, aos pés da caridosa esposa, exclamando:

- Realmente, tu levavas rosas, as rosas da caridade!



E, desde então.. Rosas, símbolo de caridade.

A ROSA REPRESENTA A VIRTUDE

A rosa está na simbologia do cristianismo; representa a virtude. A rosa branca simboliza a pureza; a rosa vermelha é paixão, era também dedicada a Vênus. Se a alvura significa a inocência, o tom róseo significa o pudor.

RODOLOGIA E FOLCLORE

E por isso vemos freqüentemente ramalhetes de noivas com rosas brancas e rosadas. Para os israelitas, o diadema de rosas brancas é símbolo de castidade da noiva. A guirlanda de rosas brancas e jasmims servia para coroar as rainhas. A Virgem Maria é a Rosa Mística. Na Assunção de Nossa Senhora, levada aos céus pelos anjos, rosas teriam florescido no seu túmulo. Esta teria sido a origem do Rosário. A rosa está também ligada à Paixão de Cristo. E não se pode falar em rosas sem evocar Santa Teresinha do Menino Jesus, a "Santa das Rosas".



Santa Teresinha do Menino Jesus

Santa Teresa do Menino Jesus, por ter sido freira não é casamenteira, como são São Gonçalo, Santo Antônio de Pádua, São João e outros santos.

Como se vê, o assunto sobre rosas é inesgotável, rico, como rico é o folclore brasileiro.

Demonstrando isso, Olímpia possui um bairro residencial, Jardim Primavera onde, entre ruas com nome de flores, há uma delas chamada **Rua das Rosas**.

E quem desconhece estas frases?

- Banhar-se em águas de rosas? ou em mar de rosas? (Banha-se em água de rosas quem se sente feliz, quem obtém êxitos, quem conquista louvores ou quem está plenamente satisfeito com a vida).

- Durar como rosa de Malherbe. (Diz-se que uma coisa teve duração de rosa de Malherbe quando durou muito pouco tempo).

- Mimosa como uma rosa.

- Viver num mar de rosas.

E nosso amigo, José Carlos Rossato, no jornal "A Cidade", de Votuporanga - SP, lembrou-se, muito bem, destes cognomes: "No Esta-

do de São Paulo, **Jaboticabal** é conhecida por "Cidade das Rosas". Também **Poços de Caldas** - MG, tem a mesma antonomásia. Mas o epíteto da cidade paulista é mais antigo".

Dizem os ditados populares:

- Não há rosas sem espinhos.

- Não há rosa sem perfume nem amor sem ciúme. E todos conhecem bem o sentido que eles encerram.

Para que as rosas se conservem por mais tempo, duas indicações:

1ª) Se colher as rosas à tarde, elas duram mais tempo nos vasos.

2ª) Corte uma batata fresca em vários pedaços, fazendo-se neles bucaquinhos, nos quais se enfiam os talos das rosas. Prepara-se o ramo na forma desejada, podendo o mesmo ser enviado para longe, chegando as rosas tão louças como se acabassem de ser apanhadas.

No Dia das Mães, mais rico ainda, é este hábito social da Igreja Metodista: perdura a tradição, entre as mulheres, de se colocar no peito, ao lado esquerdo, uma rosa vermelha, se a pessoa ainda tem mãe viva e uma rosa branca se a mãe for falecida. Entre os homens, usa-se o cravo, branco ou vermelho, com a mesma finalidade.

Por sentirmos uma certa distância entre o folclore e a rosa, nada melhor que apelarmos a estudantes, pesquisadores e folcloristas em geral, pedindo a eles que procurem tudo sobre o tema. Descubram onde a rosa se escondeu, onde a rosa está. Assim, com certeza, a rainha das flores terá mais amigos e defensores.

No Abecê do Folclore, Rossini Tavares de Lima apresentou-nos:

1 - Levantei de madrugada
Fui passear no meu jardim,
Achei falta de uma rosa
E um botão de alecrim.

2 - Abaixai, roseira branca,
Quero tirá nove rosa,
Treis branca, treis amarela,
Treis encarnada, cheirosa.

E estas, de inocente simplicidade, que conheço desde a infância, e faço questão de inseri-las:

1 - A mamãe é uma rosa
Que o papai colheu

Eu sou o botão
Que a roseira deu.

2- A mamãe é uma rosa
O papai é o botão
Eu trago papai no bolso,
E a mamãe no coração.
ou
Sou pequenininha
Do tamanho de um botão,
Trago o papai no bolso
E a mamãe no coração.

E ainda estas duas trágicas, de velhos Correios -Elegantes, dos anos cinquenta, por aí:

1 - Uma rosa perfumada
Nasceu no pé de jasmim,
Foi milagre do meu santo
Pra trazer você pra mim.

2- Se eu fosse Santa Isabé
Dava as rosa do aventá
Pra fazê você, morena,
Pra mim olhá e gostá.

Pois é, cerca de oitenta quadras, trovas, verdadeiras odes à rosa e a sua ilustre família, ilustram o quanto essa rainha faz parte do cancionário romântico da nossa gente. É impressionante como se gosta dessa flor, desde a criança mais pobrezinha que nos pede uma para dar à mãe ou à mestra, ao mais conceituado cidadão que a oferece à gente importante do seu meio. É um presente régio - nada mais encantador do que um ramalhetes de rosas amarelas (as que prefiro) em bem feito arranjo. Um botão de rosa perfumada, presente que o coração agradece e a mente retém para sempre merece ser cantada em prosa e verso. E é pouco ainda.

E agora, explicando os diferentes nomes que demos às rosas, no início do trabalho:

Rhodd - celta, significa vermelho. **Rhodon** - grego. **Rosa** - espanhol, italiano, português. **Rose** - francês, inglês. **Rosen** - alemão. **Rôza** - polonês. **Rocza** - húngaro. **Rouze** - tcheco. **Roose** - holandês. **Ros** - Irlanda, Bretanha. **Oussrath** - árabe. **Nisrin** - turco. **Chabalsseleth** - judeu.

E não se esqueçam que, segundo afirma um botânico, as flores sentem, como as pessoas, simpatias e antipatias. Por isso a rosa e o resedá murcham imediatamente, se ficarem juntos, sozinhos, no mesmo jarro.

Quadrinhas Folclóricas: A Lua

JOSÉ SANT'ANNA

DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

A Lua recebe luz do Sol, por isso é astro que não tem luz própria. É o satélite da Terra. É também o corpo celeste mais próximo deste nosso planeta, embora esteja a uma grande distância da Terra, relativamente à posição ocupada pelos outros planetas do sistema solar. Sua massa é só 81 vezes menor que a Terra. Representa o caráter feminino e subjetivo.

Quanta coisa interessante, quanta lenda há na figura que se presume ver na lua:

“Na Inglaterra, há a crença de que se vê nela um homenzinho. Esse anãozinho tem o dom de satisfazer aos pedidos daqueles que conseguem vê-lo. Na França, há a idéia de se ver na Lua um lenhador com um feixe de varas nas costas. No Brasil, como o povo parece ser muito religioso, dizem uns que vêem na Lua São Jorge no seu jumento, enquanto que outros afirmam ver Sant’Ana, ensinando a menina Maria (Nossa Senhora), a ler”.

Como satélite, a Lua acompanha nosso planeta em seu movimento ao redor do Sol, rodeando a Terra por sua vez. E é sempre o mesmo lado, a mesma face da Lua que fica voltada para a Terra, isto é, a que se vê. É, pois, sempre a mesma cara, risonha e severa a um tempo.

O curso da Lua, tendo indicado a divisão do ano em meses, seus quatro quartos, distantes um do outro sete dias, mais ou menos, deram, provavelmente, origem à divisão do mês em semanas (do latim “septimana”, de “septem”=sete e “mana”=manhã).

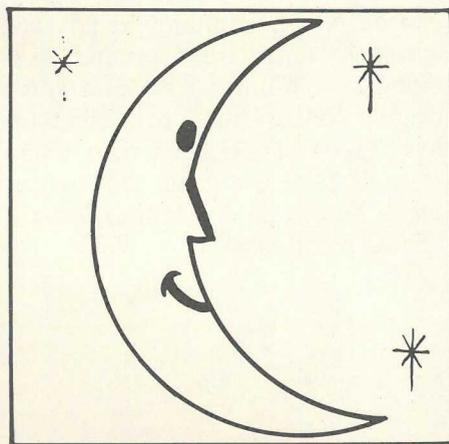
Antes da era cristã, os romanos adotaram a semana de oito dias, e ao oitavo dia chamavam “o dia do mercado”.

A semana de sete dias foi estabelecida pelo imperador Constantino, no ano 321, inspirando-se no calendário hebreu.

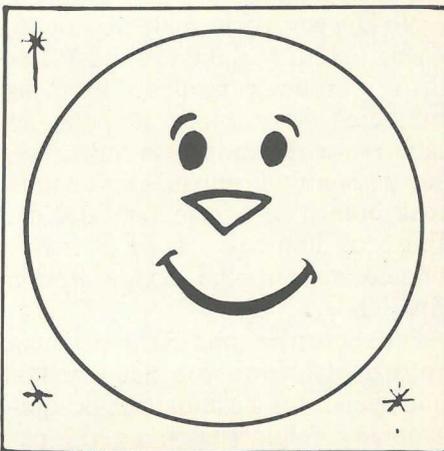
Então, foi a semana composta de sete dias em honra dos sete corpos celestes. Isto parece tanto mais verossímil quanto em quase todas as línguas indo-européias, cada dia da semana tem o nome desses astros. Cada dia pertence a um dos deuses. A língua



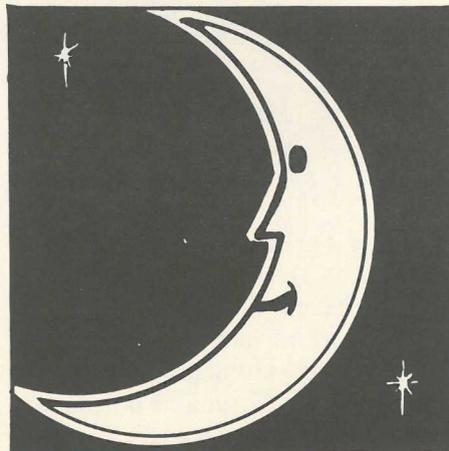
NOVA



QUARTO CRESCENTE



CHEIA



QUARTO MINGUANTE

portuguesa não adotou essa nomenclatura. Preferiu a palavra “feira”, sinônimo de mercado.

Assim, o segundo dia foi da Lua. Por isso, ainda hoje, a segunda-feira se chama “Lundi” (francês), “Lunedì” (italiano) e “Lunes” (espanhol).

Girando assim, juntamente com a Terra, às vezes, a Lua fica toda iluminada pelo Sol; outras vezes, é uma faixa estreitíssima que recebe luz, visto que em certos momentos, ela fica entre o Sol e a Terra e, em outros, é a Terra que fica entre a Lua e o Sol. Quando é toda iluminada, redonda e baça, diz-se que a Lua é cheia, isto é, a face da Lua voltada recebe toda a luz do Sol. Os poetas, os literatos, em suma, chamam a Lua cheia de Plenilúnio: plena (cheia), luna (lua).

Entre a Lua nova (novilúnio ou neomênia) e a Lua cheia (plenilúnio) há duas épocas, de sete dias cada uma, que se chamam quadrantes ou quartos

da Lua: crescente e minguante.

A lua sempre recebeu homenagens e oblatas. Ela foi, como o Sol, adorada pelos primeiros povos da terra e até hoje conserva o nome de **Rainha da Noite**.

Os nossos indígenas a adoram e lhe dão o nome de Jaci ou Ia-ci, mãe dos frutos. Conforme a fase da Lua, Ia-ci recebia diferentes homenagens: Ia-ci omunhã é a Lua nova; Ia-ci icaua, a Lua cheia. Ia-ci tem em seu cortejo os seres da noite que brincam, assustam ou impõem respeito àqueles que nela, à noite, se aventuram: o Saci-pererê, o Boitatá, o Urutau e o Curupira.

Dizem que é grande a influência da Lua em nossa vida diária. Por exemplo: as plantas curativas devem ser colhidas quando as hastes estão cheias de seiva, perto da Lua cheia, e de preferência pela madrugada.

As pessoas sob forte influência lunar são de uma natureza moldável,

FOLCLORE VERBAL

sonhadora, receptiva e propensa a formar castelos imaginários, sem realizá-los muitas vezes.

A Lua rege a memória, a imaginação e todas as faculdades passivas da mente: a intuição, a inspiração e a clarividência, dizem. Segundo alguns, sua influência astrológica torna as pessoas instáveis em seus sentimentos, caprichosas em relação àquilo que desejam e de um espírito pacífico, sensível e atraído por mudanças.

É a Lua da magia, das lendas e superstições. Como estas, para exemplos: na Lua crescente realiza-se o que depende de desenvolvimento. Cabelo cortado em Lua crescente, cresce mais depressa. Chama-se **luada** o malefício provocado pelo luar, ensinaram-nos os portugueses. Mas há uma crendice muito curiosa sobre a Lua: se quiser multiplicar o seu dinheiro é só mostrá-lo para a Lua nova, recitando estas quadrinhas:

Deus te salve, Lua nova,
Lua que Deus acrescenta,
Quando fordes que vierdes
Trazei-me desta semente!

Deus te salve, Lua nova,
Madrinha de São Vicente,
Quando voltares de novo,
Trazei-me desta semente!

Mas a grande verdade é que a noite de luar é maravilhosa. Na primavera, deixa nos espíritos cismadores uma suave e terna saudade.

A Lua foi o símbolo mais expressivo na época romântica. O luar é uma poesia viva, abrindo-se luminosa sobre a terra.

Não há coisa mais bela e nem mais triste que uma noite de luar, no campo. A plenitude de uma noite de luar nos enche a alma de uma quietude e de uma languidez sem par. Banha a terra com a sua luz etérea, fazendo complicados e difíceis rendilhados nas árvores.

A Lua faz parte efetiva do Trovário Popular, pois além de transmitir doçuras de paz, de suavidade e de bons sentimentos, é a grande inspiradora dos namorados.

Vejamo-la:

1 - A lua está tão alta,
Mas sempre a clarear,
Eu, por mais longe que esteja
Sempre estou a te amar.

2 - A lua já está tão alta

Meu amor não aparece,
E eu não sei se é pecado
Enganar a quem padece.

3 - A lua clareia o céu,
A lua ilumina o mar,
Os teus olhos me iluminam,
Quando estão a me fitar.

4 - A lua é tão branquinha,
Ilumina a escuridão,
Ilumina os namorados
Que se beijam no portão.

5 - A lua de tanto andar
Deixa rasto lá no céu,
Moço que é tapeador,
Deixa o jeito no chapéu.

6 - A lua deu um balanço,
Parou no meio do céu,
Quero te ver em meus braços
Toda coberta de véu.

7 - A lua põe-se no céu
Para nos iluminar,
Quando chega a madrugada
Eu choro por te amar.

8 - A lua já vem saindo
Por detrás de um ingazeiro,
Vem saudando todo mundo,
Meu benzinho é o primeiro.

9 - A lua já vem saindo,
Formando o número oito,
Se não casar co'essa moça,
Me mato com trinta-e-oito.

10 - A lua evém surgindo
Redonda como um tomate,
Quando vejo a cor morena
Peço a Deus que não me mate.

11 - A lua já vem surgindo,
Linda noite de luar
Minha alma está feliz,
Pois é noite para amar.

12 - A lua já vem surgindo
Do tamanho de um novelo,
Eu conheço meu benzinho
Pelas ondas do cabelo.

Variante:

A lua lá vem surgindo
Redonda como um novelo,
Conheço bem meu benzinho
Pelos cachos do cabelo.

13 - A lua evém saindo
Por detrás da bananeira,

Não é lua, não é nada
É a bandeira brasileira.

14 - Ó lua, me ilumina
Pois eu não sei onde estou,
Me ajude a procurar
Meu amor que me deixou.

15 - A lua saiu mais clara
E entre as nuvens se escondeu;
Como pode ter ventura,
Quem sem ventura nasceu?

Variante:

A lua saiu bem clara
Entre nuvens se escondeu,
Não pode encontrar ventura
Quem sem ventura nasceu.

16 - Ó lua serena e doce
Espelho desta água bela,
Vai dizer à minha amada
Que estou morrendo por ela.

17 - Noites de lua não prestam,
Porque todo mundo vê,
Quando chega minha boca,
Na boquinha de você.

18 - Lá vai a lua saindo
Por detrás da samambaia,
Eu quero falar c'a moça,
Mas a mãe me atrapaia.

19 - Lá vai a lua surgindo
Por detrás da pimenteira,
Já me dói o céu da boca
De beijar moça solteira.

20 - Lá vem a lua saindo
Por detrás da sacristia;
Não é lua, não é nada,
É sua fotografia.

21 - Lá vem a lua saindo
Como toalha de renda,
Meu amor corre perigo
Mas a Virgem o defenda.

22 - Lá vem a lua saindo
Por um caminho de prata,
A tua boca é minha,
Este teu olhar me mata.

23 - Lá vem a lua saindo
Tão branca como coalhada,
Quem tem seu amor bonito
Tem a vida arriscada.

24 - Lá vem a lua saindo
Com três estrelas do lado:
A do meio vem dizendo
Que você tem namorado.

FOLCLORE VERBAL

25 - Lá vem a **lua** saindo
Por detrás da caneleira,
Meu benzinho é tão formoso
Como a flor de uma roseira.

26 - Lá vem a **lua** saindo
Por detrás da bananeira;
Não é lua, não é nada,
É a morena trigueira.

27 - Lá vem a **lua** saindo
Por detrás de um cajueiro,
Eu conheço meu benzinho
Pelo seu andar ligeiro.

28 - Vai alta a **lua**, vai alta,
Mais alto vai o luar,
Mais alta vai a alegria
Que Deus tem para nos dar.

29 - Gira o sol e gira a **lua**,
Giram estrelas também;
Morena, também eu giro,
Por Deus que te quero bem.

30 - Eu vi o sol, vi a **lua**,
Todo os dois a clareá;
Também vi o meu benzinho
No meio dum roseirá.

31 - O sol oferece à **lua**
Uma fita com dois laços,
Eu ofereço a você
Um beijo e um forte abraço.

32 - Amarrei o sol na **lua**
E o amor na liberdade.
Arrisquei a minha vida
Pra fazer tua vontade.

33 - Anda o sol atrás da **lua**,
A lua atrás do luar;
Eu ando atrás de tua alma
Sem te poder alcançar.

34 - Nasce o sol, nasce a **lua**
Para a terra iluminar,
Cada um tem seu destino:
Eu eu nasci para te amar.

35 - O sol mandou para a **lua**
Uma fita e dois lencinhos,
Eu mando para você
Um abraço e dois beijinhos.

36 - Jura o sol e jura a **lua**,
Jura uma estrela também,
Juram mais três testemunhas
Como eu te quero bem.

37 - O sol prometeu pra **lua**
Uma fita de cetim
E eu prometo a você

Um amor que não tem fim.

Variantes:

O Sol oferece à **Lua**
Grandes laços de cetim,
Eu ofereço a você
Minha amizade sem fim.

38 - Perguntei pro sol se viu,
Pr'a **lua** se conheceu,
Pr'as estrelas se encontraram
Amor mais firme que o meu.

O sol prometeu à **Lua**
Uma faixa de cetim,
Eu prometo a você
Uma amizade sem fim.

39 - Quando surge muito branca
A **Lua** cheia no céu
Até parece uma noiva
Toda coberta de véu.

40 - As estrelinhas são pontos
E a **Lua** cheia novelo
Para bordar o seu nome
Nas letras do Sete-estrela.

41 - Debaixo de tua janela
Eu, a **lua** e o violão,
Cantamos pra te acordar,
Pra matar minha paixão.

42 - O sol ilumina a terra
E a grande **lua** que brilha
Clareia todos os dias,
Veja só que maravilha!

43 - Minha boca é o sol,
Tua boca é a **lua**,
Há eclipse do amor
Se a minha beijar a tua.

44 - Tu nasceste para mim
Mas só vives para a **lua**,
Não nasci para você,
Mas sou inteirinha tua.

45 - Tudo passa nesta vida,
Passa o sol e vem a **lua**,
Por causa dessa lembrança,
A saudade continua.

46 - Das estrelas lá do céu
Há uma perto da **lua**,
No mundo não pode haver
Cara mais linda que a sua.

47 - Quando vejo uma estrela
Caminhando atrás da **lua**,
Representa minha alma,

Caminhando atrás da sua.

48 - Lá no céu tem três estrelas
Que acompanham sempre a **lua**,
Assim é meu pensamento
Que acompanha a imagem sua.

49 - Se as minhas flores murcharem,
Se eu soluçar algum dia,
Dai-me, ó **lua**, um raio
De esperança e alegria.

50 - Nossa Senhora faz meia
Com fios brancos de luz,
O novelo é a **Lua** cheia,
As meias são pra Jesus.

51 - As estrelas do céu correm,
Também quero eu correr,
As estrelas atrás da **lua**,
Eu atrás do bem-querer.

Variantes:

As estrelas do céu correm,
Eu também quero correr,
Correm todas atrás da **lua**
E eu atrás do bem-querer.

No céu as estrelas correm,
Também quero eu correr
Elas correm atrás da **lua**,
Eu, atrás do bem-querer.

52 - Depois de algumas brigas
Nosso namoro não vai,
Somos como o sol e a **lua**,
Quando um entra, o outro sai.

53 - Mulheres quando se juntam
Pra falar da vida alheia,
Principiam na minguante
Vão até na **Lua** cheia.

54 - Lá vai o **luar** saindo,
Ó que linda claridade!,
Mais vale a dor da morte
Do que uma falsidade.

55 - Triste é o dia sem sol
E a noite sem **luar**,
Triste um dia serei eu
Se você me abandonar.

56 - Entre as nuvens eu nasci,
Entre as flores fui criada,
Numa noite de **luar**
Por teus lábios fui beijada.

57 - Quando a noite vem chegando
É mais bonita que o mar,
Faz bater o coração
Se for noite de **luar**.

FOLCLORE VERBAL

58 - Se eu te desse um presente
Tinha de ser um colar
Feito de pontas de estrelas
Num fio de luz do **luar**.

59 - Se por ventura um dia
O meu bem me desprezar,
O sol perderá o calor,
O céu perderá o **luar**.

As quadrinhas (quatro versos) sobre a **Lua** ou **luar** - luminosidade refletida pela lua ao ser iluminada pelo sol ou a claridade que a Lua espalha sobre a Terra - na parte final dos versos nos mostram que os vocábulos não estão dispostos ao acaso. Ao contrário, intencionalmente, os seus autores, anônimos, escolheram palavras que terminam de maneira idêntica, com os mesmos sons. São trovas que se efetuam no final do 2º e 4º versos. É assim que o povo faz sua rima, correspondendo os sons na parte final desses dois versos. São todas **soantes** (consoantes ou perfeitas), pois oferecem igualdade total de fonemas, a partir da sílaba tônica.

Os versos são democráticos, redondilhas maiores, constituídos de sete sílabas poéticas - heptassílabos ou setessílabos - e, por isso, de fácil memorização. Somente o terceiro verso da quadra 51 e o mesmo de suas duas variantes são octossílabos. Tornam o esquema rimático **abcb**, isto é, o segundo rimando com o quarto verso. A acentuação recai na 2.^a e 7.^a sílabas, ou na 3.^a e 7.^a, ou ainda na 4.^a e 7.^a.

O quarto verso transmite a sensação do seu acabamento, pois nele reside a mensagem do autor. É um discurso em apenas quatro linhas.

Quanto ao valor, as rimas, na quase totalidade, são **pobres**, pois se verificam entre palavras da mesma classe gramatical ou apresentam sons triviais, vulgares. Raras são as quadras com lampejos de rima **rica**.

Quanto ao gênero, aparecem rimas masculinas (entre vocábulos oxítonos ou monossílabos tônicos) e **femininas** (rimam entre si vocábulos paroxítonos).

Há entre as quadras, três (13, 20 e 26) que as intitulamos **ingênuas**, simples demais. Os seus criadores se impressionaram apenas em formar um jogo de sons, para dar sua mensagem, sem se preocuparem com a seqüência das idéias.

A quadra 9 fez menção a **trinta-e-oito** - marca de revólver, arma de fogo portátil. Na quadra 40 aparece **Sete-estrela**: Constelação, também chamada Plêiades. Há uma lenda brasileira que explica a origem dessa constelação: "Havia uma família que tinha sete filhos, todos meninos. Eles comiam o dia inteiro e reclamavam comida a toda hora.

Diziam: Papai, queremos comida!

Os outros: Mamãe, estamos com fome!

O pai lhes dizia:

- Vocês reclamam comida a todo instante!

E a mãe reforçava:

- Vocês são uns famintos. Não há nada que chegue para vocês.

E os filhos, chorando, diziam:

- Então nossos pais não querem dar de comer para nós?

Foi nesta hora que a mãe retirou de uma assadeira uma pequena cabeça de leitoa assada, e deu para os filhos.

O filho mais velho pegou a cabeça da leitoa e foi dizendo:

- Esta pequena cabeça não dá para todos nós, mas mesmo assim dividiu-a em sete pedacinhos e cada um provou dela.

Depois que comeram, o mais velho disse:

- Já que passamos tanta fome aqui na terra, nós vamos para o céu. Vamos virar estrelas.

Cada um deu o braço para o outro, formaram uma roda, dançaram e cantaram muito. E, dançando, foram subindo para o céu.

A mãe, olhando-os, já no alto, dizia:

- Voltem! Para onde vocês vão? Aqui há muita comida para vocês. Voltem!

Do alto eles gritaram:

- Não, mamãe! Nós não queremos comida. Nós estamos indo para o céu e vamos virar estrelas.

E já bem alto, dançando e dando voltas como fazem as grandes aves, foram desaparecendo, desaparecendo, até chegarem no céu. E lá se transformaram no **Sete-estrela**".

Ainda observamos nas quadras 10 e 13 o emprego de **evém** em lugar da simples forma **vem** (do verbo vir). Na linguagem descuidada é muito comum tal emprego. Na quadra 18 aparece o encontro **c'a**. Quando a preposição **com** se encontra com as formas do artigo definido, a nasal desaparece e o fenômeno é representado pelo apóstrofo (eclipse): com + a = co'a, c'a. É

uma liberdade que os versejadores podem utilizar na construção dos versos. Na mesma quadra 18 encontramos a palavra **atrapaia**, (atrapalha), cujo emprego parece ter sido intencional para favorecer a rima, embora entre as pessoas letradas o dígrafo **lh** se vocalize em **i**.

Na quadra 30, nos deparamos com as palavras **clareá** (clarear) e **roseirá** (roseiral). É muito comum as pessoas do povo eliminarem o **l** e o **r** finais das palavras oxítonas e monossílabas tônicas (apócope), acentuando as vogais que as acompanham, por serem consoantes fortes.

Finalizando, registramos o conto **Lua Cheia Testemunha**, por ter sido a Lua cheia o motivo central de quase todas as quadrinhas. Vale a pena o registro.

"Uma vez um home tinha uma muié muito boa, mas ele destinô a fazê uma mardade co' ela. Levô a muié na bera de um rio e c'uma corda marrô o pescoço dela e na corda marrô uma pedra muito pesada. Era dia de Lua cheia.

A muié falô: ara, pois! Vô morrê, mas a Lua cheia vai sê minha testemunha. Acabô de falá e afundô no rio.

O home arranjô otra companhera. Um dia, à noite, tava conversano com a companhera e a Lua cheia apareceu no céu. Ele oiô para a Lua cheia e deu um suspiro muito forte. A companhera perguntô pra ele o resurtado daquele suspiro e já começô a passá mal. Ele pegô, contô o caso pra ela e pediu muito segredo.

A muié, não agüentano o segredo, contô pra comade depois. E a comade dela espaiô. Caiu no ovido da polícia e a polícia encanô o assassino. A Lua cheia foi memo a testemunha da muié".

Contado por **Ezequiel Batista de Carvalho, 71 anos (1983), pouca instrução, residente na Rua Marechal Deodoro, 566, Olímpia. Ouviu-a em 1922.**

As estrofes sobre a Lua foram recolhidas em Olímpia com a colaboração de alunos do extinto Colégio Olímpia (1957-1962) e do C.E.N.E., hoje E.E.P.S.G. "Capitão Narciso Bertolino (1963-1977).

Daí deixar eu nestas linhas aos meus nobres ex-alunos e distintos amigos, meu profundo reconhecimento por terem contribuído com a sua alta generosidade para o êxito desta minha humilde coletânea de trovas.

O poeta Acedilo Novaes

CLARISMUNDO SANT'ANNA

DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

Ferozmente criticada por alguns e amplamente ovacionada pelo povo, a Literatura de Cordel é a forma singela de expressar a poesia popular, que recebeu este nome dos pesquisadores eruditos por ficar exposta em folhetins atados em cordas ou barbantes quando dispostos à venda, geralmente em feiras e festas populares.

Olímpia, a Capital do Folclore, pesquisa e dá muita importância à Literatura de Cordel. Descobriu e valorizou um poeta encontrado em nossa cidade: Acedilo Novaes.

Paulista, descendente de baianos, Acedilo Novaes nasceu em Guaraci, outrora distrito de Olímpia. Pouco depois, mudou-se para o distrito olimpense de Ribeiro dos Santos e, mais tarde, fixou residência em Olímpia. É casado com D. Amélia e pai de seis filhos: 4 moças e 2 meninos. Exerce o ofício de alfaiate e de consertador de máquina de costura.

Poeta natural, sem formação literária, Acedilo verseja desde criança, antes mesmo de ter lido qualquer obra do gênero. O primeiro trabalho que teve conhecimento foi *O Pavão Misterioso*.

Gosta de ler a Bíblia, o que ainda faz freqüentemente, e do mundo político.

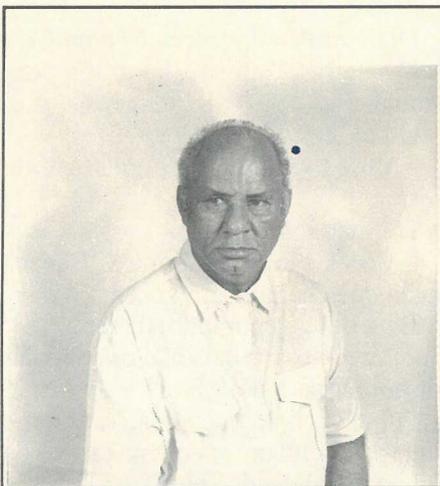
Do mesmo modo que poeta, tornou-se, sem qualificada orientação, um excelente organista.

É também um bom contador de "causos" e de piadas.

Seus poemas são compostos com humor e fértil imaginação. Muitos são baseados em fatos reais, fazem críticas bem humoradas aos políticos, à religião, à vida bucólica.

Acedilo expõe seus folhetos como pede a tradição, pendurados em barbante, no Festival do Folclore de Olímpia. A tiragem é pequena, apenas 300 folhetos por edição de cada assunto. Mas Acedilo não se preocupa com o lucro da vendagem, pois seu maior prazer é presentear os amigos e divulgar sua obra sem grandes pretensões.

Amigo de infância do Prof. José Sant'anna, com quem cursou os três primeiros anos do primeiro grau, quando encerrou sua escolaridade, o poeta de Olímpia encontrou em seu amigo o apoio necessário para a publicação de



suas poesias, que até então era dificultada pelo alto custo da impressão tipográfica. Hoje, com a ajuda de seu colega de classe, o folclorista e atual

presidente da Comissão de Folclore (Conselho Municipal de Cultura) da Prefeitura Municipal de Olímpia, sua produção se encontra atualmente publicada em 14 folhetos.

Acedilo sabe seus poemas de cor e é constantemente convidado para recitá-los em programas radiofônicos de música sertaneja e em festividades propícias a esse tipo de literatura, como as juninas e escolares. Gosta muito do que faz, por isso ri, com grande satisfação do que ele próprio escreve.

Ele ainda é o único poeta de cordel de Olímpia. Não apareceu um pretendente a sucessor, nem sequer um colega.

Neste anuário, já foram publicados alguns poemas de Acedilo e, nesta oportunidade, reproduziremos os livros 5, 8 e 9.

TRISTE VIDA A DE UM BÊBADO

Autor: Acedilo Novaes
(2 de março de 1986)
Olímpia - SP

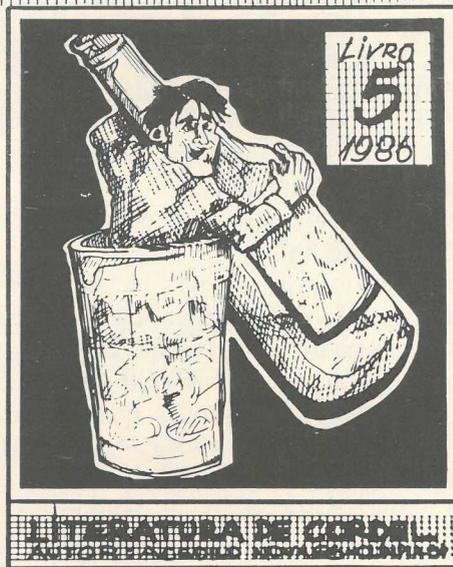
1 - Eu vou contar pra você
Como foi a minha vida
Durante o tempo em que andei
Atolado na bebida
Foi a época em que vivi
Em um beco sem saída.

2 - Levantava de manhã
Com a cara de sem-graça
Todos tomavam café
Eu já tomava cachaça
Dava um pontapé na véia
E começava a arruaça.

3 - Saía pra trabalhar
E sem vontade nenhuma
Sentado em qualquer barranco
E já chutava mais uma
Tava magro como graia
E leve como uma pluma.

4 - Todos sábados eu ia
Fazer compras na cidade
Antes de chegar em casa
Tinha perdido a metade,
Brigava com a família

Triste vida de um Bêbado



Dava contrariedade.

5 - Quantas vezes eu cheguei
Em casa de quatro-pé,
Mas quando chegava assim
Apanhava da muié
Com um pedaço de pau,

LITERATURA DE CORDEL

Virava aquele banzé.

6 - Ela me dava um sopapo
Eu já caía de bruço
Depois me pisava em cima
Até quase dá soluço
Tinha mesmo que apanhá
Não havia outro recurso.

7 - Noutro dia aparecia
Com a cara toda inchada
Todo mundo que me via
Caía na gargalhada
Eu também me punha a rir,
Pois não sabia de nada.

8 - Um dia ela me jogou
Um panelão de água quente
Fiquei queimado atrás,
Fiquei queimado na frente,
Inda escorreguei na escada
Quase quebrei todos dente.

9 - Eu, um bêbado da rua,
Sujava de terra a roupa
Sonhava em estar sendo
Beijado pela cabocla
Acordava c'um cachorro
Lambendo na minha boca.

10 - Eu dava um chute nele
Tocava ele pra lá,
Depois tomava mais uma
Pra morde desinfetá
A roupa suja eu levava
Pra minha véia lavá.

11 - Quanta vez cheguei em casa
Bêbado e fora de hora
Dava pontapé em tudo,
Punha a família pra fora
De tão ruim que eu chegava
Não tirava nem a espora.

12 - A muié ia com jeito
E sortava o animal
Eu ficava ali dormindo
Lá no fundo do quintal,
Bêbado e tão fedorento,
Achando que era o tal.

13 - No outro dia amanhecia
Co' o corpo todo doendo,
Fazendo careta feia
Igual quem está morrendo,
Mas não largava da pinga
Queria viver bebendo.

14 - A minha muié comprava
Remédio de todo jeito
Um dia até trouxe um,
Doado pelo prefeito
Se for pra largá da pinga
Não tomo e não aceito.

15 - Pegava um litro de pinga,
Digo mesmo sem receio
Só da primeira mamada,
Já ia parar no meio
Dentro de poucos segundo
Meu zóio tava vermeio.

16 - Daí então começava
A enxergá tudo dobrado
Eu via duas muié,
Duas sogras, dois cunhado
Dois sogro e dois sobrinho
Todos me olhando de lado.

17 - Fazia aquela bagunça
Brigava com a famia
E eu não dava descanso,
Bebia todos os dia
E nunca eu me cansava
De viver na boemia.

18 - Os soldados me levava
Para fora da cidade
Dizendo: Se ocê vortá,
Nós vamos te pôr nas grades
Alguns até me batia
Só para fazer maldade.

19 - Me soltavam num instante
Eu já tava no boteco
Bebendo desenfreado
Até quase dar um treco
Todo mundo que passava
Cuspia e dizia: eco!

20 - Quando não tinha dinheiro
Queria beber na amarra
Quem entrasse onde eu tava,
Tinha que agüentar a barra,
Pinga eu tomava no copo,
Mas cerveja era na jarra.

21 - Começava uma briga,
Já tomava a mão na cara
Um me batia de soco
Outro batia com vara
Última briga que fiz
Foi lá no bar do Carrara.

22 - Fiz uma encrenca danada
Com um cara valentão
Quando eu fiz ameaça,
Já tomei um pescoção,
Quando eu me acordei
Tava de cara no chão.

23 - Aí já tomei mais uma,
Pois tinha perdido a briga
Tava de cara esfolada,
Tava esfolada a barriga,
Daquele dia em diante
Nunca mais eu fiz intriga.

24 - Fui passear na cidade

Com rumo já diferente
Botequeiros perguntavam
Se eu estava doente,
Porque eu tinha largado
Da pinga tão de repente.

25 - Respondi: larguei da pinga
Porque eu não sou cachorro
Por causa desta danada
Quase até que eu morro,
Agora se eu vejo um copo
Juro por Deus, até corro.

26 - Nisto avistei no CEREAL
Todos felizes, contentes,
Se amando como irmãos,
Alegres e sorridentes,
Aí alguém me perguntou
Se eu queria ser gente.

27 - Entrei e dei o meu voto,
Recebi minha medaia
Daquele dia em diante
Nunca mais recebi vaia,
Ando de cabeça erguida
Não tenho nenhuma faia.

28 - Hoje quando chego em casa
A minha turma faz festa
Minha véia vem correndo
Me dá um beijo na testa,
Dizendo toda muié
Tem um marido que presta.

29 - Na minha casa não entra
Mais um pingo de cachaça
O que eu passei nesta vida
Com ela não quero graça,
Eu amo a minha medaia
E desprezei mesmo a taça.

30 - Agora vai um conselho
Pra gente de toda idade
Largue da marvada pinga
Para ter felicidade
Senão depois que morrer
Não deixará nem saudades.

“Triste Vida a de um Bêbado” é folheto organizado para homenagear o CE.RE.A (Centro de Recuperação de Alcoólatra), de Olímpia. Compõe-se de trinta estrofes. Cada estrofe é formada de 6 versos (sextilha) e cada verso de 7 sílabas poéticas (heptassílabo).

Rimam o 2º, 4º e 6º versos: rimas alternadas. As rimas são soantes. Na sexta estrofe, emprega somente rimas toantes.

Livreto com 10 páginas, medindo 11 por 16 centímetros.

LITERATURA DE CORDEL

SEU BODE DE PALETÓ (História de Um Político)

Autor: Acedilo Novaes
(6 de fevereiro de 1989)
Olímpia - SP

1 - Meus amigos de Olímpia
E da nossa região
Pra contar essa estória
Eu peço sua atenção,
Não estou fazendo crítica
Vou só falar da política
Que houve no meu sertão.

2 - Candidatou na cidade
Grande doutor de talento,
Cumprimentava o povo
E não perdia seu tempo,
Abraçava todo mundo
Trabaiadô, vagabundo,
Cheiroso ou fedorento.

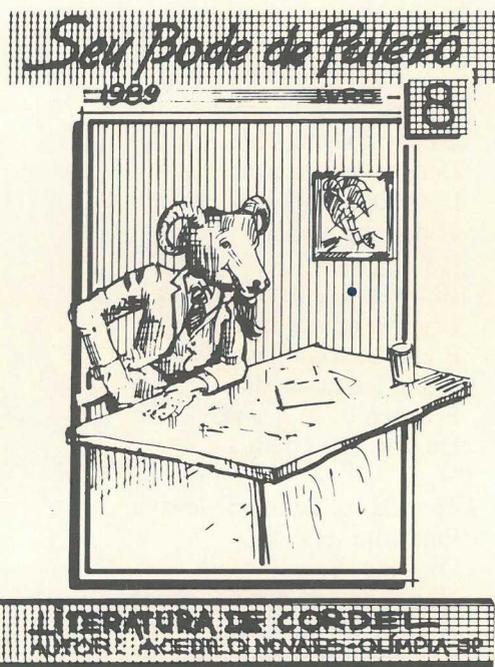
3 - Onde tinha um sorrindo,
Ele sorria também,
Onde tinha alguém chorando,
Chorava como ninguém,
Foi ganhando simpatia,
Com isso o povo dizia:
Home igual este não tem.

4 - Existia um pretinho
Por nome de Sabiá
Adentrou-se na política
Começou a trabaiá,
Arregaçou bem as mangas
E tornou-se um capanga
Do tal cabra eleitorá.

5 - Teimava pela cidade
Com todo o povo que via,
Mostrava sinceridade
Do home que defendia
Brigava, caía de costas,
Fazia grandes apostas
Co'os estranhos ou fãmia.

6 - Se o doutor for eleito
A vida vai miorá,
Não vai cobrar mais impostos,
Água ninguém vai pagar,
Com ele na Prefeitura
Acaba esta vida dura,
Vocês pode acreditar.

7 - Vai construir mais escolas
Para as nossas crianças
No dia que inaugurar
Vai ter muito chope e dança,
Vamos todos votar nele
Este homem é aquele



Que atende nossa esperança.

8 - Vai construir bons abrigos
Para pôr nossos velhinhos
Pra defender dos perigos
Até de pisar no espinho
Contratar bons empregados
Pra eles serem tratados
Com todo amor e carinho.

9 - Vai fazer bons hospitais
Para pôr nossos doentes,
Curando muito depressa
Nosso povo, nossa gente:
Ambulância pr'o Socorro
Que o home não é cachorro
Para morrer de repente.

10 - Muito bem! diziam todos
Viva o doutor Germano!
Terá o nosso apoio
Durante estes quatro anos
Enquanto o outro estrumbica
Quero ver como é que fica
Sua cara de desengano.

11 - Finalmente transcorreu-se
O dia da eleição
O doutor foi carregado
Por aquela multidão
Gritando, palmas batendo,
Enquanto o outro sofrendo
A dor da humilhação.

12 - Mas logo que tomou posse
Começaram as mudanças,

Bebendo entre os ricos
Fazendo grandes festanças,
Do que tinha prometido,
Ficou o povo esquecido,
Morreu mais uma esperança.

13 - Dobrou todos os impostos
Preço da água também,
Sempre de cabeça baixa
Não falou com mais ninguém
E só vivia somando
O dinheiro que ia entrando
Até o último vintém.

14 - De tudo o mais comovente
Agora é que vou contar:
Sabiá ficou doente
Não pôde mais trabalhar,
A mãe vendo o sofrimento
Saiu de casa correndo
E foi o doutor chamar.

15 - Doutor, sei que me conhece,
Sou a mãe do Sabiá;
Ele está passando mal
Que nem pode mais andá,
Vem depressa, c'o apareio
E veja de onde veio
Esta doença tão má.

16 - Minha senhora eu deixei
Da profissão de doutor
E hoje tenho audiência
Com nosso governador
E mesmo que o tempo sobre
Não vou mais atender pobre:
Se arretire, por favor.

17 - Nunca tive sabiá
E muito menos gaiola
Minha vida está tranqüila,
Não quero que me amola
Se continuar teimando
Eu vou chamar o comando
Para lhe botar pra fora.

18 - Chamou logo os faxineiros
Pra desinfetar a sala
Esta velha fedorenta
Chega aqui e não se cala,
Poluindo o gabinete
Vê se nunca mais aceite
Não quero mais sua fala.

19 - A velha saiu tristonha
Co'as esperanças perdidas
Como vou tratar meu filho
Se não tenho mais comida?

LITERATURA DE CORDEL

E este político forte
Vai permitir que a morte
Leve gente tão querida.

20 - Dentro de uma semana
Sabiãozinho morreu,
Quando espalhou a notícia
Todo mundo apareceu
Juntos trocaram idéias
Para ajudar a véia
A enterrar o filho seu.

21 - O doutor tava comendo
Um churrasco co'os amigos,
Ele nem ficou sabendo
O que tinha acontecido,
Mas pra dizer a verdade
Mesmo estando na cidade
Também lá não tinha ido.

22 - Quatro anos se passaram,
Passaram tão de repente
Vivendo ele na orgia
Não socorreu um doente
Dava emprego à fãmia
Era difícil um dia
Que não entrava um parente.

23 - Vejam que cara de pau
Que foi este tal prefeito
Ninguém mais gostava dele,
Porque nada tinha feito.
Candidatou outra vez
Porque achou que só fez
Tudo na pinta e direito.

24 - Foi correndo novamente
Na casa do Sabiã
E disse: Minha senhora
Hoje vim lhe visitar
Cadê Sabiã querido,
Menino bom, entendido,
Que me ajudou a ganhar?

25 - Se ele pra mim trabalhar
Eu lhe faço um bom salário
A véia, só retrucou:
Vá perguntar pr'o vigário
Que já rezou várias missas
Por mode sua preguiça,
Seu cafajeste, ordinário.

26 - Quando ele estava mal
Então eu fui lhe chamar,
Ele estava tão ruim
Nem podia mais andar.
Hoje está no outro mundo,
Puxa daqui, vagabundo,
Não quero mais te oiã.

27 - Jogou-lhe uns doze ovos
Que tinha numa tigela,
Sua camisa era branca

Saiu de lá, amarela,
E pra completar o causo,
Tacou-lhe também um vaso
Que tinha na casa dela.

28 - O recipiente estava,
Cheio de estrume e areia,
Ele então disse, correndo:
Fiquei aí, véia feia.
Eu vou no meu advogado,
Para mandar um soldado
Te tocar lá na cadeia.

29 - Naquela noite ele fez
Mais um comício na praça,
Durante o dia pagou
Pra todo mundo cachaça,
Pensando agradar o povo,
Tornaram a jogar ovo,
Fazendo grande arruaça.

30 - Alguns até lhe agrediram
Com pontapés, até soco,
Jogaram tomate podre
E um tanto de ovo choco;
O doutor saiu correndo,
Co'a roupa toda fedendo,
Gritando como um louco.

31 - Naquela dura eleição
Ele ficou derrotado,
Porque até sua fãmia
Votou para o outro lado,
Explicando bem a droga
Votou ele, mulher, sogra

E mais sete bem comprado.

32 - A todos que me ouviram
Sirva isto de lição,
O doutor foi castigado
Pelo seu mau coração,
Porque pensou que seus cobres
Mandassem naqueles pobres
Que moravam no sertão.

33 - Hoje anda na cidade
Cabisbaixo e tão só:
Barba branca e comprida
Que quem vê até tem dó,
Botaram-lhe um apelido
E muito bem merecido:
Seu Bode de Paletó.

O folheto "Seu Bode de Paletó" foi escrito para ironizar o político demagogo. Composto de 33 estrofes - setilhas heptassílabas - excetuando-se o 5º verso da 5ª estrofe, que é octossílabo. Rimam, em cada estrofe, o 2º com o 4º e 7º versos: rimas alternadas e o 5º com o 6º: rimas emparelhadas.

As rimas variam, ora soantes, ora toantes ou mistas. A linguagem não é uniforme. Nas estrofes aparecem as formas trabalhar e trabaia, a correta e a popular, e assim ocorre com outras palavras.

Livreto de 11 páginas, medindo 11 por 16 centímetros.

AS IDADES DO HOMEM

Autor: Acedilo Novaes
(15 de março de 1989)
Olimpia - SP

1 - Deus quando fez o mundo
Fez tudo bom e perfeito
Reuniu bichos e o homem
Mostrou o que tinha feito
Todos seres aplaudiram
De tal forma que não viram
Na terra nenhum defeito.

2 - Fez os frutos, fez a água
Com muitos peixes nadando,
Macaco, cachorro e porco
E passarinhos cantando,
Enfim, todos seres vivos
Estavam ali reunidos
Com carinho, aceitando.

3 - Deus a tudo observava
Com muito amor, paciência



1989

LITERATURA DE CORDEL
AUTOR: ACEDILNOVAES OLIMPIA SP

Planejando a cada um
A métrica da existência

LITERATURA DE CORDEL

Um dia a tudo consomem
Dou trinta anos ao homem
Por minha benevolência.

4 - Pr'o homem, inteligência
Dominando animais
Os bichos hão de temer
O homem será capaz
Dominará o leão,
E no mar, o tubarão
Com sua fúria sagaz.

5 - No campo haverá espinhos
E também as plantações,
Frutas de muitas espécies
Para alimentações.
Flores, árvores frondosas,
Uma mulher bem formosa
Pra juntar os corações.

6 - A mulher, a mãe do mundo,
O homem, o pai da nação,
O nome dela é Eva,
O do homem é Adão
Serão os dois bem felizes
Rodeado com matizes
Das belezas do sertão.

7 - O homem ficou contente
Com a proposta de Deus,
Para viver trinta anos
Todo o mundo será seu
E os animais, coitadinhos,
Estavam todos quietinhos
Aguardando ordem de Deus.

8 - Disse Deus para o burro
Você é bom animal,
Será escravo do homem
Por um bocado de sal,
Viverá num mundo vasto,
Não terá além do pasto,
E por casa, um curral.

9 - Viverá quarenta anos
Numa vida de tormento.
Apesar dele ser burro
Teve este pensamento:
O Senhor tire a metade
Por que esta crueldade
De sofrer todo este tempo?

10 - Está bem, disse-lhe Deus,
Dar-lhe-ei só a metade
Pois você é mesmo burro
De nada sente saudade,

Mas quando sentir a morte,
Não me vai clamar da sorte
E nem pedir piedade.

11 - Agora me dê licença
Que vou falar com o cão,
Dou-lhe vinte anos de vida
Pra ver se ele acha bom,
Sua função será um colosso
Viverá roendo osso,
Será o guarda do portão.

12 - Seja frio ou calor,
A noite toda acordado!
Trata o dono com amor
Mesmo sendo maltratado
Não receberá socorro,
Seu nome será cachorro
E por muitos, enjeitado.

13 - Latindo disse o cachorro:
A vida assim não convém;
Para viver só sofrendo
No mundo como ninguém,
Tire de mim uns dez anos
Já que o senhor vem tirando
Do burro uns anos também.

14 - Seja feita sua vontade:
Viverá dez ou treze anos
Já dá para perceber,
No mundo há só engano,
A vida é uma mentira,
Não adianta ter ira
Todos entram pelo cano.

15 - O macaco de uma árvore
Assistia à confusão,
Deus então lhe ordenou
Que viesse para o chão:
Vou dar a sua sentença,
Terá uma luta imensa,
Talvez pior que a do cão.

16 - Você se assemelha ao ho-
mem
Mas não tem inteligência
Tem dois pés e duas mãos,
Sem nunca ter paciência,
Não tecerá agasalho,
Pulará de galho em galho
Por toda sua existência.

17 - No frio passará frio
Mesma forma no calor,
Ainda que caia neve,

Não terá um cobertor
Quando vier a doença
Será uma luta imensa,
Pois nunca será doutor.

18 - Viverá uns vinte anos
Com toda esta exigência
Nada me peça a mais,
Porque não terei clemência.
Então lhe disse o macaco:
Pra viver assim no mato
Diminua a penitência.

19 - Eu lhe peço só dez anos,
Assim viverei contente,
Fazendo minha micagem
Para alegrar toda gente
Disse-lhe Deus, está bom,
Por seu meigo coração
Vou lhe dar este presente.

20 - O porco ali, todo imundo,
Por inteiro enlameado
Não deu nenhuma atenção
Ao pacto ali tratado,
Só pensava na comida
Que estava ali caída
Pelos outros derrubada.

21 - Do porco eu quero também
Um minuto de atenção,
Para dar sua sentença
Com a minha própria mão:
Será animal imundo
Nojento e tão vagabundo,
O abutre do sertão.

22 - Mas será animal útil
Servirá de alimento;
Dou-lhe dez anos de vida
Acho que é um bom tempo,
Se quiser, balance o rabo,
Não adianta ficar bravo,
A lei sou eu que invento.

23 - Cinco anos só me bastam,
Disse o porco carrancudo,
Sou o lixeiro da terra,
Vivo comendo de tudo
E no fim, vou ser matado,
Pelo homem devorado,
Isto é um grande absurdo.

24 - Dou-lhe cinco, disse Deus,
Breve verá o seu fim,
Quando estiver morrendo

LITERATURA DE CORDEL

Não ponha a culpa em mim,
Poderia viver mais
Como os outros animais,
Mesmo fossando o jardim.

25 - O homem a tudo assistia,
Prestando muita atenção,
Por que eles não quiseram?
Viver no mundo é tão bom!
De viver eu não me canso,
Se a morte for descanso,
Descanso não quero não.

26 - Está bem, disse-lhe Deus,
Fique o resto pra você
Dos anos que enjeitaram,
Mas não vai se arrepender.
Trinta anos eu lhe dei,
Agora o resto não sei
Como é que vai viver.

27 - Até os trinta é certo,
A vida é uma beleza,
Sempre alegre e cantando,
Pr'o homem não tem tristeza,
Tudo o que faz dá certo,
Mesmo estando no deserto
Não falta o pão, com certeza.

28 - Observem caros leitores
Que a vida até os trinta
O homem vive garboso
E sempre andando na pinta
Ninguém sabe de onde vem
Tudo que o homem tem:
Sapatos, roupas e cinta.

29 - Dos trinta aos cinquenta anos
Vive a idade do burro.
Tudo que faz não dá certo
Por mais que ele dê o murro
Falta-lhe sempre juízo
Em tudo tem prejuízo,
Vivendo sempre confuso.

30 - Dos cinquenta aos sessenta
Ele vive só de intriga
Tudo que faz ou pergunta
Sempre termina em briga,
Tudo quanto o homem fala
No quarto, cozinha ou sala
Nem a família dá liga.

31 - Estes são os mais dez anos
Enjeitados pelo cão
O homem não manda em nada

Em tudo perde a razão
Se não quiser arrelia
Passa tudo pra família,
Fica sem nada na mão.

32 - Dos sessenta aos setenta
O homem já velho e fraco
Daí passa a viver
Os dez anos do macaco,
Peleja pra fazer graça,
Mas tudo que faz não passa
De um enchedor de saco.

33 - Falta agora só um bicho
Pra completar minha história
E acho que é o porco
Se não me falha a memória
Deu ao homem cinco anos
Pra ele viver rolando
Na imundície e escória.

34 - Alguém ficará com dó
E dá pra ele um quartinho
Lá no fundo do quintal
Entre árvores, espinhos,
Sem visita, o pobre aflito
Abandonado, sozinho.

35 - Os netos não perdem tempo
Em ver o pobre coitado
Os que lhe queriam bem
Há tempo estão sepultados
Assim luta com a sorte
Até que um dia a morte
Dá tudo por encerrado.

36 - Esta é a vida do homem
Desde o começo do mundo
A mesma terra consome
Trabalhador, vagabundo
Ricos, pobres e poetas
Têm a sua hora certa:
Não passa nem um segundo.

37 - Se você ainda é novo
Preste muita atenção
Se um dia ficar velho
Verá que eu tenho razão.
Veja como Deus não erra,
Pôs o homem sobre a terra
Só pra dar-lhe uma lição.

38 - Há homem que ainda quer
Ser esperto e bacana
Toma dos outros pra si,
Mas um dia ele se dana

A vida é um caso sério:
Quando chega ao cemitério
Termina orgulho e fama.

39 - Enquanto o homem viver
Até voa nas alturas
Mesmo morrendo no espaço,
Volta para a sepultura
E quando está no caixão
Parece pedir perdão,
Mas a morte não tem cura.

O folheto "As Idades do Homem" trata da idade que Deus limitou ao homem e do tempo que herdou de outros animais: burro, cachorro, macaco e porco.

Trinta e nove estrofes de sete versos com sete sílabas poéticas: setilhas heptassílabas.

As rimas são **soantes**, pois oferecem igualdade total de fonemas a partir da sílaba tônica e, com pouca frequência, **toantes**. São, ainda, na quase totalidade, **femininas** e, em muito poucas estrofes, **masculinas**.

Quanto à colocação nos versos, são **alternadas**: o 2º rima com o 4º e 7º versos e, nos 5º e 6º versos de cada estrofe, são **emparelhadas**. De um modo geral, são **pobres**.

A linguagem é simples, correta, mas ocorre um erro de concordância no último verso da 20ª estrofe.

Livreto de 13 páginas, medindo 11 por 16 centímetros.

Acedilo Novaes é uma personagem inventora, extraordinária e original, com um caráter especial e muita responsabilidade.

Parabéns, Acedilo, pela bela e paciente contribuição ao conhecimento de nossa terra e nossa gente.

Continue a nos presentear com seus folhetos, através dos quais, debruçados nas janelas do tempo, contemplaremos o desfile das estrofes da poesia de cordel.

Aproveito a oportunidade para agradecer ao Prof. Sant'anna e ao André Luiz Nakamura. Ao primeiro pela orientação técnica e ao segundo pelo grande apoio na redação do texto.

ADIVINHAÇÕES

Você é Sabido? Comprove!

ANALI DE OLIVEIRA

C.P. E ESTUDOS FOLCLÓRICOS - OLÍMPIA

Ainda é atual o passatempo de brincar de o que é, o que é?, pois nem mesmo a televisão lhe empana o brilho. Pelo contrário, fortalece-o, uma vez que se serve dele em suas atividades, sobretudo nos programas infantis.

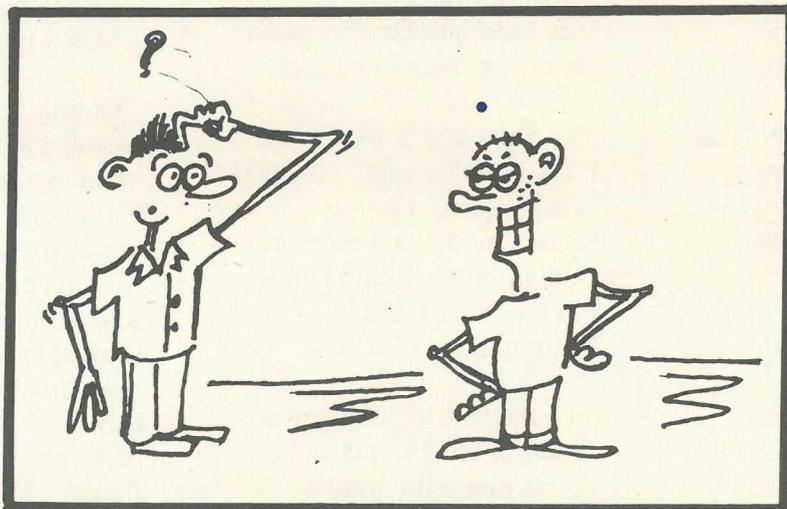
As adivinhas aparecem em prosa ou versificadas. Algumas são verdadeiros quebra-cabeças, outras pequenas histórias e outras não passam de meras perguntinhas. Todas embarçam o interlocutor, pregam-lhe peças, mexem com o raciocínio, mas divertem muito as pessoas. Embaraçosas são também as adivinhas cujas respostas são as letras do nosso alfabeto. O adivinhador perde muito tempo fazendo comparação para acertar a resposta, quando esta se obtém com uma simples letrinha do abecedário. Estas adivinhas são mais modernas, atrapalham os adivinhadores analfabetos, mas vão, aos poucos, se tradicionalizando.

A verdade é que os criadores desse passatempo desaparecem com suas criatividade, e suas obras passam a ser anônimas.

Fazer perguntas é bom à beça, mas respondê-las corretamente, é melhor ainda.

Embora eu ainda seja aluna da escola de primeiro grau, há muito tempo venho percebendo que adivinhas são um lazer do agrado geral. Em qualquer lugar onde são propostas, é o bastante para iniciar-se uma disputa.

Não só as crianças, mas também os mais idosos se intrometem e se entretêm com a brincadeira.



No pátio da escola é um bom passatempo e na sala de aula, quando o professor dirige o brinquedo, aí, então, se torna um concurso acirrado.

Mesmo antes de ir para a escola, eu já estava envolvida neste tipo de jogo, pois nasci nesse meio onde se pratica tal divertimento.

Depois que aprendi a ler, organizei um álbum para registrar as adivinhações, para não deixá-las cair no esquecimento.

Todas as novas aquisições, eu as registro.

Assim, com vagar e persistência, consegui um bom número de rachacucas e resolvi organizar um "trabalho" para minha distração e a dos meus colegas. Depois procurei a Comissão de Folclore de Olímpia e submeti o trabalho à sua apreciação. O trabalho foi considerado importante e eu fui acolhida como colaboradora da referida Comissão.

Hoje faço parte do Centro de Pesquisas e Estudos Folclóricos de Olímpia, com meu trabalho aceito para publicação no Anuário do Folclore. Valeu a pena.

O QUE...?

1 - O que o disco tem, o violino

tem, uma revista musical tem, mas o maestro não?

-?

2 - O que possui barriga de vidro e cabeça de ferro?

-?

3 - O que a galinha faz e o homem usa?

-?

4 - O que pode esquentar a comida sem usar o fogo?

-?

5 - O que acontece quando um bando

de fora-da-lei cai na praia?

-?

6 - O que está debaixo do sapato?

-?

7 - O que está dentro do ovo?

-?

8 - O que Adão nunca teve, nem viu algum, mas deu aos seus filhos?

-?

O QUE É...?

9 - O que é do tamanho do seu pé e você vai deixando por aí?

-?

10 - O que é comprido como pinheiro, fino como cipó e foi criado com leite de vaca?

-?

11 - O que é tão leve no ar, mas nenhum homem consegue segurar por mais de dez minutos?

-?

O QUE QUE...?

12 - O que que na boca é uma delícia e no corpo é uma tragédia?

-?

13 - O que que quando trabalha faz o maior escândalo?

-?

14 - O que que para o homem trabalhar a mulher tem que fazer

ADIVINHAÇÕES

xixi na bunda?

- ?

15 - O que que antes de ser já era?

- ?

O QUE É QUE...?

16 - O que é que tem cabeça, mas não é animal; tem dente, mas não come e tem coroa e não é rei?

- ?

17 - O que é que tem serra e não é serrador; canta, mas não é cantor; tem esporas e não é cavaleiro?

- ?

18 - O que é que com **m** não tem vida e com **p** está nas casas?

- ?

19 - O que é que tem a cabeça dentro da boca?

- ?

20 - O que é que tem miolo e não pensa?

- ?

21 - O que é que tem no céu do espaço e não tem no céu da boca?

- ?

22 - O que é que chega à porta de qualquer casa, mas nenhum cachorro late contra ele?

- ?

23 - O que é que só trabalha com pancadas na cabeça?

- ?

24 - O que é que esquenta tanto a cabeça que acaba morrendo?

- ?

25 - O que é que trabalha quando os outros erram?

- ?

26 - O que é que tem quatro ou mais bocas, mas não fala; quatro pernas, mas não anda?

- ?

27 - O que é que nasce no rio, vive no rio, mas não é peixe?

- ?

28 - O que é que quanto mais se puxa mais se encolhe?

- ?

29 - O que é que quanto mais se põe, mais leve fica?

- ?

30 - O que é que quanto mais cresce, mais baixo fica?

- ?

31 - O que é que não serve pra comê, mas é bom pra cercá gado?

- ?

32 - O que é que nasce deitada e morre em pé?

- ?

33 - O que é que quem faz não ocupa, quem ocupa não vê e quem vê não deseja?

- ?

34 - O que é que tem bico e não é pato; tem asa, mas não é pato; tem pata, mas não é pato?

- ?

35 - O que é que larga a tripa em casa e vai tomar banho no rio?

- ?

36 - O que é que nasce fino, cresce fino e morre fino?

- ?

37 - O que é que vai até a porta da casa, mas não entra?

- ?

38 - O que é que está na pedra, no ar e no seu vestuário?

- ?

39 - O que é que esquenta a cabeça para trabalhar?

- ?

40 - O que é que tem pernas compridas e deixa um rastro redondo?

- ?

41 - O que é que se mata para comer antes de nascer?

- ?

42 - O que é que tem fogo no rabo?

- ?

43 - O que é que quanto mais se tira mais se tem?

- ?

44 - O que é que durante a noite trabalha deitada e durante o dia descansa em pé?

- ?

45 - O que é que quanto mais se perde mais se tem?

- ?

46 - O que é que você coloca no nariz, mas é bom para os olhos?

- ?

47 - O que é que tem casa, mas mora sempre do lado de fora?

- ?

48 - O que é que tem quatro sílabas e vinte e três letras?

- ?

O QUE É, O QUE É?

49 - O que é, o que é: são xarás no nome, não no parecer, uma come e a outra é de comer.

- ?

50 - O que é, o que é: estou na

enxada, no quartel e ainda posso ser guia de canga.

- ?

51 - O que é, o que é: janelinha preta e branca, abre e se fecha sem retranca.

- ?

52 - O que é, o que é:

Tem folhas, mas não tem galhos,

Tem capa, mas não sai à chuva

Aberto é um saber,

Fechado de nada vale,

Tem forma de rapadura,

Mas rapadura não é,

Pode ser grande ou pequeno,

Do tamanho que quiser.

- ?

53 - O que é, o que é: duas caixinhas de bom parecer, abrem-se e se fecham sem ninguém nelas mexer?

- ?

54 - O que é, o que é: são dois irmãos bem irmanados, um se come cru e outro assado.

- ?

QUAL...?

55 - Qual o caminho mais triste que existe?

- ?

56 - Qual o pão que não foi feito por padeiro, não foi amassado e não é para comer?

- ?

57 - Qual o cachorro que não late e nem morde?

- ?

58 - Qual o animal que se perder uma letra do nome vira metal precioso?

- ?

59 - Qual a diferença entre o rádio e o penico?

- ?

60 - Qual o astro giratório do jardim?

- ?

61 - Qual a hora que os relógios não marcam?

- ?

62 - Qual a diferença entre a cobra e a mulher?

- ?

63 - Qual o presente que merece um chute?

- ?

64 - Qual a diferença entre a galinha e o tecido?

- ?

ADIVINHAÇÕES

65 - Qual a porca que não cria?

- ?

66 - Qual a ferramenta cujo nome diz que ela não está?

- ?

67 - Qual a manga que não amadurece?

- ?

QUANDO...?

68 - Quando é que a mulher vira peixe?

- ?

69 - Quando dois porcos-espinhos se abraçam, o que um diz para o outro?

- ?

QUANTOS...?

70 - Quantos lados tem uma xícara?

- ?

QUEM...?

71 - Quem é que tem o rabo na boca?

- ?

POR QUE ...?

72 - Por que o alfinete vive aborrecido?

OUTRAS

73 - Um homem nasceu em Portugal, foi criado na Espanha, passou sua velhice na França e morreu no Brasil. O que ele é?

- ?

74 - Eram três pessoas. A primeira viu a ponte, pisou a ponte e passou; a segunda viu a ponte, não pisou a ponte e passou; a terceira não viu nem pisou a ponte, mas também passou. Decifre.

- ?

75 - Decifre:

Uma senhora, filha de um prisioneiro que cumpria pena numa cadeia pública, ao visitá-lo, encontrou o muito fraco, dizendo estar morrendo de fome, porque não lhe davam alimentação. Nem água sequer.

Essa senhora era mãe de uma criança recém-nascida. De modo muito singelo, conseguiu abrandar, um pouco, a fome do pai.

Muito condoída com a situação do seu genitor, foi ao delegado pedir-lhe para pô-lo em liberdade.

A resposta do delegado foi taxativa: Não!

Por ser uma senhora muito inteligente, fez uma proposta ao delega-

do:

- Eu proponho um enigma. Se Vossa Excelência souber decifrar, meu pai poderá continuar preso. Em caso contrário, Vossa Excelência há de pô-lo em liberdade.

O delegado aceitou o repto.

Ela lhe disse: **Fui filha e agora sou mãe, criando filho alheio, marido de minha mãe.** O que isto significa?

O delegado não conseguiu decifrar. Logo, o preso foi posto em liberdade.

Pergunta-se: O que a mulher quis dizer ao delegado com o enigma proposto?

- ?

76 - Decifre:

Numa tarde, duas senhoras vizinhas esperavam, no portão de casa, seus maridos, para o jantar.

Quando os dois se apontaram, uma delas disse:

Lá vêm vindo nossos pais,

Pais também dos nossos filhos,

Maridos de nossas mães

E também nossos maridos.

O que ela quis dizer à outra com tudo isto?

- ?

PROBLEMINHAS

77 - Resolva:

Uma dúzia de gatos entrou num armazém e cada gato furtou uma orelha de porco. Com quantas orelhas saíram?

- ?

78 - Resolva:

Perguntaram a um pastor de quantas ovelhas compunha o seu rebanho, e ele respondeu:

- Com o dobro das que eu tenho, a metade das que tenho e a quarta parte das que tenho, terei 99. Quantas ovelhas tinha o rebanho?

- ?

79 - Resolva:

Um homem comprou uma vaca e um bezerro por Cr\$ 8500,00. A vaca custou Cr\$ 5500,00 mais caro que o bezerro. Quanto custou cada animal?

- ?

80 - Resolva:

De um lado do rio estão um leão, um bode e um feixe de capim, vigi-

ados por um canoeiro. A canoa é pequena e o canoeiro só poderá atravessá-los, um por vez. Como o canoeiro efetuará a passagem, sem que o leão coma o bode, nem o bode o feixe de capim, ficando sós na margem?

- ?

VERSIFICADAS

81 - Quem fabrica não o quer,
Quem precisa não o vê,
E quem vê não o deseja
Por mais bonito que seja.

- ?

82 - Trocar isto por aquilo
Deixa a mente atrapalhada:
O que é chamada verde,
Mas tem cor avermelhada?

- ?

83 - Engraçado é este fato:
Se ele tem, não posso dar,
Mas quando ele está em falta,
Sou obrigado a lhe dar.

- ?

84 - Há coisas tão curiosas
Que me deixam cabisbaixo:
No cacho, as bananinhas
Crescem pra cima ou pra baixo?

- ?

85 - Em apenas dois minutos
Um gato mata um rato.
E quanto tempo dez gatos
Levam pra matar dez ratos?

- ?

86 - Botina e meia pra lá,
Botina e meia pra cá,
Pergunto ao respondedor,
Quantos pares delas há?

- ?

87 - Tira a roupa e mostra os dentes,

Tira os dentes, mostra o corpo,
Serve pra nossa comida
E pra comida de porco.

- ?

88 - Um senhor muito barbudo,
Muito cedo se desperta:
Ao dormir, a barba fica
Embaixo ou sobre a coberta?

- ?

89 - Há muitos tipos de vento
Que sopram nesta nação,
Mas qual o vento temido
Por qualquer tipo de cão?

- ?

90 - Eu sou curva e sou reta,
Vivo na geometria;

ADIVINHAÇÕES

Caso eu não existisse,
Desenho algum se fazia.

- ?

91 - Alto jardim enfeitado,
Enfeita mata e cidade,
É do princípio do mundo
E só tem um mês de idade.

- ?

92 - Eu não gosto de mentira,
Sempre digo a verdade.

Que coisa que é inteira

Mas tem nome de metade?

- ?

93 - Fique pronto pra resposta,
Porém, sem pressa nenhuma:
São apenas duas meias

Que juntas não formam uma.

- ?

94 - Dinheiro é coisa difícil,
Difícil para ajuntar,

Mas num lugar se encontra,

Basta apenas procurar.

- ?

95 - Um trem em velocidade
Segue sua direção,

Quem pode parar o trem

Com apenas uma mão?

- ?

96 - Parece uma coisa incrível:
De vez em quando o rei vê,

O homem vê todo dia,

Mas Deus nunca, nunca vê.

- ?

97 - Há pé de todo tamanho,
Pé limpinho, pé imundo,

Mas diga-me com firmeza:

Qual o maior pé do mundo?

- ?

98 - Meu destino é abre e fecha,
Vivendo sempre a cantar,

Mas quando acaba meu fôlego,

Eu me calo, falta o ar.

- ?

99 - De um a seis são as pintas
Desenhadas em um dado,

Da fauna aqui do Brasil,

Que animal come c'o rabo?

- ?

100 - Uma meia, meia feita,
Meia meia por fazer,

Contando meia por meia,

Quantas meias há de ter?

- ?

101 - Você diz que sabe tudo,
Inda diz que sabe bem:

No meio do Padre-nosso

Quais as palavras que têm?

As quadras-perguntas, heptassíla-

bas, em número de vinte, apresen-
tam trova entre o 2º e o 4º versos,
com exceção da de número 81, em
que a rima se opera entre o 3º e 4º
versos (emparelhadas): deseja/seja
e da de número 86, na qual rimam
o 1º com o 2º e o 4º: lá/cá/há. O 4º
verso da quadra 101 (resposta) é
octossílabo.

As rimas são soantes, excetuan-
do-se as quadras 87 (corpo/porco)
e 99 (dado/rabo) que são toantes.

Em algumas estrofes, a rima se
dá com a mesma palavra, como nas
estrofes 83 (dar/dar), 85 (rato/ra-
tos) e 96 (vê/vê).

As quadrinhas 83, 86, 89, 94, 95,
96, 98, 100 e 101 (pergunta) são de
rima masculina, isto é, rimam entre
si palavras oxítonas ou monos-
sílabas tônicas. Quanto às quadras
81, 82, 84, 85, 87, 88, 90, 91, 92,
93, 97, 99 e 101 (resposta) a rima é
feminina, pois se opera entre pala-
vras paroxítonas.

RESPOSTAS

1 - A letra i./ 2 - A lâmpada elétri-
ca./ 3 - Bota./ 4 - Pimenta./ 5 - Uma
onda de crimes./ 6 - A sola. / 7 - A
letra vê./ 8 - Um pai./ 9 - Pegada./
10 - O laço./ 11 - A respiração./ 12
- Bala./ 13 - O alarme./ 14 -
Monjolo./ 15 - Pescada./ 16 - Alho./
17 - O galo./ 18 - Morta e porta./ 19
- O sino./ 20 - O pão./ 21 - Estre-
las./ 22 - O caminho./ 23 - O pre-
go./ 24 - Palito de fósforo./ 25 - A
borracha./ 26 - O fogão a gás./ 27 -
O carioca./ 28 - O cigarro./ 29 -
Buraco na tábua./ 30 - Cacho de
banana./ 31 - Arame farpado./ 32 -
Vela./ 33 - Caixa mortuário./ 34 -
Pata./ 35 - O colchão./ 36 - O cabe-
lo./ 37 - A calçada./ 38 - A letra
erre./ 39 - Palito de fósforo./ 40 -
Compasso./ 41 - O pintinho./ 42 -
O fogão a lenha./ 43 - Fotografia./
44 - Taramela./ 45 - Sono./ 46 -
Óculos./ 47 - O botão./ 48 - O alfa-
beto./ 49 - Lima./ 50 - O cabo./ 51
- O olho./ 52 - Livro./ 53 - Os olhos./
54 - O caju e a semente./ 55 - Aquele
que a lágrima traça./ 56 - O Pão-de-
Açúcar (Rio de Janeiro)./ 57 - O
cachorro de fotografia, figura ou
estátua./ 58 - Touro (ouro). 59 - O

rádio não vê nada e fala tudo, o
penico vê tudo e não fala nada./ 60
- Girassol./ 61 - A hora h./ 62 - A
cobra põe a cabeça e faz a rodilha,
a mulher faz a rodilha e põe na
cabeça./ 63 - A bola./ 64 - A gali-
nha bota e o tecido desbota./ 65 - A
porca do parafuso./ 66 - Foice./ 67
- Manga de camisa./ 68 - Quando
ela o fritar./ 69 - Ai, ai, aiii!./ 70 -
Dois lados: o de fora e o de dentro./
71 - O fogão a lenha./ 72 - Porque
só dá furo./ 73 - Defunto./ 74 -
Uma mulher grávida, carregando
um filhinho nos braços./ 75 - Que
durante a visita feita ao pai dela,
pela grade da cela, ela o amamentou
com o próprio leite, aliviando-
o, assim, da terrível fraqueza que o
consumia./ 76 - Dois homens se
enviuaram e se casaram cada um
com a filha do outro. Na verdade,
eles são pais delas e também pais
dos filhos delas. Foram maridos das
mães e são, atualmente, maridos
delas. Compreendeu?/ 77 - Saíram
com 36 orelhas (12 de porcos e as
24 deles). / 78 - Tinha 36. O dobro
de 36 é 72, metade de 36 é 18 e a
quarta parte de 36 é 9. Somando-
se: 99 ovelhas./ 79 - A vaca custou
Cr\$ 7000,00 e o bezerro Cr\$
1500,00./ 80 - o canoieiro atravessa-
rá, primeiramente, o bode. Na
segunda viagem, atravessará o leão,
trazendo de volta o bode. Na tercei-
ra viagem, levará o feixe de capim.
E, na quarta e última viagem, atra-
vessará, novamente, o bode. Assim
eles não ficarão juntos sem serem
vigilados, evitando os perigos indi-
cados./ 81 - Caixa mortuário./ 82 -
Carne fresca./ 83 - Corda no reló-
gio./ 84 - Crescem para cima./ 85 -
Dois minutos./ 86 - Dois: um par
de botinas e um par de meias./ 87 -
Espiga de milho./ 88 - Fica no ros-
to./ 89 - Furacão./ 90 - Linha./ 91 -
Lua nova./ 92 - Meia de calçar./ 93
- Meias de calçar./ 94 - No dicioná-
rio./ 95 - O maquinista./ 96 - O
semelhante./ 97 - Pé-de-vento./ 98
- Sanfona./ 99 - Todos. Nenhum
tira o rabo quando come./ 100 -
Uma meia e meia./ 101 - Meu com-
panheiro e amigo./ Rezo com sabe-
doria./ No meio do Padre-nosso:/ O
pão nosso de cada dia.

Escola, estudantes e tradição

IVETE FERNANDES

DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

O sol estava se pondo, escondia-se de forma lenta, preguiçoso, desenhando no céu traços coloridos, formando uma tela de rara beleza. Fazia calor e o relógio marcava dezoito horas. Os últimos alunos saíam da escola rumo aos seus lares, estavam alegres, cantarolavam a canção "Vê estão voltando as flores", enquanto tomavam as conduções que os levariam de volta à zona rural onde residem. Comecei a observá-los, suas vestes eram leves: bermudões azul-marinho e camiseta azul-claro onde se destacava EEPG. "Silva Mello", escrito em azul marinho. Fui meditando e voltei ao passado. Ah! como era desconfortável o meu uniforme: saia de casemira azul-marinho, toda pregueada, dez centímetros abaixo dos joelhos, a blusa branca de manga comprida e gola-colarinho de onde saía um laçarote azul-marinho; os sapatos pretos e fechados, eram acompanhados por meias longas... Como era rigorosa a Escola! Até a costura das meias era observada... dobrar a manga da blusa para amenizar o calor JAMAIS... e pensar que hoje o uniforme é opção, há escolas que nem o possui.

A pontualidade era britânica, não se permitia o menor atraso. A frequência era total; para faltar às aulas o aluno necessitava de um motivo justíssimo. Quase tudo nos era proibido, não podíamos usar pintura, jóias, bijuterias, etc. Revistas, nem pensar. A vigilância sobre o material escolar era severa. Os livros eram verificados pela maioria dos professores e não se podia neles escrever nada estranho à matéria. O regime escolar era militar, porém, vez ou outra algum aluno burlava a vigilância e escrevia nos livros frases ou quadrinhas amorosas.

Formava-se fila para entrar em sala de aula, na volta do recreio, para sair ao término das aulas, etc. Logo à entrada, em fila, entregávamos a caderneta escolar onde era marcada a presença.

As atividades extraclasse eram frequentes e quase sempre envolviam trabalhos de pesquisa. Alguns trabalhavam em grupos, outros sozinhos. Muitas vezes os trabalhos eram longos e exaustivos, porém, os alunos eram muito responsáveis e bastante estudiosos.

Os mestres eram severos. Uma prova marcada jamais seria transferida para outra data, mesmo que naquele dia houvesse outras tantas. Cada professor era o senhor absoluto de sua disciplina curricular. Quan-

do o aluno não estudava o suficiente, ficava de 2ª época, tinha que estudar "sozinho", pois o professor não lhe dava aulas de reforço, não existia a palavra "recuperação". Os exames, bastante severos, eram feitos por escrito, havendo também o chamado exame oral. Houve época em que havia até "banca examinadora". Ao concluir o antigo primário (antigo 4º ano), o aluno era submetido a exames de admissão, no qual muitos ficavam reprovados. Era a chamada "barreira". Havia também o "vestibulinho" ou vestibularzinho, no caso de haver mais candidatos que vagas para o 2º grau.

Realmente, o rigor era total, mas existe uma grande saudade, saudade tão grande de toda uma época, das "severidades", das alegrias. Saudade que me faz até lembrar o que um dia um colega escreveu no meu livro:

"Sino coração da Igreja,
Coração sino da gente;
Um a sentir quando bate,
Outro a bater quando sente.

Ah! e o sino coração está batendo e sentindo saudade. Saudade da grande fanfarra da escola, do meu Colégio. Que lembrança gostosa, a fanfarra imensa, com seu ritmo marcante, sua cadência fabulosa, levava todos à rua e aos aplausos... Saudade do orfeão da Profª Dines. Ah! era perfeito.

As peças teatrais que fazíamos eram excelentes, cotadíssimas. E as exposições finais, que beleza: os trabalhos manuais eram expostos no salão-nobre da escola e formavam, junto com dados sobre Economia Doméstica, uma exposição de rara beleza, onde havia uma gama de formas e cores, rica em pormenores. Fazíamos também a exposição de pintura. Mestres e alunos expunham "seus óleos", trabalhos a guache, etc. E os campeonatos esportivos: o basquete, a natação e o futebol faziam dos domingos uma verdadeira festa, a quadra esportiva e a piscina do "Brejinho" ficavam lotadas.

Os bailinhos do Colégio Olímpia eram uma delícia, vigiados, é verdade, não havia nem de longe a liberdade de hoje, mas eram animados e concorridos.

Depois de terminados os exames, os concluintes de 2º grau promoviam o que chamávamos de Dezembroada. Passeavam, todos fantasiados de bichos, bailarinos, etc,

em charretes enfeitadas. Outras turmas a pé, mas ao chegar à Praça Rui Barbosa a alegria era total, eram tomates e ovos por todo lado.

E as festas de formatura, bem como estas não se vê nada igual, elas eram cinematográficas, divinas. As moças e os rapazes (isto tanto em término de curso de 1º grau, como de 2º grau). Vestidos a rigor adentravam com seus padrinhos os grandes salões ao som de valsas. Eram Contos dos Bosques de Viena, Valsa do Imperador, etc.

Os salões eram magistralmente enfeitados, decorados com muito esmero. Os vestidos eram rodadíssimos e pareciam etéreos. As grandes orquestras da época: Pedrinho de Guararapes, Nelson de Tupã, Sul América, Waldir Calmon, eram as preferidas e os meus bailes foram com duas orquestras. A música parecia vir do céu, executada pelos anjos. Éh! as lembranças ficam, são resquícios de saudade que o tempo não apaga, porém, a saudade maior é mesmo da época, dos mestres que ajudaram a crescer, que tão sabiamente informaram e, dos colegas que se fizeram educadores e pela vida toda amaram e educaram as crianças e os jovens. Ah! mas os desígnios de Deus quiseram que em 1984 eu reencontrasse um ex-colega de escola, o Prof. José Sant'anna, ex-vizinho e sempre irmão, do qual passo a falar agora.

Esse professor, ainda jovem, começou a lecionar no Colégio Olímpia. Era rigoroso ao extremo. Excelente professor. Mas desde que iniciou as atividades de mestre já era iniciado nos estudos de folclore. Fazia um grande movimento em torno dessa ciência e, no pouco tempo que lhe restava da Escola, punha-se a coletar tudo quanto encontrava a respeito da cultura do povo. Naquela época, havia aulas aos sábados inclusive e, no domingo. Ele ficava dividido entre as atividades da igreja a que pertence e às coisas do folclore. E o seu alunado sempre o acompanhando. O movimento foi levado com tanta dedicação e entusiasmo, que Olímpia recebeu, com todo merecimento, o cognome de Capital do Folclore.

Pois bem, esse professor exigente, não permitia que seus alunos escrevessem nada de estranho nas páginas dos livros didáticos. O caderno de atividade era chamado Caderno Dirigido e nele só havia a matéria determinada pelo professor.

Acontece que dado ao seu gosto pelo

ESCRITOS EM LIVROS

folclore, o professor fiscalizava os livros a fim de encontrar algumas anotações nas páginas. Nos livros de Português, nada encontrava, a não ser o nome do aluno. Mas, na verdade, o que o mestre queria mesmo era encontrar alguma coisa escrita que servisse para o estudo que estava realizando: o Folclore.

Então, por ser muito perspicaz, solicitava aos alunos livros de outras disciplinas. E quando deparava com escritos a mão, era um prato cheio. Colhia-os na hora.

E o tempo foi passando e o professor e folclorista fez grandes descobertas num e noutro livro de seus discípulos.

Organizou um trabalho, registrando o que encontrou.

Bem mais tarde, encontramos-nos na Escola "Silva Mello" de Olímpia, ele professor e eu diretora. Juntos continuamos esse precioso trabalho. Foi, desta forma, que acabei descobrindo como o professor realizou essas pesquisas nos livros escolares. Ele me passou cópia do que recolhera no extinto Colégio Olímpia e na Escola "Capitão Narciso Bertolino" e disse mais: os alunos da "Silva Mello" têm o mesmo costume. Mantêm esta tradição estudantil.

Pedi autorização ao mestre Sant'anna para transcrever, na íntegra, o que ele escreveu.

ESTUDANTE

"Os estudantes são protótipos de entusiasmo, de alegria, de fê estampada nas ações. Os problemas, as dificuldades e os obstáculos, em lugar de agigantarem se desmoronam; e em lugar de se tornarem intransponíveis serão, com facilidade, destruídos.

Apesar das dificuldades dos estudos, o obstáculo é até benigno. Não há estímulo sem esforço. A vida de estudante demanda estímulo, luta, preocupação, mas requer ainda passatempos, esportes e recreação. E em meio a tanto sacrifício, esforço, decepção, alegria e felicidade, surgem as Quadras Populares que se tradicionalizaram e vivem rememoradas nos frontispícios dos livros e cadernos dos estudantes.

1 - Escola sem cola não há,
Por isso vou lhe explicar:
Quem não cola na Escola,
Na bomba há de ficar.

2 - Na Escola eu não aprendo
Também ela não me atrasa,
Mas para eu ser aprovado,
Faço cola e mando brasa.

3 - Um professor perguntou
A um aluno distraído:
Em que tempo está amar?
- Está no tempo perdido.

4 - O amor de estudante
É como ponta ferida:
Pelo ar, derrama sangue,
Chega à terra, perde a vida.

5 - A desgraça de um estudante
É ter uma namorada;
Nas aulas só pensa nela,
Nas provas não sabe nada.

6 - Quem achar erro em meu livro
Com isso não se incomode;
Não vou à Escola pra ler,
Vou só pra fazer pagode.

7 - Menino, guarde este livro,
Não deixa o livro rasgar;
O livro custou dinheiro,
Dinheiro custou ganhar.

8 - Amo muito este meu livro,
Não me aborrece, é mudo;
Nos dias dos meus exames
Ele me responde tudo.

9 - Levo comigo a lembrança
E a saudade que consome
Na folha deste seu livro,
Deixo o meu simples nome.

10 - Seus olhinhos tão brilhantes,
Teu sorriso encantador
São meus livros de leitura,
Estado do nosso amor.

11 - O amor de estudante
É uma bela porcaria,
Começa em sala de aula,
Finda na diretoria.

12 - O estudante tem na idéia
Os seus deveres que são:
A lição presa na mente
E um amor no coração.

13 - Triste vida de estudante
Sem tempo pra namorar,
De dia passa na aula,
De noite passa a estudar.

14 - Escola sem "es" é cola
Escola sem "cola" é ês
E quem não cola na Escola,
Não aprende Português.

15 - Dizia o meu professor
Que por sinal muito ativo:
Dentre os pontos, o melhor,
É o ponto facultativo.

16 - Os olhos da professora
Feriram meu coração,
Foi por isso que botei
Dois beijinhos na lição.

17 - O professor me prendeu
Pra me ensinar a lição,
Mas fui eu que consegui
Prender o seu coração.

18 - Não gosto de Matemática
E nem a quero aprender,
Poucas regras que eu estudo,
Faço questão de esquecer.

19 - A vida de um estudante
É estudar pra aprender,
Mas a minha é diferente:
É amar até morrer.

20 - Gosto muito de estudar
Dependendo o professor,
Pois gosto muito daquele
Que dá aula de amor.

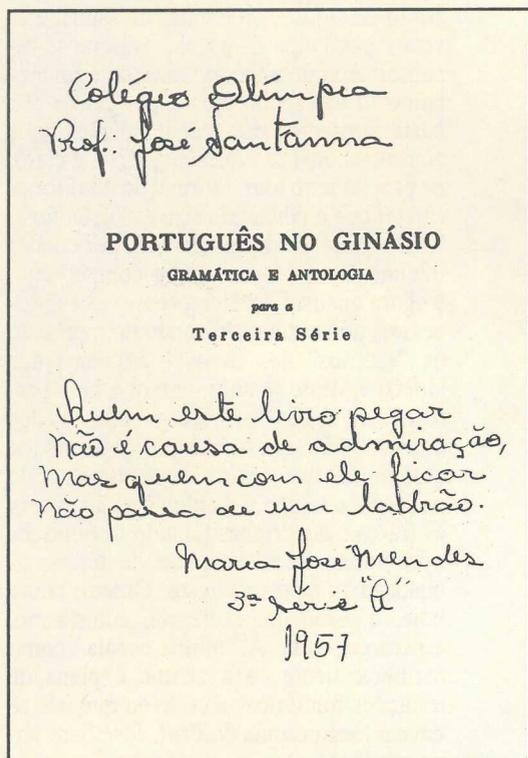
21 - Atravessei o Rio Turvo
Por um fio de barbante,
Arriscando minha vida
Por um lindo estudante.

22 - Ó meu Senhor dos Aflitos
Tirai-me desta aflição:
Durante os dias de férias
Paz e nenhuma lição.

23 - "I love you" em inglês
E "je t'aime" em francês,
Mas pra dizer a verdade,
Eu te amo em português.

24 - Namorei um garotinho
Da Escola Militar,
O danado do garoto
Só queria me beijar.

25 - O meu nome é Antônio



ESCRITOS EM LIVROS

Que por minha mãe foi dado,
Meu sobrenome é Silva
Que do meu pai foi tirado.

(Esta quadra poderá tornar-se heterométrica, dependendo do nome e sobrenome do aluno).

26 - Não é por andar com livros
Que a gente vira doutor,
As traças andam com eles
E não têm nenhum valor.

(Nos livros de aluno que não gosta de estudar)

27 - Disse-me um examinando
Que todo examinador,
Quanto menos preparado
Tanto mais reprovador.

(Sátira recitada por ocasião dos exames)

28 - Menino Jesus da Lapa,
Vestido de azul celeste,
Hoje farei meu exame
E o Senhor será Meu Mestre.

(Oração para o dia de exame)

29 - Meu livro muito amado,
Orgulho do meu saber,
Folgarei de te encontrar
No dia que eu te perder.

Variante:

Livro meu muito querido,
Tesouro do meu saber,
folgarei de te achar
No dia em que te perder.

30 - Eu quero um namorado
Que seja bom estudante,
Que seja bem bonitinho
E que me ame bastante.

Variante:

Eu quero um namorado
Que seja bom estudante,
Que seja muito bonito
E que me ame bastante.

31 - Se este livro for perdido
Também pode ser achado,
Por isso eu trago nele,
Meu lindo nome assinado.

Variantes:

Se este livro for perdido
E por acaso achado,
Para ser reconhecido
Leva o meu nome gravado.

Se este livro for perdido
Também há de ser achado,
Pra melhor reconhecido

Trago o meu nome assinado.

32 - O amor de estudante
Não dura mais que uma hora,
Toca o sino vai pr'as aulas;
Vêm as férias, vai-se embora.

Variantes:

O amor de estudante
Dura apenas uma hora,
Bate o sino vai pr'a classe
E nas férias vai embora.

O amor de estudante
Não dura além de uma hora,
Bate o sino vai pr'a escola;
Chegam as férias, vai-se embora.

33 - Quem namora estudante
Pratica crimes mortais,
Toma-lhe tempo de estudo
E o dinheiro dos pais.

Variantes:

Quem ama um estudante
Tem dois pecados mortais:
Tira-lhe o tempo de estudo
Rouba o dinheiro dos pais.

Quem namora um estudante
Comete pecados mortais:
Rouba-lhe o amor dos estudos
E o dinheiro dos pais.

34 - Estudante, deixe o livro
E volte só para mim,
Mais vale uma hora de amor
Que dez aulas de Latim.

Variantes:

Estudante, deixe os livros
Volte de novo pr'a mim,
Mais vale o nosso amor
Que dez aulas de Latim

Estudante! Estudante!
Largue os livros, vem pra mim,
Mais vale uma aula de amor
Do que duas de Latim.

35 - Quem este livro pegar
Não causa admiração,
Mas quem com ele ficar
Não passa de um ladrão.

Variantes:

Este livro é só meu,
Não tenha dúvida não;
Se alguém com ele ficar,
Pode pegar que é ladrão.

Quem este livro pegar
Não fará ocasião,

Mas se alguém ficar com ele
Não passará de ladrão.

Quem neste livro pegar
Não causa admiração,
Mas quem com ele ficar
Pega, pega, que é ladrão.

Quem neste livro pegar.
Não causa admiração,
Mas quem com ele ficar
Fique certo: é ladrão.

Cada trova tem sete sílabas métricas, rimando o segundo com o quarto verso e tem sentido completo. Excetuam-se poucos versos que apresentam oito sílabas poéticas: 1º da 1, 1º da 5ª, 3º da 6, 4º da 32 (2ª variante), 2º da 33 (2ª variante), 3º da 34 e 3º da 34 (2ª variante).

Os temas são diversos, as estrofes humorísticas ou críticas, amorosas ou de pedidos religiosos, proporcionam instantes de lazer espiritual aos leitores.

A escola de ontem era bastante diferente da escola de hoje. Era rígida. Cada disciplina era trabalhada de modo estanque. Os alunos iniciavam seus estudos e, de modo geral, na escola permaneciam até a conclusão de seus cursos. O professor era respeitado quase como um semideus. Hoje, a construção do processo pedagógico é feito coletivamente. Professores e pedagogos tentam colocar-se a serviço da democratização do ensino, cômicos de que só a democracia social e política será capaz de provocar uma condição social mais justa. Creio que não basta oferecer escola para todos, pois muitos alunos ingressam e abandonam a escola logo nas séries iniciais e o fazem por vários fatores, como por exemplo: necessidade de trabalhar, incompreensão de alguns, problemas de saúde, e às vezes, por culpa da escola. Há que se repensar seriamente a organização e funcionamento da escola. Existir por existir não basta, é preciso oferecer condições reais ao profissional da educação, além, é claro, de propiciar ao aluno formação e informação tal que o educando seja capaz de fazer boas opções, de dirigir sua vida por opções inteligentes. Todavia, não me compete aqui e agora analisar estes fatores ou estes processos, pois estou analisando no momento os "escritos" dos livros e cadernos dos alunos e, neste sentido, ontem e hoje permanecem iguais. Os livros e cadernos dos alunos estão quase sempre repletos de quadrinhas que falam do sentimento do povo. Se o tempo é de eleições, aparecem as frases e quadrinhas falando de políticos e eleitores. Se o tempo é de festas, as quadrinhas falam de festa. Ontem, como hoje, o estudante é alegria, entusiasmo, esperança, vida. A "minha escola" como carinhosamente eu a chamo é plena de tradições folclóricas e creio eu que isto se deve à longa estada do Prof. José Sant'anna por lá.

SONETO

Conta e Tempo

CÉLIO JOSÉ FRANZIN

DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

"Inventado na primeira metade do século XII pelo trovador siciliano Giacomino da Lentine, passou o **soneto** à Itália, onde chegou ao apogeu da glória com Dante e Petrarca. Levaram-no à França no século XVI, Meün de Saint-Gelais, Pontus de Thiard e Marot. Esse foi um século triunfal: na França, com Joachim du Bellay, Pierre de Ronsard e seus discípulos; na Espanha, com Herrera e Lope de Vega; na Inglaterra, com Shakespeare. Introduziu-o em Portugal o poeta Sá de Miranda, quando retornou de uma viagem à Itália; mas foi com Luís de Camões que ele atingiu o maior esplendor. Mais tarde, Bocage e Antero de Quental sagrar-se-iam também primorosos sonetistas.

No Brasil, desde o século XVII teve bons cultores: o principal foi Gregório de Matos. Serviram dele com algum brilho, posto que comedidamente, os poetas do grupo mineiro, na segunda metade do século XVIII: Cláudio Manuel da Costa foi exímio sonetista.

Entre os parnasianos, porém, no século XIX, é que entrou na plenitude do seu fastígio. Olavo Bilac, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Vicente de Carvalho, Luís Guimarães Júnior, Luís Delfino cinzelaram-no carinhosamente, alcançando ele, por vezes, a culminância da perfeição."*

O soneto é poesia lírica e, por natureza, essencialmente subjetiva. Tem forma fixa. Dos poemas de forma fixa, é o soneto o único que perdura modernamente. Sua estrutura não se alterou através dos séculos. Assim, o soneto apresentou o mesmo número de versos e a mesma disposição de estrofes da época em que começou a ser cultivado. Compõe-se de catorze versos, distribuídos em dois quartetos e dois tercetos. O último verso do soneto recebe o nome de chave, visto que encerra ou fecha a poesia. Deve encerrar, tradicionalmente, um conceito forte, brilhante, uma espécie de síntese das idéias e imagens expostas nas demais estrofes. Quando a chave é verdadeiramente perfeita, transmitindo a sensação de verdadeiro acabamento, recebe o nome de chave ou fecho de ouro. Deve ser o verso mais belo - a síntese, a quintessência emotiva.

Ocorre o caso de o poeta, não podendo completar seu pensamento com as quatro estrofes, ter de lançar mão de alguns versos suplementares, ou seja, mais um terceto, constituindo, entretanto, esse fato exceção. Nesse caso, essa estrofe que se acrescentou recebe o nome de

estrambote e o soneto é chamado estrambótico. É pouco freqüente, porém.

A disposição da rima, no soneto, não é fixa.

A poesia **Conta e Tempo** é um soneto. Quem a escreveu? Quando foi escrita?

Não podemos oferecer resposta a estes quesitos. Ninguém sabe.

É claro que alguém, num determinado dia, a escreveu, porque ela existe, mas por motivo que ignoramos, deixou de assinar a sua obra. E, mesmo assim, foi divulgado anonimamente. Teve aceitação, passou a ser do domínio público. Folclorizou-se.

Quando estudante do primeiro grau, muitas vezes ouvi a declamação desse soneto, nas festas escolares. Achei-o interessante, não só pelo assunto, mas, principalmente, pelo jogo de palavras: tempo e conta, empregado em todos os versos do soneto.

O gosto artístico é qualidade subjetiva da pessoa, tanto do poeta (artista) como do contemplante.

Há alguns anos, lendo a edição de **Mensagens e Orações** impressa pela Gráfica BRADESCO Ltda., deparei-me com o badalado soneto anônimo. Em dezembro de 1990, o BRADESCO reeditou esse livro e, na página 33, está:

CONTA E TEMPO

Deus pede estrita conta de meu tempo
e eu vou, do meu tempo, dar-lhe conta;
mas, como dar, sem tempo, tanta conta,
eu que gastei, sem conta, tanto tempo?

Para dar minha conta feita a tempo,
o tempo me foi dado e não fiz conta;
não quis, sobrando tempo, fazer conta,
hoje quero acertar conta e não há tempo.

Oh! vós que tendes tempo sem ter conta,
não gasteis vosso tempo em passatempo;
cuidai, enquanto é tempo, em vossa conta.

Pois aqueles que, sem conta, gastam tempo,
quando o tempo chegar de prestar conta,
chorarão, como eu, o não ter tempo.

INTERPRETAÇÃO:

Deus pede ao protagonista que lhe preste conta do seu tempo. O homem, arrependido, lembra-se de que nada

* *Transcrito do livro Português no Colégio (1º e 2º anos), de Raul Moreira Léllis, 15ª edição, 1971, páginas 206 e 207, Companhia Editora Nacional, São Paulo.*

SONETO

fez. Naquele momento quer alguma coisa de útil fazer, mas já não há tempo. Aconselha as pessoas a não agir como ele.



COMENTÁRIOS

1 - Vocabulário simples, palavras de uso comum.

2 - Os versos das estrofes são decassílabos. Dez sílabas poéticas. Excetuam-se o 4º verso do segundo quarteto e o 1º verso do primeiro terceto que são hendecassílabos (onze sílabas poéticas ou arte maior).

3 - Nos quartetos, as rimas são consoantes, pobres e femininas, rimando entre si, o 1º com o 4º e o 2º com o 3º versos. É rima oposta (interpolada ou intercalada) e se opera com a mesma palavra: tempo/tempo, conta/conta. Esquema rimático: abba.

4 - Nos dois tercetos, vistos como uma sextilha, as rimas são consoantes, pobres, femininas e alternadas, rimando as mesmas palavras: conta/conta/conta e tempo/tempo/tempo. Esquema rimático: ababab.

5 - Nesta versão do soneto é usada a letra maiúscula apenas no início do primeiro verso de cada estrofe. Isto é possível porque faz coincidir o início da frase gramatical com o início da estrofe.

6 - Chave de ouro: Chorarão, como eu, o não ter tempo.

Ainda em 1990, no semanário olimpiense "Tablóide da Nova Paulista", de 29 de novembro, página 4, foi publicado o mesmo soneto, provando, uma vez mais, que ganhara foro de nacionalidade, adquirindo, anonimamente, livre curso pelo país.

CONTA E TEMPO

N.N.

Deus pede estrita conta do meu tempo
E eu, do meu tempo, vou dar-lhe conta
Mas como dar, sem tempo, tanta conta
Eu que gastei, sem conta, muito tempo.

Para ter minha conta feita a tempo

Tanto tempo tive, mas não fiz conta
Não quis, sobrando tempo, acertar conta
Hoje quero acertar, não sobra tempo.

E você que tem tempo sem ter conta
Não gaste todo o tempo em passatempo
Cuide enquanto há tempo, de prestar conta.

Porque quem sem ter conta, gasta tempo,
Quando o tempo chegar de prestar conta,
Como eu, chorará o não ter tempo.

OBSEVAÇÕES:

1 - Versos decassílabos (ou heróicos)

2 - A sigla N.N. está empregada para ocultar o nome do autor.

O semanário "Folha da Região", de Olímpia, publicou à página 2, edição de 14 de dezembro de 1991, outra variante do soneto:

CONTA E TEMPO

Autor desconhecido

Deus pede estrita conta do meu tempo,
Forçoso é do meu tempo já dar conta,
Mas como dar, sem tempo, tanta conta,
Eu que gastei, sem conta, tanto tempo.

Para ter minha conta feita a tempo,
Dado me foi bom tempo, e não fiz conta;
Não quis, sobrando tempo, fazer conta
Quero hoje fazer conta e falta tempo.

Ah! se aqueles que contam com seu tempo,
Fizessem desse tempo alguma conta,
Não chorariam, como eu, o não ter tempo!

Ó vós que tendes tempo, sem ter conta,
Não gasteis esse tempo em passatempo,
Cuidai, enquanto é tempo, em fazer conta!

OBSEVAÇÕES

1 - Os versos são decassílabos (ou heróicos), com exceção do 3º verso do primeiro quarteto, que é dodecassílabo (alexandrino).

2 - Nesta variante, o segundo quarteto vem antes que o primeiro. Houve troca de posição, mudando, portanto, a chave de ouro do soneto.

Na qualidade de discípulo do Prof. Sant'anna, respeitável estudioso olimpiense das manifestações folclóricas, quero registrar os meus agradecimentos pela orientação que me foi dada na montagem deste singelo trabalho.

COROAÇÃO DE MARIA

APARECIDA GIL

DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

... e o nome da virgem era Maria!

(Lucas 1.º, 27)

"Maria é a brilhante pérola de magníficas virtudes, encastoadada no firmamento cristão constelado de figuras eminentes no caráter, cultura, caridade e heroísmo.

Passam os séculos, e o culto à Maria aumenta extraordinariamente, mais se engrandece o vulto admirável da nossa poderosa medianeira junto ao Divino Filho.

Sob diversas invocações, formosas e poéticas, os cristãos recorrem aos seus valiosos préstimos.

A casta esposa de José foi criatura de peregrina beleza física e lírio puríssimo surgido na terra.

Deus escolheu a mãe de Jesus, que veio à Terra pregar a verdade e conduzir as ovelhas tresmalhadas ao seguro aprisco da mansão celestial.

Mulher de valor, sempre conduziu-se com abnegação nas circunstâncias penosas, nunca perdendo a fé ou lastimando-se nas provações terríveis. Diligente, cuidava do lar, dos deveres religiosos, do esposo e do filho que exerciam o ofício de carpinteiros.

Nas longas viagens para cumprir o edito de César na fuga do Egito, nos cuidados maternos, revelou-se sublime como também na imensa dor, quando seguiu os passos de Jesus ao Calvário, vendo-o morrer na cruz infamante que depois se tornou o símbolo da Redenção.

Passando José e Jesus à vida permanente, Maria, a mulher forte dos Evangelhos, ficou ainda longos anos no mundo com as saudades dos entes caros, na companhia dos apóstolos, até que veio o dia do transpasse.

Uma noite, após o sepultamento, a alma que se evolará ao céu, desceu a reunir-se ao corpo incorruptível a fim de gozar a perpétua felicidade ao lado do Filho, cuja ascensão é auspicioso acontecimento festejado pela cristandade como o Trânsito de São José e Assunção de Nossa Senhora.

A Sagrada Família é venerada pelas corações devotos.



Maria Santíssima alcançou a coroa de Rainha dos Anjos e dos homens, tornando-se a doce protetora dos pecadores.

As suas graças caem em profusão, trazendo alegria, conforto, prosperidade, saúde e paz de espírito aos lares católicos onde, em tocante preito de admiração, amor, gratidão e fé, está intronizada a imagem de Maria."*

* "Folhas de Outono", de Wladimir Pinto, São

Paulo - SP, 1941.

ICONOGRAFIA

Podemos classificar as imagens de acordo com as fases da vida de Maria, derivando daí a sua iconografia.

Infância: Natividade, apresentação e várias representações de Nossa Senhora Menina, sozinha, acompanhada de Sant'Ana ou de seus pais: Joaquim e Ana.

Imaculada Conceição: A Virgem ainda jovem, com as mãos unidas junto ao peito, de cabelos soltos ou com véu, variando conforme a época, e o lugar: Conceição, Lapa, Aparecida, Lurdes, Fátima, Líbano e outros.

Encarnação: Referem-se à encarnação do Verbo e vão desde a saudação do Anjo Gabriel até o nascimento de Jesus. As principais são: Anunciação, Encarnação, Boa Nova, Bom Despacho, Amor Divino, Expectação e outros, aparecendo, em algumas delas, a pomba simbólica do Espírito Santo.

Virgem Mãe: A grande maioria das invocações de Maria, nas quais ela se apresenta com o Menino Jesus nos braços. Nas mais antigas, a Virgem aparece sentada e, nas outras, ela está em pé. O que distingue uma das outras são os símbolos que Jesus e sua Mãe trazem nas mãos. Neste grupo estão incluídas aquelas em que aparecem outras personagens como: Madre de Deus e Desterro (São José), Presépio (Reis Magos e Pastores), Rosário e Carmo (São Domingos, Santa Catarina e São Simão Stock), Desamparados (crianças), Mercês (prisioneiros), Misericórdia (personagens diversas).

Paixão: São as imagens ligadas aos sofrimentos de Nossa Senhora durante a paixão e morte de seu Divino Filho: Soledade, Saudade, Lágrimas, Dores, Angústias, Piedade. Nela incluímos a da Salete pois a Virgem aparece chorando por causa dos pecados dos homens.

Glória: Referem-se à glorificação de Maria após a sua morte e coroação no céu: Boa Morte, Assunção, Glória, Anjos, assim como a Senhora das Graças, medianeira entre Deus e a humanidade.

NOSSA SENHORA

Nossa Senhora é a designação universal de Maria - a Virgem Santíssima - que ocorre em muitas festas, coisas e lugares dedicados a ela. Os nomes de Nossa Senhora superam a mil e quinhentos e resultam das aparições - visões ou manifestações de natureza extraordinária apresentadas aos homens - ou conforme a graça recebida: protetora, padroeira, ou madrinha das causas.

Cidades, igrejas, hospitais, escolas, acidentes geográficos, estabelecimentos comerciais e outros têm sido consagrados a Nossa Senhora. Entre os mais conhecidos nomes de Nossa Senhora estão:

A - Nossa Senhora: Aparecida / Aparecida do Cabo Frio / Arca da Aliança / Auxiliadora / da Abadia / da África / da Ajuda / da Alegria / da Anunciação / da Apresentação / da Aquirópita / da Assunção / das Almas / das Angústias / do Amor Divino / do Amparo / dos Aflitos / dos Anjos.

B - Nossa Senhora: da Boa Hora / da Boa Morte / da Boa Nova / da Boa Vontade / da Boa Viagem / da Bondade / das Brotas / de Belém / do Bom Conselho / do Bom Despacho / do Bom Parto / do Bom Socorro / do Bom Sucesso / do Bonfim / do Brasil.

C - Nossa Senhora: Concebida cheia de Graça / Conquistadora / da Cabeça / da Candelária / da Caridade / da Carpição / da Conceição / da Conceição da Lapa / da Consolação / da Correia / da Corrente / das Candeias / das Causas Perdidas / de Caravágio / de Ceuta / de Chesztokowa (padroeira da Adônia) / de Copacabana / do Cabo da Boa Esperança / do Cadeado / do Calvário / do Carmo / do Choro.

RELIGIÃO E FOLCLORE

D - Nossa Senhora: da Divina Providência / das Dores / do Desterro / do Divino Pranto / dos Desamparados / dos Desesperados.

E - Nossa Senhora: do Egito da Encarnação / da Escada / da Esperança / da Estrela do Mar / da Expectação / dos Enforcados.

F - Nossa Senhora: da Fé / da Felicidade / de Fátima / dos Flagelados.

G - Nossa Senhora: da Glória / da Graça / da Guia / das Graças / de Guadalupe / do Getsêmani.

H - Nossa Senhora dos Humildes.

I - Nossa Senhora: da Ibiãça / da Imaculada Conceição / dos Impossíveis / dos Injustiçados.

L - Nossa Senhora: da Laje / da Lampadosa / da Lapa / da Libertação / da Luz / de Lima / de Lisboa / de Lujan / de Lurdes / do Leite / do Líbano / do Livramento / do Loreto.

M - Nossa Senhora: da Maternidade / da Medalha Milagrosa / da Misericórdia / da Mostra / das Maravilhas / das Mercês / de Medjugórie (Medjugorge) / do Monte / do Monte Claro / do Monte Serrat / do Morro / do Mosteiro / do Mundo / dos Mares / dos Milagres / Medianeira / Menina.

N - Nossa Senhora: da Natividade / das Neves / de Nazaré / de Ninguém / do Natal / dos Navegantes / dos Negros.

P - Nossa Senhora: da Paz / da Pena / da Penha da França / da Piedade / da Pompéia / da Ponte / da Purificação / das Portas do Céu / de Pinheiros / do Parto / do Patrocínio / do Perpétuo Socorro / do Pilar / do Porto / do Povo / do Presépio / do Purgatório / dos Perdões / dos Peregrinos / dos Pobres / dos Prazeres.

R - Nossa Senhora: da Redenção / da Rosa Mística / do Rócio / do Rosário dos Homens Pretos / dos Remédios.

S - Nossa Senhora: da Salete / da Saúde / da Saudade / da Soledade / do Sagrado Coração / do Santíssimo Sacramento / do Silêncio / do Sim / do Sion (ou Sião) / do Sol / do Sorriso / Sede de Sabedoria / Sem Pecado.

T - Nossa Senhora do Terço.

V - Nossa Senhora: da Visitação / da Vitória / Virgem e Mãe.

Z - Nossa Senhora do Zozé.

Nossa Senhora Mãe: Admirável / Amável / da Graça Divina / da Igreja / de Deus / do Bom Conselho / dos Homens / e Virgem / Imaculada / Puríssima.

Nossa Senhora Rainha: da Paz / do Santo Rosário / do Universo / dos Anjos / dos Apóstolos / dos Mártires / dos Patriarcas / dos Profetas.

E Santa Maria Maior - a mãe



Casamento da Virgem



Sagrada Família



Maria Mãe Amável



Maria Mãe de Deus



Nossa Sra. Aparecida



Nossa Sra. Auxiliadora



Nossa Sra. da Abadia



N. Sra. da Anunciação



N. Sra. da Assunção



N. Sra. da Im. Conceição



Nossa Sra. da Penha

RELIGIÃO E FOLCLORE



Nossa Sra. das Candeias



N. Sra. das Graças



Nossa Sra. de Fátima



Nossa Sra. de Guadalupe



Nossa Sra. de Lurdes



Nossa Sra. de Nazaré



Nossa Sra. do Bom Parto



Nossa Sra. do Carmo



Nossa Sra. do Leite



N. Sra. do Perp. Socorro



Nossa Sra. do Pranto



Nossa Sra. do Rosário



Nossa Sra. do S. Coração



N. Sra. dos Navegantes

E Santa Maria Maior - a mãe santíssima - é tratada pelos fiéis e devotos por suaves e extraordinárias antonomásias: Divina Pastora, Consoladora, Espelho de Santidade, Imaculada, Mãe Admirável, Mãe de Deus, Mãe do Salvador, Mãe dos Agonizantes, Nossa Mãe, Refúgio dos Pecadores, Santidade dos Enfermos, Senhora da Alegria, Senhora da Caridade, Senhora da Confiança, Senhora da Coragem, Senhora da Pobreza, Senhora do Trabalho, Virgem Fiel, Virgem Dolorosa...



N. Sra. Rainha dos Apóstolos



Estampa Moderna



Estampa Moderna



Estampa Moderna

RELIGIÃO E FOLCLORE

LADAINHA

Na Ladainha de Nossa Senhora, ela é qualificada por muitas expressões: Santa Maria, Santa Mãe de Deus, Santa Virgem das virgens, Mãe de Cristo, Mãe da divina Graça, Mãe puríssima, Mãe castíssima, Mãe inviolada, Mãe intemerata, Mãe amável, Mãe admirável, Mãe do bom conselho, Mãe do Criador, Mãe do Salvador, Virgem prudentíssima, Virgem veneranda, Virgem digna de louvor, Virgem Poderosa, Virgem clemente, Virgem fiel, Espelho de justiça, Sede de sabedoria, Causa da nossa alegria, Vaso espiritual, Vaso digno de honra, Vaso insigne de devoção, Rosa mística, Torre de Davi, Torre de Marfim, Casa de ouro, Arca da Aliança, Porta do Céu, Estrela da manhã, Saúde dos enfermos, Refúgio dos pecadores, Consoladora dos aflitos, Auxílio dos cristãos, Rainha dos Anjos, Rainha dos Patriarcas, Rainha dos Profetas, Rainha dos Apóstolos, Rainha dos Mártires, Rainha dos Confessores, Rainha das Virgens, Rainha de todos os Santos, Rainha concebida sem a mancha do pecado original, Rainha assunta ao céu, Rainha do sacratíssimo Rosário e Rainha da paz.

SANTÍSSIMA VIRGEM MARIA

Mãe de Jesus Cristo, nosso Deus e Redentor. Predita no Antigo Testamento por profecias, e por muitas figuras (Paraíso, o velo de Gedeão; a Arca da Aliança), Maria aparece pela primeira vez na história, em Nazaré. Aí, o Anjo Gabriel apareceu-lhe e saudou-a com as palavras "Ave, cheia de graça" e pediu que aceitasse ser mãe do Messias. A princípio ficou perturbada com a grandiosidade da missão e por não saber como conciliá-la com o seu voto de virgindade, mas logo que recebeu os esclarecimentos pedidos, deu seu consentimento com toda humildade: "Eis aqui a serva do Senhor!"

Seguindo o exemplo do Anjo, de Isabel, inspirada pelo Espírito Santo e de certa mulher citada no Evangelho, chamamos nós, hoje, a Maria de santa ou santíssima ou bem-aventurada, cumprindo assim a profecia que ela mesma fez: "Todas as gerações me chamarão de bem-aventurada".

Referências bíblicas: Mt 2,13 / Lc 1,43 / Jo 2,3 / Gen 3,15 / Is 7,14 / Jer 31,22 / Lc 1,26-35 / Lc 1,42 / Lc 11,27 / Lc 1,48.

De acordo com os textos evangélicos, Maria era uma jovem muito virtuosa, que morava com seus pais em Nazaré. Casada com o carpinteiro José, homem honrado e não menos trabalhador daquele mesmo povoado, seu lar foi um modelo de paz e ternura. A devoção à Virgem Maria nasceu com a igreja católica e cresceu com ela. Toda a cristandade católica possui milhares de templos dedicados à Santíssima Virgem e a ela são oferecidas devoções como "O Santo Rosário", "As Sete Dores", "Mês de Maria", etc.

A igreja católica comemora os principais fatos de sua vida nas festas chamadas: Anunciação, Visitação, Imaculada Conceição, Natividade, Purificação e Assunção.

Maria morreu com avançada idade, acreditando-se que o seu falecimento ocorreu em Éfeso.

MÊS DE MARIA

Costumam os católicos do mundo inteiro consagrar o mês de maio à Virgem Santíssima e para isso erguem altares em sua honra, organizam procissões, ladainhas e outras práticas religiosas de acordo com os costumes locais. Apareceu esta devoção em Roma, no século XVI, a

21 de março de 1815 e, a 18 de junho de 1822, concedeu 300 dias de indulgência para cada dia do Mês de Maria e uma plenária para o mês completo, podendo ser lucrada até os oito primeiros dias de junho sob as condições de costume.

COROAÇÃO DE MARIA

É o quinto dos mistérios gloriosos do Rosário - a entrada de Maria no céu, após sua Assunção.

A coroação de Maria é um dos temas mais antigos da iconografia cristã relacionados com este dogma. Outra forma de reconhecimento externo apareceu nos começos do século XVI, com a prática de coroar algumas estátuas de invocações célebres de Nossa Senhora.

Esta manifestação de piedade foi regulamentada por um Capítulo Vaticano que, em nome dos pontífices, outorgava as autorizações requeridas. Hoje, essa comemoração pode se fazer com a simples autorização do bispo em sua diocese. Mas quando se quer dar maior solenidade à cerimônia pública, solicita-se a permissão ao dito Capítulo Vaticano, ou diretamente ao Papa, que o concede por um breve apostólico.

Assim, vários países têm efetuado coroações solenes, como a que se fez na cidade do Rio de Janeiro em 1931, com a estátua de Nossa Senhora Aparecida.

DISTRITO DE RIBEIRO DOS SANTOS

A comunidade católica do distrito de Ribeiro dos Santos (Olímpia) comemora, no mês de maio, o acontecimento histórico-religioso, o da coroação de Maria, no céu. Essa comemoração tem sua razão de ser, embora pareça a alguns coisa inútil estar a relembrar fatos tão remotos.

Em primeiro lugar, não há nada remoto na história do mundo. Tudo é de ontem e tudo o que passou representa elemento para o homem aumentar sua experiência, a fim de melhor se conduzir no futuro.

Os fatos que se recordam na coroação de Maria são eloqüentes e fecundos em tais lições. Além disso, porém, acresce que a coroação nos fala à sensibilidade do povo católico por tradição e sentimento, e nos emociona com sua singeleza tão altamente significativa.

Só quem não tem no coração a arder a chama vivificante da fé poderá ficar insensível frente a tais fatos de maio, lembrados e que continuarão através dos séculos a serem celebrados cada vez com mais pompa e beleza.

Vila Irano, primeiro nome do distrito, passou a chamar-se Ribeiro dos Santos, em homenagem ao engenheiro Dr. Gabriel Ribeiro dos Santos, principal acionista da Estrada de Ferro São Paulo - Goiás que, durante muito tempo, serviu o distrito, fazendo o percurso de Bebedouro a Nova Granada, neste Estado. Mais tarde esta estrada pertenceu à Companhia Paulista de Estrada de Ferro e, por último, à Ferrovia Paulista S.A. - FEPASA, antes de ser extinto o ramal.

Ribeiro dos Santos foi fundada sob a égide de Santo Antônio de Pádua, cuja capela foi erigida, provavelmente, em 1930, tendo como primeiro vigário, o padre Pio Ziegenauf.

O distrito é voltado para a prática religiosa. Prevalece o maior número de católicos. A população está estimada em 1763 habitantes (censo de 1991). A primeira igreja protestante, evangélica, inaugurada em Ribeiro dos Santos foi a Metodista (março de 1938), tendo como ministro-pastor o reverendo Benedito Natal Quintanilha.

RELIGIÃO E FOLCLORE

Outros templos evangélicos, pentecostais, foram instalados no pequeno distrito: Igreja Assembléia de Deus (1987), Congregação Cristã no Brasil (1988) e Igreja Deus é Amor (1992).

Em todas as igrejas católicas apostólicas romanas de Olímpia, comemora-se, no mês de maio, o mês de Maria.

A Festa da Coroação de Maria, evento popular, é realizada, em Olímpia, nas igrejas: de Nossa Senhora Aparecida (Praça Nossa Senhora Aparecida), de Santo Antônio de Pádua (Jardim Cisoto), de São Benedito (Praça de São Benedito), no Centro Comunitário São Francisco de Assis (Núcleo Habitacional Antônio José Trindade) e Santo Antônio de Pádua (distrito de Ribeiro dos Santos), todas jurisdicionadas à Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, de Olímpia, sob a orientação religiosa do reverendíssimo Frei Lázaro José da Silva, sacerdote zeloso, dedicado de corpo e alma à causa da Igreja e muito querido da população católica.

O evento também se inclui, naturalmente, nas igrejas pertencentes à Paróquia de São João Batista, cujo templo principal é a Igreja Matriz de São João Batista, o padroeiro de Olímpia, há muitos anos dirigida pelo insigne e exemplar sacerdote Monsenhor Antônio Santclements, muito respeitado pela população olimpiense, sobretudo pelo seu grande conhecimento em Teologia.

IGREJA DE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA NO DISTRITO DE RIBEIRO DOS SANTOS

Está situada num belíssimo jardim da Praça Miguel Irano, sobre um tapete de árvores e flores, que lhe dá inconfundível realce. É igreja de construção espaçosa, de aspecto muito agradável. Nela o cristão se sente feliz e participa do contentamento geral dos fiéis.



Como já dissemos, maio é o mês de Maria e, durante esse mês, uma boa parte dos católicos de Ribeiro dos Santos leva a sério o culto à Maria no templo de Santo Antônio. Todas as terças e quintas-feiras do mês de maio, às 20 horas, há a celebração do terço popular. O terço é chamado de reza.

Para o pessoal se reunir na igreja é ainda costume bater-lhe o sino. São três toques prolongados, para chamar o povo, antes do início da reza. E, após cada chamada, uma, duas ou três badaladas, marcam a ordem de sucessão das batidas. Até o tanger do sino anima o distrito que é de vida meio calma.

Às oito horas da noite tem-se início a reza.

Terço é o conjunto de Ave-marias e Pai-nossos. São cinquenta Ave-marias rezadas em grupo de dez, que se chamam mistérios. Após cada mistério segue-se um Pai-nosso.

O terço é a terça parte do Rosário. São as rosas que, por amor, oferece-se à Mãe de Deus. O rosário é uma coroa de rosas. As orações do terço são o Sinal da cruz, Creio apóstólico, Pai-nosso, Ave-maria, Glória ao Pai e Salve, Rainha.

O terço, embora celebrado na igreja, difere, um pouco, dos que são rezados nos dias atuais. Após cada mistério canta-se uma estrofe curta, em louvor à Maria, nesta sequência de hinos, processionais, populares e bem conhecidos:

MÃEZINHA DO CÉU

Cântico infantil



Mãezinha do céu
Eu não sei rezar,
Só sei te dizer:
Quero te amar.

Azul é teu manto,
Branco é teu véu,
Mãezinha eu quero
Te ver lá no céu.

LOUVANDO A MARIA



Louvando a Maria o povo fiel,
A voz repetia de São Gabriel.
Ave, ave, ave Maria (bis)
Etc.

COM MINHA MÃE ESTAREI



Com minha mãe estarei
Na santa glória um dia,
Junto à Virgem Maria
No céu triunfarei.

No céu, no céu (bis)

RELIGIÃO E FOLCLORE

Com minha mãe estarei.

AVE DE FÁTIMA



A treze de maio
Na cova da Iria,
Do céu aparece
A Virgem Maria.

Ave, ave, ave Maria. (bis)

MARIA, MÃE DA GRAÇA



Ó Maria, mãe da graça,
Mãe da misericórdia,
Livrai-nos dos inimigos,
Recebei-nos na hora da morte. Amém.

No final do terço, após a oração de Salve, Rainha, reza-se a Ladainha de Nossa Senhora e como postlúdio é cantado o **Ofício de Nossa Senhora**, oração que segundo os devotos, é muito poderosa, expulsa o maligno e aplaca até tempestade. Serve para combater qualquer mal. A quem não souber cantá-la, basta recitá-la ou lê-la que obterá os mesmos milagres. Antes, entoa-se o **Deus vos salve**.



Deus vos salve, Maria,
Filha de Deus Pai.
Deus vos salve, Maria,
Mãe de Deus Filho.
Deus vos salve, Maria,
Esposa do Divino Espírito Santo.
Deus vos salve, Maria,
Templo do sacrário da Santíssima Trindade.
Deus vos salve, Maria,
Soberana das criaturas.
Deus vos salve, Maria,
Advogada dos pecadores.

Deus vos salve, Senhora Sant'Ana,
Mãe de Maria Santíssima.
Deus vos salve, Maria,
Concebida sem pecado.

Ofício de Nossa Senhora



Agora lábios meus,
dizei e anunciai
os grandes louvores
da Virgem Mãe de Deus.

Sede em meu favor,
Virgem Soberana,
livrai-me do inimigo
com o vosso valor.

Glória seja ao Pai,
ao Filho e ao Amor também,
que é um só Deus
em pessoas três,
agora e sempre
e sem fim. Amém.

HINO

Com a música anterior.

Deus vos salve, Virgem!
Senhora do mundo,
Rainha dos céus
e das virgens Virgem.

Estrela da manhã,
Deus vos salve, cheia
de graça divina,
formosa e louçã.

Dai pressa, Senhora,
em favor do mundo
pois vos reconhece
como defensora.

Deus vos nomeou
já lá "ab aeterno",
para a Mãe do Verbo
com o qual criou.

Terra, mar e céus,
e vos escolheu.
quando Adão pecou
Por esposa de Deus.

Deus a escolheu
e já muito dantes,

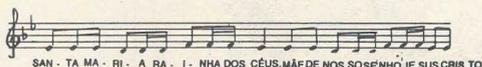
RELIGIÃO E FOLCLORE

em seu tabernáculo,
morada lhe deu.

Ouvi, Mãe de Deus,
minha oração,
toquem vosso peito
os clamores meus.

ORAÇÃO

Esta pode ser recitada ou cantada também.
Se cantada:



Santa Maria, Rainha dos céus, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhora do mundo, que a nenhum pecador desamparais nem desprezais: ponde, Senhora, em mim os olhos de vossa piedade, e alcançai-me de vosso amado Filho o perdão de todos os meus pecados, para que eu, que agora venero com devoção vossa santa e imaculada Conceição, mereça, na outra vida, alcançar o prêmio da bem-aventurança por mercê de vosso beneditíssimo Filho, Jesus Cristo, Nosso Senhor, que com o Pai e o Espírito Santo vive e reina para sempre. Amém.

PODEROSA ORAÇÃO

Assistimos a um dos terços a Maria, em Ribeiro dos Santos. E, naquela noite, fomos convidados, pelo casal Joaquim Correia da Silva, para um cafezinho, em sua residência. Lá tivemos grande oportunidade de conversar sobre o **Ofício de Nossa Senhora**.

D. Alsênia (D. Néia) é a esposa do Sr. Joaquim. Católica de nascimento, praticante da religião e fiel devota de Maria. Tomando a palavra, D. Néia reforçou-nos o poder da oração Ofício de Nossa Senhora: "Esta oração faz milagre à distância. Eu sou uma devota mariana. No mês de maio eu canto o Ofício de Nossa Senhora diversas vezes por dia. Recebi essa orientação de um sacerdote, quando ainda era mocinha. Foi assim que ele me ensinou: **Matinas** (primeira parte do ofício, rezada de madrugada). **Prima** (primeira hora canônica, correspondente às seis horas). **Terça** (correspondente às nove horas). **Sexta** (correspondente ao meio-dia). **Noa** (correspondente às quinze horas). **Vésperas** (que se diz ao cair da tarde). **Completas** (que se reza à noite)."

Completa D. Néia: "Hoje, o povo está perdendo a fé. Tem preguiça de rezar. Por isso que o mundo anda assim tão desarranjado. Por isso, é que Deus castiga o povo".

COROAÇÃO DE MARIA EM RIBEIRO DOS SANTOS

Há muitos anos se faz a coroação de Maria na Igreja de Santo Antônio, em Ribeiro dos Santos.

A cerimônia da coroação varia de igreja para igreja, pois é o povo que imprime, ao seu modo, o ritual.

No ano de 1989, trabalharam muitas pessoas para o brilhantismo da festa: Alsênia Francisca de Carvalho, Escolástica da Silva Fernandes, Geraldo Fernandes, Joaquim Correa da Silva, José Ermínio Correa da Silva, Maria Matos da Silva, Marilei Santana da Silva, Rosa Maria Castagna, Rute Correa da Costa e Vera Maria Canuto de Oliveira.

D. Marilei, uma das mais entusiasmadas colaboradoras da igreja, nos disse que sua maior satisfação é zelar da

igreja, juntamente com as companheiras. Contou-nos estar muito contente, porque neste ano (1989), as meninas cororariam Nossa Senhora, usando vestidos novos. E ela agradecia ao Prof. José Sant'anna, que atendeu ao seu pedido, oferecendo os tecidos, conforme relação apresentada. E também às costureiras que, graciosamente, confeccionaram os trajés. Juntamente com a colega D. Rosa, ela ensaiava as meninas para a coroação, mas passava muito apuros porque quase todas as meninas queriam participar e, infelizmente, o número de participantes era limitado.

O ensaio é realizado todas as noites de maio, durante a semana. Aos sábados e domingos, durante o dia, no período da tarde.

Continua D. Marilei: O trabalho pesado, como o de armar a grande escada diante do altar por onde subirão as meninas que vão coroar Nossa Senhora, fica sob a responsabilidade dos homens. Mas os enfeites, é claro, é das mulheres. No dia da coroação, a igreja tem que estar bem enfeitada, não podendo faltar a cor branca, que simboliza a alegria e pureza, e a cor vermelha que simboliza o amor.

O lírio branco, também chamado açucena branca, não pode faltar, porque é o símbolo da pureza. Aos pés da Santa deve haver muitas rosas, pois a Virgem Maria é a Rosa Mística.

Neste ano vão participar da coroação vinte garotos, sendo dezenove meninas e um só menino. Quatro fazem o papel de anjinhos: dois vestidos de branco, um de rosa e um de azul. É, por tradição, o menino que se veste de azul. Esses anjinhos se posicionam dois no alto da escada, por detrás da imagem da Santa e, dois no chão, em frente da escada.

E, muito motivada, D. Marilei prossegue: "Na Igreja, nós temos muitas imagens de Nossa Senhora. Elas não estão no altar. Ficam guardadas nos armários, na sacristia. Então, cada ano nós correamos uma Nossa Senhora, para não desagradar a ninguém. Uns são devotos de Nossa Senhora Aparecida, outros de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e assim por diante. Nós sabemos que todas são uma só, a mesma santa, mas o povo acostumou considerar a Santa pelos muitos nomes que ela tem. Neste ano, por exemplo, nós vamos coroar Nossa Senhora das Graças.

No dia da coroação vão participar dezesseis meninas, oito de cada lado da escada. Nossa Senhora das Graças vai estar colocada na parte mais alta da escada, num altar ricamente enfeitado. As duas primeiras meninas das fileiras, a da direita e a da esquerda, usam vestido branco longo, com larga fita azul-claro na cintura e grinalda branca. As demais meninas não usam grinalda. Os vestidos se intercalam nas cores: branca, azul-claro e rosa, todos longos, com cinto azul-claro. As meninas participam de pés no chão. As que puxam a fila, de um e outro lado, têm função especial. A da direita transporta um prato com uma coroa de metal e, a da esquerda, um prato cheio de pétalas de rosas brancas. A segunda menina de cada fila também transporta pratos com pétalas de rosas de diferentes cores. A penetração das garotas é tanta que elas nos dão a impressão de que realmente alçam-se ao céu, ao encontro de Nossa Senhora.

ÚLTIMO DOMINGO DE MAIO DE 1989

Dia 28 de maio de 1989. Último domingo do mês. Falta poucos minutos para as vinte horas. Entramos no templo de Santo Antônio em Ribeiro dos Santos. Fomos recebidos com muita hospitalidade. A comunidade toda estava muito alegre. A festa a que fomos assistir era a da **Coroação de Maria**.

Esta é uma cerimônia extraliturágica (paraliturágica) que

RELIGIÃO E FOLCLORE

se costuma fazer no mês consagrado à Maria, mês de maio, como encerramento das homenagens prestadas pelos cristãos e que comemora sua coroação no céu.

Neste dia havia sido programado missa, e então o vigário responsável pela igreja, Frei Lázaro, compareceu para celebrá-la. E no transcorrer da cerimônia de coroação, o sacerdote fez uma belíssima prédica, enaltecendo a mãe de Jesus.

Como tivemos oportunidade de dizer, o ritual da Coroação de Nossa Senhora é uma cerimônia paralitúrgica, podendo, inclusive, ser dirigida por pessoa leiga, desde que praticante da religião e pertencente à diretoria da igreja.

Terminada a missa, o povo permaneceu sentado em seus devidos lugares e, a seguir, iniciou-se a Festa da Coroação.

O aspecto que esse espetáculo religioso apresenta é realmente de uma significação muito pura e faz um efeito de profundo respeito a quem o contempla com os olhos e o coração. Festejo religioso onde as meninas, à porfia, se esforçam para tornar bela e agradável a festividade, expressando toda alegria e amor no papel que estão desempenhando.

Com elegância, amor, respeito e muita alegria entram pela porta central da igreja caminhando vagarosamente, e entoando sentida música, percorrem a nave à busca das escadas que conduzem ao céu improvisado, no templo, onde as espera, Nossa Senhora, para receber mais uma coroa simbólica.

É assim que se realiza esse empolgante teatro religioso da Coroação de Nossa Senhora, em Ribeiro dos Santos:

ENTRADA DO GRUPO

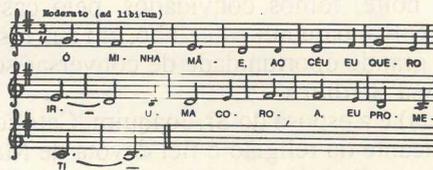
Terminada a missa, ou reza, o povo permanece no templo, e o grupo de meninas, antecedido por quatro anjinhos, entra pela nave da igreja cantando em direção da escada que conduz ao altar:



1 - Viemos trazer flores,
Florzinhas de Nossa Senhora

Que vai ser recebida (bis)
Neste dia e nesta hora.

Sobe o primeiro degrau e as duas meninas, a primeira de cada fila, cantam:



2 - Ó minha mãe
Ao céu eu quero ir
Uma coroa, eu prometi.

Enquanto a congregação canta, o grupo de meninas sobe mais um degrau:



RELIGIÃO E FOLCLORE



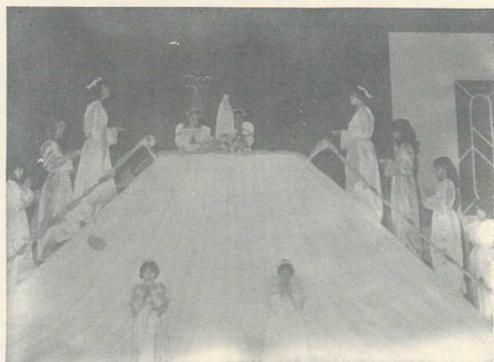
3 - Queremos a Maria,
 Flores oferecer,
 Ó digna-te, mãe pia,
 Tais flores receber.

As meninas do grupo cantam e sobem mais um degrau da escada.



4 - Aceitar estas florzinhas,
 Aceitar com alegria
 Pela estrela do Norte (bis
 Vamos coroar Virgem Maria.

As duas meninas de grinalda, à frente, cantam:



Aceitar esta de flores
 Como, como imenso tesouro.

Mas a coroa ofertada a Nossa Senhora é de metal, não de flores. De flores são as pétalas que lhe são atiradas.

Novamente a congregação canta e as duas meninas sobem mais um degrau:



6 - De Maria publiquemos
 Toda a glória e formosura,
 Veneremos, invoquemos
 Tão sublime criatura.

As duas meninas chegam próximo da imagem de Nossa Senhora (das Graças) e cantam esta estrofe, com a música da estrofe número 4, enquanto colocam a coroa sobre a cabeça da Virgem:



5 - Pobre de mim,
 Não posso dar-te
 Uma rica coroa de ouro,

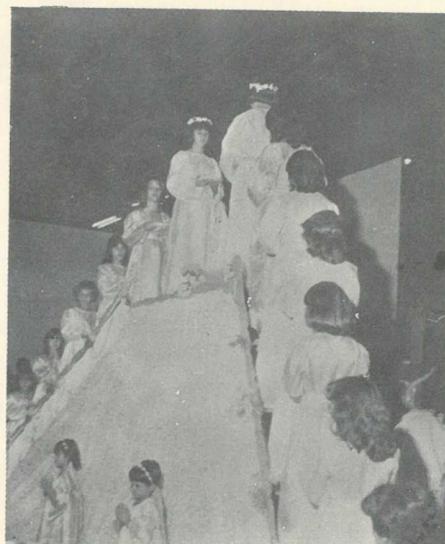


RELIGIÃO E FOLCLORE

estrofe de número 4.



Foram tantas as pétalas que a coroa caiu.



7 - Aceitar esta coroa,
Aceitar com alegria,
Pela estrela do norte
Vamos coroar Virgem Maria
Pela estrela do norte
Coroamos a Virgem Maria.

Após a coroação todas as crianças da escada atiram pétalas de rosas em Nossa Senhora e continuam cantando a

Terminadas as pétalas que atiraram e uma vez cantada a estrofe, todas as meninas da escada viram-se para a esquerda (frente para o povo) e juntamente com toda a igreja, cantam:

RELIGIÃO E FOLCLORE



Deus vos salve, ó Virgem,
Mãe imaculada,
Rainha de clemência,
De estrela foi coroada.

Pois, ó mãe da graça,
Merecemos ver,
A Deus nas alturas
Com todo o prazer.

Vós sobre os anjos
Sois purificada,
De Deus a mão direita
Estais de ouro coroada.

Pois sois a esperança
Dos pobres errantes
E segura ao porto
Aos navegantes.

Ainda na escada, as meninas cantam juntamente com a congregação.



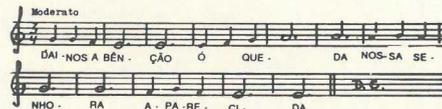
Ave Maria,
Cheia sois de graça,
Senhor é convosco,
Bendita sois vós
Entre as mulheres,
Bendito é o fruto,
Nasceu Jesus!

Santa Maria,
Virgem mãe de Deus,
Rogai por nós,
Mãe dos pecadores.
Agora e na hora
Da nossa morte,
Amém, Jesus!

As meninas permanecem na escada, voltadas para o povo, enquanto o sacerdote ou mesmo um guia leigo da igreja faz uma pré-dica sobre Maria. Neste dia, estava presente o vigário responsável, Frei Lázaro José da Silva, que fez belíssima pregação a respeito de Nossa Senhora. Depois dos comentários do sacerdote, muitas palmas e "vivas" a Maria.



Ainda sobre os degraus da escada, cantam:



Dai-nos a bênção,
Ó mãe querida,
Nossa Senhora Aparecida. (bis)

Descem, vagorosamente, as escadas, e andam quase que paradas. Os anjinhos vão à frente. A congregação canta:



1 - Ó Virgem pura e santa,
Ó mãe do Redentor,
Tu és supremo anseio
Do meu sincero amor.

2 - Maria de Jesus,
Maria, mãe querida,
Tu és o meu socorro
Na estrada desta vida.

A seguir, entoam este hino:

Ó MÃE QUERIDA

Estrilho

RELIGIÃO E FOLCLORE

Adeus, adeus,
Vamos partir,
Vamos pr'o céu
Vamos seguir,
Vamos seguir,
Ó mãe querida,
Nossa Senhora Aparecida.

Ao chegarem no adro da Igreja de Santo Antônio, abraçam-se e se despedem todos os partícipes da turma da coroação, felizes pelo cumprimento ao dever. Mais uma festa realizada.

Uma vez mais ouvimos D. Marilei, que comentou sua tristeza em ter que desmanchar todo aquele trabalho bem montado, levar Nossa Senhora das Graças para ser guardada até nova oportunidade de ser coroada ou de sair num dos andores da procissão. Disse-nos que recolheria os vestuários dos participantes para lavar e guardá-los para o ano seguinte.

CONCLUSÃO

Apreciamos a cerimônia em louvor à Maria, a verdadeira mãe de Cristo, que é verdadeiramente o filho de Deus.

Antes da conclusão deste trabalho queremos expressar nossa gratidão a Jesus Cristo, Filho de Deus, nascido de Maria; ao professor José Sant'anna pela inestimável orientação e valiosa cooperação, bem como a participação de Luís H. Cassiano Nogueira, fervoroso devoto de Maria. A André Luiz Nakamura pelo apoio; ao maestro Antônio Possatto que, coadjuvado pelas professoras Cidinha Manzoli e Rosemeire Aparecida Martins, produziu a organografia musical, e ao fotógrafo Hélio Garcia Filho.

Moderato

O MÃE QUE - RI - DA VIR - GEM, DA
PAZ - SO - MOS TEUS FI - LHOS
DE - CO - RA - ÇÃO DÁ - NOS, A
BÊN - ÇÃO EM MEU FA - VOR
E A NOS - SA PÁ - TRIA TU - A PRO - TE -
ÇÃO - PROS - TA DOS AOS PÉS DOS AL - TA - RES - O
MÃE DO SAL - VA - DOR E - LE - VA AO CÉU OS TEUS CAN -
TA - RES EM VOR EM TEU LOU - VOR.

Ó mãe querida,
Virgem da Paz,
Somos teus filhos
De coração
Dá-nos a bênção
Em meu favor
E a nossa pátria
Tua proteção.

1 - Prostado aos pés
De teus altares,
Ó mãe do Salvador,
Eleva aos céus
Os meus cantares,
Em teu louvor,
Em teu louvor.

Estrilho

Aí, o grupo sai da igreja, acenando a mão direita a todo o pessoal e entoando.

Moderato - Adeus, adeus (ad libitum)

A - DEUS A - DEUS - VA - MOS PAR -
TIR - VA - MOS PRO CÉU
VA - MOS SE - GUIR - VA - MOS SE -
GUIR - O MÃE QUE - RI - DA
MOS - SA SE - NHO - RA - A - PA - RE -
CI - DA

A melhor impressão é a que fica.

Centrograf

Impressos em geral.
Rótulos e embalagens.
Catálogos.
Jornais.
Revistas.
Impressos padronizados.
Relatórios administrativos.

Praça Rui Barbosa, nº 47 - Patrimônio de São
João Batista - Telefones: (0172) 81-1060 e
81-3056 - 15 400 - 000 - Olímpia - SP

Dinamismo do Folclore

ANDRÉ LUIZ NAKAMURA

DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

A sabedoria e a criatividade da gente do povo, apesar de desprezadas pelos intelectuais e eruditos, proporcionam vasto material para pesquisas e vêm se tornando, cada vez mais, objeto de estudo acadêmico.

Nem mesmo o acervo milionário do léxico da Língua Portuguesa falada no Brasil, finito, mas quase imensurável inibe a intervenção de neologismos como "agilizar", "informatizar" e o recente "imexível" - obra-prima de um desprestigiado ex-ministro. Aos neologismos seguem-se os jargões (conjunto de vocábulos usados na comunicação entre profissionais de um mesmo ramo); regionalismos (palavras próprias de uma região); e, entre mais, as gírias que, graças a Deus, são efêmeras, poucas se fixam na língua.

PALAVRAS VIVAS

A evolução do folclore verbal deixa para trás inúmeras palavras que, pela ação vertiginosa e ininterrupta do tempo e das idéias, caem no esquecimento e tornam-se arcaísmos: "vianda" (carne), "mandareiro" (mensageiro). Do mesmo modo que alguns artefatos, atropelados pelo avanço tecnológico, são substituídos por outros modernos e transformados em peças de museu: "rabina" (panela), "jardineira" (ônibus) e há casos em que o objeto e a palavra que o significa são dispensados, como "mariquinha" (suporte para o coador de café).

Muitas perdem sua significação original para adquirir outra: "biscatear" (outora, fazer biscates, pequenos serviços; hoje, ato de prostituir ou de saçaricar com biscates) ou se tornam polissêmicas: "Trama" (fio grosso, tecido; intriga, conluio, conspiração; barganha; ladroeira; peste, doença; enredo). O que nos leva a concluir que as tradutoras e intérpretes do pensamento humano, assim como o homem, têm vida própria; nascem, envelhecem, morrem, transformam-se.

Não obstante, há um estranho paradoxo em toda essa criatividade lexical. Acontece, com o aval dos meios de comunicação, uma execrável e desnecessária importação de palavras como "affair", "frisson", "weekend". Importação tão condená-

vel quanto a de grãos que às vezes é feita por este país de solo fértil, imenso vocabulário e gigantesco território.

Independentemente de fanatismo xenófobo e etnocêntrico e fora das exhibições, muitas palavras estrangeiras são consensualmente aceitas e, por estarem arraigadas na linguagem corrente, aportuguesadas (ou abrasileiradas). Este processo recebe dos gramáticos o nome de estrangeirismo ou peregrinismo: "chantagem", "cabina", "xampu" e várias outras imigrantes nacionalizadas.

METÁFORAS VENENOSAS

É evidente que a fértil inventividade do povo não se limita ao âmbito das palavras. Atua onipresente e é dotada de um poder de observação capaz de encontrar semelhanças com o homem na fauna, na flora e nos objetos. Tal percepção dá origem a comparações e metáforas de alto teor venenoso que podem fazer o ser humano ter: olho de boi, boca de bagre, pé de elefante, etc.

A observação vai além do aspecto físico e atinge o comportamento dos seres irracionais usados como referência. Daí surge: "ovelha negra", "perua", "cobra criada", "raposa", "corno", "tubarão", "galinha" e assim vai (e muito longe).

Essa habitual e freqüente recorrência à prática das metáforas se consolidou na criação de palavras baseadas nessas intersecções como: "emburrado", "embezzado", "abestalhado", "empavonado", construídas na língua com o emprego de afixos (prefixos e sufixos ao mesmo tempo) ou pela derivação parassintética.

No entanto, a crítica popular é involuntariamente autocrítica. Os autores anônimos das frases e expressões zombeteiras não acreditam que possam ser vítimas do próprio feitiço. Sendo assim, é possível que num programa de auditório de televisão, os sarcásticos deboches do animador sobre algum calouro provoquem risos em telespectadores de nível equiparável ao do pseudocantor. É o mesmo que se alguém de mais de 1,85 m chamasse um outro de "girafa" e outras

situações em que o sujeito agente oculta ou dissimula suas faltas e aponta as alheias.

ANTIPROVÉRBIOS OU CONTRAPROVÉRBIOS

Outra interessante manifestação da ciência popular é a paremiologia. Tema que foi abordado com elegância e competência pela professora Iseh Bueno de Camargo na edição anterior deste anuário.

A paremiologia, devido ao anonimato das obras, atribui ao povo os méritos e a autoria dos provérbios ou adágios, anexins, prolóquios, brocardos, máximas e uma série de sinônimos com tênues diferenciações.

Os provérbios resultam da observação e experiência do povo e possuem características empíricas, silogísticas e metafóricas. São considerados reflexos do comportamento humano e contundentes lições de vida da sabedoria popular. Uma tradição milenar que até hoje é utilizada para aconselhar, orientar, sentenciar e transmitir conhecimentos de geração a geração. Foram consagrados e indiscutivelmente aceitos pelos seus usuários.

Contudo, essa sábia sentença popular enfrenta a atual tendência a questionar tudo o que vier pronto e for passível de comprovação. Assim, a veracidade dos provérbios, que sempre teve a hostil discordância dos sábios letrados, é colocada à prova. A "Senhora" de José de Alencar pergunta: "Não é o dinheiro que traz todas as venturas?" Machado de Assis diz que a ocasião não faz o ladrão; o ladrão já nasce feito. O Marquês de Tatuí conclui que: "De louco temos muito, de sábio, um pouco". E, entre outros, Chico Buarque nos dá um bom conselho: "Aja duas vezes antes de pensar".

A busca da constatação dos provérbios ultrapassa a esfera intelectual e encontra a reavaliação e até a contestação dos próprios criadores dessas frases de impacto: o povo. Um choque ideológico que se materializa nos antiprovérbios.

Nessa contracultura existe o anseio de corrigir a excessiva ênfase e a demasiada generalização dos provérbios.

MODISMOS

os, que passaram a ter suas mensagens enfocadas sob outros ângulos e, por conseqüência, surgem diferentes interpretações; otimistas, pessimistas, ou simplesmente contraditórias.

Particularmente, os antiprovérbios contêm o puro prazer de contrariar e o grande senso de humor que, felizmente, não faltam ao povo brasileiro. Humor que às vezes beira o tragicômico e contradições que reforçam ambigüidades e estabelecem novas controvérsias. O que já ocorria nos provérbios, como podemos verificar nos confrontos abaixo:

- Deus não dá nozes a quem não tem dentes e - Deus dá asas para quem não sabe voar;

- Quem não ouve conselho, ouve: coitado e - Conselho se fosse bom, não se dava, se vendia.

Isso não nos assusta, pois o mesmo povo é o autor de ambos.

Sem mais divagações vamos aos antiprovérbios:

- O amor é um jogo.
(Sorte no jogo, azar no amor).

- O dinheiro, se não traz felicidade, manda buscar.

(O dinheiro não traz felicidade).

- É preciso crer para ver

(É preciso ver para crer).

- Há males que vêm pra pior.

(Há males que vêm pra bem).

- O mundo é dos ricos.

(O mundo é dos espertos).

- Após a tempestade vêm os estragos/ Após a tempestade vem a gripe.

(Após a tempestade vem a bonança).

- Quando a esmola é demais o santo

gosta.

(Quando a esmola é demais o santo

desconfia).

- Devagar demora muito pra chegar.

/ Devagar nunca se chega.

(Devagar se vai ao longe).

Nosso 1º Imperador, D. Pedro, dizia

ao seu boleeiro: Devagar que eu tenho

pressa.

- Antes mal acompanhado do que

ficar só.

(Antes só do que mal acompanha-

do).

- A mulher do meu vizinho é minha

vizinha.

(A mulher do meu vizinho pra mim

é homem).

- A propaganda é a alma do negó-

cio.

(O segredo é a alma do negócio).

- Quem ao feio ama não tem bom

gosto.

Quem ama o feio é cego.

(Quem ao feio ama, bonito lhe pare-

ce).

- Quem cedo madruga, fica com sono

o dia todo.

Mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga

(Deus ajuda quem cedo madruga).

- Quem espera sempre cansa.

Quem espera cansa e senta.

Quem espera perde a paciência.

Quem espera desespera.

(Quem espera sempre alcança).

- Quem nunca comeu melado não sabe o que está perdendo.

(Quem nunca comeu melado quando come se lambuza).

- Quem vê cara não vê o resto.

(Quem vê cara não vê coração).

- Quem tudo quer, tudo pode.

Quem tudo quer fica rico.

(Quem tudo quer, tudo perde).

- Quem casa se estrepa.

(Quem casa quer casa).

- Quem cala nada fala.

(Quem cala consente).

- Quem muito dá aos pobres, acaba na miséria.

Quem dá aos pobres, adeus.

(Quem dá aos pobres, empresta a Deus).

- Quem não tem cão, fica sem caça.

(Quem não tem cão, caça com gato).

- Quem tem boca vai ao dentista.

(Quem tem boca vai a Roma).

- Quem não tropeça também cai.

(Quem tropeça cai).

- Em boca fechada não entra comida

Boca fechada não fala.

(Em boca fechada não entra mosquito).

- A fome é a maior desgraça.

(A fome é a melhor cozinheira).

- Cesteiro que faz um cesto é preguiçoso.

(Cesteiro que faz um cesto faz um cento).

- Pau que nasce torto com jeito en-
direita.

(Pau que nasce torto, morre torto).

- O apressado é o que consegue comer.

(O apressado come cru).

- Falar é prata. Calar é covardia.

(Falar é prata. Calar é ouro).

- Os últimos serão desclassificados

Os últimos nada conseguem.

(Os últimos serão os primeiros).

- Em terra de cego ninguém vê nada.

Na terra de cego quem tem um olho é caolho.

(Em terra de cego quem tem um olho é rei).

- O pior cego é aquele que anda sem bengala.

(O pior cego é aquele que não quer ver).

- Sol e chuva, vão sair de guarda-chuva.

(Sol e chuva, casamento de viúva).

- Águas passadas, já passaram.

(Águas passadas não movem moi-

nhos).

- Filho só puxa o pai quando este é cego.

(Tal pai, tal filho).

- Filho de peixe faz bolhinha d'água.

(Filho de peixe, peixinho é).

- É melhor morrer como um filósofo do que viver como um jumento.

(Mais vale um jumento vivo do que um filósofo morto).

- De grão em grão a galinha se cansa.

De grão em grão a galinha enche o saco.

(De grão em grão a galinha enche o papo).

- Cada macaco com sua macaca.

(Cada macaco no seu galho).

- Macaco velho não põe a mão na macaca.

Macaco velho não trepa em galho seco.

(Macaco velho não põe a mão na cumbuca).

- Mais vale um pássaro na panela que 2 na mão.

Mais vale um na mão que dois no sutiã.

(Mais vale um pássaro na mão que 2 voando).

A OUTRA FACE

Há pouco, citei o poder de observação e a perspicácia do povo nas atribuições de características dos animais, vegetais e objetos ao homem. Concomitantemente, ocorre o contrário; atitudes e propriedades do ser humano são outorgadas aos seres irracionais e aos objetos. Por exemplo, na ausência de um termo específico, a **catacrese** dá "braços" ao sofá, "pernas" à mesa, "dentes" ao alho, etc.; a **prosopopéia** faz estrelas sorrir e árvores chorar; a **sinestesia** dá cor ao cheiro (cheiro-verde) e voz à cor (cor berrante); e sobretudo a **metáfora**, tão poderosa que até ensina o galo e a cigarra a cantar. E o povo, independentemente de conhecer as denominações que os linguistas dão às suas criações, continua a usar e abusar da analogia e associação que faz com os mundos inanimado e irracional.

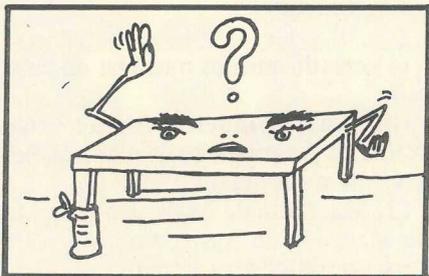
Frases como: "Não quero nem saber quem pôs o leque no rabo do peru", usadas para o sujeito se livrar de situações embaraçosas ou para mostrar desinteresse, irresponsabilidade, podem representar o uso desses recursos retóricos.

Com a ajuda do Professor José Sant'anna, especialista em cenas de ação folclórica, conseguimos coletar, em Olímpia, várias dessas tiradas evasivas que exemplificam a extraordinária sagacidade do povo:

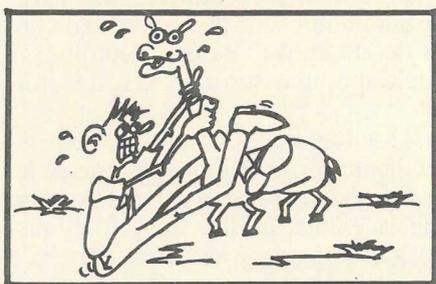
MODISMOS

NÃO QUERO NEM SABER...

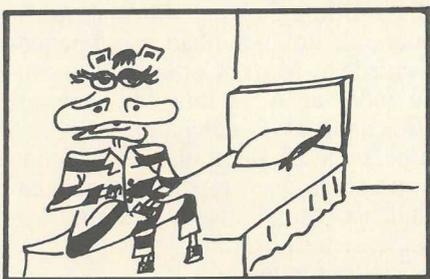
-quem colocou dentadura no serrote.



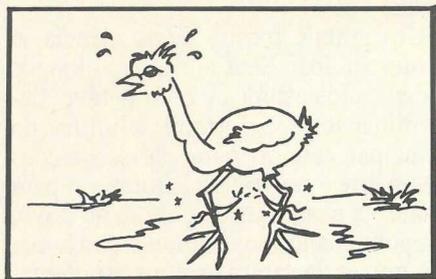
-quem quebrou a perna da mesa.
-quem consertou o braço da cadeira.
-quem entortou o anzol.
-quem comeu a cabeça da cebola.
-quem envernizou a barata.



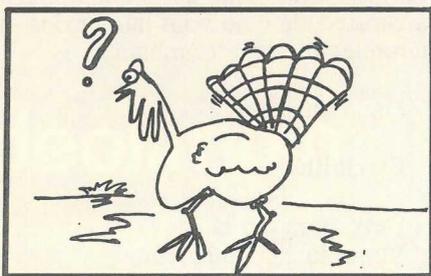
-quem esticou o pescoço da girafa.
-quem cortou uma perna do saci.
-quem virou os pés do Curupira pra trás.



-quem vestiu o pijama na zebra.
-quem colocou a tomada no focinho do porco.



-quem amarrou as esporas no galo.
-quem botou antena na barata.



-quem pôs o leque no rabo do peru.
-quem amarrou o espanador no rabo da égua.

-quem quebrou o bico do bule.
-quem cortou a asa da xícara.
-quem matou o Mar Morto.
-quem encheu a boca do copo.
-quem fez a orelha do livro.
-quem queimou o cabelo do milho.
-quem arrumou o pé do repolho.
-quem tirou o miolo do pão.
-quem cortou o umbigo da laranja baiana.
-quem emprestou a bolsa pr'o gambá.
-quem esticou a linha do trem.
-quem cegou a faca.
-quem pôs o olho no machado.
-quem pintou as asas da borboleta.



-quem pôs a coroa no abacaxi.
-quem enfiou espinhos no corpo do cateto.

-quem envenenou o ferrão do maribondo.

-quem botou as lanternas no vagalume.

-quem fez a instalação no peixe elétrico.

-quem cortou o crânio da mula-sem-cabeça.

-quem é o João-sem-braço.

-quem enfraqueceu a galinha-de-angola.

-quem instruiu o pombo-correio.

-quem entregou a vassoura pra bruxa.

-quem choca os ovos do chupim.
-quem deu aula de música pra se-reia.

-quem ensinou o beija-flor a voar para trás.

-quem cortou o rabo do nambu.
-quem botou a armação no tatu.
-quem ensinou o tiú a dar rabada.
-quem ensinou o cavalo a dar patada.

-quem ensinou o João-de-barro a fazer forno.

-quem espalhou mau-cheiro no corpo do bode.

-quem ensinou o besouro a roncar.

-quem encheu o coco-da-baía de água.

-quem deu a bolsa pr'o canguru.
-quem coloriu o Mar Negro e o Mar Vermelho.

-quem loteou as costas da tartaruga.

-quem açucarou o Pão-de-açúcar.



-quem deu a trombeta ao pernilongo.
-quem colocou cabides na cabeça do veado.

-quem pintou o calango de verde.

-quem ensinou a perereca a saltar.

-quem assina com pena de morte.

-quem faz leitura no livro da vida.

-quem canta para embalar o sono eterno.

-quem aplica injeção na veia poética.

-quem cultiva flores no vaso de guerra.

-quem consegue dormir no leito do rio.

-quem pôs o rabo no cometa.

-quem colocou lanternas nos olhos do gato.

-quem ensinou a araponga a bigornear.

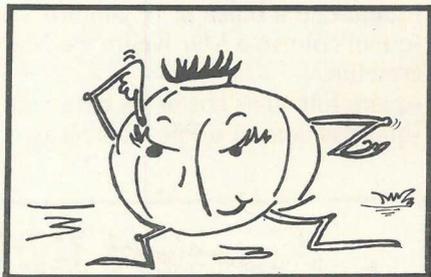


-quem ensinou o tatu a ser cozeiro.
-quem instalou o gravador no papagaio.

-quem pôs a tesoura no rabo da andorinha.

MODISMOS

- quem inventou o trabalho.
- quem pintou o arco-íris no céu.
- quem ensinou o pernilongo a fazer serenata.
- quem ensinou o grilo a gritar.
- quem colocou molas nas pernas da rã.
- quem colocou aspas na cabeça do boi.
- por que o camaleão muda de cor.
- por que a coruja não dorme à noite.
- por que o urubu anda de luto.



-para que a cebola tem cabeça.



-para que alho tem dente.
-para que a rua tem mão.
-para que a noite tem boca.
-se pé de alface tem chulé.



-se dente de garfo faz tratamento.

O costumeiro emprego da proposição "Não quero nem saber", mormente entre os paulistas, inspirou a embolada homônima composta por Pirapó e Cambará (irmãos Casimiro e Valetim Graneli) e Augusto Toscano. Foi gravada em 1967 pela gravadora Chantecler de São Paulo.

A embolada consta de quatro estrofes de oito versos (oitavas) e um estribilho de quatro versos (quadra). Nas oitavas, os versos rimam dois a dois (rimas emparelhadas) e, no estribilho, o 1.º verso rima com o 3.º e o 2.º com

o 4.º (alternadas). A música teve boa receptividade junto ao público, graças à capacidade e ao bom humor dos intérpretes Pirapó e Cambará.

Diz a música:

Estribilho

Deixa isso pra lá
Vem pra cá, venha ver.

Agora vou te contar
O que eu não quero saber:

1 - Não quero saber se o papai sabe tudo

E quem cortou a língua do criado-mudo. (1)

Não quero saber se a boca tem um céu.

Se a cabeça de repolho usa chapéu.
Não quero saber se a cobra dá pernada.

Se a Ilha da Madeira (2) foi envernizada.

Não quero saber se pé de mesa usa bolha

Se rabo de porco é saca-rolha.

Estribilho

2 - Não quero saber se baleia tem chafariz

Quem afiou o Machado de Assis. (3)

Se a manga da camisa é burbom,
Se o molho de chaves é apimentado,
Se a cortina de ferro tem babado. (4)

Não quero saber quem pisou no pé da pata

E quem foi quem envernizou a barata.

Estribilho

3 - Não quero saber quem pôs fogo no inferno

E se no tempo de Adão (5) usava terno.

Não quero saber quem deixou o Tatuapé (6)

E se o pé de alface tem chulé.

Não quero saber se gambá usa perfume

E quem pôs bateria no vaga-lume.

Estribilho

4 - Não quero saber quem pintou o cavalo branco

Se gafanhoto tem motor de arranco.
Não quero saber se tijolo é rapadura

Se a boca da noite tem dentadura,

Se a girafa usa colarinho

E quem deixou o Renou Gordinho (7)

Se a prisão de ventre tem preso encarcerado.,

Se o João-de-Barro é engenheiro for-

mado.

Estribilho

Elucidário:

(1) **criado-mudo**: mesinha de cabeceira.

(2) **Ilha da Madeira**: A mais extensa ilha do Arquipélago da madeira, pertencente a Portugal.

(3) **Machado de Assis**: Joaquim Maria Machado de Assis, o mais perfeito prosador da nossa Literatura.

(4) **Cortina de ferro**: Expressão cunhada por Winston Churchill numa alusão à divisão política e ideológica da Europa (leste/oeste) e à Guerra Fria.

(5) **Adão**: O primeiro homem feito por Deus, de barro.

(6) **Tatuapé**: Bairro de São Paulo.

(7) **Renou Gordinho**: Renault - grupo automobilístico que lançou o modelo de automóvel Renault Gordine. A dupla apertuguesa para Renou Gordinho.

Há outras frases deste tipo, com semelhante forma e diferente conteúdo. Essas, abaixo, servem para demonstrar fogosa exultação, libertinagem ou disposição para tacar lenha na fogueira e ver o circo pegar fogo:

-Não quero nem saber se o pato é macho, eu quero é ovo;

-Não quero nem saber quem morreu, eu quero é chorar;

-Não quero nem saber se a mula é manca, eu quero é rosetá.

Esta última foi encontrada no pára-choque de um caminhão numa pequena cidade de Minas Gerais. E logo causou indignação na liga das senhoras católicas local. O delegado, convencido pelas perplexas mulheres, ordenou ao motorista que tirasse a frase do caminhão. O caminhoneiro obedeceu. Porém, escreveu depois:

-Continuo querendo.

Essa é uma pequena amostra do universo de idéias e criações da alma do povo de todas as regiões do Brasil. Quão rica e magnífica é a cultura popular!

Um grande mestre dessa ciência, o professor José Sant'anna, após longos e dedicados estudos e com notável determinação transformou Olímpia no principal cenário para representações dessa arte e no grande laboratório para análise e pesquisas da cultura do povo, proporcionando aos olímpenses a honra e o prazer de serem os mais privilegiados espectadores e participantes das celebrações e festividades folclóricas que, anualmente, acontecem aqui, em agosto, na "Capital Nacional do Folclore".

ROMANCEIRO

Dom Jorge e Juliana

RITA DE CÁSSIA SANT'ANNA MARTOS
CENTRO DE PESQUISAS E ESTUDOS FOLCLÓRICOS - OLÍMPIA

A palavra romance em sua acepção original significa oriundo de Roma. Em espanhol romance significou um breve poema narrativo, de conteúdo lendário ou histórico. Em inglês, é uma narração em prosa cujo enredo é fantástico ou meio fantástico, que não corresponde aos fatos reais. Em português, romance corresponde ao francês Roman, ao italiano romanzo e ao alemão roman e designa qualquer narração extensa em prosa.

Romanceiro, etimologicamente, é o aportuguesamento do século XIX do vocábulo espanhol romancero. É a coleção de romances narrativos ou contados onde prevalece o lirismo. São composições que variam entre a técnica descritiva e técnica do diálogo.

O ROMANCE NO BRASIL

Surgiu à época da colonização em consequência do interesse dos portugueses pelo romance. Ante a influência cultural dos seus colonizadores, os brasileiros se interessaram com mais intensidade pelo romance.

O interesse científico pelo romance teve no Brasil o trabalho pioneiro de Celso Magalhães, sucedido por Sílvio Romero e Antônio Lopes, que pesquisaram e recolheram muitas versões brasileiras de romance, principalmente no Maranhão, onde foi encontrado o mais extenso romanceiro.

O ROMANCE NO FOLCLORE BRASILEIRO

De acordo com Rossini Tavares de Lima em seu livro Abecê do Folclore, o romance subsiste no nosso folclore, cantado como modinha ou toada, brinquedo de crianças ou dorme-nenês e até mesmo moda de viola. É parte integrante de certos fol-

guedos populares, como a Marujada ou Fandango, Bumba-meu-boi ou Boi-de-mamão.

DOM JORGE E JULIANA

O notável pesquisador de romance da atualidade, preclaro folclorista Bráulio do Nascimento, discerniu, entre muitos outros, sobre o romance Dom Jorge e Juliana.

Deste romance existem inúmeras versões e em vários idiomas, quarenta e sete foram analisadas e comparadas pelos estudiosos.

É um dos romances ibéricos mais divulgados no Brasil, especialmente no Estado de São Paulo.

Das muitas versões existentes, sabemos que as recolhidas em Olímpia não configuram entre as já comparadas.

Por esse motivo, tomamos três versões dele, recolhidas em Olímpia - SP, sendo uma delas, brinquedo infantil.



1 - O que tu tens, Juliana,
Que andas triste a chorar?
- Mamãe, eu fiquei sabendo
Que Jorge vai se casar.

2 - Bem te disse, ó Juliana,
Não quiseste acreditar,
Dom Jorge tinha outro amor,
Queria só te enganar.

3 - Ó minha mãe, não faz mal
Dele eu hei de me vingar,
Se não se casar comigo
Com outra não vai casar.

4 - Lá vem vindo o Dom Jorge
No seu cavalo montado,

Vem convidar Juliana
Pra assistir o seu noivado.

5 - Bom dia, ó meu Dom Jorge,
Estava a te esperar,
Eu já recebi notícia
Que você vai se casar.

6 - É verdade, ó Juliana,
Vim para te convidar
Pra festa do casamento
Você não deve faltar.

7 - Espere um pouco, Dom Jorge
Eu vou subir no sobrado
Trazer um copo de vinho
Pra celebrar teu noivado.

8 - O que puseste no vinho?
Minha vista escureceu.
Jorge caiu do cavalo,
Deu dois suspiros, morreu.

9 - Ó mamãe, matei o Jorge,
Matei com toda razão,
Ia se casar com outra,
Ferindo meu coração.

10 - O delegado vem vindo,
Com dois soldados ao lado
Para prender Juliana,
Que matou seu namorado.

Cantado por D. Rosa Pereira dos Santos (D. Rosinha), 75 anos (1988), residente na Avenida do Folclore, 566, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia.

Comentários:

1 - Este texto de D. Jorge e Juliana é constituído de dez estrofes de quatro versos (quadradas ou quartetos).

2 - Cada verso é composto por sete sílabas poéticas (heptassílabo ou redondilha maior).

3 - A rima é soante. Trova. O 2º verso rima com o quarto.

ROMANCEIRO

4 - Esquema rimático: abcb.

5 - Quanto ao valor, predominam as rimas pobres, verificadas entre palavras da mesma classe gramatical.

6 - Quanto ao gênero, predominam as rimas masculinas. Elas se operam entre vocábulos oxítonos.

7 - Quanto à acentuação dos versos, esta é muito variada, mas predomina o acento na 2ª, 4ª e 7ª e também na 4ª e 7ª sílabas.

8 - O andamento da música é lento. É melodiosa e triste.

Variante:

SEU JORGE E JULIANA

1 - O que viste, ó Juliana
Que está tão triste a chorar?
Mamãe, eu ouvi dizer
Que Jorge vai se casar.

2 - Lá evém o Seu Jorge,
Montado no seu cavalo.
- Bom dia, ó Juliana,
Como você tem passado?

3 - Ó Jorge, eu vi dizer
Que você vai se casar.
- É verdade, ó Juliana,
Eu vim pra te convidar.

4 - Seu Jorge, eu tenho um vinho,
Guardado para te dar,
Espera só um pouquinho,
Eu vou depressa buscar.

5 - Que vinho é esse, Juliana,
Que você me fez tomar?
Minha vista escureceu,
Eu não posso mais voltar.

6 - Bebeste, ó desgraçado,
Uma especial tintura
Misturada, com capricho,
Ao vinho da amargura.

7 - O sino está batendo,
Quem foi será que morreu?
- Mamãe, é o Seu Jorge
Quem matou ele fui eu.

8 - Lá vem vindo a polícia
Pra cumprir com seu dever,
Para prender Juliana

Que matou seu bem-querer.

Cantado por D. Sebastiana de Matos, 70 nos (1990), residente no Abrigo São José, Rua Benjamim Constant, 1505, Bairro da Santa Casa, Olímpia.

Comentários:

1 - Número de estrofes: 8 (oito).
2 - Música: a mesma do primeiro texto.

Brinquedo Cantado

JULIANA

1 - Juliana, ó Juliana,
Por que anda triste, a chorar?
- Mamãe, eu fiquei sabendo
Que o Jorge vai se casar.

2 - Boa tarde, ó Juliana,
Boa tarde, como vai?
- É verdade, ó Seu Jorge
Que o senhor vai se casar?

3 - É verdade, ó Juliana,
É verdade, vou casar.
Pra assistir meu casamento
Vim para te convidar.

4 - Suba aqui no meu sobrado,
Neste último parapeito
Que eu tenho um cálix de vinho
Que para ti eu guardei.

5 - Juliana, ó Juliana,
O que puseste no vinho?
Minha vista escureceu,
Não enxergo mais o caminho.

6 - Não enxerga o teu caminho,
Nunca mais há de enxergar,
Se não casares comigo,
Com outra não vais casar.

7 - Juliana, ó Juliana,
Eu te peço perdão,
Tu não te casas comigo
Mas teu é o meu coração.

8 - Seu Jorge deu um adeus,
Deu um suspiro profundo,
Disse adeus e Juliana,
Disse adeus para o mundo.

Brinquedo Infantil cantado pelas crianças do Jardim "Silva Mello", Olímpia, em 1987, recolhido pelo Prof. José Sant'anna.

DESENVOLVIMENTO DO BRINQUEDO

Meninos e meninas. Escolhem o Jorge, a Juliana e sua mãe.

As crianças formam uma fileira e ficam de mãos dadas. Juliana leva um copo, de alumínio, à mão.

Juliana e sua mãe posicionam-se em frente da fileira. Jorge fica um pouco mais distante.

Inicia-se o brinquedo. A mãe de Juliana canta os primeiros versos da 1ª estrofe. Juliana canta os 2 últimos versos da mesma estrofe.

Jorge dá uns passos à frente, cantando os 2 primeiros versos da 2ª estrofe. Todas as crianças, inclusive Juliana e sua mãe, cantam os 2 últimos versos dessa estrofe.

Tudo acontece conforme determina o texto do brinquedo. Assim, a 3ª, 5ª e 7ª estrofes são cantadas por Jorge. A 4ª e 6ª estrofes são cantadas por todas as crianças, juntamente com Juliana e sua mãe.

Ao cantarem a 8ª estrofe (último), transformam a fileira numa roda, com Jorge ao centro. Jorge cai, fingindo-se morto.

Terminado o canto, as crianças soltam as mãos e o Jorge ressuscita.

Escolhem as novas personagens. Recomeça-se o brinquedo. Brincam até mudar de idéia.

Estrofes: 8 (oito). Música: a mesma do 1º texto Diálogo. Solo e coro.

E assim, andam em muitas bocas a Juliana e o Jorge.

Finalizando, agradeço ao Prof. José Sant'anna pela orientação, e ao folclorista André Luiz Nakamura pela extraordinária colaboração.



Foto: Última estrofe do brinquedo

CONFERÊNCIA

Experiência de Pesquisa e Aplicação Didática de Danças Folclóricas

(Trabalho apresentado na "2ª CONFERÊNCIA MUNDIAL DE PESQUISA DE DANÇAS FOLCLÓRICAS", realizada em LARISSA, de 6 a 10 de julho de 1988)

MARIA AMÁLIA CORRÊA GIFFONI
PROFESSORA EMÉRITA DA U.S.P.

Introdução

Estes dados têm a finalidade de focalizar: 1º) a oportunidade na prática das danças folclóricas; 2º) a dança folclórica na Escola de Educação Física, integrada na Universidade de São Paulo; 3º) a diferença entre danças e folguedos populares; 4º) a aplicação de pesquisas folclóricas.

A totalidade das danças por nós pesquisadas e aplicadas didaticamente eleva-se a mais de uma centena e estão inseridas em cinco livros de nossa autoria, relacionados adiante. O conteúdo dessas obras tem a finalidade de salvaguardar as modalidades estudadas. As danças e folguedos populares constituem a mais completa manifestação da cultura popular brasileira. No caso em apreço, representam nossa vivência com o folclore e o esforço em protegê-lo e divulgá-lo, especialmente entre nossas alunas daquele estabelecimento de ensino, que se tornaram o veículo propagador. Sem recursos oficiais ou particulares para as pesquisas, o que conseguimos representa um ideal concretizado pelo esforço e anos de dedicação.

OPORTUNIDADE NA PRÁTICA DAS DANÇAS FOLCLÓRICAS

Na educação física e na recreação, nas escolas ou fora delas, a dança folclórica tem grande campo de aplicação. O valor da dança nos programas de Educação Física vem sendo testemunhado pela sua inclusão em diversos métodos que predominaram em diferentes épocas. Encontramo-la no Método Natural de Hebert, no Sueco de Ling, na Calistenia de Sharstron ou de Wood, no Método Francês de Demény, este por muito tempo adotado oficialmente no Brasil, e nos modernos métodos de Educação Física, sobretudo feminina. A

sua utilidade é reconhecida em todos os países, fazendo parte de métodos de fisicultura e recreação ou tendo vida isolada, como o maior veículo de iniciação artística, educação rítmica e musical e agente de sociabilidade. Não se pode duvidar da necessidade urgente de dar maior importância à dança. Partimos do princípio de que ela recreia, talvez tanto quanto o jogo, desenvolve as mesmas funções, serve de observação através da qual a educação se pode fazer (1) apenas não tem o caráter de competição, que é substituído pelo cunho artístico.

Influi poderosamente para a prática das danças folclóricas a necessidade imprescindível e urgente de recreação, para diminuir a tensão que a vida moderna e as grandes cidades acarretam. A recreação é necessidade universal e sempre presente.

Graças ao poder recreativo, fornecem meios de educar a criança e o adolescente, pelas oportunidades que oferecem e prazer que proporcionam. O adolescente nela encontra ocasião de iniciar a vida social, sendo ainda esplêndida colaboradora na fase de afirmação pessoal que o jovem atravessa. Para o adulto, propicia derivativo salutar para as horas de lazer. Por várias razões, as danças folclóricas constituem uma das atividades recreativas mais indicadas, por ocasionar novas amizades, ajustar o indivíduo ao grupo, impor-lhe comportamento que, repetido no lar, na escola, no trabalho e na sociedade, irá beneficiá-lo. A presença da dança folclórica nas escolas, em todos os graus, inclusive nas universidades, assim como fora delas, favorecerá os praticantes, dado o valor físico, moral, mental, social, cultural, recreativo e terapêutico que possui e os aspectos educativos que apresenta, os quais já foram focalizados por

nós em outro trabalho. Proporciona campo para a cultura geral de conhecimentos históricos, sociológicos, antropológicos, geográficos, de psicologia individual e de grupo, além dos folclóricos que lhes são inerentes. As tendências e predileções do povo permitem a expansão da personalidade, concorrendo para estabilizar a emoção e a sensibilidade da criança e do adolescente, facilitando a aprendizagem em geral. As danças folclóricas constituem, ainda, centro-de-interesse e unidades-de-experiências de grande valor. Particularmente os folguedos (ou bailados) populares, pela sua complexidade, tornam-se área muito fértil.

(1) Aspectos que tratamos na 1ª edição de Danças Folclóricas Brasileiras - Livraria Martins Editora, São Paulo, 1954.

As danças folclóricas na escola de educação física da USP

Ao tratarmos do assunto, não poderíamos deixar de tecer comentários sobre a evolução da cadeira de Danças do mencionado estabelecimento de ensino, por ser a mesma a escola oficial do Estado e, até há algum tempo, a única responsável, em terras paulistas, pela formação de elementos encarregados da orientação da educação física, da recreação e da dança, nos meios onde esta é empregada como atividade física, rítmica e recreativa. A disciplina Danças, naquela Escola, anteriormente, se ocupava de Dança Clássica ou Ballet, passando posteriormente, por curto período e determinação federal, a fornecer conhecimento de Ginástica Rítmica até que conseguimos a estrutura definitiva da disciplina como Danças Folclóricas. Após várias diretrizes tomadas naquela cátedra, em virtude de fatores diversos,

CONFERÊNCIA

em 1950, manifestamos à Congregação da referida Escola a necessidade de se dar maior amplitude à divulgação das danças folclóricas, nacionais e estrangeiras, de aplicação mais imediata nas escolas pré-primárias, primárias, secundárias, profissionais e industriais e no setor de recreação. Intensificamos, de 1952 em diante, a divulgação do nosso folclore dançado.

Como, às vezes, causava estranheza a orientação por nós adotada, não de todo igual às demais Escolas de Educação Física do Brasil, valemos da realização, em 1952, do Concurso de Ingresso ao Magistério Secundário e Normal, cadeira de Educação Física, seção feminina, da qual fomos Presidente da Comissão Examinadora, para um inquérito sobre o assunto. Em vista dos resultados obtidos, concluiu-se que: 55,55% preferiu unicamente a dança folclórica e 28,65% optou por esta ao lado de outras modalidades.

Esta pesquisa teve por finalidade auscultar a opinião de professores, com certa experiência, sobre a aplicação das danças folclóricas nos programas de Educação Física, nos estabelecimentos de ensino secundário. Desejávamos saber se o ponto de vista delas estava em concordância com o nosso. O conhecimento que possuíamos sobre a matéria vinha da vivência do problema não só no magistério superior, através da Escola de Educação Física do Estado de São Paulo, onde lecionamos por longos anos, como no ensino secundário de onde viemos, do primário que conhecíamos, do pré-primário, jardins de infância, centros de moças e rapazes, recantos infantis, nos quais, como Técnico de Educação do Gabinete da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura de São Paulo, tivemos atribuições. Incluímos os centros de recreação, clubes esportivos, ensino profissional e industrial, onde nossos cargos e especialização nos levaram. Sentimos de perto e objetivamente a necessidade imperiosa e urgente de divulgar o Folclore e mais especificamente as danças folclóricas nesses ambientes. Já nos pronunciávamos inúmeras vezes sobre o assunto, através de trabalhos, artigos, palestras e, particularmente, em nossa cátedra no magistério superior. Continuamos a aus-

cultar opiniões sobre o emprego da dança folclórica naqueles setores. As pessoas encarregadas de dirigir atividades físicas, rítmicas e recreativas nesses ambientes foram e continuam sendo favoráveis ao emprego das danças folclóricas. Este pronunciamento se faz de forma quase unânime. A aprendizagem, a prática e a divulgação das danças brasileiras merecem cuidado inicial para que as nossas tradições, que se cristalizaram em danças, tenham a repercussão que merecem e por serem manifestação da alma popular em momentos significativos de divertimento, trabalho, religião, etc. Embora compreendamos a obrigatoriedade de divulgar o Folclore brasileiro e o tenhamos feito com a máxima constância, sentimos de perto a necessidade de ensinar danças internacionais, de grande valor para atender às injunções étnicas num País onde a contribuição estrangeira é tão expressiva. Conhecendo o poder aglutinador das danças folclóricas, espera-se obter, por intermédio das mesmas, integração mais completa entre a nossa gente e o estrangeiro que aqui chegou e seus descendentes.

DANÇAS E FOLGUELOS POPULARES

Cabe, pela destinação informativa do texto em pauta, elucidar a distinção estabelecida entre as duas categorias básicas de manifestações coreográficas populares no Brasil. As **danças folclóricas** de um lado e os chamados **folguedos** (ou bailados, danças-dramáticas e autos que constituem denominações diferentes do mesmo fato folclórico) de outro. Diferem quanto ao contexto de cada um os participantes, a ocasião, o local, horário em que se realizam e os trajes. As **danças** são executadas pela gente da zona rural ou urbana que as conhece e as repete por tradição, em festas comuns, sem data certa, no interior das casas ou nos terreiros. Possuem coreografias definidas, mas sua estrutura é simples. São executadas sem trajes especiais e quase sempre à noite (Ex.: Coco, Samba, Tirana, Cana Verde, Cateretê, Batuque, etc.). **Folguedos** são manifestações coreográficas que possuem estruturação, isto é, praticadas por elementos pertencentes a um grupo,

que se reúne e faz os ensaios necessários. Realizam-se em épocas determinadas (S. João, Natal, dia dos santos padroeiros e festas do calendário). Apresentam forma de espetáculo, incluindo cortejo, danças, cantorias e declamação. Podem ou não apresentar enredo. São vistos ao ar livre, nas ruas e praças, geralmente durante o dia e com trajes especiais (Ex.: Caiapó, Bumba-meu-boi, Reisado, Moçambique, Caboclinho, Congada, etc.).

APLICAÇÃO DE PESQUISAS FOLCLÓRICAS

Para uma avaliação das danças folclóricas por nós pesquisadas e ensinadas na Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo, mencionamos, em bibliografia, os livros de nossa autoria que as incluem.

Nas danças apresentadas, além das considerações gerais sobre cada uma, descrevemos os passos, figuras, trajes, acompanhamento instrumental, apresentamos o texto musical correspondente, croquis e fotografia.

Quanto às noções de como ensinar as danças folclóricas, focalizamos em Danças Folclóricas Brasileiras e Suas Aplicações Educativas, na Parte I, a Metodologia das Danças Folclóricas, abrangendo o Ensino Pré-Primário (págs. 40 e 41) e o Ensino Primário (págs. 41 a 43). Em "Observações de Ordem Psicopedagógicas" (págs. 43 a 45) e "Normas que interessam ao Ensino da Dança" (págs. 46 e 47) são dadas outras orientações para aqueles graus de ensino. A metodologia das Danças no Ensino Médio que se aproxima da que usamos no Ensino Superior, incluindo neste as modificações devidas, esta exposta nas págs. 47 a 50. Com "Aspectos Psicopedagógicos do Ensino da Dança em Geral" (págs. 50 a 55) e "Providências Indispensáveis" (págs. 55 a 57) concluímos as normas por nós adotadas. Representam fruto de observações nossas no ensino da dança e opiniões pessoais. Nota-se nuances de um para outro grau, mas, em suas linhas gerais, a diretriz se aproxima, sendo interessante acompanhar os vários conceitos expendidos. Não nos prendemos à idade e sim a graus de ensino, porém existe uma equivalência entre ambos.

Queremos lembrar que o estudo

CONFERÊNCIA

teórico do Folclore é importante para o conhecimento de seus pontos fundamentais, porém, mais valioso que este é o aprendizado prático da matéria, que se origina da vivência do fato folclórico, da observação das manifestações populares no próprio ambiente, do contato direto com os portadores de folclore. Quer sejam danças e folguedos, cantos, instrumentos musicais, enfim qualquer manifestação folclórica, necessita ser vista e sentida na convivência, na observação e participação que o contato direto possibilita. É assim que se chega ao âmago do fato folclórico.

A nossa experiência de um quarto de século na Universidade de São Paulo e anos na Universidade Mackenzie (SP) nos autoriza a afirmar: a consulta bibliográfica, a observação e análise de fotos, "slides", filmes e gravações são de grande utilidade para o conhecimento de folclore, **mas não de todo suficiente**, embora quase sempre constituam os recursos disponíveis. Mesmo com visitas aos museus especializados, presença a seminários, congressos, e a frequência a cursos, iniciativas de grande valor, o aprendizado não faz completamente.

A explicação minuciosa e precisa do observador, que aprendeu e participou de manifestações folclóricas, não é, às vezes, suficiente para transmitir as suas características. Há possibilidade de falha na transmissão, tanto por deficiência de quem dela se encarrega quanto de quem a recebe. Tomamos por exemplo as danças e folguedos, recreação costumeira entre o povo, que geralmente coincide com ocasiões e acontecimentos marcantes para a comunidade. A quem não os observa diretamente será mais difícil ter idéia exata dos movimentos naturais e descontraídos, da forma pessoal de executar os passos e figuras e de outras peculiaridades que acompanham o seu desenrolar. Para quem nunca viu de perto como dança o povo, que o faz com espontaneidade e encanto inesperados, perdem-se detalhes de grande significação.

Os trabalhos decorrentes de pesquisas são demorados e cansativos, demandando tempo e esforço. Nos estudos aqui enumerados, à pesquisa bibliográfica soma-se a de campo,

preponderante e decisiva, na qual surgem aspectos inéditos. Do convívio com o povo, nos locais onde as manifestações se realizam, as surpresas se sucedem, trazendo novos conhecimentos. O nosso trabalho de longos anos consistiu em transportar essas pesquisas para o ambiente escolar, representando experiência significativa. Foi, ao que nos parece, atingido o binômio Folclore-escola, tão desejado. A Universidade de São Paulo ao coeditar um de nossos livros, que seguiu a diretriz dos demais, considerou-o "Pesquisa-aplicada", o que nos faz supor estarmos na direção certa.

NOTA: A projeção de "slides", de nossa coleção particular, procurou ilustrar aspectos importantes, abrangendo danças e folguedos de origem indígena (caiapó, de várias formas, caboclinhos e cateretê), africana (maracatu, congada, batuque e samba) e européia (tirana, chimarrita, cana verde e bumba-meu-boi). Foram acompanhados de considerações gerais e comentários específicos, dando origem a novos conhecimentos, referente ao tema apresentado complementando-o.

BIOGRAFIA

GIFFONI, Maria Amália Corrêa - **Danças Folclóricas Brasileiras e suas Aplicações Educativas** (20 danças). 2ª ed. ampliada - São Paulo, Edições Melhoramentos, 1964, 361 p. (com ilustrações); 3ª ed., São Paulo, Edições Melhoramentos/Instituto Nacional do Livro, MEC, 1973.

GIFFONI, Maria Amália Corrêa - **Danças Tradicionais das Américas** (20 danças), Melhoramentos, São Paulo, 1963, 182 p. (com ilustrações).

GIFFONI, Maria Amália Corrêa - **Danças Folclóricas da Europa** (20 danças), Ed. Melhoramentos/EDUSP, São Paulo, 1974, 170 p. (com ilustrações).

GIFFONI, Maria Amália Corrêa - **Danças da África, Ásia e Oceânia** (20 danças), Editora Nobel/Secret. Cultura, Esportes e Turismo, São Paulo, 1974, 188 p. (com ilustrações).

GIFFONI, Maria Amália Corrêa - **Dança Miúdas do Folclore Paulista**, (18 danças), 2ª ed. ampliada, Editora Nobel, São Paulo, 1980, 188 p. (com ilustrações).

GIFFONI, Maria Amália Corrêa - **Folguedos do Meu Povo** (10 Folguedos) com ilustrações, a ser editado.

RESUMO

Na educação física e na recreação, nas escolas ou fora delas a dança folclórica tem grande campo de atuação. Veículo de iniciação artística, agente de sociabilidade, atende à necessidade de recreação, universal e sempre presente. A prática da dança folclórica beneficia os executantes, dado o seu valor físico, mental, social, cultural, terapêutico, etc. No campo da cultura geral, favorece o conhecimento. Concorre para estabilizar a emoção e a sensibilidade, auxiliando a aprendizagem.

A inclusão da dança folclórica, com exclusividade, na cadeira de Danças da Escola Superior de Educação Física do Estado de São Paulo, integrada na Universidade de São Paulo, necessidade premente por nós apontada à Congregação daquela Escola, teve o apoio de professores de nível médio, em inquérito por nós realizado, e confirmado também por responsáveis por centro de recreação, orientadores de clubes esportivos e entidades educativas. Na Escola Superior de Educação Física, embora dando caráter preferencial às danças folclóricas brasileiras, visando preservá-las e difundir-las, divulgamos, também, as danças internacionais, para atender às injunções étnicas, num país como o Brasil, onde a contribuição estrangeira é tão expressiva.

A aplicação didática das danças folclóricas por nós pesquisadas está consignada nos livros de nossa autoria: *Danças Folclóricas Brasileiras*, *Danças do Folclore Paulista*, *Danças Folclóricas das Américas*, *Danças Folclóricas da Europa*, *Danças da Ásia, África e Oceânia (Folclore)* e *Bailados do meu Povo*, em preparo. Neles fazemos considerações sobre cada dança, descrevemos passos, figuras, trajes, acompanhamento instrumental, apresentamos o texto musical correspondente, croquis e fotografia. Em *Danças Folclóricas Brasileiras* na Parte I focalizamos a "Metodologia das Danças Folclóricas" para o pré-primário, primário e ensino médio. As instruções sobre ensino médio

CONFERÊNCIA

podem estender-se ao superior, com algumas alterações. Outras normas psicopedagógicas são abordadas. Comentamos a diferença entre danças e folguedos populares e falamos sobre a vivência do folclore, única forma de conhecer satisfatoriamente as suas manifestações.

SUMMARY

Folk dances have a definite and large field of application in physical education and recreation in or outside schools. Being a means of artistic initiation as well as a socializing agent, they meet the universal need for recreation. Folk dance practice is beneficial to participants due to its physical, mental, social-cultural, and therapeutic value, helping, also, in stabilizing emotions and personality, and enhancing the process of learning this way.

The inclusion of folk dances into the Discipline of Dances, at the School of Physical Education, at the University of São Paulo, had the approval of secondary school teachers as evidenced by an investigation we carried out, as well as of people in charge of recreational centers, sport clubs and educational agencies.

International dances were included in the School of Physical Education curriculum taking into consideration the fact that several ethnic groups have contributed to the development of Brazil hoping to help a greater integration of foreigners to our people.

The application of the surveyed folk dances in class-rooms was discussed in the books listed at the end (see Bibliography). The books describe steps, costumes, musical instrumental accompaniment with its respective music, choreography, "croquis" and illustrations and photographs. They also discuss folk dance teaching methodology for all school grades, pointing out the differences between dances and popular games, emphasizing the need for direct contact at grass-root level with folk dance performers.

RÉSUMÉ

En séance d'éducation physique et pendant la récréation, dans les écoles ou en dehors, la danse folklorique

occupe une place très importante. Véhicule d'initiation artistique, facteur de sociabilité, elle répond au besoin de détente, universel et toujours présent. La pratique de la danse folklorique profite à ses exécutants, en raison de sa valeur physique, mentale, sociale, culturelle, thérapeutique, etc. Dans le domaine de la culture générale, elle favorise la connaissance. Elle contribue à stabiliser l'émotion et la sensibilité, en aidant à apprendre.

L'introduction de la danse folklorique, exclusivement dans le cours de Danses de l'Ecole Supérieure d'Education Physique de l'Etat de São Paulo (Université de São Paulo, nécessité absolue par nous signalée à la Congrégation de la dite Ecole a reçu l'appui des professeurs de niveau intermédiaire dans l'enquête que nous avons réalisée et qui a été confirmée par les réponsables des centres de loisir, les dirigeants des clubs sportifs, et les établissements éducatifs. Dans l'Ecole Supérieure d'Education Physique, tout en accordant la préférence aux danses folkloriques brésiliennes dans le but de les conserver et de les répondre, nous enseignons aussi les danses internationales, pour satisfaire les impératifs ethniques dans un pays tel que le Brésil où la contribution étrangère est si expressive.

L'application didactique des danses folkloriques recherchées est incluse dans les livres que nous avons publiés (Danças Folclóricas Brasileiras, Danças Miúdas do Folclore Paulista, Danças Tradicionais das Américas, Danças Folclóricas da Europa, Danças da Ásia, África e Oceânia (Folclore) et Bailados do meu Povo, en préparation). Dans chaque d'eux nous faisons des considérations sur chaque danse, nous décrivons les pas, les figures, les coutumes, l'accompagnement instrumental, et nous présentons la partition musicale correspondante, les croquis et photographies.

Dans la 1ère. partie des "Danças Folclóricas Brasileiras" nous avons souligné la "Methodologie des Danses Folkloriques" pour l'enseignement de cours préparatoire, primaire et pour le cours moyen. Les instructions sur ce dernier peuvent être étendues jusqu'au cours supérieur avec quelques modifications, d'autres normes psychopédagogiques

y étant abordées.

Nous expliquons la différence entre danses et "folguedos" populaires et nous parlons de la manière de vivre le folklore seul moyen d'approfondir ses manifestations.

ANEXO

Quase todos os trabalhos que publicamos tiveram como origem dois objetivos: 1º- a pesquisa, 2º- o ensino das manifestações coreográficas, temas abordados de modo específico em O Registro das Danças e Folguedos Populares (1), que se refere a pesquisas e em Danças Folclóricas Brasileiras e suas Aplicações Educativas, cuja primeira parte é dedicada à Metodologia das Danças Folclóricas.

Como não pretendemos dar, aqui, explicações técnicas longas, sugerimos para a prática e ensino das danças e folguedos populares a observação dos itens abaixo:

1) **Considerações Gerais:** Abrange dados históricos, geográficos, socio-econômicos e específicos sobre a manifestação que está sendo abandonada.

2) **Música e Canto:** Por serem elementos de extrema importância, devem ser considerados sob todos os aspectos. Damos atenção especial ao ritmo, que é fundamental. Dentre as manifestações coreográficas brasileiras, o ritmo é quase sempre binário, não segue as formas eruditas. O povo cria variações, fenômeno que o enriquece. A melodia é muitas vezes pobre e repetitiva, ao passo que os versos surpreendem pela riqueza e variedade. A música e o canto combinam-se de maneira natural, geralmente as notas e as sílabas se adaptam uma às outras.

3) **Acompanhamento Instrumental:** Observação detalhada sobre o tipo, uso, nome e quantidade de instrumentos.

4) **Vestuário:** Todos os dados que se puder recolher, inclusive se as roupas são informais, usadas em ocasiões festivas ou trata-se de trajes especiais.

5) **Implementos:** São os objetos

CONFERÊNCIA

Indispensáveis à execução da dança ou folguedo (emblemas, estandartes, máscaras, arcos, etc.).

6) Participantes: Observações sobre o número de participantes, sexo, idade, raça, dados pessoais, categoria que ocupam na manifestação, etc.

7) Coreografia: É examinada em partes. A dinâmica corporal na coreografia é vista juntamente com a música. O canto é acrescido. Embora a palavra "coreografia" tenha diversos significados (2) neste contexto ela significa os passos, movimentos, atitudes, deslocamentos que compõem a dança e formam as figuras.

A coreografia, abrange os seguintes pontos:

A) Disposição Inicial: É a localização dos dançarinos e dos outros participantes ao começar a dança. As disposições mais comuns são: colunas, fileiras, círculos e parceiros distribuídos aos pares. Nas danças dramáticas a distribuição em forma de cortejo estabelece a posição dos diversos participantes, a qual deve ser obedecida.

B) Passos: Embora o movimento das pernas seja o mais importante e mereça maior atenção, o corpo, a cabeça, braços e mãos também devem ser considerados, porque, na maioria das vezes o corpo inteiro se movimenta. Faz-se necessário observar se o passo é executado no mesmo lugar, ou se a pessoa anda ou gira, enquanto o executa. As danças folclóricas e os bailados ou danças dramáticas brasileiras apresentam ampla variedade de passos. É também importante observar se os dançarinos movimentam-se isoladamente, ou dão-se as mãos ou os braços, ou dançam enlaçados, etc.

C) Figuras: Existe grande variedade. Não as observamos somente em colunas, fileiras, círculos duplos ou simples, que podem constituir figuras iniciais ou subseqüentes. Podem ser gerais, como espirais, cruzamentos, contramarchas, passagens, caracóis, etc, ou figurações inéditas, que devem ser observadas.

Aconselhamos o exame de trabalhos onde a coreografia das danças e folguedos populares são ilustradas com gráficos representativos de suas figuras. A grande variedade de desenhos que os dançarinos executam durante a dança expressam a riqueza da imaginação popular.

D) Croquis: A representação gráfica da dança que está sendo estudada é de importância capital. O croquis mostra as figuras e os movimentos, possibilitando uma visão da coreografia como um todo, permitindo também que delas nos lembremos através da memória visual. Ao registrar e apresentar as figuras adotamos convenções que possam identificá-las.

.....

Nas manifestações coreográficas observamos solos, danças em conjunto, aos pares, danças femininas, masculinas, mistas, danças religiosas, guerreiras, representativas de profissões, recreativas, rituais e outras variações. Cada tipo tem características próprias, merecendo atenção as particularidades que as identificam.

No caso do Brasil, em especial, o registro, o aprendizado, a prática e a difusão das danças e folguedos populares são de extrema importância para sua preservação. Trata-se de manifestações de nosso povo em momentos primordiais de sua vida. Com as finalidades em vista, reunimos várias modalidades contidas nos livros:

Danças Folclóricas Brasileiras (3) - encerra apresentação teórica e prática dos seguintes tipos: baião, balaio, batuque, cana-verde, cateretê, chimarrita, siriri, coco, dança-de-São-gonçalo, maracatu (4), pezinho, quadrilha paulista, recortado, samba, tambu, chote, tirana.

Danças Miúdas do Folclore Paulista (5) - inclui apresentação teórica e prática de: chimarrete, ciranda (de adultos), dança do pinheiro, querebem, caranguejo, chapéu, inhá-ninha, marrafa, panela de arroz, pombinha branca, sinsará, tontinha, cana-verde

misturada, palminha, passa-meu-bem, recortado de roda, cateretê de São Sebastião.

Folguedos do Meu Povo (6) - apresentará teórica e praticamente: bumba-meu-boi, caiapó, caboclinho, congada, folia de Reis, moçambique, pastoril e reisado, etc.

(1) Publicação do Centro de Estudos Sociológicos de Juiz de Fora (MG) 1982.

(2) Palavra criada por Feilleut, pode significar: 1) Arte de compor danças. 2) processo que usa sinais gráficos para descrever e registrar os diversos passos, figurações e movimentos da dança. 3) Execução da dança.

(3) Ver bibliografia anexa.

(4) Considerado aqui como dança-dramática.

(5) Ver bibliografia anexa.

(6) Em preparo.

(7) Em Danças Tradicionais das Américas (bibliografia anexa) o Moçambique (considerado no caso, dança dramática) e o Pau de Fita representam as danças brasileiras.

N.R. - Maria Amália Corrêa Giffoni, professora emérita da USP, é especialista em folguedos e danças folclóricas e autora de diversas publicações sobre o assunto.

Na década de 60, em visita à Capital Nacional do Folclore, teve o primeiro contato com o Prof. José Sant'anna, na Prefeitura Municipal de Olímpia, então localizada na Rua Floriano Peixoto, 1228. Uma mútua simpatia, logo revelada no encontro, foi o prenúncio de uma grande amizade, que permanece sólida, entre ambos os folcloristas.

Em 1983, no 19.º Festival do Folclore, fez um registro fotográfico das danças ali apresentadas por grupos folclóricos de vários pontos do país.

Esteve no Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", onde encontrou, exultante, todos os seus livros expostos na Biblioteca e deixou sua mão direita impressa na parede da sala da diretoria do Museu, ao lado da de outras celebridades do Folclore Nacional como Ático Vilas-Boas da Mota, José Sant'anna e Inezita Barroso.

Contadores de Patranhas

JOSÉ SANT'ANNA

DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

O trabalho que ora apresentamos aos leitores é uma simples contribuição ao estudo dos Contos Folclóricos recolhidos em Olímpia. A coleta de contos parece não ter fim. Quanto mais os recolhemos, mais aparecem para registro. Cremos ser necessários muitos anos de buscas para esgotar, se houver possibilidade, essa boa fonte da tradição brasileira. Mas, para isso, é preciso termos boa vontade, entrando no campo da pesquisa direta, investigando e recolhendo, através de gravação, todo o material descoberto. E mais que isto: fugirmos do ambiente turbulento no qual vivemos, para ouvir as gravações e passá-las, com fidelidade, ao papel. Assim, estaremos realizando trabalho honesto e proveitoso. Depois, catalogá-los, organizar o fichário e os apontamentos, em pastas, a fim de facilitar a consulta.

É trabalho cansativo e ao mesmo tempo agradável. Cada pessoa ou família visitada, no princípio da noite, recebe-nos com satisfação e hospitalidade. A televisão é desligada e o encontro se estende até as 22 horas. No decorrer das coletas, são servidos café, chazinho, a tradicional pipoca ou outras guloseimas.

Boa platéia nunca falta aos narradores e o ambiente é de muita atenção e alegria. Consoante à natureza do conto, ao ser terminado, pode provocar uma leve tristeza aos ouvintes, ou um estríduo de risadas em diversas tonalidades. Muitas pessoas presentes relembram casos interessantes e ganham ânimo para narrá-los. Ocorre, às vezes, ser um conto conhecido de duas ou três pessoas, com temas diferentes e pequenas variações do assunto. Isto nos proporciona ocasião para documentarmos as variantes, dando-se oportunidade a todos os que queiram contar. Agindo assim, ser-nos-á possível aquilatar o valor dos narradores e de suas estórias.

Após essa primeira parte, voltamos a casa com a fita carregada de palavras, para dar início à lucubração que se prolongará até a madrugada.

"Verba volant, scripta manent."

Com muita admiração e respeito ao contador de casos, bem poderíamos cognominá-lo, carinhosamente, de Pai João, se homem e, de Mãe Maria, se

mulher, porque, no Brasil, essas duas figuras interessantes da história africana tornaram-se símbolos dos narradores de estórias. De fala mansa, resignados e amáveis, se tornaram queridos de todos. Contavam histórias e muitas patranhas. **Patranha** é história não verdadeira, como a série que compõe este trabalho, mas que também nos ensina a conhecer tudo quanto de habitual existe no homem. São importantes as patranhas.

Em **Contadores de Patranhas**, estão unidos, num amável consórcio, vinte contos, recolhidos em Olímpia, Estado de São Paulo, mas que não são estritamente olimpienses. São contados em todo o Brasil e alguns deles universalmente conhecidos.

Eles nos fazem voltar ao tempo de menino, porque são emocionantes.

Divulgar a sabedoria do povo é, sem dúvida alguma, de muito valor, porque é alicerce para a identificação cultural da sociedade.

Os narradores podem ampliar ou esquecer pormenores, mas os traços gerais do assunto permanecem. São sempre os mesmos.

Ao editarmos esta coletânea de con-

tos, conservamos as palavras, "verbo ad verbum", como foram pronunciadas, e do mesmo modo, as idéias prolatadas. Com isso esperamos estar contribuindo para um registro fiel da fala do povo e da construção de sua idéia, além de mantermos uma atitude de respeito aos contadores, o que consideramos essencial.

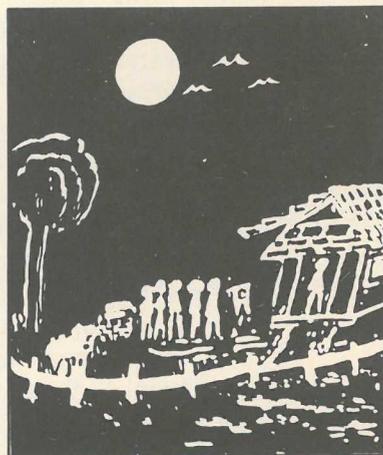
Finalmente, desejo aconselhar a leitura deste trabalho, para que todos possam deliciar-se com esses inconfundíveis tesouros da Literatura Oral, deixados por nossos ancestrais. É dever principalmente da juventude, ler e analisar esse manancial do saber popular, porque traz valiosas informações que dão oportunidade de apreciação dos valores da nossa gente. Os contos revelam informações históricas, etnológicas, sociológicas, jurídicas e sociais.

Não foi sem razão que o grande e imortal Luís da Câmara Cascudo assim se expressou: "De todos os materiais de estudos o conto popular é justamente o mais amplo e mais expressivo. É também o menos examinado, reunido e divulgado."

1 - A PORCA VELHA

"Era uma vez uma mulher viúva de um tal de Raimundinho. Ela se casou de novo. Com o segundo marido eles conseguiram muitos bens. Mas o curioso é que tudo veio de uma porca que eles compraram. A porca é que trouxe toda a riqueza. Por isso nunca pensaram nem em matar ou vender essa porca. Daí ela passou a ser chamada de Porca Velha.

Este segundo marido era muito devoto de Santos Reis e, para ajudar o festeiro, que era vizinho dele, ele reservou o porco mais bonito para dar à bandeira do santo no dia que fosse visitado.



Era o mês de dezembro, quase na época da Folia de Reis passar, pedindo adjutório, e ele teve que fazer uma viagem inesperada.

Arreou a mula, juntou a trouxa das coisas que ia levar, e ao sair, falou pra mulher:

-Não sei o dia que eu vou voltar. Está pra passar aqui o Reis e eu tenho a

promessa de dar o melhor porco pra eles. É tal porco. Você não se esquece disso.

Disse adeus e foi-se embora.

A mulher era meio zoró. Do momento que o marido saiu, ela foi pra janela e todo homem que passava, ela

CONTOS FOLCLÓRICOS

perguntava se ele era o Reis. Todos diziam que não.

No outro dia, passou pela estrada o mesmo homem que ela tinha perguntado, a primeira vez, se ele era o Reis. Ele achou engraçado ela estar fazendo, pela segunda vez, a mesma pergunta tola, e respondeu:

-Sim, eu sou o Reis. Por quê?

Ela, muito alegre, já foi falando:

-É que eu tenho que cumprir a promessa do meu marido. Tenho que dar para o senhor o melhor porco do chiqueiro.

Foi ao chiqueiro com o homem e disse:

-É este aqui! É o porco mais gordo que nós temos.

O homem respondeu:

-É muito pesado pra levar pra casa.

Faz assim: eu mato o porco e levo só uma banda dele.

A mulher disse:

-Não! O senhor tem que levar o porco inteirinho. É promessa do meu marido.

O homem ainda falou:

-Mas eu não tenho sal que dê para salgar tanta carne e toicinho.

A mulher disse:

-Eu arrumo sal pr'o senhor. Aqui tem muito sal.

O homem matou o porco, colocou em dois grandes sacos, pôs sobre o lombo do animal e saiu puxando, pra não castigar muito a mula.

Quando o marido chegou, ela toda contente, foi contando a história pra ele.

O marido muito surpreso, disse pra ela:

-Você é a mulher mais boba do mundo. Eu voltei logo pra casa porque o Reis começa a visita a partir de amanhã. Você foi perguntá pra qualquer um que passava e levou essa boa tapeada. Eu vou sair de casa e só vou voltar aqui no dia que encontrar uma mulher mais boba que você.

Montou na mula e saiu sem destino, procurando uma mulher mais boba do que a mulher dele.

Passaram alguns dias, apareceu lá na fazenda um homem e foi direto para o chiqueiro. Sentou na cabeceira do cocho dos porcos, tirou o chapéu, bateu com ele na cabeça da Porca Velha e disse: Ó mãe! A porca ronca-va assustada e os outros porcos arrodaram ele, pensando que ele tinha levado lavagem no cocho.

Da cozinha, a mulher viu e ouviu tudo. Chamou o homem pra casa, mandou entrar e perguntou pra ele:

- Por acaso o senhor é filho da Porca

Velha?

- Sim, eu sou filho dela e fazia tempo que eu não via minha mãe.

A mulher, muito contente, falou:

-Então eu devo muito ao senhor, porque tudo o que temos aqui é herança da Porca Velha. Hoje nós estamos muito ricos.

E deu uma porção de dinheiro e muitas moedas de ouro pr'o homem.

O homem saiu muito contente. Sem querer, ficou bem de vida. E ria da tolice da mulher.

Quando o marido voltou pra casa, ela, muito alegre, disse:

Esses dias veio aqui o filho da Porca Velha. Eu dei dinheiro e ouro pra ele. Ele ficou tão agradecido.

O marido, muito nervoso, respondeu:

- Você não tem jeito mesmo, sua boba!

Aonde já se viu um homem ser filho de uma porca?

Agora vou sair de casa outra vez, mas não vou voltar mesmo enquanto eu não encontrar a mulher mais boba que você.

Montou na mula e desapareceu.

No outro dia, outro homem apareceu lá na fazenda e sentou na porteira e suspirou: Ó céu!

A mulher ouviu, chamou o homem e perguntou:

-Por acaso o senhor veio do céu?

O homem falou:

- Sim, minha senhora, eu vim do céu.

A senhora conhece alguém de lá?

A mulher disse:

- Conheço sim. O Raimundinho. Ele morreu e foi pra lá já faz muito tempo, coitado. Será que ele está precisando de alguma coisa?

O homem aproveitou a oportunidade e disse:

- Eu conheço o Raimundinho. Ele está numa situação ruim. Anda todo esfarrapado e deve em tudo quanto é boteco. Ele está numa miséria danada de fazer dó.

A mulher, com muita pena, arrumou muito dinheiro, relógio de ouro, muitos alimentos e duas malas cheias de roupa e deu pr'o homem levar pr'o céu e entregar pr'o Raimundinho.

O marido dela resolveu voltar pra casa, porque viu que não tinha jeito mesmo de curar as tolices da mulher. Então resolveu voltar pra casa.

Mal o homem tinha chegado em casa, a mulher toda satisfeita, foi dizendo:

- Você não sabe o que aconteceu!

Hoje veio aqui um homem lá do

céu, amigo do Raimundinho. O Raimundinho está sofrendo demais. Eu dei uma porção de coisas...

O marido gritou:

- Largue de falar besteira, mulher boba, idiota!

Foi ao pasto, pegou a mula, arreou e disse pra mulher:

- Eu vou atrás desse safado, sua boba. Vou trazer de volta tudo o que ele levou e ainda vou dar uma pisa nele.

Falou e saiu no galope pra alcançar o velhaco.

Depois de ter andado bastante, ele avistou o tal velhaco que ia andando, até torto, de tanto peso que ia carregando. Ele estava perto de uma mata muito fechada.

O marido da mulher gritou:

-Espera aí, seu malandro, que eu vou mostrar pra você qual é o caminho do céu!

O canalha deixou as coisas que ia carregando, na entrada da mata, e se enfiou no meio dela.

O cavaleiro não podia entrar com a mula, porque a mata era muito fechada. Então ele desceu do animal, amarrou ele na lasca de uma cerca da mata e se pôs a correr atrás do espertalhão. Entrou na mata e tomou direção errada. Enquanto ele estava meio perdido, xingando, o falso homem do céu atalhou e saiu no lugar onde ele tinha deixado os presentes pr'o Raimundinho, perto de onde estava a mula amarrada.

Pegou todas aquelas coisas, ajeitou bem sobre a mula, montou e desapareceu no mundo.

Quando o marido da mulher conseguiu sair da mata, foi certinho no lugar onde tinha deixado a mula, e nada! O malandro foi mais esperto.

Nervoso, logrado, e com muita tristeza, ele voltou a pé pra casa.

A mulher, ansiosa, perguntou pr'o marido:

- Você não conseguiu alcançar ele?

O marido respondeu, muito delicado:

- Consegui sim. Mas quando ele me contou a situação do Raimundinho, eu fiquei com tanto dó que dei a mula pra ele chegar mais depressa no céu.

A mulher, muito contente, deu um abraço no marido e disse:

- Você é o melhor homem do mundo!"

Contado por Antônia do Carmo Batista de Carvalho, 20 anos (1969), instrução primária, do lar, residente na Rua Eugênio Storto, 1, Vila Mouco, Olímpia.

CONTOS FOLCLÓRICOS

2- O BOBO E O LADINO

“Eram dois irmãos: um bobo e o outro ladino. O bobo falou pr’o ladino:

- Eu quero conhecê a tua namorada.

O ladino respondeu:

- Tire isto da idéia. Você não deve ir, porque você come muito e vai me fazê passá vergonha. Fique quietinho no seu lugar pra não me atrapalhá.

- Mas eu quero ir conhecê a tua namorada. Quando você fô lá eu vô junto.

O ladino disse:

- Bom, já que você está insistindo, eu levo, mas quando você fô comê, pra não passá por guloso, fique prestando muita atenção. Quando você estivé passando do limite, eu piso no teu pé e aí você pára de comê.

Ficô tudo muito bem combinado.

Na hora da janta, foram todos à mesa pra jantá. O bobo começô a surti o prato. Foi surtindo, foi surtindo até a comida derramá. E começô a comê. Mal começô, depois de duas garrafas, passô um gato debaixo da mesa e pisô no pé dele. Ele parô na hora.

Aí, o irmão dele disse:

- Come um pouco mais, o seu prato está cheio.

O dono da casa também insistiu, mas ele disse:

- Não. Pra mim chega. Já estô satisfeito. Mas continuô sentado até todos se alimentar.

Quando a cozinheira foi guardá a sobra da comida, ele prestô muita atenção pra vê aonde ela tava guardando. Era num armário da cozinha.

Bem mais tarde foram dormi, mas o bobo não pegava no sono de tanta fome que estava sentindo. Quando percebeu que todos estavam dormindo, ele levantô pé ante pé e foi direto no guarda-comida. Pegô a travessa e comeu sem garfo e sem colher, pegando a comida com a mão e engolindo depressa, de medo de ser visto por alguém. Ficô com a mão toda lambuzada. Então ele foi no quarto e perguntô pr’o irmão aonde ele ia lavá as mãos.

O irmão disse:

- Vai lá na cozinha que lá tem um pote.

Ele foi, enfiô as mãos no pote, lavô, mas quando foi tirá-las saiu com o pote agarrado nas mãos. Ficô nervoso e foi outra vez falá com o irmão.



- Olha o que aconteceu. Não consigo tirá as mãos aqui de dentro.

O irmão ladino estava com muito sono, mas ainda disse:

- Vai lá fora. Lá tem uma pedra e você quebra o pote nela.

Ele saiu e viu uma velha agachada, fazendo xixi, pensô que fosse a pedra e mandô o pote na cabeça dela: plofe!

A velha deu um grito de dor e ele voltô correndo, assustado, pr’o quarto pra contá pr’o irmão.

O irmão que estava deitado ficô assustado, levantô e disse pr’o bobo:

- Vamos sair correndo daqui.

Quando ia saindo, o ladino gritô pr’o bobo:

- Olha o portão!

O bobo entendeu que era pra levá o portão. Arrancô o portão e foi levando nas costas.

Bem mais na frente havia uma pinguela. O ladino disse:

- Olha a pinguela!

O bobo perguntô:

- É pra levá a pinguela? Também você quê levá de tudo. Arrancô a pinguela e baldeô.

Pra chegá na casa deles, tinha que passá uma roça e na roça tinha um arado no caminho. O ladino disse:

- Olha o arado!

O bobo respondeu:

- Também você qué que leva tudo.

Apanhô o arado e levô junto também.

Aí, o ladino ficô com dó de vê o irmão carregando tanto peso e logo viu uma árvore. Falô pra ele:

- Vamos descansá um pouquinho debaixo daquela árvore?

Debaixo da árvore era um lugar perigoso, então o ladino disse:

- Vamos subi na árvore.

Pediu pr’o irmão deixá aqueles badulaques no chão e subi sem eles. Mas o bobo não aceitô. Subiu com tudo.

Ali debaixo da árvore era o ponto de ladrões contá o dinheiro. Não demorô nada, eles chegaram e acenderam um foguinho pra fazê uma comida.

Um ladrão disse:

- Ah! Deus bem que podia mandá um oleozinho pra fazê a janta.

O bobo falô pr’o irmão: Eu vô uriná. O irmão, com medo, pediu que não fizesse aquilo.

Mas ele fez, urinô bem dentro da

panela.

O ladrão cozinheiro disse:

- Olha, Deus está fazendo milagre. Deus bem poderia mandá um pouco de cebola.

O bobo falô, desta vez eu vomito. O ladino aconselhô.

- Não faz isto, é perigoso.

Mas o bobo teimô e vomitô na panela. O ladrão ficô contente e continuô pedindo:

- Ah! se Deus mandasse um bacalhauzinho, que bom seria.

Aí, bobo que já estava ficando inquieto falô:

- Desta vez eu mando tudo: portão, pinguela e arado.

E mandô mesmo. Foi só: plum, plá, plófete!

Os ladrões saíram correndo e com medo.

Nisso, o bobo desceu depressa da árvore e sacô todo o dinheiro que eles tinham deixado.

Passados alguns minutos, o chefe dos ladrões disse:

- O de nós que recuperá nosso dinheiro ficará com a metade dele. Um dos ladrões, o mais corajoso, disse:

- Pois eu vô lá.

Foi e encontrô o bobo de plantão e perguntô:

- Que você está fazendo aqui?

O bobo disse.

- Eu sô o Limpa-línguas.

O ladrão, muito curioso, disse:

- Então limpe a minha.

O bobo pegô uma navalha muito afiada e cortô a língua do ladrão. Foi aquela sangueira.

O ladrão saiu correndo na direção dos companheiros, dizendo:

- Larara pa mim. Larara pa mim.

Com isto ele estava querendo dizer: Esperem por mim, mas não tinha a língua.

Então o chefe do ladrões falô:

- Vamos corrê, porque o negócio por lá não tá nada bom. O companheiro está vindo até gago.

Saíram correndo, tão apressado, e não pararam de corrê até agora.

O bobo ficô com toda a riqueza dos ladrões.

O ladino desceu da árvore, morrendo de inveja do irmão, que passô a ser um homem rico."

Contado por José de Sousa Júnior, 61 anos (1990), pouca instrução, comerciante, residente na Rua Dr. Otávio Lopes Ferraz, 419, Bairro de São José, Olímpia.

CONTOS FOLCLÓRICOS

3- APUROS DO MATUTO

“Diz que certa vez um homem muito caipira, que morava numa chocha, no meio de um mato, precisô fazê uma viagem às pressa, pra visitá o pai que tava nas última.

Então ele falô pra muié:

- Pega uma muda de roupa e a botina nova e põe no picuá, que não vai dá tempo de trocá de roupa.

Pegô o picuá e saiu

c'a roupa que tava no corpo. Ele tinha trabaiado o dia intero e tava sujo, a roupa tinha uns rasgado e remendo. Era a roupa de batê no serviço.

Ele ia de trem-de-ferro e como tava já na gora do trem passá, ele saiu correndo, ataiano o pasto pra chegá mais depressa.

Quando chegô na estação, malemá deu tempo de comprá a passage e o guarda já tinha dado a ordem pr'o trem saf: piii, piii! O matuto pegô o trem já em movimento. Entrô no carro, sentô e começô a gostá do baruiho, do chique-chique do trenzinho.

Só sei dizê que de repente ele começô a senti uma cocerinha danada, nas perna. Então ele levantô a perna de uma carça, pra coçá, já levô umas espetada nos dedo. É que a carça tava cheinha de picão e carrapicho e tamém coaiada de carrapatinho que ele pegô no pasto e uma porção deles já tava grudano na perna do infeliz.

O homem ficô avexado co'aquela situação e entrô no mitório do carro pra trocá a muda de roupa que ele tava levano, pra aliviá o sofrimento.

Então, né, ele pegô o picuá e foi pr'o mitório. Lá, ele tirô a carça suja, rasgada, cheia de espinho e carrapato e ia guardá. Mas logo pensô que não devia guardá, a carça já não valia mais nada. Abriu a janelinha do mitório e vape! Pinxô ela no mundo.

Aí ele abriu o picuá pra pegá a otra carça, mas deu co'os burro nágua. É que a muié dele, naquela afobação pra ele não perdê a hora, esqueceu de botá a carça. Pôs só a camisa e as botina. A carça ficô em cima da cama.

O home quando percebeu que tava em apuro pensô:

- Tô perdido. Virô um tango! Agora o que eu vô fazê?

É, no mesmo tempo, ele rezava e xingava. Ele ficô tão desatinado que em toda estação que o trem parava,



ele abria a janelinha, punha o pescoço pra fora, e perguntava pr'as pessoa da plantaforma se não queria vendê a carça. É nada! Ninguém podia vendê a carça pra ele. O home já tava na porta do locura, porque na otra parada da estação ele tinha que descê. Era a cidade pra onde ele tava indo. Como que ele ia fazê? Já era a vez

de ele descê. Suava frio de tanto medo e vergonha. Enquanto ele tava fundino a cuca, teve até a idéia de pulá a janelinha do trem.

Então, nessa hora, o guarda-trem já preocupado porque já fazia tempo que o mitório tava fechado e tinha otras pessoa quereno entrá, bateu, com toda força, na porta. O homem quase desmaiô. Abriu uma frestinha da porta, pôs a cabeça pra fora e contô o causo pr'o guarda. Por sorte, o guarda tinha uma carçá de reserva, na maleta, e arranjà pra ele.

Ele vestiu e saiu pr'o lugar dele. Quando o trem parô, desceu aquele home magrinho, vestido co'aquela carça larga e comprida e saiu andando pr'o meio das rua feito um paião.

É esta a história.”

Contado por Jesus Carlos Batista, 27 anos (1990), pouca instrução, lavrador, residente na Rua Penha, 210, Bairro de São José, Olímpia.

4 - O POBRE ASTUTO

“Diz que havia uma vez um homem pobre que tinha dois compadres muito ricos. Um dia ele disse pra mulher.

- Nossos compadres são tão ricos e nós não possuímos nada. Temos essa tapera pra morar e algumas bagatelas que não valem uma tutaméia.

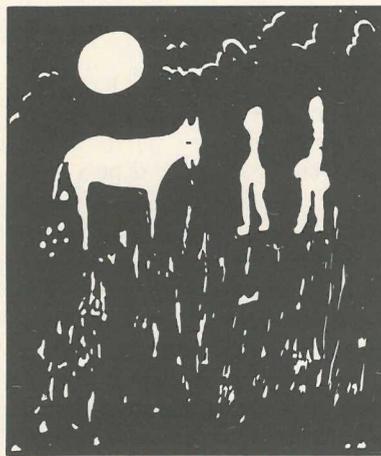
Mas ao falar isto pra mulher, ele se lembrou da mulinha que possuíam e com ela ia procurar tapear os compadres, pra ver se conseguia ganhar um dinheirinho. Deixou a mula alguns dias sem comida pra que ela ficasse com muita fome. Daí conseguiu arranjar, com muito custo, umas libras esterlinas e misturar elas no farelo. Misturou bem num cocho e pôs a mula pra comer. A mula, de tanta fome, comeu tudo, o farelo e as libras esterlinas. Quando foi chegando na hora da mula estrumar, ele arreou ela e foi pra casa dos compadres. Todos eles moravam vizinhos.

Chegou na casa de um deles, apeou, amarrou a mulinha na lasca da cerca, cumprimentou o compadre e a comadre e ficaram proseando no alpendre.

Não demorou muito, a mula estrumou. Então ele se levantou, apanhou uma varinha e ficou mexendo no estrume da mula pra lá e pra cá.

O compadre, indignado, perguntou:

- O que você está fazendo aí?



- Catando libra esterlina.

- Catando libra esterlina?

- É. Esta mula é mi-lagrosa e, quando estruma, eu cato algumas libras. Agora são poucas. Mas depois vêm outras.

O compadre rico se aproximou e disse.

- É libra esterlina mesmo! Ó compadre, você quer me vender essa mula?

- Não compadre, não

posso. É ela que me salva a vida de pobre, ajudando com essa pequena riqueza.

- Mas me vende a mula! Eu te dou um bom dinheiro.

Tanto insistiu que o compadre pobre acabou por fazer o negócio.

- Quanto o senhor me dá pela mula?

- Dou dez contos de réis.

- Então pode ficar com ela, mas eu tenho medo de não ter mais dinheiro nem pr'as despesinhas de casa.

Fizeram o negócio.

Ainda uma vez mais a mulinha soltou umas libras esterlinas, mas depois só era estrume mesmo.

O compadre rico contou o fato pr'o outro compadre rico e resolveram ir tirar satisfação com o pobre.

Foram até a casa dele e já chegaram gritando:

- Ó seu tapeador, vendeu uma mula que só estrumou libra esterlina naquele dia.

CONTOS FOLCLÓRICOS

Você me paga. Nós vamos pôr isto a limpo.

Antes que a discussão piorasse, o pobre convidou os dois ricos pra um banquete que ele ia oferecer num hotel muito chique. Era somente para eles três.

- Deixa disso compadre. Você já nos passou a perna com o negócio feito co'a mula.

- Esqueça disso. Deixem a mula pra lá. Vamos no banquete juntos.

Os ricos aceitaram.

Mandou preparar peru, leitoa e servir vinho dos bons. Mas antes que se assentassem à mesa, o pobre andou conversando secretamente com a dona do hotel. Pagou adiantado o banquete, e pra que ela guardasse o segredo, ainda deu uma boa gorja.

Comeram e beberam do bom e do melhor até não poder mais. Contaram muitos casos. Na hora de irem embora, os dois ricos disseram, um para o outro:

- Precisamos pagar as despesas. Este banquete deve ter ficado muito caro e o compadre é tão pobre.

Quando os dois ricos foram enfiando a mão no bolso para pegar a carteira, o pobre disse:

- Nada disso compadres. Eu convidei e eu pago.

- Mas você não tem dinheiro!

- Quem falou? Esta carapuça que eu trago sobre minha cabeça é tão poderosa que paga todas as dívidas que eu faço.

- Como assim?

- Querem ver?

Tirou a carapuça da cabeça, colocou ela sobre a mesa e disse:

- Carapuça, pague a dona do hotel.

E de lá da portaria, a dona do hotel disse pr'os três.

- Está tudo pago. Vocês não devem nada.

E o pobre, com muita satisfação, confirmou:

- Não falei pra vocês?

Dá um segundo o compadre rico falou pr'o pobre:

- Compadre, me vende essa carapuça.

- Não, não, e depois onde é que vou arranjar dinheiro pra viver.

- Vende, sim compadre. Põe o preço.

- Bom, eu tenho uma outra carapuça encantada lá em casa. É mais fraquinha que essa, mas dá pra quebrar o galho.

Então eu posso vender essa, mas eu quero cinco conto de réis. E recebeu o dinheiro.

Chegando em casa, ele contou pra mulher:

- Passei outra pernada nos compadres. À hora que eles descobrirem que é mentira, eles vão vir aqui e são capazes até de me bater. Mas não tem nada não. Nós temos dois coelhinhos tão parecidos e quando eles chegarem bravos, vamos ten-

tar pregar outra peça neles. Você diz que eu saí pra caçar. Estou na internada, mas você vai mandar o coelhinho me chamar.

Não demorou, chegaram os compadres nervosos com o trote da carapuça.

- Cadê o compadre? Nós precisamos ajustar contas com ele!

- O meu marido está caçando. Entrem e esperem. Eu vou mandar o coelhinho chamar ele.

Foi ao viveiro, pegou o coelhinho, aliou ele e disse:

- Coelhinho, vai chamar o teu patrão.

O coelhinho desembestou numa corrida e ganhou o rumo da internada.

O pobre, como estava ali perto escondido, deixou passar um tempinho e apareceu com o outro coelhinho nos braços, acarinhando ele e dizendo.

- Como vão compadres? Eu estava caçando pra passar umas hora, mas o coelhinho foi me chamar, anunciando visita.

Os compadres se esqueceram da desforra e logo perguntaram:

- Mas este coelhinho sabe levar recado?

- Claro que sabe. Vocês não viram?

Minha mulher mandou me chamar e logo me farejou e eu vim pra ver o que era.

- Que curioso! Ó compadre, me vende esse coelhinho.

- Não faço negócio com este coelhinho. E depois quem me leva os recados?

- Ah! compadre, vamos fazer o negócio. Eu pago bem pelo coelhinho. E pago na hora. Quanto você quer por ele?

- Bom! já que o senhor faz questão de ficar com ele, eu quero cinco mil réis.

Acertaram o negócio e lá foram os dois compadres embora.

O que comprou o coelho ensinou a mulher dele a mandar o coelhinho a chamar, quando alguém viesse à procura dele.

Não foi nada não. A primeira vez que a mulher do fazendeiro mandou o coelho ir chamar o marido, ele entrou numa quiçaca e até hoje não voltou.

Aí, o compadre pobre já fazia outro plano pra se livrar dos compadres ricos.

- Ó mulher, os compadres vêm aqui.

Agora eu estou perdido. Mas vou tentar uma vez mais me livrar deles e ver se ainda pego mais uma graninha.

Então, ele combinou o seguinte com a mulher:

- Nós matamos aquele porco e guardamos o sangue numa latinha. Eu vou colocar aquele sangue numa bexiga e você põe dentro da roupa, na altura da cintura. Você, então, solta aquela pombinha que está presa no viveiro pra ela ir me chamar. Eu chego aqui e digo que você não mandou a pombinha ir me chamar. Ferramos numa discussão. Depois eu tiro a faca da cintura e te sangro. Você cai,

geme e finge de morta. Eles vão ver o sangue brotar da tua cintura. Depois eu pego um vidrinho de cheiro que vou preparar, levo o vidrinho no teu nariz e você ressuscita, perguntando o que aconteceu. Eles vão ficar assombrados e vão me perdoar mais uma vez. Combinado?

- Ah! marido, isto é perigoso! Os compadres podem não acreditar na história e aí a porca vai pr'o brejo. Eles te matam.

- Que nada! Os compadres são cabeças de burro. Deixe comigo.

A mulher, então se preveniu com a bexiga de sangue e também com um vidrinho de cheiro que deixou no guarda-louça. E ele se pôs no esconderijo.

Mal ensaiaram o pega, aparecem os compadres ricos.

- Comadre, cadê o compadre?

- Ele saiu pra ir buscar uns paus de lenha no mato.

- Ele demora, comadre?

- Acho que vai demorar um pouco, por que saiu ainda agorinha.

- Mas nós vamos esperar ele. O compadre têm feito nós dois de moleques. Faz tapeação e ainda pega o nosso dinheiro. Hoje nós queremos dar uma boa lição nele pra ele não ficar pensando que a gente é bobo.

- Sentem um pouco, compadres. Eu vou mandar a pombinha ensinada ir no mato chamar ele.

- Lá vem a senhora também com história, não chega o compadre ser tapeador?

Não é tapeação, compadres. Quer ver?

Foi no viveiro, pegou a pombinha e disse pra ela ir chamar o patrão. Depois soltou ela no ar.

Depois de muita demora, ele chega, trazendo alguns gravetos nas costa.

- Olá compadres, como vão indo? Faz tempo que vocês estão aqui?

- Faz muito tempo e estamos aqui pra te tirar a fama de enganador.

Então, né, o pobre vira pra mulher e diz:

- Por que você não mandou a pombinha ir me chamar?

- Eu mandei sim. Os compadres são testemunhas.

- Não mandou, porque ela não foi onde eu estava. E começaram numa discussão forte. Mandei, não mandou...

Quando a discussão estava muito violenta, ele arranca a faca da cinta e dá uma facada na cintura da mulher.

A mulher dá um grito de dor e cai toda ensangüentada.

Os dois ricos, amedrontados, dizem:

- O que o senhor fez compadre? Matar a comadre por causa de uma teima besta. Não precisava ficar assassino por nossa causa.

- Mas não tem problema não. Eu tenho aqui em casa uma agüinha cheirosa que faz milagre. Foi no guarda-louça, pegou o

CONTOS FOLCLÓRICOS

vidrinho, abriu e chegou no nariz da mulher. Num segundo, ela respirou forte, abriu os olhos, levantou meio zonha e perguntou o que tinha acontecido.

Os dois compadres ficaram maravilhados.

- Que milagre! Compadre, nos venda esse remédio milagroso? Vai que um dia nós brigamos com as esposas, ficamos nervosos, acabamos matando elas. E depois, por encanto, com esse remédio fazemos elas viver novamente.

No começo o pobre fez a mesma chancha de sempre e por fim acabou cedendo.

- Já que é pr'os senhores, eu vendo este vidrinho.

- Quanto o senhor pede por ele?

- Cinco mil réis.

- Está feito o negócio! Deram o dinheiro e foram pra casa.

No caminho os dois ricos combinaram:

-Agora nós brigamos com as mulheres, matamos elas e fazemos elas ter vida de novo.

Já chegaram em casa, combinaram uma caçada. Pegaram os petrechos e saíram. Demoraram muito para voltar. Chegaram já era noite. E por isso desentenderam com as mulheres. Conversa vai e conversa vem e o fim foi triste. Cada um deu uma facada na mulher só pra mostrar o efeito do remédio milagroso.

As mulheres caem estendidas no chão. O de cá leva remédio no nariz da esposa. Nada! O vizinho vem buscar o vidrinho dá o remédio pra mulher cheirar. Nada! As ensanguentadas estavam bem mortinhas.

E eles acabaram com a água milagrosa de tanto esfregar ela no nariz das esfaqueadas.

- Matamos nossas companheiras! Desta vez o compadre não escapa. Ele vai pagar por esta cilada. Vamos matar ele também.

Cuidaram do velório, fizeram os enterros. Agora os dois estavam viúvos e decidiram ir com tudo pra matar o tapeador sem-vergonha.

Enquanto isso o compadre pobre confessava pra mulher:

- Desta vez não escapo. Eles vão me matar. Mas vou procurar um outro jeito pra sair dessa.

Mas mesmo que eles me matem, já não tem importância, você já tem algum dinheiro pra tocar a vida.

E estudou o modo de se livrar. Construiu uma armação de bambu bem maior que o tamanho dele e costurou ela com saco de estopa e deixou no quintal.

No outro dia, logo de manhã, lá vem vindo os dois viúvos ricos.

- Compadre, você fez a nossa infelicidade. Confiamos no remédio e você fez com que matássemos nossas mulheres. Agora vamos te matar. Não tem outro

jeito. Você vai morrer também.

- Compadres, os senhores não me matem nem a tiro nem a faca. Prefiro morrer afogado. Me afundem nas águas do rio.

O compadres disseram:

- Você morrendo é o que basta. Nós vamos te afogar.

- Olhem, aqui está esta armação de saco de estopa. Eu entro nela e vocês amarrem bem amarrado e me joguem bem no meio do rio.

Despediu da mulher que ficou chorando, entrou na armação e os dois viúvos saíram carregando ele em direção do rio.

No caminho eles diziam:

- Coitada da comadre! Vai ficar sozinha. Mas não faz mal. Nós pagamos um tanto por mês pra ela e ela servirá pelos menos pra lavar nossas roupas.

Depois de andarem um bocado, ficaram cansados. Pararam, deixaram o pobre dentro da armação e foram num boteco próximo tomar um goles de vinho.

Enquanto estavam bebendo, vem pela estrada um pastor tocando um grande rebano de carneiros.

O pobre viu o pastor pelo vão da armação e começou a gritar:

- Ai, eu não quero casar com a filha do rei. Eu prefiro a morte, mas não quero casar com a filha do rei.

O pastor se interessou pelo assunto e se aproximou daquela armação.

- O que você está dizendo? Não quer se casar com a filha do rei. Por quê? Quer negócio melhor que este?

- Não, não quero me casar com ela. Eles estão me levando contra minha vontade. Me tira eu daqui.

O pastor mais que depressa abriu a boca da armação e fez a proposta:

- Eu solto você. Você me amarre aqui dentro, eu vou no seu lugar. Ninguém fica sabendo da mudança e eu caso com a filha do rei.

O pobre sabido saiu e bem depressa amarrou o pastor dentro da armação.

O pastor ainda disse:

- Pode ficar com a carneirada pra você como recompensa.

O pobre tocou apressado aquele bando de carneiros em direção da sua casa, antes que o dois ricos aparecessem.

Não demorou muito tempo, vêm trolados no vinho os dois viúvos, pra darem fim no tapeador.

Agarram a armação, dizendo:

- Está perto. Daqui a pouco você vai pr'o inferno! Você fez nós matarmos as mulheres, agora você vai pagar.

- Me soltem. Não fui eu, gritava o pastor.

- Não foi você? Você vai ver se foi ou não. Você logo vira comida de peixe.

- Pelo amor de Deus, me soltem! Eu sou o pastor. O outro saiu daqui e eu fiquei no lugar dele.

Mas os dois estavam tão bêbados que nem entendiam aquilo que o pastor estava dizendo.

Chegaram no rio e soltaram a armação na correnteza. Já era noite. E voltaram realizados, satisfeitos, pra casa.

No dia seguinte, ao se levantarem, viram tantos carneiros bonitos, grandes e peludos no quintalzinho do compadre pobre. E pensaram:

- Onde que a comadre arranjou dinheiro pra comprar tantos carneiros?

E foram pra lá.

Assim que chegaram, foram recebidos pelo compadre pobre.

Ué, compadre, você não morreu? Nós te jogamos no rio, ontem.

- Jogaram sim.

- Onde você arrumou essa carneirada?

- Uai! Vocês não me jogaram na beirada do rio? Se vocês me tivessem jogado no centro do rio eu teria tirado gado grande: bois, cavalos e burros. Mas vocês me jogaram na beirada e eu só tirei essas porcarias aí. Vocês não querem me levar lá e me jogar bem no centro do rio?

- Não! Agora você vai levar nós, pra tirarmos gado graúdo. Nós temos fazenda grande e queremos bois, vacas, cavalos.

- Não! Se vocês quiserem, arrumem, então, as armações.

- E daí você leva nós?

- Levar nós, não! Vocês vão andando.

Eu não vou fazer como vocês que me levaram. Lá na beirada do rio eu amarro as armações e jogo vocês no meio do rio. Nós vamos andando.

Os compadres ricos prepararam as armações e no dia seguinte foram os três pra beira do rio.

Lá, o compadre pobre amarrou bem o primeiro dentro da armação e, depois, o outro. Aí, então, ele amarrou, uma pedra bem pesada na boca de cada uma delas. Os dois cismaram da mão e perguntaram:

- Pra que essa pedra, compadre?

- É pra vocês irem bem pr'o fundo. Vocês não querem gado graúdo?

- Solte nós, compadre. Não precisa amarrar estas pedras.

- Soltar como? Vão pr'o meio do rio. E plofe!, lá se foram o dois.

O pobre gritava:

- E vocês vão trazer muito gado. Todo graúdo.

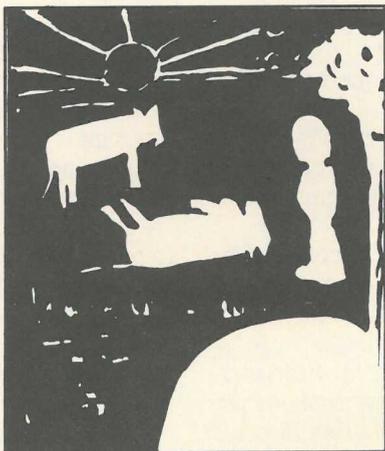
E com a morte dos compadres ricos, o pobre e sua mulher ficaram milionários. Além dos carneiros que ganharam do pastor, ainda herdaram as duas fazendas dos compadres ricos".

Contado por Antônio de Sousa, 53 anos (1983), pouca instrução, barbeiro, residente na Rua Júlio Ferrânti, 243, Bairro de São José, Olímpia.

CONTOS FOLCLÓRICOS

5 - O TOURO, O CAVALO E O PORCO

“Era um home que trabaia na olaria e tinha um cavalo, um touro e um porco. Então ele pegava o cavalo e judiava do cavalo o dia interinho, trabaiano na pipa, massano o barro, co’aquele coeira no pescoço, coitado. Ele sortava o cavalo só de tardezinha. O cavalo, muito cansado, foi recramá pr’o compade Toro.



Falô pr’o compade Toro: hoje eu tô quebrado. Óia, o teu dono, que é o meu dono, me judiô demais, hoje. Massei, hoje, barro que não foi brincadera.

Aí o compade Toro respondeu pr’o compade Cavallo: Ah! compade Cavallo, o senhor é bobo! Eu se fosse o senhor, amanhã cedo, à hora que vim buscá o senhor pra massá o barro, eu pegava e caía no chão e fingia que tava doente. Aí eu queria vê quem ele ia ponhá lá? Porque ontem ele ia tombá terra comigo e eu fiz a mema coisa.

- Ah! então é, compade Toro?

- É sim, compade Cavallo. Faz o que eu tô te falano que vai dá tudo certo.

Então, no dia seguinte, às três horas da manhã, o dono da olaria foi pegá o cavalo, de candeinha na mão. Chegô bem na moita de arranha-gato e lumiano assim viu o rasto do cavalo que tinha entrado de fasto, na moita, de tão veiacco que ela era. Chegô lá, o cavalo tava lá deitado na moita. Xingô, bateu no cavalo. Levanta, levanta, vai, vai, bateu outra vez, judiô.

O compade Toro de lá dava risada, sabeno da veiacada do cavalo.

O home judiô, judiô do cavalo e depois falô:

- Já que você não qué levantá memo, então vô pegá o touro pra massá barro hoje.

Foi lá e catô o touro. Catô o touro e o coitado massô o dobro de barro que o cavalo tinha massado no dia anterior.

Quando foi à tarde, ele sortô o touro no pasto que de tão cansado tava co’os chifre no nariz.

Aí o touro falô pr’o compade Cavallo assim:

- Boa tarde, compade Cavallo.

- Boa tarde, compade Toro. Como é que passô o dia hoje?

O compade Cavallo respondeu:

- Eu andei, andei, fui lá pr’o corgo. Fiquei por aqui nessas sombra mais gostosa.

O touro falô:

- Enquanto isso, eu fiquei lá massano barro, feito tonto lá co’ aquela canga no

pescoço.

Aí o cavalo disse:

- Não diga isso, compade Toro.

- Digo, pois ele pegô eu mode massá barro hoje. Enquanto isso você descansô o dia interinho na moita. Forgado!

O compade Toro pegô e falô pra ele assim:

- Vamo fazê o seguinte: Amanhã cedo, à hora que ele vim pegá nós, nós pega nós dois, nós dois, heim!, nós deita e não levanta não. Larga esse home pra lá, o teu dono que é o meu dono.

No otro dia, o dono foi pr’o pasto e encontrô os dois lá no pasto, deitado. Cutucô um, não levantô. Foi co’a vara de ferrão no touro, ferrô, ferrô, xingô, bateu e ele não levantô.

- Ó vagabundo, hoje eu não posso fazê tijolo.

Pegô foi embora. Aí o compade Toro levantô e falô pr’o compade Cavallo:

- Ó compade Cavallo, que negócio é esse? O nosso dono só fica judiano de nós, fazeno nós de escravo, judia, bate ni nós. E o tal de fulano do porco? Fica lá no chiquero só comeno. Toma seus três banho, três vez por dia, né. Come do bão e do mió e nós sem siqué banho não toma. Nós toma banho quando chove e óia lá ainda. E além disso tem que puxá a canga no pescoço e o senhor tem que carregá coaiera.

O cavalo falô:

- É memo. Eu vô lá recramá com o compade Porco. Que que é isso? Nosso dono não pode fazê isso com nós.

Aí o cavalo foi lá chomingá co’o porco.

Chegô lá no chiquero:

- Boa noite, compade Porco.

- Boa noite, compade Cavallo.

- Óia, eu mais o compade Toro tava conversano ali hoje.

O porco já falô:

- Eu escutei memo. Eu bem que escutei memo vocês meteno a boca ni mim lá, falano mal de mim.

- Não, não é falano mal. A gente tá falano o que é certo... O senhor fica aí nesse chiquero ó, come, toma o seu banho três vez por dia e enquanto isso nós trabaia lá, feito tonto, na olaria lá, feito bobo.

Aí o compade Porco falô:

Ah! compade Cavallo, vocês é bobo. Sabe o que o senhor faz? Ó, hoje é que tá bão. E o tempo tava que era só: broum! broum! Vai chovê muito. Amanhã cedo, à hora que o dono vim pegá vocês, vocês, deita, deita, não levanta não. Você já fez isso! Deita e finge de doente. Você é bobo, não sabe vivê.

Quando foi no otro dia cedo, o home levantô, ainda tava chovenno, e ele falô:

- E agora? Vô buscá lenha pra secá, pra depois queimá os tijolo.

Foi pr’o pasto. O cavalo tava correnno, todo alegre, pelo pasto: quirruru! quirruru!...

Quando o cavalo viu o dono co’o cabresto na mão, deitô depressa e falô pr’o touro:

- Ó compade Toro, deita no chão que lá vem o home.

O touro se jogô no chão: bei! Caiu pranchado no chão.

O dono foi primero no cavalo:

- Levanta alazão, levanta alazão. E nada!

Depois foi no touro:

- Levanta meu touro, levanta meu touro. E nada tamém.

Aí o home falô:

- Buscá lenha eu não vô, porque tá muito moiado e os meus animal tá doente. Não qué levantá. Na cidade eu tamém não vô, porque meu cavalo não puxa carroça. Eu tenho uma lenha seca que tá aí debaxo do forno, então, eu vô aproveitá o dia e matá aquele porco que tá lá no chiquero. E o porco caiu na faca.

E por aqui termina minha história”.

Cantado por Jesus Carlos Batista, 27 anos (1990), pouca instrução, lavrador, residente na Rua Penha, 210, Bairro de São José, Olímpia.

CONTOS FOLCLÓRICOS

6 - O MENDIGO E O REI

“Numa cidade morava um rei num palácio muito grande e nessa mesma cidade morava um velho muito pobre. O pobre morava numa casinha de barro de um só cômodo, quase caindo, e vivia das poucas esmolas que pedia. O coitadinho passava até fome.

Um dia fizeram um grande roubo no palácio. Conseguiram abrir o cofre do rei e levaram todo o tesouro.

O rei ficô desatinado. Urrava feito um leão. Deixô todo mundo desnorteado.

Depois que o rei acalmô, ele mandô publicá no jornal que daria uma boa recompensa, em dinheiro, pra quem adivinhasse que tinha roubado o seu tesouro.

Ninguém se apresentô. Mas uma pessoa que não gostava do velho, por maldade, mandô avisá o rei que o velho mendigo sabia quem era o ladrão.

Então o rei mandô ir buscá o velho, pôs ele num quarto do palácio, e falô:

- Você tem três dias pra me dizê o nome do ladrão que levô meu tesouro. Se dentro de três dias você não adivinhá, vai morrê enforcado.

O pobre velhinho disse consigo mesmo:

- Ó meu Deus, me socorra. Vim numa casa tão pobre pra morrê num palácio tão rico. E não vai tê jeito de escapá dessa, porque não sei dizê quem é o ladrão. E começô a rezá muito.

O rei falô pr'os criados assim:

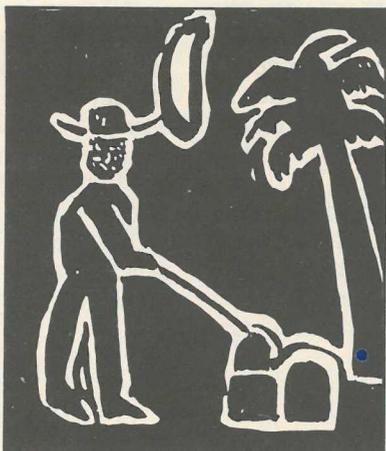
- Vocês tratam bem esse velho. Mandê todos os dias a melhor comida que tivê aqui, a mesma que vai na mesa pra mim.

Então um criado foi no quarto aonde estava o velho e falô:

- O rei mandô tratá bem você. É pra trazê todo dia a melhor comida.

O velhinho então falô:

- Eu não estô costumado a comê mais do que uma vez por dia. Então, se não fô incômodo, só traz comida quando dé meio-dia. É só uma vez por dia.



O criado saiu do quarto e o velho começô:

- Pai nosso que estais no céu...

E depois pensava:

- Ai, meu Deus, faça esses três dias passá depressa. É duro ficá esperando a hora de sê enforcado.

Quando foi meio-dia, um criado levô uma bandeja grande com peru, leitão,

batata e outra com melancia, abacaxi e outras coisas. O velho comeu com muita vontade e falô pr'o criado que foi a melhor comida que ele já tinha comido.

Então o criado pegô as bandejas pra levá pra cozinha e o velho disse com voz bem firme:

- Louvado seja Deus! Esse é o primeiro dos três que estô vendo passá.

Com isso, o velho queria se referir ao primeiro dos três dias de amargura, de sofrimento.

O criado ficô todo assustado. Chamô os otros dois companheiros e disse:

- Esse velho sabe mesmo quem roubô o tesouro. Ele falô, agradecendo a Deus, que o primeiro ele já tinha visto. Ele é mesmo um adivinhadô. E, pra tirá a prova, no segundo dia, foi o otro criado que participô do roubo, que levô a comida.

O mendigo comeu, comeu, comeu até enjoá.

Quando o criado retirô as vasilhas pra levá pra cozinha, ele agradeceu:

- Louvado seja Deus! Esse é o segundo dos três que está passando.

O criado saiu apressado pra cozinha. Estava tão nervoso que nem podia falá. Chamô os dois companheiros e disse:

- Nós estamos perdidos. O velho sabe mesmo que somos nós. O que devemos fazer?

Então, no terceiro dia, foi levá a comida pr'o velho o terceiro dos ladrões.

O velho quis comê tudo o que tinha nas bandejas porque era a última vez que ele ia comê na vida. Deixô as bandejas limpinhas. Entregô elas pr'o criado e falô:

- Louvado seja Deus! Este é o terceiro e o último que eu vejo passando.

O criado não agüentô o que ouviu. Caiu de joelhos nos pés do velho e disse:

- Já que o senhor sabe que fomos nós os ladrões do tesouro, nós pedimos pelo amor de Deus que o senhor não fale isso pr'o rei. Nós vamos devolver o tesouro pr'o senhor entregá pr'o rei, mas o senhor tem que jurá que não vai contá pra ele.

O velho, que já se sentia aliviado, porque não ia morrê enforcado, jurô que não ia falá o nome deles pr'o rei, mas fez um pedido:

- Vocês pegam o tesouro e, com muito cuidado, sem que ninguém veja, enterre debaixo daquele pé de cedro que tem perto do riozinho, lá na ponte do Tatu.

O criado respondeu:

- É pra já. Nós vamos fazê como o senhor está pedindo, mas o senhor não fale pr'o rei que fomos nós.

Saiu e combinô com um deles pra fazê o serviço.

Quando bateu seis horas da tarde, o rei falô pra um dos criados:

- Deixa a forca no jeito. Se esse velho não adivinhá, já fica tudo pronto pra enforcá ele.

E depois deu ordem pra otro criado ir chamá o velho.

O velho saiu do quarto, muito calmo, foi ao salão e disse:

- Majestade, eu não vô consegui adivinhá o nome do ladrão, mas sô capaz de dizê aonde ele enterrô o seu tesouro. O tesouro, majestade, ele escondeu num buraco que ele fez debaixo daquele pé de cedro que tem lá na ponte do Rio Tatu. Pode mandá alguém lá pra vê.

O rei mandô dois criados pra lá, com enxada e enxadão. Não demorô quase nada, eles voltaram trazendo o rico tesouro do rei.

O rei ficô tão agradecido que deu uma boa quantia de dinheiro pr'o velho. Ele ficô rico. Comprô uma boa casa e viveu feliz pr'o resto da vida. Os três criados nunca mais pensaram em roubá o rei”.

Contado por José de Sousa Júnior, 61 anos (1990), pouca instrução, comerciante, residente na Rua Dr. Otávio Lopes Ferraz, 419, Bairro São José, Olímpia.

CONTOS FOLCLÓRICOS

7 - O RELHO MÁGICO

Tinha dois compadres que moravam numa mesma cidade. Um era rico e o outro muito pobre, pai de muitos filhos. O compadre pobre já não sabia mais o que fazer pra tratar dos filhos que estavam com muita fome.

Então, ele saiu, muito triste, para o meio de um pasto, sentou em cima de uma pedra e ficou chorando. Então apareceu

Nosso Senhor, disfarçado num velhinho, e perguntou pra ele:

- O que você tem, meu filho? Por que está chorando?

O pobre contou pra ele o que estava se passando.

Nosso Senhor então falou:

- Não precisa ficar triste. Leve esta varinha de condão e chegando em sua casa, estenda uma toalha sobre uma mesa e fale: Valei-me varinha de condão que Deus me deu, me dê tudo de bom.

O pobre pegou a varinha de condão, agradeceu o velho e foi depressa para casa.

Estendeu uma toalha sobre a mesa e fez direitinho o que aquele velho mandou. Em cima da toalha apareceram as comidas mais gostosas. Ele e a família comeram até não poder mais. E assim, todos os dias, ele dava boa comida para os filhos. Um dia, o compadre pobre resolveu convidar o compadre rico pra ir almoçar na casa dele. Sobre a toalha apareceu tanta comida boa, coisas que o rico comia só nos dias de festa.

Então o rico perguntou pr'o pobre como foi que ele tinha conseguido aquela varinha tão misteriosa. O pobre contou tudo como foi.

Quando foi à noite, à hora que o pobre estava dormindo, o rico foi na casa dele, tirou a varinha de condão e pôs uma varinha comum no lugar dela.

À hora do almoço, o pobre apanhou a varinha e disse:

- Valei-me, varinha de condão que Deus me deu, me dê tudo de bom.

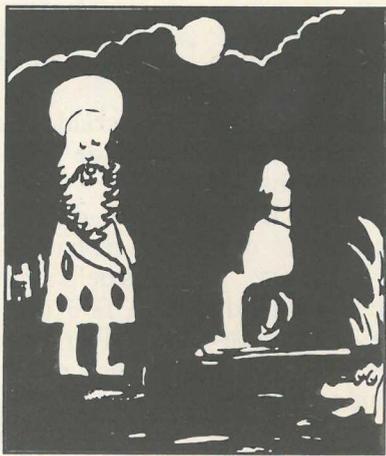
E sobre a toalha não apareceu nada. Aquela varinha era falsa.

O pobre ficou muito triste e saiu novamente para o pasto e foi sentar sobre aquela pedra, chorando.

Nosso Senhor, disfarçado em velhinho, apareceu novamente ao pobre. O pobre contou o que tinha acontecido.

Nosso Senhor disse:

- Não precisa chorar, meu filho. Eu



vou dar pra você este burrinho. Quando você precisar de dinheiro, e só bater na anca dele e dizer: ponha ouro, meu burrinho.

O pobre foi, contente, para casa, puxando o burrinho pela corda.

Chegando em casa, disse: •

- Burrinho que Deus me deu, ponha moedas de ouro para comprar o que eu pre-

ciso.

E o chão ficou forrado de tantas moedas.

Passados uns dias, o rico ficou sabendo da existência daquele burrinho lá na casa do compadre e, como era muito invejoso, muito ambicioso, foi durante a noite, na casa do pobre, levou um burrinho simples e trocou por aquele que punha moedas de ouro.

Quando o pobre precisou das moedas, foi até o burrinho, bateu na anca dele e pediu que pusesse moedas de ouro. E nada!

O pobre logo compreendeu que tinha sido logrado, outra vez, pelo compadre rico.

Ficou muito triste e saiu novamente pelo pasto, indo sentar naquela mesma pedra. Sentou e pôs-se a chorar.

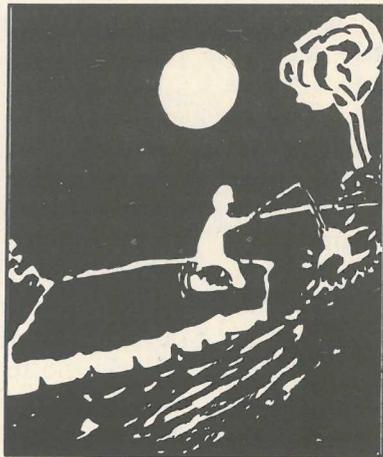
Nisso apareceu aquele velhinho, que era Nosso Senhor, e o pobre contou o que tinha acontecido.

Nosso Senhor, então disse:

8 - O PESCADOR E SEU FILHOS

“Num dia, um homem pobre, um pescadô, saiu bem de manhã pra pescá. Levô a tralha e foi pra beira do rio. Armô a vara de pesca e não demorô tempo nenhum, ela começô a envergá. Fisgô e tirô da água um peixe bonito, de bom tamanho. Quando ele tirô o anzol da boca do peixe, o peixe disse pra ele:

- Não quero que você me coma. Eu te peço pra me cortá em oito pedaços iguais. Dois pedaços você dá pra tua égua, dois pra tua mulher, dois pra tua



cadela e os otros dois você enterra no fundo do quintal.

O pescadô foi pra casa e fez tudo conforme o peixe mandô.

Passado o tempo certo, a égua deu cria dois potrinhos, a mulher teve filhos gêmeos, a cadela teve dois cachorrinhos e, no fundo do quintal, onde tinha enterrado os pedaços do peixe, apareceram duas lindas espadas.

O pescadô pensô:

- Aqui tem coisa! Parece um mistério. Parece que o peixe indicô alguma coisa

CONTOS FOLCLÓRICOS

pra mim. Vê esperá pra vê o que vai acontecer.

O tempo foi passando e os dois meninos ficaram moços e decidiram saí de casa pra procurá serviço, ganhá a vida.

Falaram com o pai e o pai disse:

- Está bem, filhos. Vocês podem saí de casa, mas tomem muito cuidado. Vocês são gêmeos, muito parecidos e um pode pagá pelos erro do otro. Andem bem corretos pra nada de mau acontecer.

Eu não tenho dinheiro pra dá pra vocês levá, mas vô dá um cavalo bom pra cada um, um cachorro valente e uma espada das melhores. Siga cada um o destino que Deus der e que Ele abençoe muito vocês.

Os rapazes se prepararam, montaram seus cavalos, pegaram as espadas e se mandaram, seguidos dos dois cachorros.

Viajaram, viajaram. Conheceram muitos lugares. Um dia, indo por uma estrada, eles encontraram uma árvore muito grande que estava sobre um barranco. Descansaram na sombra da árvore e trocaram uma idéias.

Um disse pr'o otro:

- Eu acho que não dá certo nós dois ficá andando juntos. Nós somos gêmeos, um muito parecido com o otro e isso pode não dá certo. Então, o melhor é nós se separá. Cada um deve segui um rumo diferente.

O irmão concordô e combinô com ele o seguinte:

- Então, nós vamos quebrá um galho dessa árvore. Cada um de nós planta o galho neste barranco. Um galho me representa e o otro representa você. Eu planto um galho do lado direito da árvore e você planta otro do lado esquerdo de quem vai pr'as bandas do riozinho que fica ali abaixo. Quando um quisé sabê notícia do otro e só voltá aqui e olhá o galho. Se ele estivé verde, viçoso, é sinal de que o que plantô está vivo e com saúde. Se estivé murchando, indica que está doente, passando mal. E se estivé seco é porque já morreu.

Combinaram, plantaram os galhos, se despediram e cada um seguiu pr'um lado.

O que seguiu o caminho do riozinho, viajô, viajô muitos dias até chegá numa grande cidade. Lá, ele leu no jornal o anúncio que o rei mandô publicá. O anúncio dizia que se alguém conseguisse salvá a filha dele, a princesa, que tinha sido sorteada pra sê engolida por um bicho-de-sete-cabeças, se casaria com ela.

Esse bicho vivia naquelas bandas, de cidade em cidade, pra se alimentá. Se as autoridades não oferecessem uma pessoa pra ele comê, ele destruí a cidade inteira.

O moço ficô entusiasmado em conhecê a princesa. Tomô informações e saiu à procura dela. Andô pela estrada e encontrô a coitadinha sentada num barranco, perto de uma mata, esperando a hora de sê engolida pelo enorme bicho. Era a princesa mais linda deste mundo. A roupa dela era maravilhosa. O vestido tinha sete saias. Os cabelos dela eram loiros e os olhos azuis. Era até um pecado deixá o bicho engoli uma moça tão linda.

O moço foi chegando de mansinho e, com muita delicadeza, disse:

- Como vaj princesa? O que está fazendo aqui, sozinha?

Ela, com ar muito triste, respondeu:

- O meu fim é triste. Estô aqui esperando a hora de sê engolida por um bicho medonho, de sete cabeças. Fui destinada pra isto.

O moço, com muito jeito, chegô rentinho dela e sentô. A princesa, muito preocupada, disse:

- Eu acho bom você não ficá aqui. O bicho pode chegá agora e engoli você também.

Mas o moço não deu muita importância pra conversa da princesa e não saiu de lá. Alisava os cabelos dela e dava muita coragem pra ela. Ela também começô a fazê cafuné no moço. E, de repente, ela adormeceu. Então, ele aproveitô a oportunidade e cortô um pedaço de cada uma das sete saias e guardô no bolso do paletó dele. Ficô ali mais um tempinho e nisso a princesa acordô. Nesse momento eles começaram a ouvi um barulho que vinha por perto: chué, chué, chué! Era o bicho faminto que se aproximava da princesa.

O moço deu um beijo na testa da princesa e correu pra junto do cavalo. Quando o bicho estava pertinho dela, ele gritô:

- Pula na garupa do meu cavalo, que eu te salvo.

Imediatamente ela pulô e o moço gritô:

- Pisa meu cavalo, corta minha espada e avança meu Leão (nome do cachorro).

Num instante deram fim ao monstro. Aí, o moço pegô a espada e cortô a metade da língua de cada cabeça do bicho e guardô dentro de um embornal. Deixô o bichão mortinho, na estrada, e foi levá a princesa pr'o palácio. Ninguém viu os dois indo pra lá. Quando eles se separô, a princesa deu pr'o moço um cachorrinho bem ensinado, que obedecia todas as ordens. O moço arrumô hospedagem bem perto do palácio.

Depois de pouco tempo, passô naquela estrada um carroceiro preto, com a roupa toda suja de carvão. Viu o bicho-de-sete-cabeças morto, estendido no chão, e teve uma brilhante idéia. Ele também tinha lido no jornal a notícia que o rei publicô: casamento da princesa com quem conseguisse livrá ela do

monstro perigoso.

Não pensô duas vezes. Apanhou um facão que levava, cortô as sete cabeças, pôs na carroça, e foi pr'o palácio.

No caminho ele pensava:

- Vô mudá minha vida. Vô casá co'a filha do rei.

Chegô no palácio, pediu pr'o criado ir chamá o rei e se apresentô como salvador da princesa. E entregô a prova, as sete cabeças.

O rei disse pr'o criado:

- Prepare um banho e melhores roupas para este moço. Ele vai sê meu genro. Palavra de rei não volta atrás. E já mandô prepará uma grande festa pr'o noivado e casamento da filha.

A princesa, muito tristonha, falô pr'o rei:

- Papai, não foi este moço que me salvô. Foi otro. Eu não quero casá com este. Ele está mentindo.

O rei respondeu pra ela:

- Como não foi este? Ele trouxe a prova, as sete cabeças do monstro que ele matô. Você não qué casá com ele, porque ele é preto. Mas vai tê que casá, porque eu dei a minha palavra.

A princesa tentava explicá, mas o pai não mudava de idéia. Então o único consolo dela era chorá.

No dia seguinte, logo de manhã, começô a grande festa.

O moço convidô o cachorrinho e foram pra porta do palácio. Quando foi servida a primeira mesada de comidas e bebidas, o noivo negro pôs muita comida no prato, mas quando foi levá a primeira garfada na boca, o moço deu ordem pr'o cachorrinho:

- Vai lá e derruba o prato dele no chão.

O cachorrinho obedeceu na hora. Foi um escândalo.

À hora que o noivo pôs o vinho no copo, o moço falô pr'o cachorrinho:

- Vai lá, agora, e derruba o copo dele no chão.

O cachorro atendeu. O noivo já estava soltando fogo pelos olhos, de tão nervoso. E gritava:

- Não tem ninguém neste palácio pra tomá conta e não deixá este cachorro vagabundo entrá no salão de banquete?

Mas o cachorrinho fez otras, otras e otras, obedecendo às ordens do moço.

A noiva, inconformada com o noivo que não era do gosto dela, chorava o tempo todo, de tanto desespero.

O rei começô a ficá desconfiado da situação.

Na hora de saí o casamento, o rapaz entrô no palácio, gritando:

- Pára, pára, pára com esse casamento falso!

Aí, o rei, embora já tivesse dado a sua palavra, percebeu que alguma coisa estava errada, voltô atrás e mandô pará a

CONTOS FOLCLÓRICOS

cerimônia.

O moço perguntô:

- O que está acontecendo aqui?

O rei falô:

- É que este noivo matô o bicho-de-sete-cabeças, então ele vai casá com a princesa, minha filha.

O moço perguntô:

- Vossa Majestade tem a prova de que foi ele mesmo que matô o tal bicho?

- Sim, tenho.

- E o que é?

- São as sete cabeças do bicho.

- E nas sete cabeças as línguas estão inteiras?

O rei mandô verificá e viu que não estavam.

O moço, respondeu:

- São estas as partes da língua que faltam. E estão aqui todas as sete.

Então o moço tirô do embornal as sete pontas das línguas e pediu pra ir verificá se elas completavam as línguas do monstro.

E eram mesmo as pontas das línguas dele.

A princesa continuava dizendo pr'o pai:

- É esse moço aí, papai, que me salvô.

O noivo negro bufava de raiva. Queria matá o moço visitante.

Mas o moço fez outra pergunta pr'o rei:

- O vestido da princesa, naquele dia que ela ia sê devorada pelo bicho, quantas saias ela usava?

O rei respondeu:

- Eram sete saias.

Então, o moço tirô do bolso do seu paletó os sete pedacinhos das saias e pediu pr'o rei mandá ir verificá se não estava faltando um pedaço de cada uma delas.

O rei chegô à conclusão de que tudo o que o moço falava era a pura verdade. Virô pr'o moço e perguntô:

- O que que você qué que eu faça com este noivo mentiroso?

O moço respondeu:

- Quero que asse ele numa fornalha.

E foi isto que o rei mandô fazê.

A festa no palácio continuô, mas desta vez com o noivo verdadeiro. O casamento foi maravilhoso e a festa durô três dias.

Terminada a festa, o rei deu um palácio muito chique para o novo casal.

No dia seguinte, o esposo da princesa se levantô e foi para a área do palácio. De lá ele avistô uma torre, muito distante, e perguntô pra mulher:

- O que é aquela torre lá longe?

Ela respondeu:

- É a torre da Babilônia. Quem fô lá não retorna nunca mais.

O marido ficô curioso por sabê o que tinha lá, queria descobri aquele mistério, mas não disse nada pra esposa.

No dia seguinte, de manhã, ele pediu pra esposa prepará uma merenda, que ele ia viajá, mas voltava logo. Montô no cavalo, levô a espada e o Leão e foi pará na torre da Babilônia.

Quando foi chegando, uma velhinha fogueitera, assanhada, foi dizendo:

- Chega pra cá, meu filho, vamos dançá. Ela balançava os braços, requebrava-se toda e sorria muito contente: quié, quié, quié!

Depois ela arrancô um fio de cabelo e disse pr'o moço:

- Vai lá e amarra o teu cavalo!

Em seguida, ela tirô otro fio e mandô ele ir amarrá o cachorro. E com otro fio, mandô amarrá a espada. O bobo do moço obedeceu todas as ordens da velha.

Aí ela chamô ele pra continuá dançando. Ele foi. A velhinha se rebojava, fazia graça, girava o corpo dele, cantava, ria. O moço quis acompanhá os movimentos da velha, mas percebeu que estava ficando fora de si e gritô:

- Pisa meu cavalo, corta minha espada e avança meu Leão.

E a velha falô:

- Engrossa, meu cabelão!

Nisso os cabelos dela viraram grossas correntes de aço que ninguém dava conta de rompê-las. Foi nessa hora que a velha encantô o moço, o cavalo, a espada e o cachorro. Saiu vitoriosa. E o moço lá ficô, sem podê retorná.

A princesa, no palácio, aguardava ansiosa, a volta do esposo.

Nesse meio de tempo, o otro irmão gêmeo, que estava pr'as outras bandas, sentiu saudades do irmão e resolveu ir naquele barranco e vê como estava o galho que o irmão plantô. Chegô e encontrô o galho murcho, quase secando. Pensô:

- Ele está muito mal. Vô atrás dele.

Tomô a direção que o irmão tinha tomado e saiu galopando o seu cavalo: placatá, placatá, placatá...

Andô, andô até chegá numa cidade grande. Quando ele ia passando perto do palácio, ele viu na área uma moça toda sorridente que acenava um lenço branco pra ele. Ela estava muito contente. Falô pra ele mesmo:

- Deve sê da família.

E a moça falava bem alto:

- Vem pra cá logo, meu bem.

Aí, ele já não tinha mais dúvida. E dizia:

- Esta é a noiva ou mulher de meu irmão. Ela está pensando que eu sô o meu irmão. E ela tem razão, nós somos gêmeos.

E resolveu ir no palácio.

Chegô, entrô e a princesa disse:

- Eu já estava morrendo de saudade de você. Por que se demorô tanto pra voltá?

O moço entrô meio ressabiado. Logo

a princesa serviu o almoço. Ele comeu pouco. Conversô pouco também.

A princesa achô o marido meio diferente, muito preocupado.

Quando chegô a hora de ir dormir, o moço estava desapontado. Mas pra não deixá-la aborrecida, foi se deitá co'ela. Deitô e botô a espada separando um do otro. A princesa achô aquilo estranho, ficô aborrecida com a atitude do esposo e até chorô pelo desprezo que ele estava dando.

No otro dia, ele levantô muito cedo. A princesa também se levantô e foi prepará o café. Tomaram o café e o moço saiu pra área. De lá ele viu a torre muito distante e perguntô:

- O que é aquela torre lá longe?

A princesa respondeu:

- Não te disse, ainda ontem, que é a torre da Babilônia e que toda a pessoa que fô pra lá nunca mais retorna?

O moço logo compreendeu que o irmão devia estar lá.

Pediu pra princesa arrumá uma merenda, porque ele ia dá um passeio pelos campos, mas não ia demorá.

Montô no cavalo, já com a espada, e foi acompanhado pelo cachorro, também chamado Leão. Andô muito e chegô na torre da Babilônia.

A velhinha, quando viu o rapaz, já foi dizendo:

- Vem chegando, meu filho. Vamos dançá, vem, vem. E cantava: lá, lá, lá, lá... E ria demais. Pegô ele pelos braços e rodava, dançava, pulava.

De repente, ela parô de dançá, tirô um fio de cabelo dela e pediu pra ele ir amarrá o cavalo. O moço fez que amarrô, mas não amarrô. Do mesmo jeito ele fez quando ela pediu pra ele ir amarrá a espada e o cachorro.

Depois ela falô pr'o moço:

- Vamos continuá dançando. O moço dançô mais um pouco, mas quando ele percebeu que ia se transformá, ele gritô:

- Pisa meu cavalo, corta minha espada e avança meu Leão.

E a velhinha pediu:

- Engrossa, meu cabelão.

Nessa hora uma voz respondeu:

- Como eu posso engrossá, se eu estô no chão?

Então o cavalo pisô, a espada cortô e o cachorro avançô contra a velhinha.

- Ela gritava:

- Parem, parem. Eu vô morrer.

Então o moço disse pra ela:

- Eu só mando pará se a senhora dá conta do meu irmão que a senhora encantô, senão a senhora vai morrer.

A velha não teve otro jeito. Pra não morrer, ela desencantô o moço, a espada e os animais.

Quando os dois se viram, ficaram muito alegres, se abraçaram. Na conversa o moço falô pr'o moço desencan-

9 - A VAQUINHA AMARELA

tado:

- Eu fui no palácio e a princesa me confundiu. Eu até dormi com ela, separado pela minha espada.

O marido da princesa não esperô por outras palavras. Ergueu a espada e cortô o pescoço do irmão, dizendo:

- Irmão injusto. Dormiu com minha esposa e ainda veio me contá.

Deixô o irmão morto, cabeça separada do corpo, lá na torre, e voltô pr'o palácio.

Quando ele chegô, a esposa toda alegre veio recebê-lo e disse:

- Ontem você parecia um estranho, desanimado. Comeu pouquinho e não conversô comigo. Na hora de dormir, botô a espada separando nós dois. Hoje você está diferente, alegre e conversadô. Graças a Deus.

Na hora, ele pensô:

- Oi, meu Deus, matei meu próprio irmão, injustamente. Ele era fiel e inocente.

E montô a cavalo e saiu correndo lá pra torre. Chegô e já foi falando pra velhinha:

- Eu matei injustamente o meu irmão. Eu quero que a senhora junte a cabeça no corpo e faça ele vivê novamente.

A velha, com muito medo do moço, deu um remédio e pediu pra ele passá nas partes cortadas e juntá elas outra vez. Ele viveu.

Então eles se abraçaram novamente. O que cortô a cabeça do outro pediu perdão. Conversaram muito tempo e um contô pr'o outro tudo o que aconteceu durante a separação. Depois tiveram uma idéia.

- Vamos matá esta velhinha? Assim ela não faz maldade pra mais ninguém, encantando as pessoas que por aqui passam.

Amarraram um braço e uma perna da velha num cavalo e o outro braço e a outra perna no outro cavalo. Montaram nos animais e cortaram eles nas esporas. Arrebentaram a feiteira em muitos pedaços.

Depois voltaram pr'o palácio. Lá chegando um deles perguntô pra princesa:

- Quem de nós é o seu marido?

Ela falô:

- Quem é o meu marido, dê um passo adiante.

Aí todos se abraçaram. Viveram juntos e feliz no palácio por muitos anos".

Contado por José de Sousa Júnior, 61 anos (1990), pouca instrução, comerciante, residente na Rua Dr. Otávio Lopes Ferraz, 419, Bairro de São José, Olímpia.

"Num povoado vivia uma mulher que tinha dois filhos: uma moça e um mocinho. Era uma família pobre, mas criava uma vaquinha amarela, no quintal. Um dia a moça ficô noiva e marcô o casamento. O menino gostava muito da irmã e falô pra mãe:

- Mãe, eu vô vendê a vaquinha amarela e, com o dinheiro, vamos fazê uma festinha no dia do casamento da minha irmã. Falta alguns meses pr'o casamento, mas já é bom ir pensando o que vamos fazê.

A mãe falô pra ele:

- Não, meu filho. Nós somos pobres e não precisamos fazê festa no dia do casamento. Nós temos só essa vaquinha, se você vendê fica pior. Aí nós ficamos mais pobre ainda.

Mas o menino queria porque queria fazê a festa e disse pra mãe:

- Eu vô vendê a vaquinha amarela e depois eu trabalho e compro outra vaca pra nós.

A mãe viu que não dava pé insistir c'o filho e deu consentimento pra ele vendê-la.

O menino amarrô uma corda no pescoço da vaca e saiu puxando ela pra rua, pra vendê.

Quando ele ia passando diante da casa de três ladrões, três irmãos, um deles perguntô:

- Ó menino, você está vendendo essa vaca?

Ele respondeu:

- Estô vendendo sim.

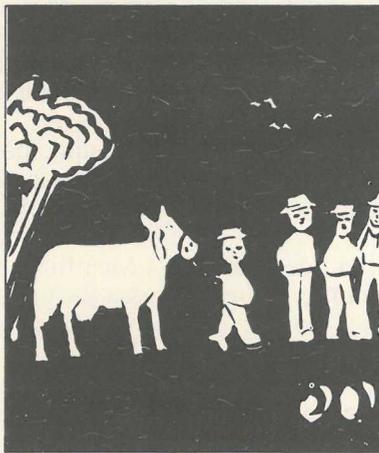
- Então nós queremos comprá, mas você vem buscá o dinheiro amanhã.

O menino concordô, entregô a vaca e foi pra casa.

Chegando em casa, ele contô pra mãe que já tinha vendido a vaquinha, mas só no outro dia ele ia recebê o dinheiro.

No outro dia, logo que o sol nasceu, ele foi na casa dos três ladrões pra recebê o dinheiro. Cobrô, cobrô, cobrô e os ladrões nem deram importância.

Então ele foi pra casa e ficô estudando um jeito pra recebê o dinheiro. O tempo foi passando e nesse meio tempo um dos ladrões ficou muito adoentado. Depois de muito pensar, o mocinho teve uma idéia. Arrumô uma roupa de médico e saiu, a pé, pelas ruas. Quando estava passando na frente



da casa dos três caloteiros, um deles disse:

- Aí está passando um médico. Nosso irmão está passando tão mal. Vamos chamá-lo.

O médico entrô na casa e disse:

- Eu vô atendê, só que eu estô sem o equipamento.

Um deles disse:

- Diga onde está que eu vô buscá-lo.

Saiu apressado.

Mal ele se retirô de casa, o médico disse:

- Ó meu Deus, a peça que eu mais preciso esqueci de dizê aonde ela está.

O outro ladrão disse:

- Diga aonde está que eu vou buscá-la.

Quando o médico se vi só com o doente, passô a mão num relho e deu uma boa tunda no doente, dizendo:

- Eu quero o dinheiro da vaquinha amarela, senão vô te matá de tanto te batê.

Então o ladrão doente disse:

- Pára, pára, o dinheiro está aqui.

Catô o dinheiro e foi-se embora.

Quando os dois ladrões chegaram, não encontraram o médico.

O doente disse:

- Que médico, que nada, aquele rapaz era o dono da vaquinha amarela. Me deu uma surra tão grande e eu tive que pagá-lo.

O menino chegô em casa, entregô o dinheiro pra mãe e disse:

- Mãe, o primeiro pagamento está aqui, mas tem mais.

No dia seguinte, o mocinho se vestiu de padre, e foi, de propósito, passá em frente da casa dos ladrões. Um deles disse:

- Aí vai passando um padre. Nosso irmão está muito mal e precisa de recebê a extrema-unção. Vamos chamá-lo.

- Pare, padre, dê uma chegada aqui em casa. O senhor pode dá a extrema-unção pr'o meu irmão? Ele está muito mal.

- Posso sim, mas eu não estô c'os apetrechos de serviço.

- Diga onde estão que eu vô buscá-los, disse um deles.

Depois que ele saiu, o padre falô:

- Ó meu Deus, me esqueci da coisa principal, a hóstia.

O outro ladrão falô:

- É só me dizê onde ela está que eu

CONTOS FOLCLÓRICOS

vô buscá-la.

E saiu bem rápido.

Mal o padre se viu só com o doente, arrancô o chicote de dentro da batina e lepe, lepe, lepe! no doente. Eu sô o menino da vaquinha amarela e quero recebê o dinheiro.

- Chega, menino, chega de me batê. O dinheiro está aqui.

O menino pegô o dinheiro e se mandô.

Quando os dois irmãos ladrões chegaram em casa e não viram o padre, perguntaro:

- Onde está o padre?

- Que padre. Era otra vez o rapazinho da vaquinha amarela. Me bateu demais, quase me matô e levô o dinheiro.

O menino chegô em casa, entregô o dinheiro pra mãe, dizendo:

- Este é o segundo pagamento, mãe. Mas tem mais.

Os ladrões ficaram com muito medo do menino e acharam que não deviam ficá morando ali. Eles tinham que se mudá pra otro lugá senão o mocinho acabava com a vida deles.

Arranjaram uma otra casa, bem longe daquele lugá.

O mocinho da vaquinha amarela ficô sabendo o dia da mudança e combinô com otro menino, um colega dele, o seguinte:

- Nessa estrada, aqui perto dessa mata, vão passá dois homens carregando um doente.

Eu te dô um tanto pra você ficá por aqui e, na hora que eles estív passando, você grita:

- Paga minha vaquinha amarela, cambada de sem-vergonhas. E sai depressa pra dentro do mato, mas não deixe eles te pegá. Se eles te pegá eles te mata.

Dito e feito. Eles iam passando, carregando o doente num bangolê (bangüê) e o menino gritô. Os dois ladrões deixaram o doente sozinho e se puseram a corrê atrás do menino.

O menino da vaquinha estava escondido ali por perto e, quando os ladrões estavam atrás do menino que xingô, ele foi pra junto do doente e deu umas boas guascadas nele, falando:

- Paga a minha vaquinha amarela! Paga a minha vaquinha amarela. E pá, pá, pá! no ladrão doente.

O doente disse:

- Não precisa me batê tanto assim. Você acaba me matando. O dinheiro está aqui.

Quando os dois ladrões chegaram do meio do mato, sem tê alcançado o menino que estavam atrás, o doente falô:

- Na hora que vocês saíram corren-

do atrás daquele menino que tapeô nós, o rapazinho da vaquinha amarela veio aqui, me deu uma sova que quase morri e ainda levô o resto de dinheiro que nós trazia. Recebeu novamente o preço da vaquinha. Agora não temos mais nem um réis.

O menino deu um pouco de dinheiro pr'o ajudante dele e o restante levô pra mãe.

A mãe ficô admirada.

- Meu filho, pra que tanto dinheiro? Nossa vaquinha não valia tudo isso.

- Não tem importância, mãe. Deu muito trabalho pra recebê dos três ladrões que compraram a vaquinha. O dinheiro que passá é o juro que eles tiveram que me pagá.

Aí, né, os dois irmãos resolvero ir pra cidade, levá o irmão todo espancado para fazê curativo e também roubá mais alguma coisa pra tê algum dinheiro pra vivê.

Chegando na cidade, resolvero fazê um roubo num prédio. Mas o mocinho, que era o dono da vaca amarelinha, escutô o assunto quando eles tavam combinando. E disse consigo:

- Deixa estar que eu vô pegá vocês mais uma vez.

Os dois ladrões, depois que o irmão melhorô da grande surra, combinaro o dia, a hora e o prédio onde iam robá.

O mocinho, meio afastado, tomava conhecimento de tudo o que eles tavam planejando.

Quando tudo ficô certo entre eles, o mocinho da vaca amarelinha foi na casa do dono do prédio e contô tudo que tava se passando.

O dono do prédio perguntô:

- Como você sabe disso?

Ele respondeu:

- Eu escutei tudo. E tem mais: eu não gosto deles. Se o senhor quisé, eu fico de guarda esta noite, vigiando o seu prédio.

- Tudo combinado, disse o homem. Pode vir.

Então o mocinho mandô fazê três marcas de ferrá boi: uma com o número um, a segunda com o número dois e a outra com o número três.

Arrumou um feixe de lenha, fez uma fogueirinha na altura do andar onde eles iam roubá e deixô as marcas queimando nas brasas.

Tarde da noite, sobe o primeiro ladrão, o que estava doente, ainda muito fraco, puxado por duas grossas cordas, numa carretilha. Quando ia chegando, o mocinho ferrô-lhe na perna a marca número um. Ele gritô de dor, dizendo que estava sendo queimado e os irmãos descaram a corda. Um deles disse:

- Você é um covarde. Deixa que agora vô eu.

Subiu. O mocinho agiu da mesma forma. Ferrô na perna dele a marca número dois.

Ele gritou que estava sendo queimado na perna e pediu pra descê.

Quando chegô cá embaixo, o outro irmão disse:

- O que está acontecendo? Você do dia pra noite virô medroso. Sai daí que agora vô eu.

Subiu. Com ele aconteceu a mesma coisa. Ficô ferrado a fogo, na perna, com a marca de número três.

Também gritô e pediu pra descê.

Então, perceberam que estavam sendo perseguidos, que nem ladrões podiam ser. E resolveram ir trabalhar. Legalizaram os documentos e foram trabalhar como polícia.

O roubo não aconteceu e o mocinho ganhô uma boa gratificação.

Nesse meio tempo, o menino descobriu o nome de cada um deles, foi ao cartório e fez o registro como se os três lhe pertencessem como escravos e que traziam os números na barriga da perna, do lado esquerdo.

Pegou o documento, foi na delegacia e disse pr'o delegado:

- Aqui tem três polícias que me pertencem, porque são meus escravos. São aqueles três que estão ali.

O delegado chamou os três e eles responderam:

- Nós nunca fomos escravos de ninguém.

O delegado então falô:

- Deixe eu examiná a perna esquerda de cada um. E ficô comprovado o que estava no documento. Eram escravos do mocinho. Naquele tempo existia isto.

O mocinho falô pr'o delegado:

- A partir de hoje, eles não me pertencem, porque eu vendi para um grande fazendeiro daqui e peço pr'o senhor mandá levá-los pra lá. Até já recebi o dinheiro pelo negócio. E deu o endereço.

Com isso ficô vingado o caso da vaca amarelinha.

Passado tudo isso, quase meio ano, com o dinheiro que o mocinho conseguiu, organizô uma bela festa de casamento pra irmã e ainda comprô uma vaquinha pra ficá no lugá da vaca amarela.

Convidô gente de todos os lados pra festança do casório.

Acabô a estória com muita vitória".

Contado por Antônio de Sousa, 53 anos (1983), pouca instrução, barbeiro, residente na Rua Júlio Ferrânti, 243, Bairro de São José, Olímpia.

10 - PACUERA! CUERA! CUERA!

“Diz que numa sexta-feira santa, o Seu Militão, home de muita corage, mas sem religião, convidô seu compadre, o Seu Zé, home relijoso e de bão coração, pra fazê uma caçada.

Seu Zé respondeu pra ele:

- Não compadre, eu num posso i.

Hoje é dia santo, é a sexta-fera maior. É dia de rezá e fica em casa co'a famia. É muito perigoso abusá desse dia. Por isso eu num quero i.

- Mas larga de bestera compade! Sexta-fera da Paxão é dia igual os otro. Além do mais, nós vamo caçá coisa de comê. E isso num é peccado.

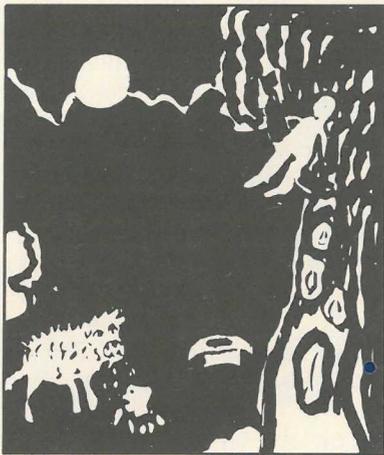
Seu Militão falô tanto que dexô o compade Zé muito aborrecido. Então, o Seu Zé, pra num ficá agüentano a tentação do compade, topô de i, mas com muito medo. Num quis fazê desfeita ao compade. E foi co'ele.

Arrearo dois cavalo bão, ajuntaro toda a traia da caçada e foro acompanhado por dois cachorro perdi-guero.

Chegaro no meio de uma grande mata. Seu Militão já começô a atirá e num perdia um tiro. Era só ave e otros animal que caía. O coitado do Seu Zé, medroso, nem apontava a espingarda, com receio de sê castigado.

Já tava chegano a noite e Seu Militão nem sabia o que fazê pra levá tanta caça pra casa. C'a ajuda do clarão da lua, pusero toda a caça debaxo duma grande arve, enquanto pensava um jeito pra saí dali. Mas já começaram a sofrê, pois eles perdero a idéia de onde estava. Num sabia nem mais o rumo da casa deles. Mas num incomodô co'isso não. Ele não tinha medo de nada.

Seu Zé, coitado, só tremia e rezava. Nisso, escutaro uma voz de mui-



to longe:

- Pacuera! Cuera! Cuera!

Seu Militão respondia:

- Pode chegá seu Pacuera, aqui tem muita carne pr'ocê comê.

E a voz falava mais forte:

- Pacuera! Cuera! Cuera!

Seu Militão continuava insurtano.

De repente, apareceu diante deles um bruta bicho, um monstro, feio, peludo, que sortava sangue pra boca e pr'o nariz.

Chegô, deu no monte de caça e começô a devorá. Comeu, comeu, comeu, até vê o fim. Depois falô:

- Quero maaais! Tô com muita fome!

Cumo não tinha mais caça, então o bicho Pacuera comeu os dois cavalos e os cachorro de caça.

Seu Zé quase desmaiô de medo e teve a idéia de subi naquela arvona.

Seu Militão nem se abalô. Muito metido, ficô embaxo pra enfrentá o bicho esganado.

Quando Seu Zé subiu na arve, o chapéu dele caiu no chão e ficô de boca pra cima. Mas quem diz dele descê pra panhá o chapéu.

Seu Militão começô a zombá do compade Zé.

- Desce daí seu porcaria, medroso. Vem buscá o teu chapéu. Larga de sê covarde. Dixa esse bicho faminto por minha conta. Ele vai morrê na mira da minha espingarda.

Aí, né, o bicho arregala aqueles oião dele e fala mais gritado ainda:

- Pacuera! Cuera! Cuera! Eu quero mais carne. Tô com muita foome!

- Num diga? Ah! Você ainda tá cum fome?

Espera mais um poquinho que eu te vô dá de comê!

E apontô a espingarda pra ele.

Num foi preciso mais nada. O bicho deu um sarto e comeu o Seu

Militão, dexando só a cabeça dele, no chão.

Seu Zé, de cima da arve, quase morreu de arrependimento de tê ido caçá. Tremia e rezava, rezava e tremia de fazê dó. Só não caiu da arve, porque pedia proteção pra tudo que é santo.

Foi nessa hora que apareceu uma véia, muita pobrezinha, e falô pra ele:

- Dá três guspida na boca do teu chapéu e depois desce daí e sai correno, correno como um corisco, pra fora dessa mata. Corre sem pará e sem oiá pra trás. Falô e desapareceu. Essa véia era Nossa Senhora. Também nessa hora o bicho Pacuera foi-s'embora, gritano:

- Pacuera! Cuera! Cuera! Pacuera...

Quando o bicho desapareceu, a cabeça do Seu Militão falô:

- Agora você pode descê daí, medroso. O perigo já passô.

E o guspe de dentro do chapéu, respondeu:

- Eu num posso descê, tô cum nó nas tripa. Tá doeno demais.

Mas o Seu Zé desceu da arve e saiu correno igual uma ventania. Corria, corria, corria e a cabeça do Seu Militão acompanhava ele.

Depois de muito corrê, Seu Zé encontrô uma capela que tava co'a porta aberta e entrô dentro dela.

Mas quando chegô na porta da capela, a cabeça parô de rolá, deu um estoro, ficô aquele chero fedido de enxofre. Virô diabo e foi pr'os inferno.

Depois de passado o susto, Seu Zé, guiado por Nossa Senhora, vortô pra casa. Dessa vez, ele escapô de tê um castigo maior.

Num presta abusá de sexta-fera santa. Cruz, credo!"

Contado pela Sr.^a Fátima Aparecida Provásio de Miranda, 26 anos (1980), pouca instrução, do lar, residente na Rua Marreto, 191, Vila Nova, Olímpia.

11 - O MÉDICO APRENDIZ

“Era uma vez um médico que não era lá grande coisa. Sabia muito pouco de medicina.

Apesar de pouco inteligente, sempre teve uma boa clientela, porque quem ficava doente queria saber e por isso procurava aquele doutor.

E assim vivia o médico receitando chazinhos, garrafadas, suadores, dietas, coisas que qualquer curandeiro era capaz de fazer. Mas tinha boa vontade, queria curar todos os doentes que o procuravam.

Tinha uma caderneta para anotar os remédios que receitava e os resultados que obtinha. Sempre que era visitado por um novo doente, perguntava o que ele estava sentindo e depois da descrição, com muita calma, fazia uma consulta à caderneta para ver se já tinha curado caso igual. Se tinha, receitava o mesmo remédio que estava anotado e produzido efeito.

Certo dia apareceu no consultório um senhor já meio idoso, atacado de maleita e o doutor lhe receitou muitos comprimidos e xaropes. Mas o doente cada vez estava mais magro. Ia de mal a pior. Ficou tão fraquinho que dava para enxergar até os ossinhos. Ficou em pêlo e ossos.

O doutor, cansado de receitar tantos remédios, sem alcançar nenhum resultado, chegou a ficar desanimado. O doente sentia tanta fraqueza, mas tinha uma fome de leão. Sentindo que ia morrer, mandou chamar o médico e com voz fraquinha disse:

- Doutor, será que eu posso comer sardinha assada de que eu tanto gosto e tomar um copo de vinho.

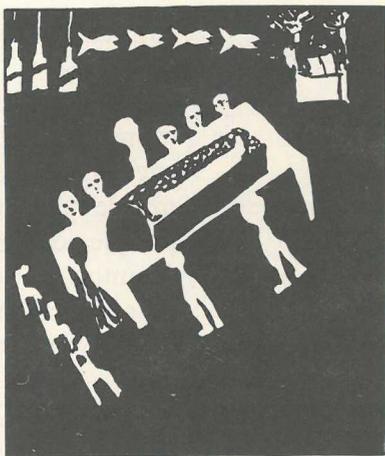
O médico, percebendo que o caso não tinha jeito mesmo, quis satisfazer a última vontade do doente.

- Pode comer sim. Quem sabe isto até lhe faça bem.

O médico se despediu do doente, certo de que no outro dia ele estaria mortinho de verdade.

A mulher do doente preparou uma pratada de sardinha assada. O homem comeu tudo feito um esganado que há muito tempo não comia. Depois tomou um belo copo de bom vinho tinto. Em seguida deitou e dormiu um sono tranqüilo, durante muitas horas.

No dia seguinte, o médico foi visitar o paciente, na certeza de que fosse



encontrá-lo morto. Mas ficou surpreso, pois o encontrou sentado na cama, conversando, rindo e contando anedotas.

O doutor ficou abobalhado. Quem diria que a sardinha pudesse curar o seu paciente desenganoado.

Vitorioso, tirou a caderneta do bolso e anotou:

Contra maleita, um prato de sardinha assada e um copo de vinho tinto. E foi-se embora.

Passado algum tempo, o médico foi chamado à casa de um outro doente, o alfaiate do lugar. Chegando à casa encontrou o alfaiate na cama com maleita, muita febre e calafrios. Caso igualzinho ao do outro doente que ficou bom.

Ouviu o paciente demoradamente. Tirou do bolso a caderneta, folheou e viu a anotação. Não teve dúvida. Receitou uma pratada de muita sardinha assada e um copo grande de vinho tinto. E foi-se embora.

No outro dia, bem cedo, foi um mensageiro a sua casa pedindo que fosse depressa à casa do alfaiate, que parecia estar morto.

O médico foi depressa e quando che-

gou viu que, de fato, tinha morrido, durante a noite, logo depois que comeu sardinhas e tomou vinho.

Ficou muito sem graça. Pois tinha a certeza de que o paciente ficaria são e que iria encontrá-lo costurando calças, colete e paletó. E estava morto, sem nenhuma explicação. Não podia compreender.

E perguntava para si mesmo:

- Por que deu certo ao primeiro doente e a este não?

Ali havia alguma coisa!

Pensou, pensou, pensou. Pediu à mulher que fosse buscar a sobra de sardinha e do vinho. Examinou, provou fazendo caretas. O caso estava mesmo complicado.

Mas como nada mais podia fazer, ele se conformou.

Enfiou a mão no bolso, tirou a caderneta, abriu na página onde estava a receita, releu-a vagarosamente: Contra maleita, um prato de sardinha assada e um copo de vinho tinto. E, muito convencido, acrescentou na mesma linha: Mas não dá resultado se o doente for alfaiate.

Acabou a história
E viva a vitória.”

Contado por Sebastião Jesus de Oliveira, 54 anos (1975), instrução primária, pecuarista, residente na Rua Bernardino de Campos, 900, Olímpia.

12 - ANTRECOSTO

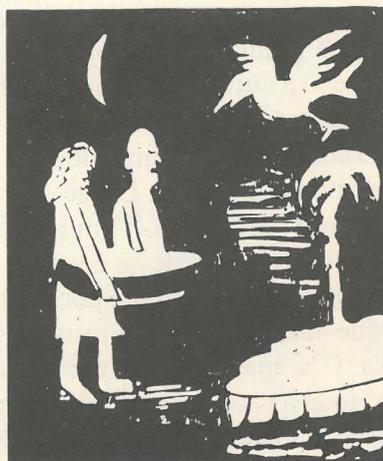
“Era uma vez um moço chamado Antrecosto. Era um moço bonito, mas não tinha as pernas. Era encantado. Então a mãe dele conduzia ele numa bandeja, daqui pra ali. Dava muito trabalho.

Então um dia, um vizinho foi passeá na casa dele e uma moça foi junto. A moça achô o moço muito bonito e gostô muito do Antrecosto.

Aí ela falô pra mãe do Antrecosto que ela estava apaxonada pelo moço e que queria namorá e casá co’ele. E pediu consentimento pra mãe do moço.

A mãe do Antrecosto falô:

- Mas não pode. Meu filho é desse jeito e dá muito trabalho. Só eu sei como é que cuida dele. Dá muito



trabalho.

A moça respondeu:

- Não tem importância. A senhora consentino eu sujeito a fazê pr’ele tudo o que a senhora tem feito. Eu gosto muito dele.

Então ficaro namorano bastante tempo e quando foi um dia decidiro. Marcaro o casamento, tudo certinho. Aí no dia do casamento, antes de

i pra igreja, ele falô pra noiva:

- Você leva um lenço no seu bolso. Lá na igreja, à hora que o padre falá o teu nome e o meu, você joga o lenço no chão e chama três vez: Antrecosto, Antrecosto, Antrecosto. Eu transformo num moço perfeito, nós casa e

CONTOS FOLCLÓRICOS

vamo pra casa. Depois nós vamo pra casa tudo de a cavalo. Só que na hora que nós chegá em casa co'aquele bando de gente esperano, você não fala pra ninguém quem sô eu, enquanto eu não pusé os dois pé no chão, senão eu torno a encantá de novo e, desta vez, vô virá um urubu de uma perna só e desaparecê no mundo.

O padre fez o casamento e a noiva fez tudo do jeito que o noivo explicô.

Terminô o casamento e foro tudo em acompanhamento montado a cavalo, pra casa.

Na hora que chegô em casa, tinha um montão de gente esperano, tudo curioso pra sabê quem era o noivo, porque ninguém conhecia ele.

Quando o noivo pôs um pé no chão e tava ainda c'ô otro no estrivo, arguém perguntô:

- Quem é o noivo?

A noiva muito contente, respondeu:

- Meu noivo é este aqui.

O noivo falô pra ela:

- Ô ingrata! Eu falei pra vocês não falá antes da hora certa.

E já se transformô num urubu de uma perna só e desapareceu para junto da mãe dele, dizendo: Se um dia você quisé me achá, você só vai me achá na Ilha da Aldeia dos Urubu. E sumiu.

Aí a moça ficô suzinha, desesperada, pensano no noivo e saiu andano no mundo, caçano vê se achava a Ilha dos Urubu.

Aí um dia ele chegô numa casinha muito pobrezinha, muito feinha e encontrô uma veinha (velhinha) fazendo comida. Aí ela perguntô pra ela se ela não sabia onde era a Ilha dos Urubu.

A veinha falô pra ela:

- Ô minha fia, o que é que você veio fazê aqui? Aqui é a casa do Ventão. À hora que ele chegá aqui ele te devora, porque ele vai senti chero de carne humana.

Aí ela contô toda a história pra veinha e a veinha pediu pra ela se amoitá atrás da porta. E falô assim: quando o meu fio chegá, ele já vai senti o teu chero. A moça foi pra detrás da porta.

Quando foi de tardezinha, o Ventão chegô todo brabo, falano pra mãe dele que tinha carne humana e sangue real e que ele queria comê.

A mãe falô:

- Não, meu fio, não é isso. Hoje eu matei um frango pra fazê tua janta. É esse chero que você tá sentino.

Quando ela pôs a janta na mesa, ela falô pr'o Ventão:

- Ô meu fio, se aparecesse uma moça procurano o noivo dela que sumiu no

dia do casamento, você podia conversá co'ela e ensiná onde fica a aldeia que procura ou dizê se você conhece o moço que ela tá procurano?

- Ah! mãe, pode chamá ela. Se eu subé, eu posso expricá pra ela.

Aí chamô a moça e ela contô a história pr'o Ventão.

O Ventão falô:

- Óia, eu não sei aonde fica essa Ilha dos Urubu. Eu já andei por todos os lado, mas nunca achei ela. Quem pode achá é o Ventinho. O Ventinho em tudo quanto é buraco ele entra. Amanhã cedo, se quisé, eu levo você na casa do Ventinho e você pergunta pra ele se ele sabe onde é.

A moça jantô e dormiu na casa do Ventão. No dia seguinte, ele montô no Ventão e foi. Chegô perto da casa do Ventinho, o Ventão parô pra ela descê e falô:

- Ali é a casa do Ventinho. Você vai lá pra vê se consegue descobri onde é essa tal Ilha dos Urubu.

A moça foi pra lá e encontrô otra veinha fazeno comida. Cumprimentô e já foi contano a história dela.

A véia falô:

- Minha fia, meu fio é tão brabo. O que é que você veio fazê aqui? Se meu fio chegá, ele te mata e te devora.

A moça, com muita tristeza, contô que no dia do casamento o noivo dela se encantô e virô urubu e tinha sumido. Agora ela tava procurando ele e queria a ajuda do Ventinho.

A véia ficô com dó e falô pra ela se amoitá atrás da porta. À hora que meu fio vié jantá, eu falo co'ele. Então eu acarmo ele, depois peço pra ele te ajudá.

A moça obedeceu e se amoitô atrás da porta. De tardezinha o Ventinho chegô nervoso e gritano:

- Ô minha mãe, aqui tem carne humana e sangue real e eu quero comê.

- Não é não, meu fio. Hoje eu fiz um frango pra você jantá.

Então o Ventinho se acarmô.

Quando ele foi jantá, a veinha falô:

Ô meu fio, se aparecesse uma moça procurano o noivo que sumiu no dia do casamento, será que você podia ensiná pra ela, se subé, onde é o lugá que ele tá.

- Ô minha mãe, se eu subé, eu ensino. Chama ela.

Aí a moça veio e contô o caso pr'o Ventinho.

Ele respondeu:

- Óia, eu ando por todo lado, mas não sei onde é essa Ilha.

Mas hoje eu passei perto de um buraco e não cheguei entrá. Às vez pode sê lá. Hoje a senhora janta e posa aqui com nós. Amanhã cedo eu vô lá vê. Se

fô, eu venho te buscá pra te levá.

No otro dia cedo, o Ventinho foi lá, entrô no buraquinho, desceu e viu uma veinha acendeno o fogo. Então ele entrô dentro do fogão e tacô cinza nos óio da veinha.

A veinha falô, esfregano os óio:

- Ai, meu Deus, nunca ventô aqui nesse lugá. Será que hoje vai acabá a Ilha dos Urubu. Tá apareceno até vento aqui.

Isso é siná de que a Ilha vai acabá.

O Ventinho falô:

- É aqui mesmo.

Pegô e vortô pra trás. Chegô na casa da mãe dele e falô pra moça:

- Achei a Ilha. Pode amontá aqui em mim que já te levo pra lá. A Ilha dos Urubu vai acabá até meio-dia, em água.

Aí o Ventinho levô ela até lá perto e falô:

- A Ilha dos Urubu é aquela ali. Lá é a casa da veinha.

A veinha falô:

- Minha fia do céu, aqui é a Ilha dos Urubu, mas meu fio é encantado. No dia do casamento, ele encantô e veio pra cá, mas aqui é uma cidade linda. E ele encantô tudo em gado. Hoje, ao meio-dia, vai transformá tudo em água e peixe. E o meu fio é o toro mais bonito que tem na invernada. Então ao meio-dia, ele vai reuni todo o gado debaxo daquela figuera pra transformá em água. Então, minha fia, pra você desencantá ele, você fica em cima da figuera. Então à hora que ele chegá, você pula no pescoço dele e chama, três vez: Antrecosto, Antrecosto, Antrecosto. Aí ele vai se transformá no seu noivo outra vez. O gado vorta a sê gente e a cidade vorta a sê o que era antigamente.

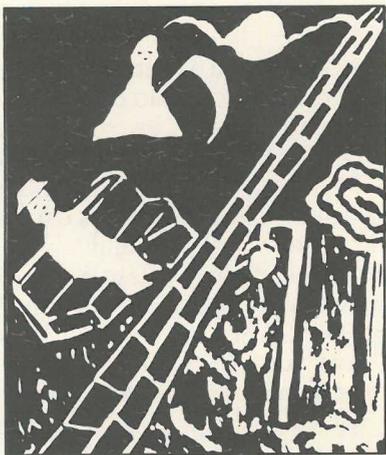
Então a moça foi pra cima da figuera e ficô. No meio-dia, o toro veio na frente. Veio urrano, cavano terra, bufano com o gadão muito bonito, seguino ele. Chegô e ficô bem embaxo do gaio da figuera que ela tava. Ela pulô bem em cima do pescoço dele e chamô:

- Antrecosto, Antrecosto, Antrecosto, meu marido. Ele transformô em home. Foro morá junto, o lugá vortô a sê cidade de novo, o gado virô tudo em gente. E tá tudo em paz até hoje."

Contado por Benedito Batista de Carvalho, 44 anos (1990), pouca instrução, sapateiro, residente na Rua Antônio Rebelato, 489, Bairro de São José, Olímpia.

13 - O FAZENDEIRO QUE TENTOU TAPEAR A MORTE

“Era uma vez um fazendero muito rico. Tinha dinheiro que nem água. Era dono de uma grande fazenda, morava num palacete muito bacana e tinha muitos empregado. Ele não tinha família e só queria levá a vida. Por ele tê muito dinheiro, era um forgadão. Fazia festa pelo menos duas vez por semana. E dexava a vida corrê.



Num dia ele tava sentado no banco do jardim do palacete e viu na frente dele um esqueleto, a coisa mais feia que se pode imaginá. Era a Morte. Ela falô pra ele assim:

- Os seus dia tão contado! Ouviu? Daqui um mês, ao meio-dia, eu venho te buscá.

Falô essas coisa pr'o fazendero e desapareceu.

O fazendero começô, né, a se atrapaiá todo, porque o que ele mais gostava era de vivê. Daquele dia pra frente nem dormia mais. Ele tava com

preciso muito de você. Quando fô seis hora, já quero você aqui.

Naquela noite ele pegô o carro mais chique, todo cheio de nove hora e foi guardá na casa de um amigo. E depois ficô em casa o resto da noite, sem dormi, esperano a esquifosa.

No otro dia, às seis hora, o empregado chegô no palacete. E ele combinô co'o empregado o que tinha que fazê.

- Você vai vesti a minha mió ropa, pô paletó, gravata e chapéu e vai ficá aqui dentro de casa, co'as porta fecha-

tanto medo que nem contô pra ninguém. Mas tinha que dá um jeito de enganá a fulana. Pensô até em mudá de casa, pra morte não descobri ele e dexá ele vivê mais um bom tempo. Quando fartava um dia pra Morte vim, ele combinô com um empregado assim:

- Amanhã, bem cedo, você vem aqui pra casa que eu

de você. Não vai esquecê. Quando fô seis hora, já quero você aqui.

da, até depois de mei-dia. Não atende ninguém, memo que chamá. Fica bem quetinho. Não põe a cabeça nem na janela. Depois eu exprico tudo pr'ocê.

Agora ocê vai me emprestá a sua ropa, os carçado e o chapéu. Tudo foi feito.

Como o empregado tinha bigode e ele não, então ele arranjô, né, um bigode postiço pra ficá mais parecido co'ele. E foi lá pr'o jardim do palacete, aguá as pranta.

Quando deu mei-dia em ponto, a Morte apareceu e falô pra ele:

- O seu patrão tá? Eu quero falá co'ele.

Ele respondeu:

- Não, meu patrão precisô saí pra fazê um grande negócio, comprá uma boiada. Ele saiu de automove.

A Morte não gostô disso. Ficô muito contrariada, mas falô pra ele:

- Eu vim pra mode levá seu patrão, mas como ele não tá, pra mim não perdê a viagem, eu levo você memo. Vamo-s'embora.

Contado por Jesus Carlos Batista, 27 anos (1990), pouca instrução, lavrador, residente na Rua Penha, 210, Bairro de São José, Olímpia.

14 - O BOBO E O POTE DE OURO

“Havia uma mulher que tinha um filho bobo. Apesar de atrapalhado, o menino era trabalhadô. Essa mulher tinha muitas galinhas e colhia muitos ovos. Certa vez ela ajuntô tantos ovos que já não tinha mais lugá pra guardá eles. O menino viu aquela grande quantidade de ovos em casa e pediu pra mãe:

- Mãe, eu vô vendê esses ovos.

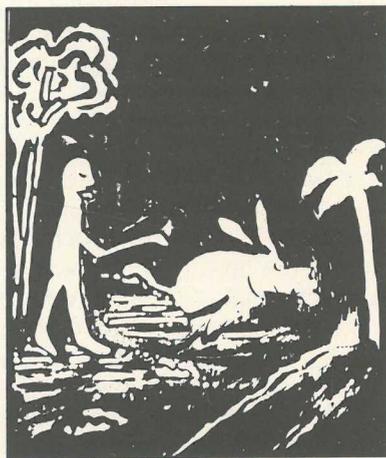
A mulher respondeu:

- Não, meu filho. Deixe os ovos aí. Você não sabe negociá e vão querê tapeá você.

O menino insistiu:

- Vô vendê sim, mãe. Tá sobrando tanto ovo aqui em casa que não tem mais lugá pra pô. Vô botá numa cesta uma porção deles e vô saí vendendo pelas ruas.

A mãe viu que não tinha jeito de proibi o menino, concordô co'a idéia, mas recomendô:



- Está bem, meu filho, pode i vendê os ovos, mas vende eles pra quem conversá menos.

O menino ficô alegrão, pegô a cesta e saiu pra rua.

Andô uns dois quarteirões e encontrô um cachorro que veio pr'o lado dele, todo contente, sacudindo o rabo. Então o menino perguntô pra ele:

- Cachorro, você

qué me comprá os ovos?

O cachorro fez agrado pr'o menino, botando duas patas nos joelhos dele. O menino compreendeu que o cachorro estava querendo comprá os ovos, e perguntô:

- Mas você me paga amanhã?

O cachorro continuô fazendo agrado ao menino e ele, então, entendeu que no otro dia o cachorro daria o dinheiro pra ele.

Jogô os ovos no chão e o cachorro livrô a barriga da miséria. Comeu todos os ovos.

O menino voltô pra casa e disse pra mãe que tinha vendido os ovos e ia buscá o dinheiro no otro dia.

Levantô bem de manhã e foi atrás do cachorro.

Encontrô o cachorro deitado na porta da sala do dono e foi logo falando:

- Vim recebê o dinheiro dos ovos!

Mas desta vez o cachorro não se manifestô, não fez nenhum agrado pr'o menino.

Ele tornô a falá, mas o cachorro continuô quieto, nem se levantô do lugá.

O menino perdeu a paciência e disse:

- Cachorro vagabundo, sem-vergonha! Ontem você estava com fome, me comprô os ovos e prometeu que ia me pagá. Hoje, só porque ainda está co'a barriga cheia, não me dá nem satisfação. Espera aí que eu vô te ensiná.

Passô a mão num chicote de duas pernas e deu uma tremenda surra no calotero. O coitado ganiu forte de tanta dor que sentiu da sova que levô, que chamo a atenção do dono.

O dono do cachorro se aproximô do menino e perguntô:

- Ó rapaz, o que você está fazendo aqui?

CONTOS FOLCLÓRICOS

O menino explicou:

- Ontem eu vendi os ovos pra este cachorro. Ele comeu todos eles e me prometeu pagá hoje, mas nem me deu atenção.

O homem disse:

- Por isso não precisa espancá o coitado.

Qual é o preço dos ovos?

O menino disse:

- É tanto.

O homem abriu a carteira, tirô o dinheiro e pagô o menino.

Ele saiu correndo pra casa e foi levá o dinheiro pra mãe.

A mãe ficô contente e falô pra ele:

- Parabéns, meu filho. Você está ficando esperto.

O menino se sentiu um grande negociante. No outro dia ele percebeu que tinha muita roupa que já não servia mais pra ele e disse pra mãe que ia vendê-la.

A mãe tornô a recomendá:

- Cuidado, meu filho. Vende pra quem conversá menos.

Saiu com aquelas roupas debaixo do braço e, quando ia passando num caminho estreito, um ramo de unha-degato enroscô na trouxa que ele levava.

Ele virô depressa pra moita e perguntô:

- Oi, você qué compra a roupa?

Os ramos da moita estavam balançando com o vento e ele entendeu que ela queria comprá.

- Mas você me paga amanhã?

Os ramos sacudiram que sim.

Então ele jogô a trouxa de roupa na moita e foi-s'embora.

No outro dia ele voltô lá e já foi dizendo:

- Vim recebê!

Mas o vento estava parado, os ramos não balançavam e ele achô que a moita não queria pagá-lo e disse:

- Não faz mal. Eu vô te ensiná como é que se faz com quem faz a gente de bobo.

Passô a mão num enxadão e começô a cavoucá no pé da moita pra derrubá-la. Nisso ele encontrô um pote de bom tamanho. Quebrô o pote e viu que ele estava cheio de ouro. Ele gritô:

- Opa! A minha riqueza estava escondida aqui. E saiu feito um capeta, correndo pra casa pra levá a notícia.

- Está aqui o ouro, mãe. Vale muito dinheiro.

A mãe ficô tão satisfeita que até falô:

- Meu filho, pra que tanta riqueza?

E, para comemorá o achado, ela fez uma janta muito especial: macarrão com queijo.

Comeram muito e o que sobrô, de tanta alegria, ela jogô sobre o menino.

No dia seguinte, o dono do pote de

ouro descobriu que tinha sido roubado e ficô sabendo que o menino era quem tinha achado a riqueza.

Partiu pra casa dele. Foi recebido pela mãe. E fez a pergunta:

- Senhora, o seu filho achô um pote de ouro?

- Não! Ele nunca achô pote de ouro. Esse meu filho, o único que eu tenho, é um menino bobo.

De lá de dentro o menino ouviu a pergunta que o homem fez e foi pra junto da mãe.

- Mãe, a senhora disse que eu não achei um pote de ouro? Achei sim, mãe.

A mãe, então, perguntô:

15 - MAIS VALE QUEM DEUS AJUDA

"Havia dois compadres, um rico e outro muito pobre.

O rico era ambicioso. Vivía só trabalhando, aproveitando-se dos mais fracos para o seu enriquecimento. Levantava-se de madrugada e tinha uma ganância enorme pra cada vez se enriquecer mais.

O outro, pobre, pai de muitos filhos, já não era ligado ao trabalho e sempre repetia: mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga. Por isso, levantava com o sol já alto e depois armava sua rede à sombra de uma árvore e ficava tocando viola, com os filhos todos ao seu redor.

O compadre rico implicou com essa atitude do pobre e sempre passava uma reprimenda nele.

- Qual nada compadre. Não é preciso ser tão ganancioso assim. A gente vive do mesmo jeito. Eu toco a viola o dia inteiro e com isso meus filhos ficam alimentado do mesmo jeito que os seus. A vida tem que ser assim. As pessoas precisam de paz, alegria e muito amor. Por isso Deus ajuda.

Um dia, o compadre rico arranjou uma caixa de maribondos, daqueles bem bravos e, ao passar pelo compadre que já estava na rede, tocando viola, às escondidas, atirou-lhe a caixa com os bichinhos.

Quando caíram no chão, eles se transformou em ouro.

O pobre deu uma olhada, quase com desinteresse e disse aos filhos:

- Ajunte isso aí, meninos. Isso tudo é ouro. Caiu lá do céu. Foi Deus quem

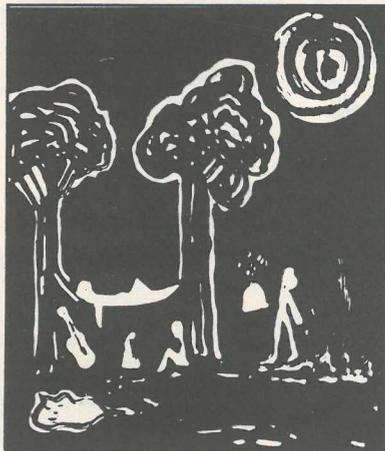
- Mas meu filho, quando foi que você achô esse pote de ouro?

O menino completô:

- Achei sim, mãe. A senhora não se lembra daquele dia que choveu macarrão com queijo?

O homem, ouvindo aquela resposta tão atrapalhada do menino, percebeu que ele era mesmo bobo e foi-s'embora dando risada".

Contada por José de Sousa Júnior, 61 anos (1990), pouca instrução, comerciante, residente na Rua Dr. Otávio Lopes Ferraz, 419, Bairro de São José, Olímpia.



mandou.

Era muito ouro. Dava para comprar tudo o que o rico possuía e ainda sobrar muita coisa.

Então, o compadre pobre disse aos filhos:

- Vocês vão à casa do compadre e pede emprestado uma medida para a gente ficar sabendo quanto tem de ouro aqui. Mas não fala para que é a medida. Se

ele perguntar, vocês dizem que não sabem por quê?

As crianças saíram e foram à casa do rico.

Chegando, disseram que o pai estava precisando de uma medida e se ele podia emprestar.

- Para que o seu pai quer medida? Ele não tem nada para medir. Não trabalha. Vive o dia todo tocando viola. Só se for para pesar areia.

- Nós não sabemos. Ele apenas mandou pedir uma, emprestada, para o senhor.

O fazendeiro logo desconfiou de alguma coisa. Esperto e curioso como era, escolheu uma medida e passou uma cerinha, de leve, no fundo dela. Com isso ficaria sabendo o que é que ele pesaria.

Dito e feito. Quando o compadre devolveu a medida, o rico logo percebeu que era ouro.

Ficou desesperado. Foi à casa do compadre. E logo interrogou:

- Compadre, onde foi que o senhor arrumou tanto ouro?

O compadre respondeu:

- Veio lá do céu. Foi Deus que me mandou. Não falei pr'o senhor que

CONTOS FOLCLÓRICOS

não adianta trabalhar tanto. Deus não gosta de gente muito ambiciosa. O homem não pode ser escravo dos outros e que dirá de si mesmo. Eu tocava viola. Sempre vivi alegre. Deus ficou satisfeito e me ajudou. Por isso que eu sempre lhe disse que não é preciso madrugar pra vencer. Deus ajuda os bons de coração. Compreendeu?

O compadre rico voltou para casa e

disse à mulher:

- O compadre ficou mais rico do que nós. E vivia só tocando viola. Eu passei por lá e joguei uma caixa de maribondo nele. E em vez de ele ser picado pelos insetos, ele só recebeu ouro. Daqui para frente, vou deixar de trabalhar. Isto me serviu de lição. Vou comprar uma viola, aprender a tocar e só vou fazer isso para ver se eu tam-

bém vou receber ouro.

Não fiquei sabendo o fim que ele levou."

Contado por Gumercindo Moreira da Silva, 65 anos (1990), pouca instrução, funcionário municipal, residente na Rua Caetano Gotárdi, 998, Vila Di Marco, Olímpia.

16 - A MULHER RICA E A POBRE

"Eram duas mulheres vizinhas, comadres. Uma era muito rica e a outra muito pobre.

Um dia a mulher pobre estava muito desesperada porque não tinha um pedacinho de pão para dar aos filhinhos que estavam com muita fome.

Então foi à casa da comadre rica pedir uma sobra de comida pra dar aos filhinhos.

A rica expulsou ela, dizendo que não era obrigada a ajudar a tratar de ninguém. Que a sobra da comida ela dava aos cachorros, aos porcos e não pra vagabundos.

A pobre saiu tristinha, sem saber o que podia fazer. Chegou em casa, entrou no quarto e pôs-se a rezar.

Depois ela teve uma idéia. Acendeu o forno a lenha e deixou ficar bem quente. Foi ao pasto do gado da vizinha e colheu um pedaço de esturme de vaca e levou pra casa. Limpou o forno, forrou ele com folha de bananeira, botou aquele esturme, fechou o forno e disse aos filhos:

- Eu vou sair um pouquinho. Volto já. Vocês fiquem brincando perto do portão de casa. Não mexam no forno.

Saiu e foi direto pra igreja. Chegou perto da imagem de Nosso Senhor, e fez o convite:

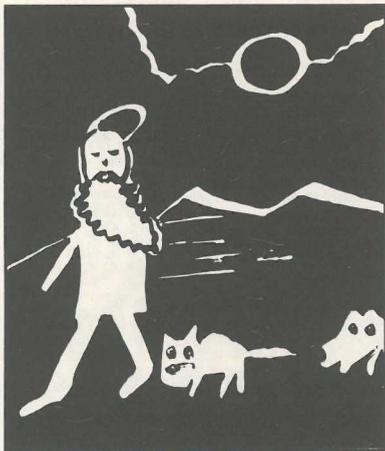
- Nosso Senhor, vá lá em casa pra comer um pedaço de pão que estou assando.

A imagem balançou a cabeça, dizendo que sim.

Ela saiu apressada e voltou pra casa.

Logo depois que ela chegou, pôs os filhos dentro do casebre, e ouviu alguém batendo palmas.

Foi atender. Era um mendigo todo esfarrapado, com uma bengala na mão, pedindo um pedaço de pão em nome



de Deus.

A mulher disse:

- Entre, meu senhor.

Forrou uma mesinha com uma toalha limpa, mas também esfarrapada, e foi abrir o forno.

Que surpresa! O forno estava lotado de pão, bonito, cheiroso.

Ela levou um pão pra mesa, mas o velho não quis comer, dizendo que passaria

outro dia, porque tinha que voltar muito depressa pra casa.

Agradeceu muito aquela mulher e disse:

- De hoje em diante, nunca faltará pão para você e seus filhos. Faça sempre do mesmo jeito que você fez hoje. E saiu.

A criança fez uma festa. Comeu até falar chega.

E assim foi todos os dias. Cada vez a fornada de pão aumentava mais.

A vizinha rica, vendo que a comadre pobre estava melhorando a situação, foi à casa dela pra descobrir o segredo.

A comadre pobre, com muita educação, contou direitinho tudo o que tinha acontecido. Que Nosso Senhor foi à casa dela. Mas não contou que ele foi disfarçado em mendigo.

Como a mulher rica era muito egoísta, voltou pra casa com a idéia de fazer um convite pra Nosso Senhor ir almoçar com ela, pensando em ficar mais rica ainda.

No dia seguinte, preparou um banquete de primeira: leitoa, peru, frango, enfim, muita comida gostosa. Enquanto as empregadas arrumavam a mesa, ela saiu apressada e foi à igreja convidar Nosso Senhor para ir almoçar na casa dela.

Nosso Senhor acenou com a cabeça que iria. Então ela voltou para casa.

Não demorou quase nada, batem palma no portão. Ela foi atender.

Era um mendigo esfarrapado que pedia um prato de comida em nome de Deus.

A mulher rica atçou os cachorros contra o velhinho, fazendo desaparecer dali num segundo.

O marido não aceitou a atitude dela, dizendo que não era nada demais dar um prato de comida ao velhinho.

E ainda falou: quem sabe este velhinho é Nosso Senhor que aqui apareceu para ver se você é uma mulher caridosa.

A mulher falou:

- Que Nosso Senhor o quê? Você acha que ele apareceria aqui como um velho sujo, esfarrapado, fedido?

E ela se pôs na sala, esperando a visita de Nosso Senhor, como ele era na imagem lá da igreja.

Esperou, esperou, e nada.

Então ela disse:

- Aquele velho nojento veio aqui para atrapalhar a visita de Nosso Senhor, no banquete que fiz pra ele.

Se ele voltar aqui, não deixo por menos, ponho a cachorrada toda em cima dele, até dar fim naquele infeliz.

Disse e saiu para o quintal. Todas as criações que ela tinha, desapareceram. E com o tempo, ela caiu na miséria. Perdeu tudo o que tinha.

A comadre pobre começou a prosperar e, em pouco tempo, ficou muito rica.

No fim da vida daquela mulher ambiciosa aconteceu o contrário. Era ela que ia mendigar comida na casa da comadre que era pobre. E sempre foi atendida.

Acabou a história, morreu a Vitória."

Contado por Nair de Lima, 65 anos (1990), pouca instrução, do lar, residente no Abrigo São José, Rua Benjamim Constant, 1505, Bairro de Santa Casa, Olímpia.

CONTOS FOLCLÓRICOS

17 - O PRATO DE PAU

“Dizem que havia uma senhora já idosa, mãe de um único filho, solteirão. Um dia o moço arrumou casamento. Casou com uma moça bem mais nova do que ele.

O moço era pobre e por isso convenceu a esposa a ir morar na casa da mãe dele. A mãe era uma mulher doente e de idade avançada e não podia morar sozinha. Morando juntos, o casal

não precisava pagar aluguel e servia de companhia para a velha.

Nos primeiros anos, tudo correu à mil maravilhas. A velha ajudava nos trabalhos caseiros e era muito bem tratada pela nora.

Passado um ano, nasceu uma linda menina, que encheu de alegria a casa. A menina ia crescendo e se apegou muito à avó. Todos eram felizes. À hora das refeições, sentavam-se todos à mesa para a alimentação.

Mas com o passar dos anos, a menina completou seis anos de idade e a velha já andava com dificuldade e não tinha muita firmeza nos braços. À mesa, deixava cair um pouco de comida na toalha e no chão, pois já estava muito trêmula e não era possível controlar o movimento das mãos.

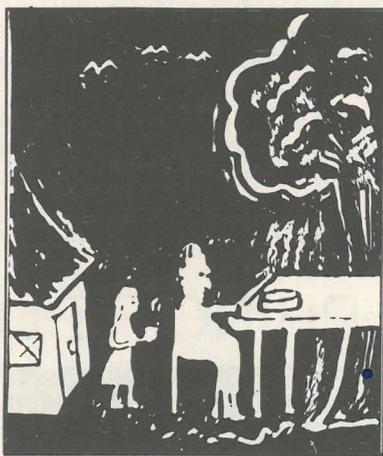
A nora já não estava gostando que a velha participasse da mesa de comida. Pensou um pouco e logo descobriu a solução. Foi a uma feira de móveis e comprou uma mesa pequena e um prato de pau, parecido com uma gamelinha.

No outro dia, à hora do almoço, a nora levou a mesinha para debaixo de uma árvore, no quintal, bem próximo à cozinha, pediu à velha que fosse sentar-se lá e entregou a comida dentro daquele novo prato. A velhinha não se queixou, compreendeu a situação. O marido da mulher, filho da velha, não dizia nada. Ficava de boca calada.

Quando foi servido o almoço lá dentro, para as outras pessoas da família, a menina sentiu a ausência da avó e perguntou:

- Cadê a vovó, mamãe? Por que não veio sentar-se à mesa?

A mãe explicou que ela já estava velha, com as mãos trêmulas e que derrubava comida na mesa e no chão e que, de vez em quando, deixava cair o prato, que acabava se quebrando. Então pra ela ficar mais à vontade, pôs a mesa dela lá fora.



A menina parece que não quis entender a explicação e disse à mãe:

- Eu quero ir comer pertinho da minha avó. E já se levantou com o prato na mão. A mãe quis impedir, mas não conseguiu. E lá se foi a netinha juntar-se à avó.

Mas quando a garotinha olhou para o prato, ficou pensativa e depois falou:

- Credo vovó, que prato esquisito que a mamãe deu para a senhora. Por quê?

A avó, carinhosamente, explicou à netinha que o prato era de madeira e demorava mais tempo pra ser quebrado. A menininha compreendeu, mas ficou triste porque o dela era bonitinho e o da avó tão feio. Mas mesmo assim a menina foi uma grande companheira da avó, nas horas de refeição, debaixo daquela árvore, no quintal.

Depois de decorrido um ano, a velha sofreu um violento derrame e faleceu.

A menina chorou muito a ausência da avó.

Passado um bom tempo, a mãe da menina fez uma boa limpeza na casa, atirando ao lixo coisas que já não serviam. E, entre essas coisas, foi jogado o prato de pau.

A menina quando achou aquilo no lixo, apanhou-o depressa e foi pra pia lavar. Nisto entrou a mãe na cozinha e perguntou à menina:

- Para que você quer esse prato, que eu já tinha jogado no lixo?

A menina respondeu.

- Esse era o prato da vovó. Eu vou guardá-lo. Quando a senhora ficar velha e trêmula, e se for morar comigo, então, vou dar comida nele para a senhora.

A mãe não disse mais nada pra filha. Compreendeu tudo e se pôs a chorar.”

Contado por Sebastião Jesus de Oliveira, 54 anos (1975), instrução primária, pecuarista, residente na Rua Bernardino de Campos, 900, Olímpia.

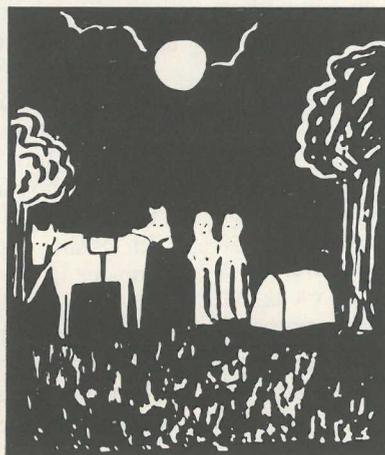
18 - O TRISTE FIM DOS DOIS COMPADRES

“Num lugarejo moravam dois compadres, dois homens que se davam tanto, que pareciam dois irmãos. Num dia eles ficaram sabendo que perto de outro lagarejo tinha uma mata assombrada, que nem um homem desse mundo tinha coragem de entrar. E nessa mata tinha uma riqueza muito grande enterrada, mas a mata era vigiada por uma alma do outro mundo.

Como os dois eram muito corajosos e também muito gananciosos, eles combinaram ir à procura dessa grande riqueza guardada em segredo.

Arrearam dois bons cavalos, pegaram uma lanterna, uma enxada, um enxadão, uma boa carabina, uma garrafa de pinga e foram co'a coragem. Tiravam informação com um e com outro e partiram pra tal mata assombrada.

De fato, essa tal mata ficava perto de um povoado, que o povo de lá,



quando anoitecia, nem saía de casa. Nesse povoado, numa venda, eles tomaram mais informação. E o pessoal dizia:

- É muito perigoso ir nessa mata. Toda pessoa que se atreveu entrar lá, lá mesmo ficou. Lá tem alma penada. Diz o povo que tem uma grande riqueza enterrada nela.

Os homens queriam saber mesmo era da riqueza enterrada. Com alma penada eles estavam pouco somando.

Chegaram na boca da mata, já era mais de dez hora da noite. Tomaram meio litro de pinga cada um e foram entrando mata a dentro, co'a cara e coragem.

Do momento que eles entraram, eles escutaram uma voz esquisita, muito alta, que dizia:

- Podem chegar, seus infelizes! Podem chegar, seus infelizes!

Os dois compadres olharam um pr'o

CONTOS FOLCLÓRICOS

outro e não ficaram com medo. Toparam a parada. Foram andando em direção daquela voz. À meia-noite em ponto, eles estavam no meio da mata. Desceram, amarraram os animais numa árvore e, nessa hora, a voz disse mais forte ainda:

- Podem cavar onde vocês estão! É aí que está enterrado o ouro. O que vocês acharem é tudo de vocês.

Aí, então, os dois garraram a cavoucar: um com a enxada e o outro com o enxadão. Cavoucaram, cavoucaram, cavoucaram e acharam um enorme caixão, cheio de ouro. Quase caíram mortos de alegria.

Depois ficaram pensando como é que eles iam levar aquela ourama pra casa. Não dava pra levar dentro do caixão. Então tiveram uma idéia. Amarram o caixão c'uma grossa corda que eles tinham levado e prenderam nos dois cavalos. Levaram o caixão até na boca da mata, por onde eles tinham entrado.

Nisso, o dia já estava clareando. Aí, um dos compadres teve uma idéia melhor e falou pr'o outro:

- Você fica aqui vigiando o ouro e eu vou lá no povoado que num fica longe, comprar dois sacos pra ensacar esse ouro e nós poderemos levar mais fácil pra casa. Assim, eu já aproveito e compro pão com manteiga, leite e café pra nós dois.

Saiu a galope no cavalo. O que ficou vigiando o ouro era muito ganancioso e ficou enganando uma idéia pra ficar co'aquele ouro só pra ele.

- Quando o compadre chegar, eu o recebo com um tiro de carabina bem no coração. Aí eu fico dono de tudo, sozinho. E depois eu falo pra comadre que ele sumiu no meio da mata.

Mas o compadre que foi comprar os sacos e a merenda teve também a idéia de ficar co'a riqueza só pra ele.

Chegou na venda, comprô os sacos, tomou a merenda e mandou preparar uma outra pra levar pr'o compadre. E comprou também um veneno muito forte.

No caminho, ele misturou o veneno no leite com café e tampou muito bem a garrafa.

Quando ele chegou na mata, antes de descer do animal, foi recebido com um tiro certo bem no meio do coração. Rolou morto no chão, na hora.

Aí o compadre assassino arrastou o morto pra debaixo de uma árvore e foi no bolso da baldrana pra pegar a merenda dele, porque estava com muita fome.

Comeu o pão, feito um porco esfoameado, e virou aquela garrafa de leite pr'o estômago que nem sentiu o gosto. Depois de um minuto, começou a

rolar feito frango mal destroncado e morreu esticadinho.

Passado uns sete dia, ia passando por ali perto da mata, uns boiadeiros tangendo uma grande boiada. Ficaram todos curiosos co'a quantidade de urubus que ali fazia uma grande festa. Foram logo ver. Encontraram os esqueletos dos dois gananciosos e um caixão de ouro que dava gosto. Ensacaram tudo aquilo e seguiram to-

cando a boiada pela estrada a fora.

Viu que castigo os dois compadres receberam. Foram pr'o beleléu!

Acabou a estória.

E viva a vitória."

Contada por Gumercindo Moreira da Silva, 65 anos (1990), pouca instrução, funcionário municipal, residente na Rua Caetano Gotárdi, 998, Vila Di Marco, Olímpia.

19 - PRÍNCIPE LOBO

"Era um rei e uma rainha que morava num palácio, na beira do mar. Um dia eles tava debruçado na janela do palácio e viro um bicho descendo pr'o mar abaxo. Aí a rainha falô pr'o rei:

- Vem vindo um bicho rodando o mar abaxo.

- É um lobo, falô o rei.

- Ocê tá enganado. É um veado, falô a rainha.

Aí eles começaram uma tema: é lobo, é veado, é lobo, é veado. Pr'o causa disso acabô virando uma briga. E pra acabá co'a bestemação, fizeram uma aposta:

A rainha falô pr'o rei:

- Se fô um lobo, ocê me mata, mas se fô um veado, eu mato ocê.

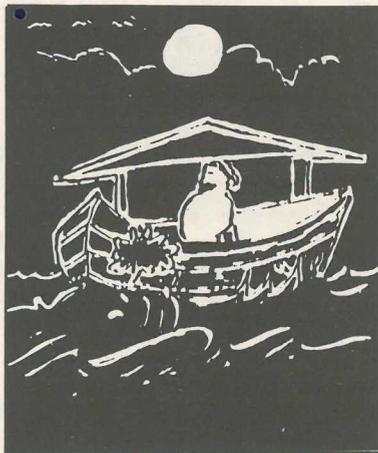
Então o rei mandô um criado nadá no mar, laçá o bicho e trazê pra eles vê. O criado laçô o bicho e troxe pr'o rei e a rainha. Era um lobo.

O rei ganhô a aposta e tinha que cumprir o trato. Antão ele falô pra rainha:

Eu ganhei e tenho que te matá, mas como ocê tá grávida eu não tenho corage de te matá. Eu vô mandá fazê um barco do tamanho de uma casinha inté com cobertura, pô tudo o que é preciso dento dele: cama, ropa, comida, de um tudo, e vô sortá ocê dentro do barco, rodando pelo mar abaxo.

Então a rainha ficô muitos dia descendo o mar, mas já tava ficando com jeriza da vida dento do barco. Adepois de três mês, o barco bateu numa rocha. Bateu e parô. E aí a rainha saiu dele. Ela saiu e abandonô o barco. Andando em cima da rocha, ela pisô na terra, só co'a ropa do corpo e uns remedinho.

Na praia, ela encontrô um leão c'uma grande machucadura no pé. Antão a rainha tirô o remédio da mala e fez um curativo nele. O leão ficô tão agradecido e foi empurrando a rainha pr'o meio de uma mata. Na mata tinha uma gruta com re-



partição que até parecia uma casa. Ele logo ocupô a gruta pra ela se abrigá. E ficô morando nela. O leão caçava e levava a caça pra alimento da rainha.

Passado uns dia, a rainha teve um fio (filho), um menino sa-cudido.

Apareceu na gruta um casal de macaco e dois macaquinho. O macaco ia buscá fruta pra rainha e o menino, e a macaca ajudava a

rainha a amamentá a criança.

O tempo foi passando e logo o menino compretô quatorze ano. Já era um rapaz.

Um dia ele foi brincá na praia do mar e encontrô duas pedrinha: uma branca e otra amarela.

Nisto, apareceu uma visão pr'o menino e falô:

- Ocê guarda muito bem guardada essas duas pedrinha.

Se ocê qué continuá menino, ocê dexa a pedrinha branca, na boca. Mas se ocê qué ficá véio, é a pedra amarela que ocê vai pô na boca.

O menino disse:

- Agora eu quero sê um véio. Pôs a pedra amarela na boca e se transformô num véio.

Adepois guardô as duas pedra no borso. Nisso chegô um passarim e perguntô:

- O que que é que ocê tá fazendo, prinspe Lobo?

Munta aqui na minha costa e fecha bem os óio. E só abre eles quando eu mandá.

O véio ficô levim, muntô no passarim, fechô os óio e o passarim voô co'ele. Num demorô nem um minuto, o passarim falô:

- Agora, prinspe Lobo, pode abri os óio.

Ele abriu os óio e já tava no jardim do palácio do rei, o pai dele. E sentô num dos banco.

Os criado viro aquele véio sentado ali e foro contá pr'o rei:

CONTOS FOLCLÓRICOS

20 - FESTA DA BICHARADA

- Aqui no jardim do seu palácio, tem um véio sentado no banco. Nós que achemo ele.

O rei falô pr'os criado:

- Traz ele aqui na minha sala.

O véio entrô, cumprimentô o rei. O rei mandô ele sentá. Adepois preguntô se ele sabia contá história.

O velho disse:

- Sei sim, majestade.

O rei, antão, pediu pra ele contá uma história.

Ele começô:

- Há muitos ano, um rei e uma rainha tava na janela do palácio oiando pr'o mar.

O rei já foi dizendo:

- Uai!, mas isso aconteceu comigo.

O véio falô:

- Isso é tão verdade como eu tenho quatorze ano. E continuô:

- Tinha um bicho descendo mar abaxo e a rainha falô que era um veado e o rei falô que era um lobo.

Aí o rei falô de novo:

- Mas isso aconteceu comigo.

O véio respondeu:

- Isso é tão verdade como eu tenho quatorze ano.

O rei antão já tava começando a ficá desconfiado.

Antão, o véio tirô a pedra branca do borso e colocô ela na boca. Na hora ele se transfomô num menino de quatorze ano.

Nisto ele deu conhecimento pr'o rei de que era fio dele.

O rei mandô prepará um bom armoço pr'o menino.

Adepois do armoço ele preguntô pr'o menino:

- Adondé que tá sua mãe?

O menino respondeu:

- Tá lá numa gruta, no meio de uma grande mata.

Aí, antão, o rei mandô pegá um barco, pôs um criado pra conduzi e o fio junto pra ensiná adonde era a gruta e trazê a rainha pr'o palácio.

Quando ela chegô, o rei mandô fazê uma festa tão grande que continuô durante cinco dia. Vei gente de tudo quanto é parte. Festaro demais.

Adepois da festa, o rei falô pra rainha que tava muito arrependido do que fez. Sentia muita falta e sodade dela. Só que pensava que ela tinha morrido. Daqui pr'o resto da vida eu, ocê e o nosso fio Lobo vamo vivê junto pr'o resto da nossa vida. E vivero muito feliz.

É essa a história que eu acho linda."

Contado por Antônio José da Silva, 90 anos (1990), sem instrução, vendedor ambulante aposentado, residente no Abrigo São José, Rua Benjamim Constant, 1505, Bairro da Santa Casa, Olímpia. (Sabe o conto há 80 anos, conta por sua mãe).

"A bicharada do mato fez uma festa. Aí o Macaco disse:

Nós precisa de dois cantor. Aquele que cantá melhor vai sê muito aplaudido e ganhá um prêmio.

A Onça falô:

- Vamo chamá o Lagartinho Verde e o Sapo pra cantá. Quem cantá melhor é o vitorioso.

Uns falava:

- Canta primeiro o Lagartinho Verde.

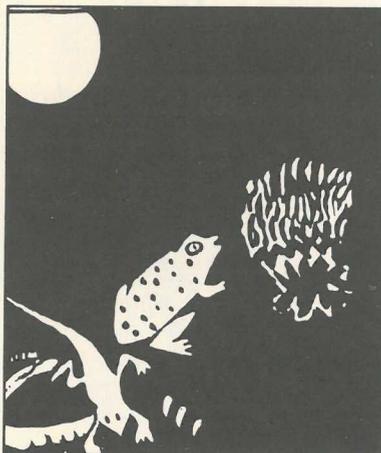
Outros falava:

- Deixa o Sapo cantá primero.

O Elefante disse:

- Deixa o Lagartinho Verde cantá em primero lugar.

O Lagartinho Verde cantô:



Bulitate minha manga
Buludundu não sô ioio.

A bicharada bateu muita palma.

E o Sapo:



Xaxate, xaxate
Combuco curiaque!

Ninguém bateu palma.

E a bicharada falô pr'o Lagartinho Verde:

- Canta, Lagartinho. Canta otra vez.

Todos batero palma, levantaro a mão e dissero:

- O Sapo perdeu. Aí o Sapo ficô com raiva e fez uma foguera. O Sapo pensô assim:

- Lagartinho Verde não sabe nadá. Agora eu não sei se eu jogo ele dentro do fogo ou se jogo dentro do rio.

Seu eu jogá ele n'água, ele não sabe nadá e morre afogado. E se eu jogá

ele no fogo, ele morre queimado.

O Sapo preguntô pra ele:

- O que você prefere? Eu te jogo na água ou te jogo no fogo?

- Me joga no fogo. Não me joga na água.

Então o Sapo pensô:

- Eu vô jogá ele dentro da água, porque ele não sabe nadá e assim ele morre afogado.

O Sapo continuô insistindo:

- Qual que você qué? Na água ou no fogo.

- Me joga no fogo, pelo amor de Deus.

O Sapo passô a mão no Lagartinho Verde e tacô dentro do rio.

Quando o Lagartinho Verde se piô dentro da água, nadô e atravessô o rio.

Lá da otra banda do rio, ele disse pr'o Sapo:

- Tiau, bobo!

E o Sapo levô uma vaia da bicharada e de tanta vergonha se pinxô dentro do fogo. Morreu

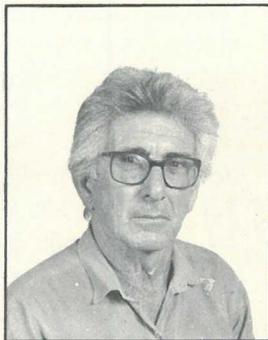
queimado."

Contado por Rosa Pereira dos Santos, 70 anos (1983), sem instrução, do lar, residente na Avenida do Folclore, nº 566, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia.

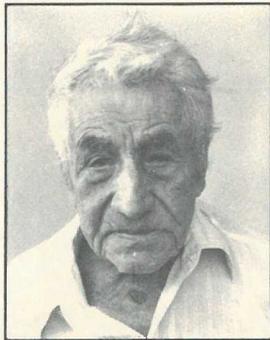
CONTOS FOLCLÓRICOS

NARRADORES DOS CONTOS

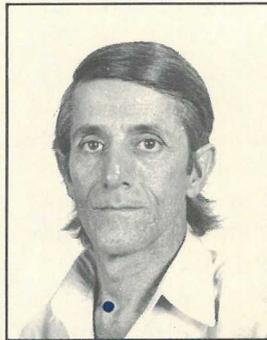
1



2



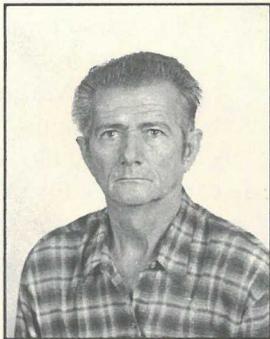
3



4



5



6



7



8



9



10



11



CONTOS:

1 - **Antônio de Sousa:** O pobre astuto (4) e A vaquinha amarela (9).

2 - **Antônio José da Silva:** Príncipe Lobo (19).

3 - **Benedito Batista de Carvalho:** Antrecosto (12).

4 - **Gumercindo Moreira da Silva:** Mais vale quem Deus ajuda (15) e O triste fim dos dois compadres (18).

5 - **José de Sousa Júnior:** O bobo e o ladino (2), O mendigo e o rei (6), O pescador e seus filhos (8) e O bobo e o pote de ouro (14).

6 - **Jesus Carlos Batista:** Apuros do matuto (3), O touro, o cavalo e o porco (5) e O fazendeiro que tentou tapear a morte (13).

7 - **Sebastião Jesus de Oliveira:** O médico aprendiz (11) e O prato de pau (17).

8 - **Antônia do Carmo Batista de Carvalho:** A porca velha (1).

9 - **Fátima Aparecida Provásio de Miranda:** Pacuera! Cuera! Cuera! (10).

10 - **Nair de Lima:** O relho mágico (7) e A mulher rica e a pobre (16).

11 - **Rosa Pereira dos Santos:** Festa da bicharada (20).

Verdadeiramente, os contos nos encantam, nos extasiam. Tudo o que possuímos, Deus nos ofertou. "O que Deus não faz, adiante não vai."

Do muito que coletamos, pouco temos feito, mas o pouco que fizemos muito representará para o estudo do folclore pátrio.

O sentimento de gratidão é, para nós, o mais belo de todos. E, em razão disto, somos gratos a todos os contadores dos contos que evocando o passado, ressuscitando do túmulo mudo e impenetrável os seus antepassados, nos prestaram estas preciosas informações.

Oxalá Deus continue a nos dar o bem-estar físico, espiritual e a perseverança para prosseguirmos, nessa nossa peleja de coletadores de contos, pela estreita vereda da vida.

Sine ira et studio.



NOTICIÁRIO DA ISEH

Iseh Bueno de Camargo
Departamento de Folclore - Olímpia

Começando o 27º Festival do Folclore de Olímpia - 11/8/91

Cinco horas! Madrugada, ligeiro friozinho a vencer a canícula olimpiense. Primeiras pinceladas róseas onde o sol, em breve, acordaria. Defronte da residência de Iseh e Ineh Bueno de Camargo, rua Dr. Vicente Paschoal Jr., 99, bairro Victório Parolim, a Banda Municipal de Barretos, sob a batuta do maestro Antônio Possato, "desperta" a cidade, anunciando que o 27º FEFOL está começando. Pelas músicas, marchas, dobrados, valsas, janelas se abrindo, saudades em todos os corações de mais de vinte anos. Um café reforçado, vai a banda e o cortejo recém-formado para a Praça Rui Barbosa. Depois à casa do prefeito culminando, em épica apresentação, às portas do professor Rothschild Mathias Netto, velho e querido colaborador dos festivais.

Oito horas! Sol forte, brisa amena, na Praça das Atividades Folclóricas, o solene **Hasteamento das Bandeiras**, sob os acordes do órgão tocado pela jovem Denise Batista dos Santos.

HASTEAMENTO DAS BANDEIRAS

Uma singela cerimônia que marca a abertura oficial do 27º Festival do Folclore de Olímpia - o hasteamento dos pavilhões nacionais. Cerimônia singela que nos toca o âmago do coração por sentirmos,



a cada desfraldar de bandeira, desfilar diante de nós a história do Brasil. Cada uma delas nos conta das lutas enfrentadas, das ambições e sonhos acalentados, das vitórias alcançadas. A bandeira é o retrato do povo que sob ela progride, que sob ela passa para a posteridade. Neste ano - 1991, o Professor José Sant'anna houve por bem oferecer esta tocante cerimônia ao BRADESCO, o grande paladino do Festival do Folclore de Olímpia e, assim, serão os funcionários dessa ilustre casa bancária de Olímpia que terão o sublime privilégio de haste-

ar as bandeiras estaduais. É este o pequeno agradecimento de Olímpia a quem tanto nos auxilia. Parabéns, BRADESCO!

Agora, os hasteamentos: (Cantaremos, com entusiasmo, o Hino Nacional Brasileiro, acompanhando a gravação oficial).

Salve bandeira do Brasil, querida,
Toda tecida de esperança e luz!
Pálio sagrado sob o qual palpita
A alma bendita do país da cruz.

(Dom Aquino Correia)

1 - Com todo o orgulho que caracteriza aquele que, ao ver desfraldado ao vento o pavilhão nacional, crê no amanhã do país, teremos a presença de Sua Excelência, o comendador José Fernando Rizzatti, digníssimo Prefeito do Município de Olímpia, hasteando a **Bandeira do Brasil**.

(Trecho da música da Canção do Expedicionário, de Guilherme de Almeida).

Bandeira que é o nosso espelho!
Bandeira que é nossa pista!
Que traz, no topo vermelho,
O coração do Paulista!
(Guilherme de Almeida)

2 - Uma bela bandeira listrada, bandeira de São Paulo, símbolo de trabalho e perseverança, honrosamente hasteada pelo excelentíssimo senhor Márcio Artur Lauréli Cypriano, digníssimo diretor executivo do Banco Bradesco S.A.

REGISTRO

(Cantaremos o hino a Olímpia)

Nobre símbolo de Olímpia
Sempre estás de sentinela,
Tuas cores desfraldando:
Vermelha, preta e amarela.

3 - **Olímpia**, felizes cores que alto falam da pujança desta terra que é a Capital do Folclore, bandeira que será hasteada pela excelentíssima senhora Prof^a Regina Céli Trindade Rizzatti, digníssima primeira dama do Município de Olímpia.

Durante o hasteamento dos pavilhões estaduais, a encantadora jovem Denise Batista dos Santos, musicista olimpiense de grandes dotes, executará, ao teclado, páginas do cancionário folclórico do Brasil.

4 - Apesar de percalços e lutas fronteiriças, o pequeno Acre se faz baluarte do Norte e, com amor, terá seu pavilhão hasteado por **Adevair Biagioni**.

5 - A bandeira de **Alagoas**, retrato-vivo de um Estado dinâmico, grande berço de ilustres homens que engrandecem a pátria, será hasteada por **André Luiz Felipe**.

6 - O grande pulmão da humanidade, **Amazonas**, orgulho invicto do Norte brasileiro, terá seu digno pavilhão hasteado por **Antônio Alberto Rodrigues Batata**.

7 - **Bahia**, encanto do mundo, de onde saem para a grandeza pátria vultos imortais, terá sua bandeira hasteada por **Célio Jean Luppi**.

8 - **Brasília**, capital federal, cidade que o mundo todo cultua, sede das lides governamentais brasileiras, verá seu augusto pendão ser hasteado por **Cláudia Cristina Ferranti**.

9 - Do **Ceará** venerando, região que retém as pegadas de valorosos brasileiros, vem o mais rico artesanato nacional. Com todo amor, hasteará o seu pavilhão, **Daniela Helena Mathias Netto**.

10 - **Espírito Santo** que a vitória perpetua, glória sempiterna do Brasil que cresce, terá sua bandeira hasteada por **Divino Antônio Ferreira**.

11 - Do centro-oeste, o orgulho é, sem dúvida, o imenso, rico e verdejante Estado de **Goiás** que,

neste instante, terá seu pavilhão hasteado por **José Arnaldo Luca**.

12 - **Lauro Ferreira de Castro Júnior** hasteará, com todo orgulho, o belo pavilhão do **Maranhão**, Estado que é o autêntico baluarte das lídimas tradições nacionais.

13 - **Mato Grosso** que firme se mantém como último reduto nacional da fauna mais representativa do universo, terá sua bandeira hasteada por **Luciane Cristina de Souza**.

14 - Esse ainda jovem **Mato Grosso do Sul**, que tantos louros já colhe na seara nacional, terá seu pavilhão hasteado por **Lucimar Aparecida Braga**.

15 - **Minas Gerais**, que ainda marca o compasso inalterado das riquezas brasileiras, terá sua bandeira hasteada por **Luiz Carlos Cassiolato**.

16 - A viridente estrela de Belém continua a cantar ao dinâmico Estado do **Pará**, guardião das tradições brasileiras. Sua bandeira será hasteada por **Luís Francisco da Silva Júnior**.

17 - Da **Paraíba** que encanta, rincões de efervescente prosperidade espalhados, vem a aragem que diz dos feitos de heróicos brasileiros. Seu pavilhão será hasteado por **Magali Perpétua Lopes Simões**.

18 - Verde **Paraná** que se posiciona, atualmente, à frente da locomotiva do progresso nacional, verá seu rico pavilhão ser hasteado por **Marcelo Aparecido Mantovanelli**.

19 - Nas dobras do pavilhão de **Pernambuco**, toda a trajetória de um passado glorioso e de um futuro promissor. Sua bandeira será hasteada por **Márcio Roberto Neves**.

20 - **Piauí** que labuta, incessante, para atingir os píncaros da glória de pertencer a um país que crê no amanhã, verá seu pavilhão ser hasteado por **Marco Antônio Alves Teixeira**.

21 - **Rio de Janeiro** que firme empunha o lema de cidade maravilhosa, glória de todo o universo, terá seu pendão hasteado por **Marcos Eduardo Porcionato**.

22 - **Rio Grande do Norte**, que do Norte é galardão, escrínio de imperecíveis riquezas brasileiras,

terá sua bandeira hasteada por **Natália Renata Sacchetin**.

23 - **Rio Grande do Sul** que mantém indelévels nossas fronteiras nos pampas, orgulho de todo o país, terá seu pavilhão hasteado por **Paulo Sérgio Minari**.

24 - Em inóspitas fronteiras plantada, **Rondônia**, jovem ainda, constituiu-se no mais valoroso guardião fronteiriço do Brasil. Terá sua bandeira hasteada por **Sérgio Marcondes Lourenço Plaza**.

25 - Aguerrida **Santa Catarina**, das límpidas águas oceânicas, dos valorosos homens que, estóicos, enfrentam as inclemências do Sul, verá seu belo pavilhão ser hasteado por **Sílvia Aparecida Paschoalino**.

26 - **Sergipe** das verdes praias, terra do sol ardente, do homem altaneiro e viril, terá seu pavilhão hasteado por **Tânia Regina Garcia Paolilo**.

27 - O mais jovem filho brasileiro **Tocantins**, paraíso da fauna e da flora nacionais, verá sua recém-criada bandeira ser hasteada por **Luiz Carlos Nizato Batista**.

O folclore brasileiro
Muita beleza encerra:
Amemos a nossa gente,
Amemos a nossa terra.

28 - A **Bandeira do Folclore de Olímpia**, estampada com o Curupira, patrono do Festival do Folclore local, símbolo de quem crê no homem e na sua história, será orgulhosamente hasteada pelo senhor **Carlos Aparecido Porto**, digníssimo gerente da Agência do Bradesco de Olímpia.

E aí estão 28 pendões agitando-se à brisa, demonstrando que elo peregrino a todos une, hoje, aqui, na Esplanada das Bandeiras da Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami" na preservação das tradições nacionais. O 27.º Festival do Folclore de Olímpia saúda os pavilhões da República Federativa do Brasil.

Promover o folclore é tarefa de todos que queiram manter a independência de seu povo. (Hino da Proclamação da Independência)

Grande público na Missa dos Violeiros

Parte integrante dos festivais do folclore, a Missa dos Violeiros, apesar de haver sofrido mudança de horário da noite para as 11 horas de manhã ensolarada, contou com a presença de grande público. No palanque das atividades folclóricas, a presença do Sr. José Rizzatti, prefeito municipal, Regina Céli Rizzatti, primeira dama olímpense, Prof. José Sant'anna, criador e coordenador dos Festivais do Folclore, autoridades civis e militares, católicos em geral.

Foram estas as palavras do apresentador dos eventos, abrindo a solenidade religiosa:

Um importante ritual da abertura oficial dos Festivais do Folclore de Olímpia, a missa dos violeiros representa a



importante face religiosa que marca as solenidades. O ritual da missa, este a cargo de Sua Eminência Reverendíssima, Dom Pedro Fré, Bispo Diocesano de Barretos é complementado pelo som das violas e pelas ricas vozes dos violeiros de Várzea Paulista -

SP. É autêntica comunhão da religiosidade brasileira com o amor às tradições do seu povo. É a chave de ouro que abre os festivais, colocando-os sob as protetoras mãos do Senhor, a quem, fiéis, rogam bênçãos para todos que participam dessas realizações anuais. A missa é o ato de fé do folclorista brasileiro, é a essência cristã do homem que preserva sua história, sua crença nos antepassados, sua esperança no futuro.

Que, em 1991, a Missa do Violeiros encante a todos e traga as bênçãos de que tão carentes nos sentimos, atualmente.

Vamos, com muito amor e respeito acompanhar a Missa dos Violeiros, no 27º Festival do Folclore.

Ao nosso amigo Bradesco

Não sabemos de que forma demonstrar a gratidão imensurável devida ao Bradesco. Não sabemos como falar a seus dirigentes e funcionários da dívida perene que une o Bradesco aos Festivais do Folclore de Olímpia. Já dissemos: o Bradesco é nosso amigo, é o líder em auxílio financeiro, é patrono dos festivais, é o paladino da nossa festa máxima, e muito mais. E é pouco. Por isso, em 1991, por ocasião do 27º FEFOL, o Prof. José Sant'anna esmerou-se na organização das solenidades que visavam dizer aquele obrigado ao Bradesco. Prefeitura e Comissão se uniram. Foram solenes os agradecimentos.

Dia 11 de agosto, 9 horas, junto à Administração da Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami", posicionaram-se autoridades locais, público em geral, o bispo

da Diocese, Dom Pedro Fré, a Banda Municipal de Barretos, a Fanfarra Municipal de Altair, a Fanfarra Municipal de Olímpia, o Conjunto de Flautas desta cidade, a Banda Congo-Mirim de Linhares, ES, e o Grupo Parafolclórico do SESI, Fortaleza, CE, a fim de comemorarmos dez anos de íntima amizade: Bradesco e Festivais do Folclore.

Descerrou-se grande placa de bronze, coberta com as cores de Olímpia e lá, perenemente gravadas palavras em homenagem ao Bradesco.

A seguir, cercado pelos funcionários da agência local, o



Fernanda Martelo Dourado entrega placa de prata



Sabrina Martelo Dourado entrega placa de prata



REGISTRO

Dr. Márcio Artur Laurelli Cypriano, Diretor Executivo, representando o presidente do Banco Bradesco S.A., Sr. Lázaro de Mello Brandão, recebeu das mãos de Fernanda Martelo Dourado significativa placa de prata, homenagem ao Banco e aos que nele trabalham e, em nome do senhor presidente da organização, outra placa, entregue por Sabrina Martelo Dourado. A pequena Veridiana Trindade Rizzatti fez, a seguir, a entrega dos exemplares de Anuários dos Festivais do Folclore, destinados ao arquivo da Fundação Bradesco.

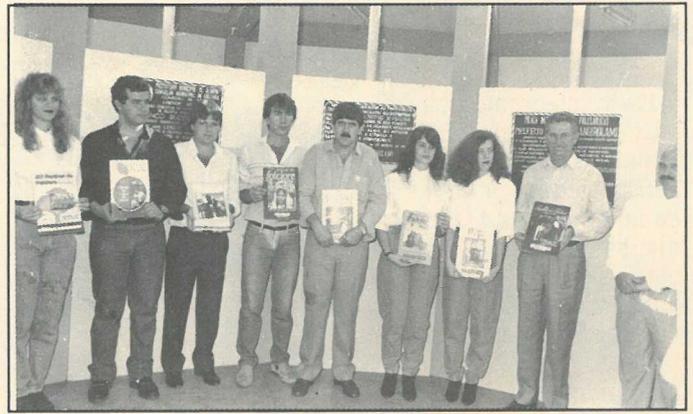
Formado um semicírculo, o Dr. Márcio dispôs funcionários portando cada um uma revista, filmando-os para a posteridade.

Nesse instante, o Prof. Sant'anna, transbordante de júbilo, dirigiu à equipe homenageada, palavras entusiásticas de legítimo louvor, agradecendo a ajuda inestimável do Bradesco, ajuda financeira, ajuda social, ajuda cultural.

O apresentador do evento, Cláudio Lins, líder da Banda de Congo Mirim de Linhares leu, a seguir, mensagem ao Bradesco, escrita por Iseh Bueno

de Camargo. Após agradecimentos do senhor José Fernando Rizzatti, prefeito municipal, o Dr. Márcio A. L. Cypriano, em nome de toda a família Bradesco, fala da sua euforia ao ser alvo de tais homenagens.

Foi uma cerimônia belíssima, um retrato singelo da forma mais acessível que Sant'anna, a Prefeitura e nós, olimpienses, encontramos, a fim de dizer ao Bradesco: muito obrigado, Deus lhe pague, fique sempre conosco. Amém!



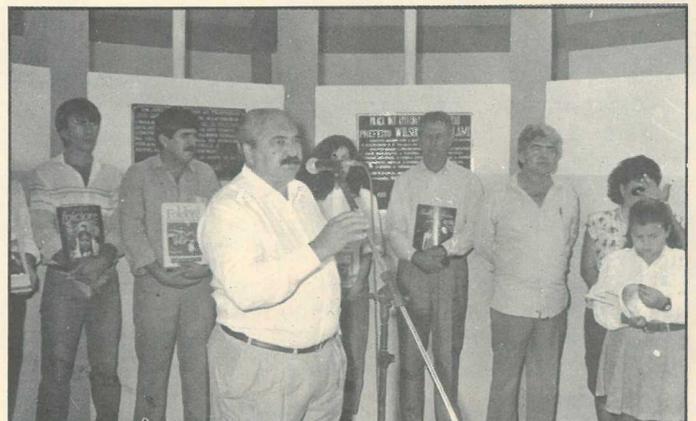
● *Revistas patrocinadas pelo Bradesco*



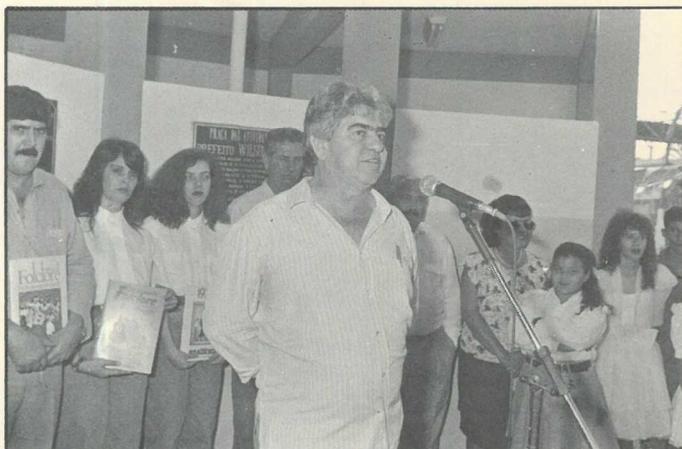
Revistas patrocinadas pelo Bradesco



Veridiana Trindade Rizzatti entrega pacote de revistas



Prefeito José F. Rizzatti discursando



José Sant'anna tecendo loas ao BRADESCO



Dr. Márcio Artur Laurelli Cypriano agradecendo

Material para as Escolas

Cumprindo programação do 27º FEFOL, às 12 horas do dia 11 de agosto de 1991, na AGÊNCIA BRADESCO, instalada na Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami", foram entregues pacotes contendo material para pesquisa e estudos folclóricos às escolas do Município: Anuários do Folclore de 1970 a 1991, o livro "Acorda, Povo", de Laura Della Mônica; os livros "Quadras-Adivinhas" e "Ássum-Preto" de José Sant'anna; a Lei Orgânica do Município de Olímpia; a revista Sul Sudeste da Ródia e a do Guarujá-91, bem como os folhetos Bacamarteiros e São Gonçalo.

Eis a relação dos agraciados com os pacotes:

E.E.P.S.G.: "Capitão Narciso Bertolino", "Dr. Antônio Augusto Reis Neves", "Profª Dalva Vieira Ítavo", "Dona Anita Costa"; **E.E.P.G.:** "Silva Melo", "Profª Maria Ubaldina de Barros Furquim", "Dr. Wilquem Manoel Neves", "Santo Seno", "Joaquim Miguel dos Santos", "Jardim Leonor" - hoje: "Professor Maurício César Alves Pereira", "Comendador Francisco Bernardes Ferreira" (distrito de Ribeiro dos Santos), "Dr. Elói Lopes Ferraz" (distrito de Baguaçu); Colégio Objetivo, Centro Educacional "Ernesto Riscali", Fa-

culdade de Ciências Humanas do Vale do Rio Grande, Delegacia de Ensino "Profª Maria Antonietta de Oliveira Robazzi" e Biblioteca Pública Municipal "Fernando de Barros Furquim", todos de Olímpia.

Seguindo a programação, representantes de diversas entidades retiraram no momento da entrega, os seus pacotes, e outros os receberam posteriormente.

A Comissão de Folclore recebeu diversos ofícios agradecendo a feliz idéia do Prof. Sant'anna. Nós cumprimentamos a todos, doador e aquiñoados com tão útil presente. Parabéns, Sant'anna. Parabéns escolas.

Território do Curupira

Sant'anna não sossegou enquanto não viu terminado o Território do Curupira, reduto do Patrono do Festival do Folclore dentro do Cantinho Ecológico da Praça das Atividades. Isso aconteceu na tarde do dia 11/8/1991, com a presença do prefeito José Fernando Rizzatti, de José Sant'anna, professoras Iseh e Ineh Bueno de Camargo, cantora Inezita Barroso, além de muitas autoridades e estudiosos do folclore brasileiro.

O "Curupira" é obra de Thirso Cruz, de 53 anos de idade, nascido em São Joaquim da Barra - SP, residindo atualmente em Ribeirão Preto - SP. É uma estátua de grandes dimensões, "retrato fiel" da personagem que representa.

Ali está, ao lado dos vestiários da P.A.F., território orlado por cerca-viva de primaveras das mais variadas cores, bafejado pela doce brisa que as palmas dos coqueiros trazem, perfumado pelas rosinhas que lá têm seu habitat quase natural. Um Curupira em destaque, elevado, pronto para comandar os festivais, demonstran-



do que é entidade fiel, justiceira e preservadora da natureza e o marco arquitetônico desse território.

Que do seu cantinho perpétuo, possa o Curupira alertar a todos sobre os perigos da devastação inclemente dos rios, fontes, minas, matas, plantas em geral. Grande responsabilidade!

Parabéns, Thirso.

Parabéns, Sant'anna.

Os
seguros
de
automóvel
podem
ser
parecidos.
Mas
não
são
iguais.

Seguro

AUTO

BRADESCO

VALOR DE MERCADO

A diferença que faz
diferença.

Abertura Oficial - Palanque

Onze de agosto de 1991. Vinte horas. A Praça das Atividades Folclóricas, feericamente iluminada, está repleta de olímpenses e visitantes. O palanque oficial pronto para o início das apresentações do 27º FEFOL.

O locutor Daércio Neto, belíssima e clara voz, posta-se ante o microfone e anuncia os eventos que marcarão a abertura oficial, convidando para adentrar o recinto: o prefeito, José Fernando Rizzatti, o vice, Marcelo Gil Munhoz, os vereadores Otacílio de Oliveira Neto (presidente da Câmara), Wanderley Dario Forti (2º secretário), Adorival Batista da Costa, Dr. Aldo Cazarini Júnior. Antônio



Botão em flor

Aparecido Carrosseli, Fablício Cardoso de Oliveira, Dr. João Batista Dias Magalhães, João Vazão Primo, Dr. Nilton Roberto Martinez, Orlando Moço, José Sant'anna (coordenador do festival e também vereador) e Francisco de Assis Madalena (presidente da Comissão Executiva do 27º FEFOL) que receberam as autoridades

visitantes: Dr. Waldemar Corauci Sobrinho, Secretário de Esportes e Turismo do Governo de São Paulo, Coronel Correia de Carvalho, Tenente Antônio Sagueiro Steves e Coronel Araújo, Dr. Uebe Rezeck, Deputado Estadual - São Paulo, Dr. Marcos Antônio Correa da Silva, juiz de direito da 2ª Vara da Comarca de Olímpia,

Dr. Francisco de Assis Madalena (presidente da Comissão Executiva do 27º FEFOL) que receberam as autoridades visitantes: Dr. Waldemar Corauci Sobrinho, Secretário de Esportes e Turismo do Governo de São Paulo, Coronel Correia de Carvalho, Tenente Antônio Sagueiro Steves e Coronel Araújo, Dr. Uebe Rezeck, Deputado Estadual - São Paulo, Dr. Marcos Antônio Correa da Silva, juiz de direito da 2ª Vara da Comarca de Olímpia,

Dr. Uebe Rezeck; Sr. Euri-des Zangirolami, presidente do Olímpia Futebol Clube; Sr. José Brás Alvarindo do Prado, prefeito de Altair; Dr. Valtercides Monteiro, prefeito de Guaraci; Dr. João Batista Ribeiro da Silva, prefeito de Severínia e Sr. Gustavo Sebastião da Costa, prefeito de Cajobi, os quatro prefeitos dos municípios que também fazem parte da Comarca de Olímpia.

POR QUE O GUARANI?

Os cavaleiros da Estância Fazendinha, de Olímpia, entrarão ao som dos acordes do imortal Guarani. As alunas da Academia Takahashi também apresentar-se-ão ao som e ritmo do Guarani. Em abertura do 27º Festival do Folclore! Por que o Guarani?

Carlos Gomes, ao compor essa página divina do repertório musical brasileiro, deu-lhe alma, deu-lhe vida, moldou-a para o amigo do clássico e para o apreciador da música singela, tornou-a universal. E é de universo que fala o folclore. Portanto, nada mais digno do que arrancar de um clássico os acordes para um desfile parafolclórico. Carlos Gomes e Academia Takahashi. Guarani e Festival do Folclore!

A coreografia que será apresentada gira em torno da vida. São as plantas e os insetos que as perpetuam - as abelhas, no caso. Polinizando a flor que está no centro. Botão ainda, desabrochará - o início de uma nova vida. E, junto às plantas, os invertebrados e demais animais da floresta. Todos ao lado do Curupira, protetor da fauna e da flora. Participam:

ABELHAS: Bruna dos Santos Abe, Andréa Zampieri Denise Passarela, Tatiane Lopes, Tatiane Cazarini, Katiucia Garcia, Lígia Pessoa, Natália Estábio Neidiani Landi.

FLORES: Rafaela dos Santos Abe, Maria Augusta Zanoti, Tassiana Martins, Gabriela Ortiz Galeti, Rúbia Carla Moraes, Lígia Mara Ortiz, Karen Lívia Vescio, Mariana Grecco Scalon, Ana Mattos Perroni.

BICHOS: Fernanda Pilizeli (onça), Marieli (zebra), Grace Montoya (cavalo), Maria Raquel (macaco), Marla Aguiar (elefante), Taiga Cazarini (elefante) e Luciana (elefante).



Polinização



Polinização

REGISTRO

MENINOS DA CAIXA:
Sérgio Eiji Abe Filho. Carina Anoni.

EXPLICAÇÕES DE DAÉRCIO NETO

Enquanto os cavaleiros da Estância Fazendinha evoluem ao redor do palanque, mostrando a beleza dos animais e a perícia dos montadores, aguardemos o Curupira. Ele já deixou as matas, já abandonou o seu habitat querido e aproxima-se do recinto. Não vem só. Vem acompanhado por seus amigos da floresta, os que representam a flora e a fauna. Aguardem. Ele está próximo.

Cercando o palanque, um verdadeiro zoológico, animais e plantas. Representam o grito de alerta da nossa fauna e flora, tão esquecidas. São os amigos do Patrono do Festival do Folclore - o Curupira. São representados por alunos da Associação Takahashi e da Escola Silva Melo que, liderados pelo professor Sérgio Eiji Abe, formam a guarda festiva do Curupira. E ele já está entre nós, aqui no palanque.

E ali entre animais e plantas, (abre-se a caixa) belo botão se abre em flor, exalando místico perfume. Uma flor que simboliza a união da natureza e o homem e, graças a essa integração, o ser humano continua no planeta Terra. E feliz, realiza-se e se perpetua.

Trabalharam, com muito entusiasmo e arte, para o embelezamento do cenário, as funcionárias do Centro de Convivência Infantil de Olímpia, sob a liderança da Prof^a Sílvia Elisabete Forti Storti. Da caixa aberta saem Carina Anoni e Sérgio Eiji Abe Filho, este com a chave simbólica do Município, fazendo entrega da mesma ao senhor prefeito municipal.

O CURUPIRA NO 27º FEFOL

O Prefeito José Fernando Rizzatti já havia enviado uma cartinha ao Curupira, datada de 20 de julho de 1991.

"Querido jovem Fabrício:

Aqui do Paço Municipal, sem muita oportunidade para sair, eu soudo o



Curupira para dar-lhe uma tarefa árdua, a de governar Olímpia por 8 (oito) dias, ou seja, durante os dias do 27.º Festival do Folclore.

A caçada foi difícil, pois o Curupira se ocultava tanto que não foi possível encontrá-lo facilmente.

Hoje, para grande alegria desse Executivo, o Curupira esteve na sala de reuniões da Prefeitura e mesmo assim, não pude conhecê-lo. Isto posto, jovem Fabrício Martelo Dourado é, com imensa satisfação, que o convoco a ser o Curupira do 27.º

FEFOL. Tenho certeza que o nosso mito, defensor da ecologia, estará magnificamente personificado num juvenzinho elegante, inteligente, dedicado e bom amigo da cidade.

Para que tudo ocorra de acordo com o regulamento do Festival, peço a você que entre em entendimentos com o Prof. Sant'anna, coordenador do evento.

Um fraternal abraço".

O Curupira, interpretado pelo jovem Fabrício Martelo Dourado, aluno da E.E.P.G. "Silva Melo", chegou montado num pomposo cavalo, deu volta ao redor do palanque oficial, penetrando no palco das atividades folclóricas. Assim se desenrolou a cena entre o Prefeito José Fernando Rizzatti e o Curupira.

(Este entrou correndo. Parou. Olhou ao redor. Mãos em pala, como se divisasse grande distância.)

- Parece impossível, mas conseguimos chegar ao 27º Festival do Folclore de Olímpia! 1991...

E ainda há vida no planeta Terra... Ainda há matas. Há flores. Há animais...

(Olha para os animais que entram)

- Muitos aqui estão. Porém, muitos desapareceram. O homem acabou com eles. A poluição.

O desmatamento não pára nunca. Os rios que estão morrendo. O mar que virou a lixeira do mundo. É uma pena! Era tão bela a terra que conheci. As imensas florestas povoadas de animais selvagens.

(Caminha, caminha, aproxima-se do Prefeito).

Prefeito: - Você de novo, Curupira?

Curupira: - Sim, Olímpia escolheu-me para ser o Patrono dos Festivais do Folclore. E como gosto disso! Passo o ano cuidando do que resta das nossas matas, protejo os animais que sobram, cuido da fauna e da flora.

Prefeito: - E o que você vem fazer aqui?

Curupira: - Vim para governar Olímpia. Até o dia 18 de agosto dou férias a Vossa Excelência, caro

prefeito José Fernando Rizzatti. Governarei o 27º Festival do Folclore. Quero a chave da cidade.

Prefeito: - O que você fará durante esse tempo?

Curupira: - Cuidarei para que o Festival seja um sucesso. Impedirei que a devastação se espalhe. Farei com que o amor reine, soberano, para que todos se divirtam, para que se preservem as coisas bonitas que o povo ama. Tomarei conta de Olímpia, senhor Prefeito.

Prefeito: - Eis a chave e a carta de mandatário. Cuide bem de Olímpia.

Curupira: - Prometo. Prometo ser justo e honesto. Quero paz, harmonia e amor neste festival. Olímpia estará segura com o seu Patrono - Curupira! Olhando para a bicharada:

- Vamos, amigos, a alegria nos espera. Boas festas para todos. Viva o 27º Fefol! Viva Olímpia. Até breve amigos... vamos... vamos...

(Saem após percorrer o palanque).

Observações: Foi uma belíssima apresentação do Fabrício Martelo Dourado, apresentação digna de um ator habituado ao palco. Voz possante, tudo bem decorado, timbre rico em nuances variadas, uma beleza. Está de parabéns o Curupira, graça de jovem promissor. Parabéns aos felizes pais do garoto.

DESPEDIDA

Noite de 18 de agosto de 1991, fechamento do Festival, poucos grupos folclóricos ainda no palanque.

Curupira entrou com os animais, olhou para a platéia, aproximou-se do Prefeito.

Curupira: - Missão cumprida, prefeito José Fernando Rizzatti. Como prometi, cuidei da cidade neste período. Quanta gente bonita nós vimos! Que belas danças! Quanta música folclórica! É hora da partida. A mata nos espera. Levo saudades no coração. Amo Olímpia! Amo o Festival do Folclore!

Prefeito (recebendo a chave): - Muito bem Curupira. Até o próximo ano.

Curupira: - Adeus... amigos. Sou Curupira, gênio mago das matas, protetor perpétuo da fauna e da flora brasileiras. Adeus... Adeus...

(Sai, agitando as mãos, sem correia, como quem está pesaroso pelo final da festividade).

Espetáculo Pirotécnico

O 27º Festival do Folclore, 1991, foi agraciado com o mais belo espetáculo pirotécnico que olímpenses e visitantes já presenciaram. Mais uma vez a cargo da firma Realiza, de Osvaldo Cruz, ninguém se decepcionou, desde gradas autoridades que permanecem no palanque, ao mais humilde observador. Beleza, beleza em todos os sentidos, desde os triviais tiros de obuzes, às chuvas multicoloridas de prósais estrelas. A sucessão dos diferentes fogos era frenética, arrancando aplausos da multidão que se comprimia nas arquibancadas ou dos que se acotovelavam nas avenidas superiores. Os grandes momentos ficaram por conta da cachoeira que, por quase meia hora, cintilante, jorrou suas estrelas semelhando água cristalina e do aviãozinho atrevido que, espoucando

em cores e som, fez o percurso certo de um poste a outro, retornando obedientemente ao ponto de partida. Concomitantemente ao espetáculo pirotécnico, acontecia, no palco, a apresentação de lindas canções folclóricas, interpretadas por Inezita Barroso, encantando a todos. "Que nada mais houvesse nessa noite da abertura, o espetáculo estaria completo com essa apresentação dos fogos", palavras comovidas de secretário estadual presente. São nossas palavras, também, ao agradecermos ao Sr. Prefeito Municipal pela feliz escolha, ao Sant'anna pelo sucesso da noite, aos visitantes e a todos os presentes pelas exclamações de vívido entusiasmo. E que perenemente haja fogos para aquecer os corações de todos que participam dos festivais do folclore em Olímpia. Viva!

Pena Branca e Xavantinho

Sorrindo, espalhando simpatia, já no sábado, véspera da abertura oficial do 27º Festival do Folclore de Olímpia, a grande dupla de cantores se fez presente na barraca da FOSAC. Muitos fãs e amigos de longa data cercaram a dupla que, com seus acompanhantes musicais, jantaram e distribuíram autógrafos a simpatizantes. Singeleza e descontração marcaram a presença de Pena Branca e Xavantinho. Precisam voltar sempre.

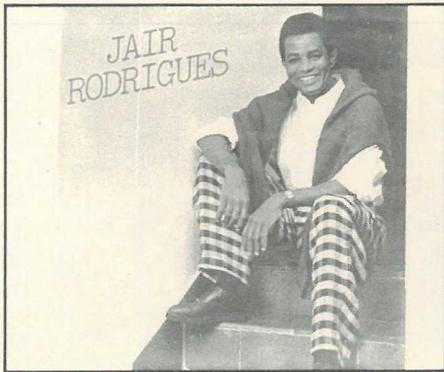
Estas foram as palavras que os introduziram no palanque das atividades folclóricas, noite da abertura do 27º FEFOL:

"Dois Mineiros, irmãos por nascimento, irmãos na música que, no cabo da enxada, cantam o passado brasileiro. Já cantores, revelaram-se ao grande público em 1970, em festival do interior. Vinte e um anos de sucesso. 5 LPS gravados, onde até a 4ª Bachiana de Villa Lobos aparece, músicas de Lupicínio Rodrigues e Milton Nascimento, música regional. Como a Canção de Barro, história da vida dos mineiros de Uberlândia, de Xavantinho,



que orgulhosamente afirma: já peguei em muito cabo de enxada... muitos troféus. Muitos prêmios: melhor disco, melhor dupla, melhor música, melhor produção em 1991, prêmio Sharp, entre outros da música popular brasileira. É uma felicidade termos Pena Branca e Xavantinho em Olímpia. E ainda mais quando a dupla transforma-se em trio, com Inezita Barroso. É bom demais. É épico. É a história dos festivais de Folclore de Olímpia. É a história das batalhas enfrentadas pelo Professor José Sant'anna, pela Prefeitura, pelas comissões de folclore. É a história do folclore brasileiro. Nossos amigos, Pena Branca e Xavantinho, sejam bem-vindos!

Jair Rodrigues



O extrovertido cantor popular brasileiro, Jair Rodrigues, chegou escoltado ao palanque das atividades folclóricas, o que não impediu que o público, que os ardorosos fãs o cercassem, demonstrando o quanto é conhecido, o quanto é querido. Durante a apresentação álcere, cantando, dançando, mexendo com a platéia, Jair Rodrigues teve que lutar para conseguir espaço no meio de fãs ousados, crianças em grande quantidade. Mas deu um risonho recado musical. Os aplausos foram muitos. E merecidos, claro.

Eis como foi apresentado ao público presente:

“O eterno menino arteiro, Jair Rodrigues, há décadas vem alegrando os palcos paulistanos, os palcos brasileiros. Desde os áureos tempos da bossa-nova, Jair Rodrigues revelava-se no samba... “deixa que digam, que pensem, que falem”... e muito se fala desse eterno jovem, da sua esfuziante alegria, das magníficas interpretações de temas conhecidos nos meios musicais.

Paulista de Igarapava, canta desde 1958, começando na churrascaria e restaurante de Mariano Marijo, São Carlos. Em 1965, com Elis Regina, na Record, apresentou o “Fino da Bossa”. E em 1966, ganhou o festival da TV Record com a música Disparada, 1º lugar, com a Banda de Chico Buarque. Disparou daí para a frente.

Jair Rodrigues canta com o corpo inteiro. Dança, sorri, não se cansa. Belíssima voz, que não conta muito da sua origem difícil, dos seus primeiros tempos de menino roceiro. É um rei nos palcos da vida. Um rei que traz na paz do seu sorriso, a magia da música popular brasileira: Três Lágrimas, Chuá... Chuá, a Voz do Violão, Gente Humilde, Chão de Estrelas, Pé na Estrada, Viola Sertaneja, Velho Pilão, Vila Rica... Jair Rodrigues, uma glória para o 27.º Festival do Folclore de Olímpia... cantando ao lado de Inezita... cantando ao lado de Pena Branca e Xavantinho... cantando para os olimpienses... cantando para o Brasil...

Inezita Barroso



Como vem fazendo quase todos os anos, Inezita é presença obrigatória nos Festivais do Folclore de Olímpia. Com seu cativante sorriso e sua marcante presença, a professora, folclorista, cantora e amiga, Inezita chega, dá o seu grande recado musical, alegre e faz o público mais feliz. Chegou na véspera, sábado, e na barraca da FOSAC, com Pena Branca e Xavantinho, e amigos locais, já demonstrou o quanto é popular e querida.

Assim foi feita a sua apresentação no palanque das atividades folclóricas:

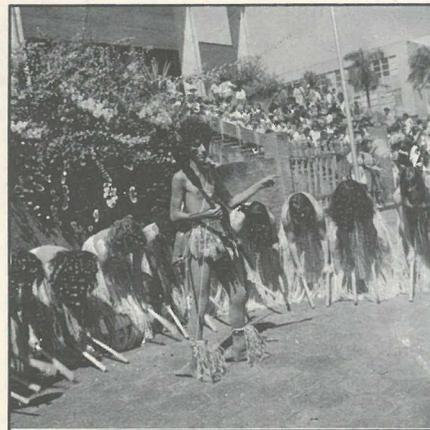
“Inês Madalena Aranha de Lima, Inezita Barroso, famosa intérprete da música popular e folclórica, essa pessoa tão querida de todo brasileiro que ama sua terra, nasceu para ser artista. São Paulo foi o seu berço. Filha de pai

que possuía raízes em Belém do Pará e mãe do interior paulista, Inezita aprendeu piano, dança clássica, violão, tudo muito jovem ainda. Nasceu num dia de carnaval! E, pela vida afora, com seu timbre peculiar de voz, vem encantando quem a ouve - Marvada Pinga... Lampion de Gás. Bolinho de Fubá... Colcha de Retalhos...

Cateretê... Rainha Ginga... Negrinho do Pastoreio... Amo-te muito... Boi Bumbá... Ontem ao Luar... Imenso, variado e belo é o conjunto de músicas que gravou, que canta, que encanta. Inezita artista de cinema, Inezita cantora, Inezita na viola, no violão. Inezita, um grande nome nas lides folclóricas. Inezita mulher... Inezita areia..., eis como a si se define, sempre Inezita Barroso com os festivais do folclore de Olímpia! Cidadã olimpiense! Cidadã do Brasil inteiro!”

Fogaça de Maringá em Olímpia

O 27º Festival do Folclore teve a felicidade de contar com a presença alegre e colorida do Grupo Parafolclórico de Danças Brasileiras da Universidade Estadual de Maringá, PR, liderado pela Profª Sueli Alves de Sousa. Um grupo que a todos encantou, que vibrou com todos os eventos realizados na Praça das Atividades Folclóricas, com jovens bem caracterizados e dirigidos. Do início ao fim do festival a turma aqui permaneceu, alegre, fez amigos, apresentou-se no palanque com muitas danças: coco, capoeira, maculelê, puxada da rede, tambor de crioula, samba



“Fogaça” e o Curupira

de roda, frevo, xaxado, tirana. Esta, a tirana, foi um sucesso absoluto, muito aplaudida, uma graça mesmo, ao som rítmico dos tamancos e álcres palmas, arrancando aplausos do público. Por isso, estão de parabéns a turma de dançarinos, a mestra

Sueli, a Universidade de Maringá. Gente que com dificuldades empreende tão longa viagem, que carrega colchões às costas para ter onde repousar, que perambula de carona por todo canto, merece nosso carinho. Voltem, paranaenses que deixaram saudades. Gostamos de gente assim. Parabéns.

2º Concurso de Pintura - Óleo sobre tela

Realizou-se, de 11 a 18 de agosto de 1991, na sala de Pinturas e Artes "Alvacyr Ribeiro de Souza", Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami", o 2º Concurso de Pintura, "Óleo sobre Tela" aberto às 19 h do dia 10 de agosto de 1991. Dirigido, idealizado e coordenado por Zeca Scura, o concurso transformou-se em uma das grandes atrações do 27º FEFOL, levando muita gente para o salão de exposições, onde quadros belíssimos a todos encantavam. Muitos concorrentes, obras primas em destaque, pintores locais e nacionais, deram muito trabalho por ocasião do julgamento. Eis o corpo de jurados:

Caio Carvalho, de São José do Rio Preto, Roosevelt Pedrosa de Siqueira, pernambucano, de São Paulo, Geraldo José Rodrigues, de Barretos, Ivoneth Gomes Miessa, paranaense, de São Paulo, Alexandre Fausto Pellichero, de Taquaritinga, Gabriel Jesus de Almeida, de Olímpia, Rubens Zacarias, de São Paulo e José Sant'anna, de Olímpia.

Além dos olímpenses, concorreram artistas de São Paulo, capital, Barretos, Severínia, Catanduva, São Caetano do Sul, Colina, Dourados (MS), São José do Rio Preto, Ibirá, Santo André e Santos.

Na categoria Especialíssima, coube a Maria de Lurdes Alesse, com "Danças Gaúchas", o prêmio, também especialíssimo.

Os premiados de Olímpia foram:

1º lugar: João Carlos Oliveira da Rocha, com o tema "Folia de Reis na casa de pobre"

2º lugar: Maria Antônia de Oliveira, com "Vamos todos Cirandar".

3º lugar: Maria Alice Foganholi dos Santos, com "Folia de Reis".

MENÇÃO HONROSA

Ubiratan da Silva Castro, Valéria Maria Fleury de Oliveira Gianoto e Tânia Mara Rodrigues Gottardi.

Premiados de outras localidades:

1º lugar: Orlando Fuzinelli, de São José do Rio Preto, com o tema "Folia de Reis"

2º lugar: Ednamar J. Capascinti, de Ibirá, com "Bumba-meu-boi".

3º lugar: Ana Marcelina Nicolau Thomazini, de São Paulo, com "Coco de praia".

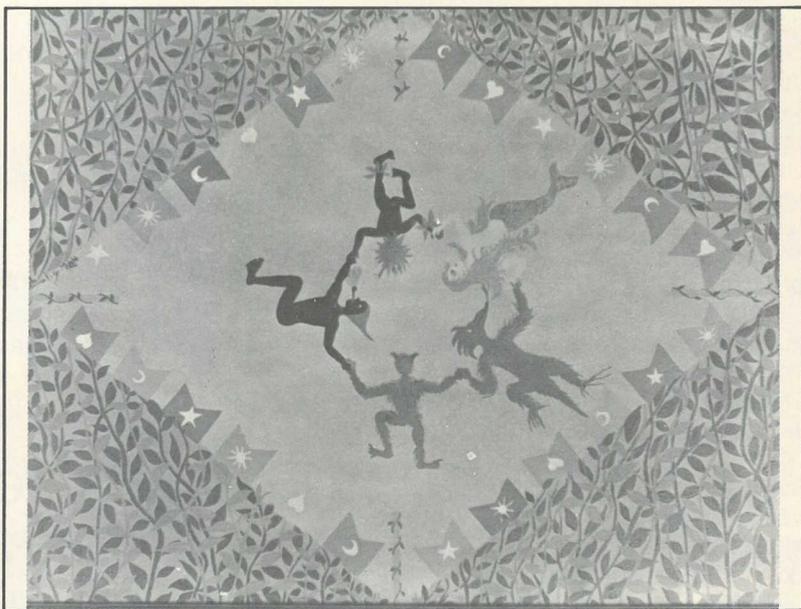
Menção honrosa para Taís Maria Dias, de Catanduva.

Por ocasião da entrega dos prêmios, que iam desde oitenta mil cruzeiros, sessenta e trinta mil aos três primeiros colocados, a troféus e certificados de participação a todos, Zeca agradeceu a colaboração inestimável do Prefeito José F. Rizzatti, da 1ª dama, do vice-prefeito e senhora, das casas comerciais, rádios e jornais locais e, especialmente, do Prof. José Sant'anna, por tudo quanto tem feito em prol da preservação do folclore brasileiro.

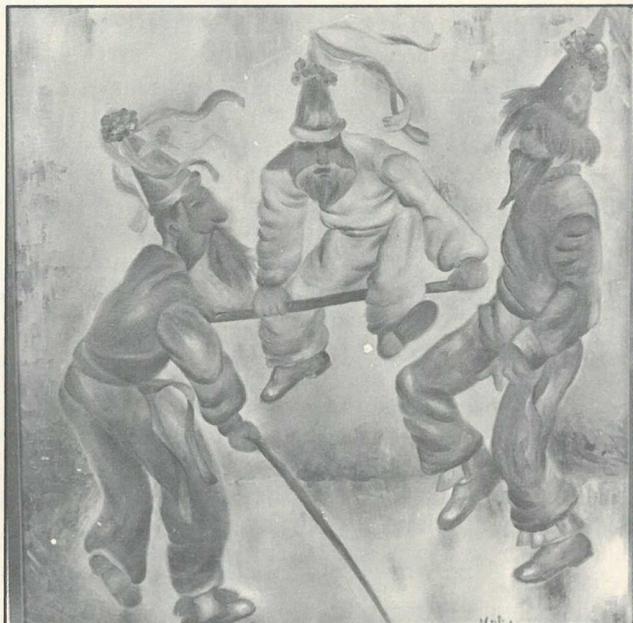
Fazemos votos que esse concurso percorra longo caminho, agradando cada vez mais, divulgando valores do meio artístico, fixando, em telas, momentos raros das manifestações folclóricas. Estão de parabéns todos os pintores, premiados ou não, está de parabéns a organizadora e coordenadora, Zeca Scura. Firmes, não esmoreçam, estejam conosco no próximo festival. Parabéns.



Folia de Reis na casa de pobre



Vamos todos cirandar



Folia de Reis

Uma rosa valorosa

Rosa Antônio Chueri, já entusiasta das manifestações folclóricas que dizem respeito à dança, voltou, em 1991 a Olímpia, por ocasião do 27º FEFOL. Rosa, doutora em leis, é de Itapeva, SP, e encontrou, ao lado do Prof. Sant'anna, o fio da meada que lhe faltava para, através da dança, ajudar o país a preservar a sua história. Com alunos do Centro Cultural "Cícero Marques", de sua cidade, formou o Grupo de Danças Parafolclóricas que recebeu o nome de "Luar de Faxina" e veio para o festival. Apresentou-se o Luar de Faxina com estampa de danças paraenses, demonstrando estudo feliz e organizado da coreografia que nossos amigos do Pará trouxeram para



Olímpia. Dentre as várias danças, o grande destaque foi o Lundu, aplaudido e bisado. Um grupo que promete. Por isso, rezamos para que Rosa continue firme, supervisionando a turma, que já é ótima, mas que poderá melhorar até o estrelismo. Parabéns, itapevenses, parabéns, Drª Rosa. Volte sempre.

Recadão do Menina-Moça

Mais uma vez o grupo de danças parafolclóricas "Cidade Menina-Moça", liderado por Cidinha Manzoli, brilhou em festival do folclore. Falar do grupo é repetir-se indefinidamente, pois seus integrantes sabem o que fazem, esmeram-se a cada ano que passa e, sob a "batuta" de Cidinha Manzoli, alcançaram os limites do amadorismo coreográfico para ombrearem-se aos mais renomados dançarinos profissionais. E ultrapassá-los, por vezes.

Já na primeira noite, abertura do 27º FEFOL, com trajes suntuosos, relembrando regiões brasileiras, plêiade de jovens desfilou no palanque, portando os pavilhões nacionais em coreografia vibrante, eletrizante. Sua participação, em 1991, foi imensa, coroada de êxito, já que os céus não se abriram em bategas como em ano anterior. Dançaram, brilharam, foram sucesso tanto no palanque como em barracas do recinto. Fizeram belíssima apresentação na Praça da Matriz num conagraamento de grupos nacionais. Apresentaram a dança do Bambu, Xaxado, Maneiro-pau, Chimarrita, Quadrilha, Balainha, Facões, Chula, Balaio, Chote Carreirinho, Tatu, Tirana do Lenço, Pau de Fitas. Um variado guarda-roupa, rico, adequado às diferentes danças. Mereceram aplausos prolongados durante as apresentações. A Balainha, com seus floridos arcos, recebeu ovação prolongada. O Bambu, o Pau de Fitas, tudo de bom gosto. Tudo "em cima".

É belo o trabalho dessa "pequena notável", a Cidinha Manzoli. Parabenizá-la é o mínimo que podemos fazer. Que o Senhor a cubra de bênçãos, rogamos, e que esse grupo admirável dance e encante pelos festivos afora. Parabéns, Menina-Moça. Parabéns, Cidinha.

Jeticaí no 27º FEFOL

Jeticaí, nome que os indígenas davam ao Rio Grande, rio que separa São Paulo de Minas Gerais e, por sua proximidade de Olímpia, atração turística e local de lazer dos olímpenses e da região do chamado "Vale do Rio Grande". Eis porque foi escolhido para nomear o Grupo Parafolclórico da Fundação Olímpiense de Serviços Assistenciais e Comunitários do Município - FOSAC.

Esse grupo de danças, dirigido por Ana Paula dos Santos, congrega crianças das diversas creches do Município e tem em Dona Regina Céli Rizzatti, primeira dama de Olímpia, a sua maior incentivadora. Por isso, o vestuário das crianças é esmerado, alguns trajes ricos, mesmo, fazendo com que os dançarinos-mirins se orgulhem do que fazem, além de serem aplaudidos em suas apresentações. Durante o 27º FEFOL, Ana Paula apresentou-se com o grupo em duas ocasiões, dançando no palanque das atividades folclóricas,



Reisado

cas, à noite, e à tarde em barraca da FOSAC, com xaxado, reisado, congada e coco. Reisado e congada muito bem ensaiados, roupa encantadora, motivo de grande orgulho, não só para a jovem professora, como para a primeira dama e para todos nós que queremos preservar o que é nosso.

Nossos cumprimentos à Ana Paula, à Dona Regina Céli, à criançada das creches. Parabéns, Jeticaí.



Homenagem do SESI a Olímpia

O Grupo Parafolclórico do SESI, Fortaleza, CE, dirigido pelo Prof. Francisco da Silva Freitas transformou-se, por ocasião dos Festivais do Folclore, em autêntica equipe de danças de total preferência do público. A fidelidade que o Prof. Freitas preserva ao apresentar danças do folclore nortista e nordestino, fazem do seu grupo algo a ser visto e aplaudido sem reservas. No ano passado, 27º FEFOL, aqui permaneceu do primeiro ao último dia, com apresentações variadas no palanque, nas escolas, nas ruas, de noite, de dia, sem cansaço visível.

Na noite de 11 de agosto, participando da abertura do 27º Festival, muito afinados e perfeitamente coordenados, cantaram esta "Homenagem a Olímpia", letra e música de Zacarias Chaves, membro do Grupo:

HOMENAGEM A OLÍMPIA

Letra e Música:
Zacarias Chaves

Olímpia, Olímpia
Voltei pra matar a (bis)
Saudade de meu coração.

Deste povo hospitaleiro
Desta terra varonil
Por mais um FEFOL que é
Tradição do meu Brasil.

Recinto, recinto
De encantos e paixões
No teu palco vou dançar ô, ô, oiá
E contagiar com a magia do
Folclore da minha região.

Olímpia, Olímpia
Voltei pra matar a (bis)
Saudade do meu coração.

Ao professor Sant'anna ô, ô, oiá
Elo da cultura popular
Prefeitura de Olímpia
E Bradesco queremos homenagear.

Para todos os folcloristas
De todas as regiões
Para todos os poetas
Que retratam a cultura popular.
Olímpia, Olímpia
Voltei pra matar
A saudade do meu coração.

Adeus, Adeus Olímpia
Tenho que voltar (bis)

A terra da Luz
Do meu CEARÁ.

Grupo Parafolclórico do SESI - CE.

Pena, Freitas, que sempre haja a hora de voltar para a terra da luz, voltar para o Ceará. Deixam saudades, queremos vê-los conosco até o último festival. Ficamos reconhecidamente gratos pela homenagem, cumprimos o autor e os cantores. Que o senhor os cubra de bênçãos, cearenses do SESI, cearenses do Prof. Freitas. Parabéns.

Grupo de Tradição e Cultura "20 de Setembro"



De Capão da Canoa, RS, mais uma vez apresentou-se em Olímpia esse bem dirigido grupo de danças gaúchas. Graciosos peões como Celso Bassane, Gabriel, Paulo e Adriano Galimberti, Everton de Deus, Fabiano Brogni, Luciano dos Santos, lindas prendas, Patrícia Bassani, Josaine Delfino, Ana Leticia, Cassiane e Carine Werp, Cristiane e Tatiana Azambuja. Esse grupo parafolclórico encanta as noites dos festivais do folclore olimpiense. Sem esquecer, é claro, do poeta e apresentador Carlos Cardoso da Silva que, narrando com ritmo, nos "mostra" o Rio Grande do Sul em todo seu esplendor musical. O gaitero Manoel Jacks, o Elói Richeter no bumbo leguero, Eliane Cross e Liane Oliveira cantando, a meninada "valseando", um espetáculo inesquecível no palanque das atividades folclóricas. Estão de parabéns os dirigentes desse guapo conjunto de dançarinos jovens, o patrão Vitalino Rodrigues, os capatazes Deroci Werp e Gilberto Luiz, o sota capataz Luiz Timer e os agregados Celso Bassani e Walter Rost e Ereni Peres. Não podiam ser melhores. Além disso, que maravilhosos e acolhedores anfitriões, que delícia de churrasco oferecem aos amigos que aparecem, certos, à hora das refeições. Tornaram-se tão queridos, tão entrelaçados aos nossos eventos folclóricos, que é impossível pensar-se em festivais sem a presença deles. Voltem sempre, gaúchos amigos. Deus lhes pague a beleza que espalham, dançando, cantando, congraçando-se com o povo da terra. Parabéns, Rio Grande do Sul.

O - LÍM - PIA - O - LÍM - PIA VOL - TEI - PRA - MATAR - A - SAU - DA - DE - DO - MEU - CO - RA - ÇÃO - ÇÃO - ES - TE

PO - VO - HO - S - PI - TA - LEI - RO DES -

TER - RA - VA - RO - NIL - POR - MAIS - UM - PE -

FOL - QUE - É - TRA - ÇÃO - DO - NOS - SO - BRA - SIL

RE - CIN - TO - RE - CIN - TO

DE - CAN - TOS - E - PAI - XÕES - XÕES

NO - TEU - PAL - CO - EU - VOU - DAN - ÇAR

E - TAM - BÉM - CON - TA - GI - AR

À - MA - GI - A - DO - FOL - CLO - RE - DA

MI - NHA - RE - GI -ÃO - O - LÍM - PIA

O - LÍM - PIA VOL - TEI - PRA - MATAR - A - SAU -

DA - DE - DO - MEU - CO - RA - ÇÃO - ÇÃO - AD

PRO - FES - SOR - SAN - TA - HA - E - LO - DA - CUL - TU -

RA - PO - PU - I - LAR - PRE - FEI - TU - RA - DE - O - LÍM -

PIA - E - BRA - DES - CO - QUE - RE - MOS - HO - ME - NA - GE -

AR - D - E - A - DE - US - A - DE - US - O - LÍM - PIA

TE - NHO - QUE - VOL - TAR - A - TER -

RA - DA - LUZ - DO - MEU - CE - RÁ - RA

Espíndola canta o 27º FEFOL

A noite de 17 de agosto de 1991 ficou mais festiva quando o Grupo de Tradição e Cultura, de Capão da Canoa, RS, subiu ao palanque das atividades culturais. Além de excelente recado musical que o grupo deu a todos que lotavam as arquibancadas, o encanto dos jovens integrantes gaúchos, a riqueza dos trajes e a perfeita sincronização coreográfica levaram à dança o prefeito José Rizzatti, o professor José Sant'anna e outros "dançarinos". A alegria foi geral.



Homenageando os organizadores dos festivais, o Patrão Tarcísio Freitas Espíndola, com sua rica e possante voz, declamou o que chamou de

TRIBUTO A OLÍMPIA

Vimos, do sul da Pátria onde sopra o Minuano, e já faz quatro anos que aqui estamos presentes, a esta festa imponente que outra não tem igual, pois Olímpia é a capital das coisas da nossa gente.

Somos gaúchos riograndenses raça de heróis e vitórias, somos a própria história da nossa querida terra, somos a lança de guerra empunhada com bravor, somos o pavilhão tricolor que tantas glórias encerra.

Parabéns José Rizzatti desta cidade patrão, hoje grande anfitrião de uma festa tão bonita, que todo o ano edita esse grandioso FEFOL, que mandatário de escol tem esta terra bendita.

Mas o prefeito sozinho, não faria nem metade se não fosse a capacidade

dos que trabalham com gana, ficando sempre em campanha pra festa ter esplendor, e, entre todos um professor o querido José Sant'anna.

Tanta gente pra lembrar e que nos doaram carinho, professor Nelson, Toninho, Midori e outros amigos, e lhes digo sem perigo de injustiça fazer, só nos resta agradecer por nos terem dado abrigo.

A todos que apresentaram o folclore brasileiro,

dançarinos, sanfoneiros os daqui e os de acolá, mas de uns eu vou lembrar e o que é bom não se esquece, o nosso respeito merecem os irmãos do Ceará.

Nós levaremos saudades e saudades deixaremos, mas pro ano voltaremos sem que ninguém nos implore, tomara que as coisas melhorem e melhorem nossas vidas, SALVE! Olímpia querida a capital do folclore.

Tarcísio Freitas Espíndola
GRUPO DE TRADIÇÃO E
CULTURA 20 DE SETEMBRO
Capão da Canoa - RS
XVII FEFOL - OLÍMPIA - SP
17 de agosto de 1991

Em nome de todos os agraciados com tão belos versos, deixamos registrados nossos agradecimentos ao vate iluminado, ao grupo gaúcho e a todos os seus integrantes. Voltem sempre, Olímpia abre os braços a vocês. Obrigada, Tarcísio amigo.

Serestas em Desfile

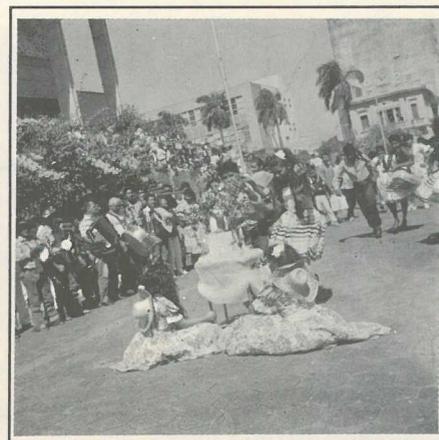
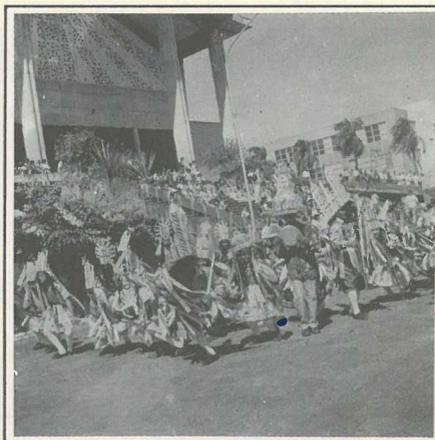
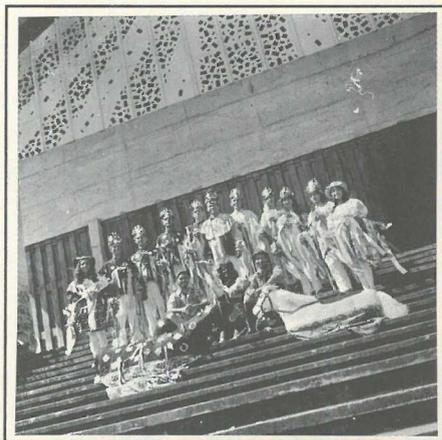
O 23º Festival da Seresta ficou, por ocasião do 27º FEFOL, sob a responsabilidade do jovem Oklinger Mantovanelli Jr. que, acumulando outros afazeres, não pôde coordenar esse maravilhoso evento. Não fosse a determinação dos velhos enamorados das serestas, Olímpia teria perdido esse acontecimento. O Sr. Santo de Oliveira reuniu sua turma, por diversas noites, antes e depois das apresentações dos grupos folclóricos no palanque. Foi aquele delicioso desfile de músicas do passado: polcas, valsas, sambas, marchas.

Lá na Praça Santa Rita, ao ar livre, junto a copos de cerveja, com saudades, na noite de 10/8/91, revivemos o passado interiorano, ouvindo "André de sapato novo",

"Brasileirinho", "Sobre as ondas", "Jangadeiro", "Nanci", "Rapaziada do Brás", "Velho Realejo", "Branca", enorme coletânea de melodias que são páginas da história musical internacional. No largo de São Benedito, antigo bairro do "Pito Aceso", novamente se reuniram pela madrugada adentro, tocando e encantando.

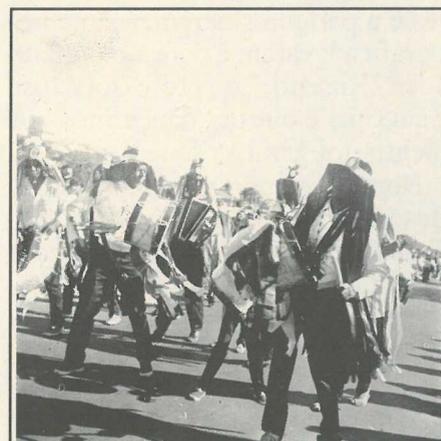
Gostaríamos que mais gente pudesse acompanhar-nos nessa peregrinação melódica. Os "Reumáticos do Luar", eu sei, ficariam felizes. E os apreciadores da boa e velha seresta também. Nossos agradecimentos a todos os componentes do conjunto de serestas olimpienses, nossos votos de perenidade musical. Obrigada, Santo de Oliveira, seresteiro olimpiense.

3ª Peregrinação Folclórica



Mais um evento do 27º FEFOL que alcançou resultado dos mais auspiciosos. A idéia de se iniciar a peregrinação no Museu de História e Folclore foi muito bem recebida e aceita por todos os grupos folclóricos. No Museu, bonita apresentação de cada grupo e, no último dia (16 de agosto), todos em breve mostra, atraiu grande público e aplausos e elogios foram muitos. Do Museu, os grupos percorreram a cidade, apresentando-se em todos os locais que, financeiramente, ajudaram o 27º FEFOL. Estiveram na Prefeitura Municipal, no Bradesco, no Banespa, na Nossa Caixa, na Cutrale, na Cruz Alta, e, extrapograma, dançaram em diversos estabelecimentos de ensino locais. Desfilaram Congo Mirim, ES;

SESI, Fortaleza, CE; Aruanda de Belo Horizonte, MG; Tropeiros de Borborema da Paraíba e 20 de setembro do Rio Grande do Sul. A criançada do Congo Mirim deixou encantados todos que puderam vê-los e ouvi-los, uma graciosa nota branca nas ensolaradas manhãs olímpicas. Trajes coloridos de Aruanda, danças e ritmos dos cearenses, coreografia rica dos Tropeiros, graça e beleza dos pampas gaúchos, tudo bonito e grado ao olhar. Aqueles que, atrás de guichês e mesas ficam presos ao trabalho, deliciaram-se, mais uma vez, com as apresentações dos grupos peregrinos. O encontro de todos os caminhantes na Praça da Matriz, congraçando-se com os nossos dançarinos da Cidinha Manzolli e das



creches locais, foi o ponto alto da 3ª Peregrinação Folclórica.

Nossos esforços não foram em vão. Gratíssimos somos a todos que participaram desse ritmado e colorido passeio.

20º Campeonato de Truco

Programado para o dia 10 de agosto de 1991, na barraca da FOSAC, acabou acontecendo no dia 11, na APAE, barraca de maiores dimensões. O Campeonato do Truco vem crescendo a cada ano que passa, vem atraindo mais e mais aficionados, ao ponto de ficar difícil dividir as equipes. Porém, o zelo do Sr. Valdemar Aparecido Domingos a tudo dá um jeito e o Campeonato aumenta o brilhantismo dos Festivais do Folclore. O truco, produto de origens européias, é um jogo alegre, barulhento, ativo, e denota bem o gosto do brasileiro, inclusive, gosto pelo jogo picante, malicioso e inteligente.

Por isso, talvez, tão grande a concorrência, tão díspares os disputantes, tão ferrenhos os jogadores.

Olímpia não levou o 1º prêmio, que coube a Paulo César Rosseto e Fernando Montanheiro, de Nova Aliança, SP. Mas conseguiu, com Armando Crepaldi Filho e Ademar Firmino Garcia um honroso e ruidoso 2º lugar. Nova Aliança levou o 3º prêmio e Sérgio e Luiz Carlos Sartori, de Olímpia ficaram com o 4º lugar. Muito bom mesmo.

E seis duplas olímpicas, em setembro do mesmo ano, partiram para Água Branca, São Paulo, capital, para

a disputa do 15º Campeonato Paulista de Truco, em semifinal concorrida. Duplas concorrentes: Antônio Bianchi e João Ferreira; Orivaldo D. Gobacho e Gilmar P. Lourenço; Luciano Magão e Ângelo Aparecido Spadari; Paulo Ferreira e Ademar Antonio Stellari; Armando Crepaldi Filho e Ademar Firmino Garcia; Sérgio e Luiz Carlos Sartori.

A garra desses truqueiros precisa ser divulgada. Eles são a alegria dos nossos festivais. Eles perpetuam velha tradição brasileira. Felicidades, truqueiros. Parabéns a todos vocês. Gritem, gritem muito - TRUCO!

Inovações do Sérgio Abe



Bolinha de Vidro



Briga do Sabugo

Para que nenhuma criança reclamasse desconhecimento de causa, o Serginho não poupou esforços. Em carro comum adaptou alto-falante e microfones e, ao som de músicas folclóricas, percorreu a cidade, conclamando a todos para participação na 26ª Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis. Alto e claramente, conclamava: "O Curupira convida todos para participar do **Passeio com rodas** que será realizado (amanhã), dia 11 de agosto de 1991, com saída marcada para as 9:30 horas, num percurso da Praça da Matriz até a Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami". Poderá participar qualquer pessoa, independentemente de idade, com bicicleta, skate (esqueite), patins ou qualquer veículo com rodas, não motorizado.

Serão distribuídos brindes ao participante:

a) mais velho; b) mais novo; c) mais original; d) turma mais numerosa; e) turma mais animada.

Participem!

Esta prova integra a 26ª Gincana de Brinquedos Tradicionais infantis, que amanhã, dia 12, prosseguirá com as seguintes brincadeiras: estilingue, cabo-de-guerra, pega-porco, pau-de-sebo. Não percam. Inscrevam-se logo, ordens do Curupira.

A corrida sobre rodas foi sucesso absoluto, mexeu com toda a cidade, botou a rodar marmanjos e crianças em feliz competição.

A 26ª Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis foi plenamente satisfatória. Um verdadeiro mar de pipas coloriu os céus olímpicos no dia 11 de agosto, abertura oficial do 27º FEFOL. Lindos papagaios, leves pipas, incrementadas pandorgas, e lá

estavam, crianças, adolescentes e adultos a lutar com linhas, papéis e varetas. Um lindo espetáculo. Muito riso e gritaria nos brinquedos comuns: pega-porco, pau-de-sebo, corrida no saco, ovo na colher, pôr-o-rabonoburro, etc... Concentração plena nas brigas do bito, gritos de estímulo no cabo-de-guerra, uma adorável maratona que, por uma semana, fez feliz a meninada olímpica. O Sérgio Abe é, sem dúvida, excelente organizador, e fôlego não lhe falta, e boa vontade, e criatividade. Grande, Prof.



Rodar Arco

Serginho, não perca o embalo, firme enquanto houver uma criança que tenha nas veias o sangue de competidor.

Com o Sant'anna, com os festivais até a consumação dos séculos. Que assim seja!

18.º Campeonato de Malha

Como realização ligada ao Festival do Folclore de Olímpia, o Campeonato de Malha já chega ao seu décimo oitavo ano. Graças à dedicação de homens como o Sr. Osvaldo dos Santos, responsável por muitos desses dezoito campeonatos, a malha, como jogo tradicional, é mantida entre nós. Relembra os raros momentos de lazer do imigrante europeu, nas adjacências de sua moradia, em disputas acirradas com parentes e amigos. Relembra, ainda, as concorridas partidas em fundos de bares e botequins, onde, ao tinir de peças metálicas, negócios eram fechados, reputações maculadas, amizades recém-nascidas, notícias espalhadas. Poucos jovens dedicam-se à malha.

Peso demais? Fragilidade?

Queremos muita gente no próximo Campeonato de Malha, Sr. Osvaldo dos Santos. E muita propaganda também. Não deixemos morrer esse jogo tão velho, tão amado, tão relaxante, segundo velhos amigos jogadores.

Classificaram-se no 18º Campeonato:

1ª dupla: Ademar Alves de Souza e Sebastião de Souza; 2ª dupla: Osmar Morassuti Pinto e Frederico Sanches; 3ª dupla: Vítor Fermino e Vanderlei Cezário.

Parabéns a todos vocês que jogam malha. Nada de esmorecimentos. Fé em Deus e... mão na malha!

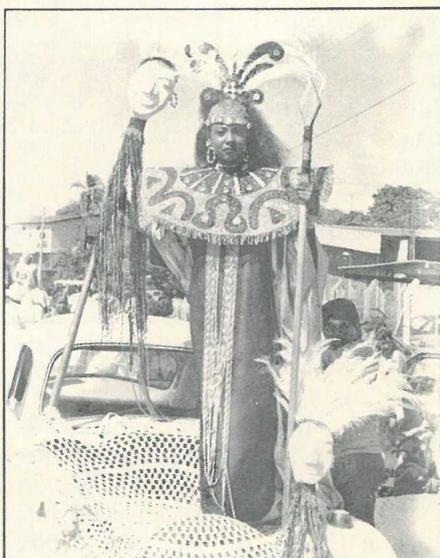
Desfile de Alegorias

Como sucede há longos anos, é costume a apresentação de um desfile de alegorias que tem por objetivo homenagear os grupos folclóricos que em Olímpia se apresentam durante os festivais. Já se tornou uma tradição, o público o espera com entusiasmo, meninas e adolescentes locais, ricamente trajadas, aguardam esse meio de mostrarem a sua beleza e graça, ao mesmo tempo em que enaltecem o folclore brasileiro. Porém, em 1991, 27º FEFOL, a professora Edemir Moreira decidiu homenagear diferentes povos que, de uma forma ou outra, partilharam da história olimpense. Assim, o folclore mundial desfilou, no dia 18 de agosto de 1991, recebendo o título de "Intercâmbio Folclórico". E foi muito, muito bonito, lindos trajés, finos tecidos, belas jovens, carros alegóricos bem decorados, algo inesquecível.

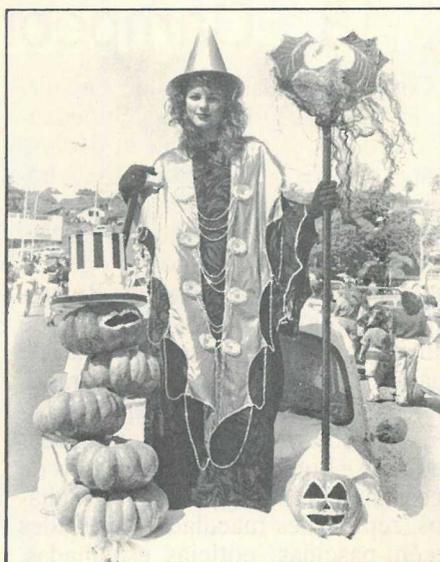
E, nesse intercâmbio, vimos fabuloso toureiro espanhol, rica Carmem Miranda brasileira, vimos China, Bélgica, Portugal, Itália, Japão, Inglaterra, França, Síria, Índia, Canadá, Austrália, Estados Unidos, México, Chile, África, Alemanha, Brasil com Bumba-meu-boi e Folia de Reis caracterizados, Israel, Egito, muitas outras plagas mundiais. Organização impecável, esfuziante brilho e cor nos trajés, tão rico como raramente foi visto nestes rincões. Por isso, aqui ficam, à Profª Edemir nossas congratulações pelo evento, nossos agradecimentos pela luta que garridamente enfrentou e venceu, nossos parabéns pela colaboração magistral. Não esmoreça, mestra, é preciso homenagear os grupos folclóricos, os visitantes, os olimpienses. Firme, que Deus lhe dê saúde e forças para perenizar os desfiles de alegorias. Parabéns.



Veridiana Trindade Rizzatti (Brasil)



Érica Cristina dos Anjos (Congo)



Luciana Martinelli Secundino (E.U.A.)

Câmara presta homenagem a Sant'anna

Noite de 19 de agosto de 1991. Ainda cansado do Festival do Folclore que terminara na véspera, dia 18, o Prof. José Sant'anna compareceu à sessão ordinária da Câmara Municipal de Olímpia, da qual faz parte, como vereador. Apesar do cansaço, do acúmulo de problemas a serem resolvidos, a sessão transformou-se em verdadeira apoteose. Da tribuna, os colegas do mestre esmeraram-se em tecer ao criador e coordenador do festival elogios pelo brilhantismo do 27.º FEFOL. Os mínimos detalhes foram apontados como pontos positivos, as loas foram inúmeras, merecidas, mas sempre bem-vindas. Cumprimentaram José Sant'anna, com mais elogios e agradecimentos, os vereadores, seus colegas: Dr. Aldo Casarini Júnior, Antônio Aparecido Carroselli, Dr. João Batista Dias Magalhães, Dr. Joel de Alencar, Dr. José Carlos Ferraz, Dr. Luíz Antônio Moreira Salata, Dr. Nilton Roberto Martinez, Orlando Moço, Otacílio de Oliveira Neto e Prof. Wanderley Dario Forti. É a cidade de Olímpia, que mais do que o mestre agradece, lhes deseja longa existência, envolto na perenidade da nossa gratidão. Estímulo é sempre útil. Nós lhes somos gratos.

Agradecimentos

Já faz parte dos nossos escritos, agradecer quem, com sacrifícios talvez, nos socorre nos momentos cruciais. A hora do acerto de contas dos festivais do folclore é uma delas. E alguns se fazem presentes com grandes quantias, outros com pequenas, mas são tábuas de salvação, ajudam a Comissão do Festival, ajudam a Prefeitura Municipal que, sozinha, não pode arcar com o vulto das despesas astronômicas. Em nossas preces, sempre um voto de apreciação a esses caros amigos que nos socorrem financeiramente. Que Deus lhes dê em dobro o que aos festivais oferecem. Gratíssimos somos, pois, ao BRADESCO, que cobre a divulgação dos eventos e a parte cultural, na íntegra, ao BANESPA, à Secretaria de Esportes e Turismo, à Nossa Caixa, ao Sucocítricos Cutrale, à Usina Cruz Alta, ao Laticínio Flor da Nata, a W.M. Construções e Comércio de São José do Rio Preto, à Conterra - Construções, Terraplenagem e Pavimentação de São José do Rio Preto.

A todos esses abnegados companheiros, nossa perene gratidão. Que o Senhor nos conserve sempre juntos, rogamos. Obrigada.

Caravanas no 27º FEFOL

Durante o festival do folclore, desde os primeiros dias, Olímpia vê desfilar pela cidade, ônibus lotados por barulhentos e felizes estudantes, vindos de vários recantos do Estado. Visitam a Praça das Atividades Folclóricas, participam das gincanas infantis que lá se realizam, assistem às danças nas bar-



racas, brincam no parque, lançam, alguns vão ao Museu e uns poucos ficam até a noite.

Porém, é nos dois últimos dias, que o movimento se intensifica, não sobrando um cantinho no estacionamento para ônibus. Vêm de perto, vêm de longe, alegam as tardes no recinto, participam de vários eventos e, estudantes de primeiro e segundo graus,

aprendem sempre um pouco sobre folclore brasileiro.

Em 1991, nos dias 17 e 18 foram registradas as placas destas localidades paulistas (quase sempre dois ônibus): Adolfo, Américo Brasiliense, Araçatuba, Araçatuba, Araras, Barra Bonita, Barretos, Bastos, Bebedouro, Braúna, Campinas, Catanduva, Cedral, Colina, Cosmorama, Guaira,

Icém, Ipoã, Itápolis, Ituverava, Jaborandi, José Bonifácio, Magda, Marcondésia, Matão, Monte Aprazível, Nhandeara, Nova Granada, Palestina, Palmas Paulista, Penápolis, Pindorama, Polôni, Presidente Prudente, Promissão, Ribeirão Preto, Sales, São Carlos, Sebastianópolis, Sertãozinho, Tabapuã, Tanabi, Terra Roxa, Uchoa, Viradouro. De outros Estados:

Ituiutaba e Uberlândia (MG), Rio de Janeiro (RJ) e Maringá (PR).

É uma alegria tê-los conosco, estudantes do Brasil inteiro. É um prazer vê-los felizes e interessados em nossos festivais. Voltem sempre. Olímpia conta com vocês.

E agradece a organizadores e acompanhantes. Gratíssimos...

Dr. Nílton recepciona Capela de Alagoas

Durante o Festival do Folclore tudo pode acontecer em Olímpia. Dr. Nílton Roberto Martinez, médico da Santa Casa local, com clínica particular operando diariamente, além de vereador da Câmara Municipal, ainda encontra tempo para receber aqueles que vêm de longe nos prestigiar.

Assim é que, demonstrando ser verdadeiro amigo do nosso folclore, recebeu em sua residência o excelentíssimo prefeito de Capela, AL, Dr. José Vânio de Barros Morais e sua esposa, a médica Dr^a Josefa Petrucia



Melo Morais, esforçados líderes do grupo dos Guerreiros, Caboclinhos e Pastoril daquela cidade, bem como outros parentes do casal amigo. No ano anterior, o anfitrião foi o Sr. Marcelo Gil Munhoz, vice-pre-

feito do município. Segundo a Dr^a Petrucia, entusiasta admiradora do Festival do Folclore olimpiense, é com imensa alegria que aguarda a vinda para cá, em agosto, por saber que estará entre amigos, no lar da família do querido médico olimpiense. Se a turma de Capela fica feliz, mais felizes ficamos nós por saber-

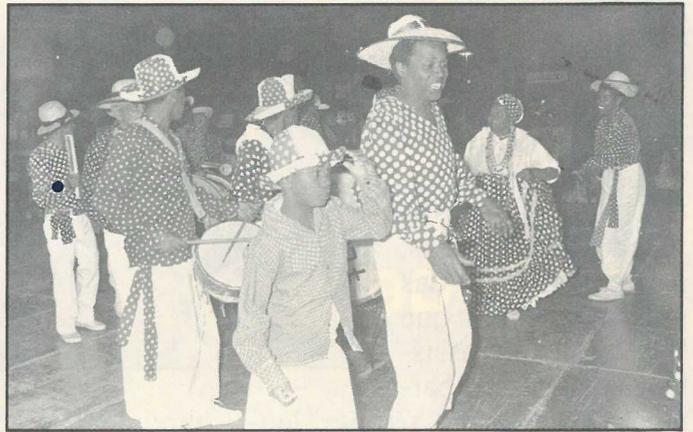
mos que há sempre um amigo a nos socorrer nas horas de agruras.

Mil vezes gratos a você, Dr. Nílton e familiares. Parabéns à família da Dr^a Petrucia pela recepção no lar amigo.

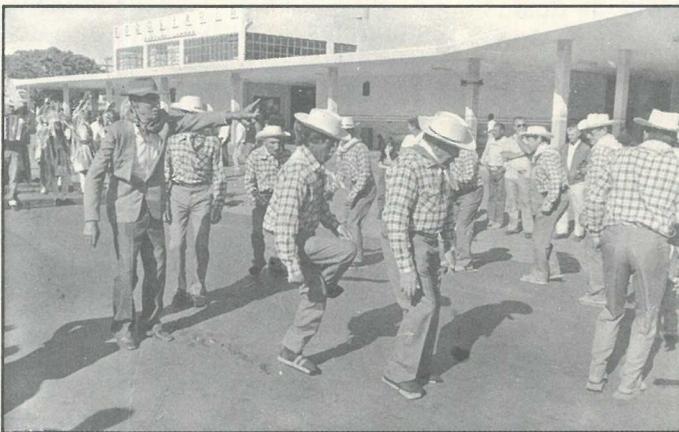
Foram vistos no 27º FEFOL os folguedos e danças



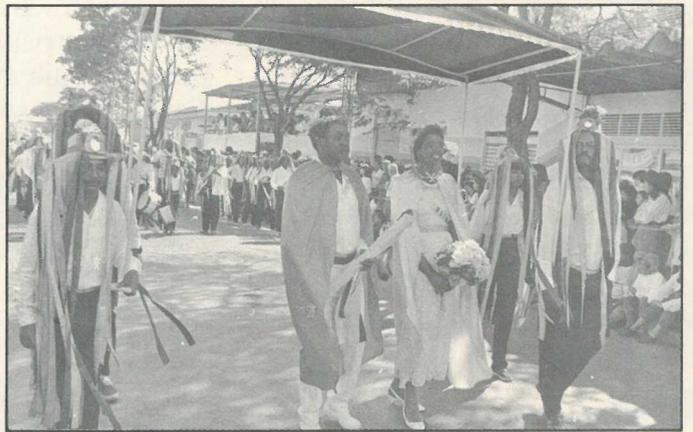
Caiapó - São José do Rio Pardo - SP



Samba-Lenço - Mauá - SP



Fandango de Tamanco - Capão Bonito - SP



Congada - Olímpia - SP

Grupos Folclóricos e Parafolclóricos apresentam-se, todos os anos, tanto no palanque das Atividades Folclóricas “Prefeito Wilson Zangirolami” como nas barracas que circundam a praça dos eventos ou em desfiles pelas ruas da cidade. Pincelam Olímpia das mais vibrantes cores, rompem a rotina do silêncio com os acordes de dúzias de instrumentos de percussão, dançam, cantam, giram, rodopiam, alegram, contagiam. Alguns fazem-se presentes desde o 1º festival, outros surgem e não retornam, raros embora. Chegam antes das solenidades da abertura, alguns, durante a semana, outros apenas nos dois últimos dias, sábado e domingo, sendo impossível assistir a tudo que apresentam. É in-

crível o que acontece em Olímpia nesses dias e, não fosse a capacidade de organização que caracteriza o Prof. Sant’anna, ajudado por mingua-dos membros da Comissão, o caos se instalaria. Tudo flui fácil, lindo, divertido, instrutivo.

Passaram por Olímpia, em 1991, 27º FEFOL, os seguintes grupos: **Batuque**, de Piracicaba, SP; **Caiapó** de São José do Rio Pardo, SP; **Catira**, de



Guerreiro - Capela - AL

Ituiutaba, MG; **Catupé**, de Cumari, GO; **Congadas**, de São Tomás de Aquino, MG; de Santo Antônio da Alegria, SP; de Passos, MG; de

REGISTRO



Maneiro Pau - Fortaleza - CE



Xaxado - Campina Grande - PB



Dança de São Sebastião - B. Horizonte - MG



Congada - Franca - SP

Uberlândia, MG; de Pratápolis, MG; de São Bernardo do Campo, SP; de Olímpia; Congo Mirim, de Linhares, ES; Congo (dois) e Quadrilha, de Franca, SP; Cordão de Bichos, de Tatuí, SP; Fandango de Tamancos, de Capão Bonito, SP; Folias de Reis de Olímpia (15 grupos); de São José do Rio Preto, SP; Votuporanga, SP; de Cajobi, SP; de Cosmorama, SP; de Fernandópolis, SP; Folia de Reis e São Gonçalo, de Bebedouro, SP; Grupos Folclóricos, de Capela, AL; de São Gonçalo, Barretos, SP; de São Gonçalo, de Laranjeiras, SE; Grupos Parafolclóricos: Cidade Menina-Moça, de Olímpia; Jeticai, de Olímpia; SESI, Fortaleza, CE; "Luar de Faxina", de Itapeva, SP; Fogaça, de Maringá - PR; Tradição e Cultura "Vinte de Setembro", de Capão da Canoa, RS; Grupo "Aruanda", de Belo Horizonte, MG; Moçambique, de Olímpia, SP; de São Sebastião do Paraíso, MG; de Taubaté, SP; Tropeiros da Borema, de Campina Grande, PB e

Folia de São Benedito, Olímpia. Um total de 140 danças e folguedos, no transcorrer do festival.

Esperamos ter citado todos, muitos só aparecem à hora do desfile final e são tantos que tememos perdê-los na imensidão daqueles que sabem apreciá-los, aplaudi-los e rogamos aos céus que se perpetuem e estejam sempre presentes, estejam sempre em Olímpia.

Nossos agradecimentos a todos que

organizam e coordenam esses grupos, a todos que, vencendo distâncias e obstáculos chegam até aqui e dão o seu recado, a todos que, agüentando as intempéries, aqui voltam todos os anos, firmes, felizes, coloridos, amigos, irmãos.

Parabéns, grupos folclóricos, grupos parafolclóricos. Voltem sempre. Os Festivais dependem de vocês. Deus lhes dê longa e útil vivência. Parabéns.

**Para fazer
jornais, livros e revistas
consulte a
FOLHA DA REGIÃO
(0172) 81 1261**

Rua David de Oliveira, 1255 - Olímpia - SP

Banda de Congo Mirim "Caboclo Bernardo"

Pela quarta vez consecutiva, proveniente de Linhares, ES, tivemos o prazer de, por alguns felizes dias, conviver com esse especialíssimo grupo de congo, constituído por espertas e esforçadas crianças. Todos vestidos de branco, como antigos marinheiros, cantam alto e mais alto fazem vibrar seus instrumentos de percussão.

Por que Caboclo Bernardo, quise-mos saber? E os dirigentes do Congo Mirim, com a característica presteza que os faz tão especiais, contaram-nos quem foi esse herói que cultuam, Caboclo Bernardo, isto é, Bernardo José dos Santos. Nascido em 1859, em Regência, era descendente de índios e trabalhou, por muitos anos, como "traqueiro" nas águas da região. Salvou, em 1887, cerca de 128 marinheiros, lançados ao mar revolto em terrí-

vel procela. A Princesa Isabel condecorou, posteriormente, esse herói capixaba e, o povo de Regência, povoado de Linhares, sempre grato, criou o Congo Mirim "Caboclo Bernardo", orgulho de Espírito Santo, orgulho de todos que amam as tradições brasileiras.

E nós, apesar de tanto admirá-los, nos enganamos, no Anuário do 27º FEFOL, trocando as fotos, dando o Terno de Congada Marinheiros de Itaú - MG o espaço



que a essas encantadoras crianças seria dedicado. Perdão, Caboclo Bernardo, agora vocês aparecerão em foto correta.

Capas perpetuam grupos folclóricos

É o que o Prof. José Sant'anna gosta de fazer: perpetuar os grupos folclóricos que vêm a Olímpia durante os festivais. E eles merecem.

Todos os elogios ficam pequenos ante a riqueza do Grupo Guerreiro de Capela, AL, grupo que foi motivo do cartaz, capa do programa e capa do Anuário do 27º FEFOL. O folgado alagoano de Capela atravessou grande parte do país para atender ao convite que o Prof. Sant'anna enviou. Graças à tenacidade do Dr. José Vânio Barros de Moraes, ilustre prefeito de Capela e de sua esposa, Drª Petrucia, esse folgado pode ser visto e apreciado, em diversas ocasiões, por regiões brasileiras.

A esse casal de extraordinária visão,



prestam a mais calorosa homenagem o Prof. José Sant'anna, que "descobriu" o grupo, o prefeito José F. Rizzatti, a Comissão Executiva do 27º FEFOL e todos os olimpenses. Queremos o Guerreiro sempre aqui, com o brilho de seus trajes de requintada confecção, com seu ritmo penetrante e sua dança inimitável.

Na última capa do Programa, assim como na da Revista do 27º FEFOL, aparece, em feliz fotografia, o "São Gonçalo", de Laranjeiras, SE.

O grupo é belíssimo e suas apresentações, em Olímpia, têm alcançado autêntico sucesso. O Sant'anna, admirador de Laranjeiras, não se cansa de enaltecer o grupo deixando, aos moradores do Povoado de Mussuca, local

de origem de todos os membros do "São Gonçalo", seus mais sinceros agradecimentos.

Aos dois, Guerreiros de Alagoas e São Gonçalo de Laranjeiras, nossos votos de que continuem, perenemente a encantar os amigos do folclore brasileiro. Nós lhe somos gratos, muito gratos, amigos.

O folclore brasileiro
Muita riqueza encerra:
Amemos a nossa gente,
Amemos a nossa terra.

Dança de São Gonçalo
Povoado de Mussuca
Laranjeiras - SE

LARANJEIRAS

Não nos referimos ao doce fruto que foi, e é ainda, o responsável pelo incremento do nosso comércio e indústria: a laranja LARANJEIRAS e município de Sergipe, em 1833, em 1832 comemorou sua emancipação política, apesar de ter sido, por anos, um território sob o domínio econômico de Brás de Aguiar. Por sua vez e em homenagem ao dia da indústria brasileira de Brás de Aguiar, nossa comunidade, por iniciativa, Laranjeiras tornou-se centro cultural do país, sendo considerada, por entidades, como o "Berço da Cultura Negra". Ali, bem perto, a apenas 3 Km de distância, fica o povoado Mussuca, local que abriga alguns folclóricos de distintos regimes de país, fazendo um verdadeiro quilombo. A principal característica de Mussuca é a sua população, constituída essencialmente de mulatos, de boa descendência direta de escravos africanos de certa estirpe, de mulatos, de boa estirpe. Conservam, quase intacta, a cultura transmitida por seus ancestrais, mantendo, quando isso ocorre, práticas musicais de culturas africanas, como a portuguesa, por exemplo. Da análise dessas duas culturas diferenciadas, surgiu em São Gonçalo diferente folclore, de uma riqueza inestimável. É um São Gonçalo em destaque, representado aqui, realizado pelo nosso protagonista, São Gonçalo. Assim, o 27º Festival do Folclore teve a felicidade de contar com o grupo de Laranjeiras, entusiasmado e apaixonado das atividades folclóricas, musicais e coreográficas, que cultura não tem fronteira. Basta perceber o que se tem, e a história que ali ocorreu ao longo do tempo.

É honroso o novo agradecimento ao Grupo Folclórico São Gonçalo, de Laranjeiras, Sergipe, Brás de Aguiar, Olímpia no evento seguinte.

Foto cedida especialmente para o FEFOL/91, em agosto de 1990.
Carteira do Prof. João Francisco dos Santos, diretor do DECTUR, da Prefeitura Municipal de Laranjeiras.

BRADESCO

Veríssimo nos Envelopes

Nosso caro amigo, o grande folclorista **Veríssimo de Melo**, Secretário da Comissão Norte-Rio-Grandense de Folclore, Professor Emérito da U.F.R.N., atual presidente do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte, num momento de feliz inspiração, redigiu o autêntico poema que percorreu o país, no verso dos envelopes que levaram os convites do 28º Festival do Folclore de Olímpia. Um mestre das letras, esse querido trabalhador brasileiro, brincando com as palavras, faz de Olímpia o epicentro das atividades folclóricas no Brasil. E o peso de sua reputação é de grande ajuda para o criador do Festival do Folclore de Olímpia, Prof. José Sant'anna, coordenador dinâmico e capaz. Grande **Veríssimo**, nós lhe somos gratos pelas ricas frases e, para que todos conheçam o teor do verso dos envelopes, eis aqui, na íntegra, seu poema, sua canção de amor à nossa terra: Olímpia.

OLÍMPIA - UMA FESTA PARA OS OLHOS

VERÍSSIMO DE MELO (*)

A agradável e simpática cidade paulista de Olímpia - destaca-se no mapa cultural brasileiro através de iniciativa pioneira: a realização anual do seu Festival do Folclore.

Há 28 anos, ininterruptamente, no mês do Folclore - agosto - acorrem a Olímpia folcloristas de todo o Brasil, grupos folclóricos os mais variados e autênticos, além de convidados e turistas. Toda uma moçada voltada para o melhor das nossas tradições ali se concentra para as suas danças, folguedos e jogos de raízes genuinamente populares.

Já participamos de um desses Festivais e trouxemos de lá a mais entusiástica das impressões.

Qual a mágica para tanto êxito numa promoção cultural? Diríamos que tudo é fruto de uma atitude unânime: organização e amor ao Folclore. À frente de todo o gigantesco trabalho está um líder carismático: o folclorista José Sant'anna e sua equipe dinâmica. Em verdade, pelo que vimos, toda a cidade se mobiliza para o evento anual, a começar pelos seus Prefeitos e a sociedade de Olímpia como um todo. Inclusive o apoio de organização bancária patrocinadora, BRADESCO, responsável pela publicação da bela revista do Festival, contendo estudos, ensaios, artigos e noticiário do folclore paulista e brasileiro em geral.

Foi uma festa para os olhos, assistirmos à concentração dos grupos folclóricos no parque local, feérico e amplo, com multidão de pessoas aplaudindo as manifestações artísticas. Paralelamente, realizam-se

ali sessões de estudos, seminários, conferências a cargo de renomados especialistas nacionais.

Não é exagero proclamar-se Olímpia "a Capital do Folclore" no Brasil. Em nenhuma outra cidade brasileira há acontecimento de tanta pontualidade e maior significação artística e cultural.

1ª Festa de São João Batista

Olímpia, nascida sob a proteção de São João Batista vem, há longos anos, prestando homenagem a esse conhecido santo da igreja católica. São as típicas festas juninas, comemoradas em todo o país com as características regionais. No entanto, 1991 marcará, para sempre, o advento de um novo tipo de homenagens ao querido São João. Sob inspiração de José Sant'anna, com total apoio do senhor José Rizzatti, Prefeito de Olímpia, e grande cobertura do vereador Orlando Moço (Jacaré), realizou-se, a 29 de junho, a 1ª Festa de São João Batista, Padroeiro da cidade.

Da Prefeitura, às 19 horas, saiu o cortejo: um trole ricamente ataviado, levava a imagem de São João. Outro trole, também ornamentado, levava o Jacaré com um carneirinho, muitos frutos da região, madeira e mais riquezas vegetais. Imensa caravana, liderada por cavaleiros ajazezados se formou, número incontável de carros acompanhando a "procissão" pelas ruas centrais. E muitos fogos espoucando. Defronte da Câmara Municipal, uma parada para o banho do santo. Mais fogos. Crianças da E.E.P.G. "Silva Melo" incorporaram-se ao cortejo em demanda ao Recinto do Folclore. Também a procissão das carroças de lenha e uma pequena cavalcada.

Ali, na Praça das Atividades Folclóricas, desenrolou-se o programa previsto, com a presença de numerosa assistência: terço, levantamento do mastro, fogueira, fogos. Na barraca da APAE, festa interna com leilão, danças folclóricas, duplas sertanejas, muita comida típica, sem falar nos amendoins torrados e doces variados, servidos em encantadores cartuchos de papel crepom, obra de Maria Jesus de Miranda. Elementos do Grupo de Danças Parafolclóricas "Menina-Moça", sob o co-

Olímpia - durante o seu Festival do Folclore - está sempre "dos amores, um cravo!"

* - *Veríssimo de Melo é Secretário da Comissão Norte-Rio-Grandense de Folclore e atual presidente do Conselho Estadual de Cultura/RN.*



Desfile - Casamento Caipira



Rememorando o batismo de João

mando de Cidinha Manzolli, apresentaram danças típicas. Alunos da EEPG "Silva Melo", sob direção da Profª Ivete Fernandes apresentaram graciosa quadrilha de salão. Os irmãos Fabiano e Fernanda (Martelo Dourado) apresentaram um drama caipira. Alex e Alessandro cantaram e foram muito aplaudidos.

Assim, cercado de flores, sob muito foguetório, ao calor da fogueira, envolto em música e danças, com muita comida e bebida típica, correio-elegante, cadeia do amor e arrasta-pé, São João foi, pela vez primeira, festejado na Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangiro-lami".

Parabéns Prof. Sant'anna, que se transforme em evento perpétuo nos anais dos festejos olímpenses. Gostamos muito dessa primeira, que outras nos alegrem por anos e sejam do agrado do padroeiro de Olímpia. Viva São João!

José Carlos Rossato em Portugal

Em setembro de 1991, Lisboa, capital portuguesa, sediou o V Festival e o I Congresso Internacionais do Folclore. Convidados da região, José Carlos Rossato e José Sant'anna, este impossibilitado de comparecer, o primeiro representou, muito bem, o folclore da nossa região. Além do José Carlos Rossato, representando o Brasil, fizeram-se presentes Esther Sant'Anna de Almeida Karwinski (Guarujá-SP), Francisco de Vasconcelos (Petrópolis-RJ) e Maria do Rosário de Sousa Tavares de Lima (São Paulo-SP). Entre grandes do Brasil e de várias partes do mundo - Bulgária, Canadá, Tchecoslováquia, Escócia, Espanha, França, Itália, e outros, José Carlos apresentou o Comunicado "Folclore - tentativa de conceituação". Eis o seu trabalho:

FOLCLORE: TENTATIVA DE CONCEITUAÇÃO

São incontáveis os conceitos existentes, envolvendo o folclore. A maioria está desatualizada ou, pelo menos, incompleta. Em vista disso, no Ano Internacional da Paz, o Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", da Capital Nacional do Folclore, no norte paulista, promoveu o I Simpósio Nacional Sobre Folclore. O evento sediado em Olímpia objetivou a conceituação do fenômeno folclórico, no afã de atualizá-lo. Nada semelhante ocorrera, em território nacional, desde 1951, quando aconteceu, no Rio de Janeiro, o I Congresso Brasileiro de Folclore, daí nascendo a Carta do Folclore, que norteou as pesquisas nessa área de conhecimentos, durante décadas. No Simpósio de 1986 foi lançado o livro *Acorda, Povo!* Nele está concentrado um manancial de observações, informações e definições ocorridas de 1888 a 1985, nessa área.

Folclore é ciência sócio-antropológica. Estuda o Homo sapiens do cotidiano, nos tempos hodiernos, não o pretérito. O extinto é diligenciado e analisado por outra ciência humana: a História. Folclore não é saudosismo, nem quinquilharia, muito menos caipirismo e nem tampouco um aglomerado de curiosidades ou de exotismos. Outrossim, não é tradicionalismo, nem arcaísmo. Folclore é cultura viva, dinâmica, ativa, energética e atuante.

Não é difícil presenciar certos equívocos acerca do conteúdo do termo folclore. É comum ouvir, por exemplo, "fulano é um vereador folclórico", ou "a professora sicrana é folclórica", quando o certo é "popular".

O povo, os meios de comunicação de massa e até as pessoas de nível univer-

sitário, algumas intituladas "doutores", altamente desinformadas, desconhecem os significados dos adjetivos "folclórico" e "popular", tratando-os como se fossem sinônimos, sem, no entanto, diferenciá-los.

O pesquisador, o estudioso do folclore como ciência é conhecido por folclorista. Há quem o confunda com tradicionalista. Este é o defensor intransigente de um movimento sectário, reacionário e saudosista.

Outra mácula cometida pelos leigos, muitas vezes diplomados, é em relação ao substantivo folclorista. Por absoluta ignorância, eles denominam de folclorista o adepto, o apreciador, quem admira o folclore, e até, com frequência, o elemento folque, o informante.

Folclorólogo, vocábulo que mais parece um travalingua, designa o folclorista talentoso, destacado, consagrado e reconhecido pelas investigações e conclusões publicadas e reconhecidas pela crítica especializada.

Renato Almeida (1895-1981) afirmou, enfaticamente: "O folclorista não é apenas um coletor de dados, por mais importantes e necessários que possam ser. Sua tarefa tem de completar-se com o estudo dos fenômenos, tirando-se as conclusões da sua existência e do dinamismo com que atuam no meio onde surgem e se desenvolvem".

É interessante a observação de H. Poincaré (1854-1912) em *Ciência e Hipótese*, 1902:

"Faz-se ciência com fatos, como se constrói uma casa com pedras; mas um punhado de fatos não é uma ciência, assim como um montão de pedras não é uma casa".

Tudo que é folclore é popular, coletivo, próprio do povo. Todavia, a cultura popular é muito ampla e apenas uma porção dela é ocupada pelo folclore. Em outras palavras, tudo que é folclore é obrigatoriamente popular. Por outro lado, a recíproca não é verdadeira. Exemplificamos: a música folclórica é popular, porém, a popular não é folclórica.

O fenômeno folclórico possui sete características essenciais, compulsórias, indispensáveis e duas eventuais, adicionais, suplementares. Necessariamente a manifestação folclórica deve ser **coletiva, empírica, espontânea, funcional, localizável, permeável e tradicional**. Todas estas condições são inseparáveis, intrínsecas, inerentes e aparecem concomitantemente, sempre em conjunto, formando um todo orgânico, sistêmico, indivisível, holístico. As ou-

tras duas: **anonimato e transmissão oral** são secundárias, menos importantes, e nem sempre ocorrem.

A manifestação ou fenômeno folclórico é obrigatoriamente **coletivo**, porque está implícito na vida do povo, sendo por este vivenciado. Pertence a todos. Daí errou o jornalista e radialista que intitulando-se folclorista publicou uma página: "Meu poema Folclórico". Também quem disse e continua afirmando "como era bonito o folclore do meu tempo de moço (ou de criança)" ou "como foi lindo o folclore de antigamente", cometem o mesmo grosseiro erro.

É **empírico** porque prevalece, prepondera, sobressai a prática popular, onde nem sempre a cultura é letrada. Não existe ciência na prática do folclore. Observe, na prática e não no estudo, na investigação, na pesquisa, na descrição analítica. **Espontaneidade** é o oposto de forçado, obrigado, imposto. É espontâneo porque está isento, livre, desobrigado de condições inerentes, inseparáveis, intrínsecas à cultura. Daí universalizar-se, generalizar, tornar comum. É **funcional** porque vive, desde que tenha função, e deixa de ter sentido quando ela desaparece. É **tradicional**, porém, vivo, dinâmico, não fossilizado, não arcaico, não demodê. É a tradição mantida e vivenciada pelo povo. O adjetivo tradicional envolve uma dose de precaução, cautela, diligência, para ser utilizado, porque pode induzir alguns menos avisados a deturpá-lo, até inconscientemente. Tem que ter, compulsoriamente, a acepção de atuante, em exercício de sua atividade, portanto, que age ativamente. **Permeável** porque está sempre apto para receber novas contribuições, consideradas até mesmo não folclóricas, da camada dominante. Finalmente, é **localizável** porque permite demonstrar a distribuição espacial, através de mapeamento do acervo coletado e estudado. Entretanto, como tudo na vida pode sofrer desvio da regra geral, excetuam-se o estudo do mito, por ser este atemporal e aespacial, isto é, independente do tempo (História) e do espaço (Geografia), podendo aparecer em todo o ecúmeno. Contudo, não é só. Eventualmente podem surgir outras: anonimato e transmissão oral. Estas são menos poderosas e ficam em plano inferior. À guisa de esclarecimento, exemplificamos. O anonimato não marca presença na Literatura de Cordel, pois esta possui autor. A perpetuação é transmitida através da escrita, como regra geral. Entretanto, é fato que, por vezes,

REGISTRO

a transmissão é efetuada também por via oral, expressa de viva voz, quando o próprio autor e até mesmo outras pessoas declamam o folheto, geralmente, em logradouros públicos. Nas receitas folclóricas, o anonimato é muito comum. Contudo, pode marcar presença, em casos isolados. A transmissão pode ser realizada tanto oralmente, pelo discurso, quanto através da escrita. De acordo com a cultura poderá ocorrer diferenças percentuais acentuadas.

Folclorística é a denominação atribuída ao estudo do folclore. O Professor José Sant'anna, diretor do Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", da urbe de Olímpia, é um dos estudiosos que mais tem batalhado para a divulgação desse neologismo. Também tem sido o porta-voz para a divulgação de expressões como "fenômeno folclórico" ou "manifestação folclórica" e substituição a "fato folclórico". O vocábulo "fato" fica melhor empregado em História, por insinuar menor dinamismo sócio-cultural. Essa recente contribuição ao estudo da Folclorística propõe visível melhoria à Carta do Folclore Brasileiro, em sentido de atualização. Ora, nada mais válido, dentro do dinamismo sócio-cultural, depois de várias décadas.

É comum deparar, nos mais diferentes quadrantes do vastíssimo espaço brasileiro, grupos organizados que promovem o aproveitamento do folclore. Esses conjuntos são parafolclóricos. Procuram, por vezes, renascer danças e folguedos extintos que são apresentados a variadas tipologias de platéias: escolas, praças públicas, programas de televisão, festivais, participação em filmes, etc. Algumas dessas associações que praticam o parafolclorismo não desperdiçam a oportunidade de projetarem também danças e folguedos folclóricos em voga, inclusive estrangeiros. Algumas das mais conhecidas organizações parafolclóricas que merecem menção e que atendem variado público-alvo: Grupo Parafolclórico do SESI, de Fortaleza, Ceará; Grupo Parafolclórico "Trapeiros da Borborema", de Campina Grande, Paraíba; Grupo Parafolclórico "Os Baióaras" de Belém, Pará; Grupo de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça", do Centro de Tradições "Noiva Sertaneja", de Olímpia, São Paulo; os Centros de Tradições Gaúchas, os conhecidos C.T.Gs. e análogos espalhados por todo o Rio Grande do Sul; sem contar outros, para não delongar.

Cumprir mencionar que inúmeros intérpretes eruditos mostram, com todas as cores musicais, o cancionário folclórico brasileiro. Dentre eles não podemos nos esquecer de Ely Camargo, Inezita Barroso, o Conjunto Farroupilha,

Os Minuanos, Os Sinuelos e outros que interpretam reproduzindo as sonoras notas musicais de "Anu", "Balaio", "Cana-Verde", "Chimarrita", "Caranguejo", "Pezinho", "Ratoeira", "Seu Bugio", "Maçanico", "Tatu", etc. Deve-se frisar, em tempo, que muitas duplas caipiras, tais como: Torres e Florêncio, Tonico e Tinoco, Zico e Zeca, Zilo e Zalo, Vieira e Vieirinha e, mais recentemente, Pena Branca e Xavantinho, dentre inúmeras outras, também interpretam páginas maravilhosas com aproveitamento folclórico. Em verdade, um pouco de precaução deve ser dispensada ao procurar conceituar o folclore. Se houver precipitação, por certo, incorrerá em graves prejuízos, lastimáveis para a cultura folclórica, além de ter que aceitar a plenitude da própria ignorância.

A Literatura Brasileira, respeitada além-fronteiras, está impregnada de aproveitamento folclórico, inclusive a de ficção. Eis alguns exemplos:

Aventuras do Moleque Jabuti, de Orígenes Lessa (1903-1986); **Conversas ao Pé do Fogo**, de Cornélio Pires (1854-1958); **Grande Sertão: Veredas**, de Guimarães Rosa (1908-1967); **Macunaíma**, de Mário de Andrade (1893-1945); **Memórias de um Sargen-**

to de Milícias, de Manuel Antônio de Almeida (1831- 1861); **Nas Serras e nas Furnas**, de Valdomiro Silveira (1873-1941); **O Saci**, de Monteiro Lobato (1882-1948); **Vidas Secas**, de Graciliano Ramos (1892-1953), entre inúmeros outros.

Até os contemporâneos tiveram, muitas vezes, o folclore como fonte de inspiração, em várias obras, até vertidas para outros idiomas. Lembramos de Jorge Amado, nascido em 1912; José Mauro de Vasconcelos, nascido em 1920; Paulo Dantas, nascido em 1922; Dias Gomes, também nascido no mesmo ano.

Para finalizar, os expoentes da música clássica brasileira, de projeção internacional, especialmente Antônio Carlos Gomes (1839-1896); João Gomes Júnior (1871-1963) e Heitor Villa-Lobos (1887-1959), entre outros, não deixaram de utilizar o folclore em algumas de suas composições artísticas.

Os artistas plásticos também fazem o aproveitamento com êxito.

Nossos cumprimentos ao folclorista votuporanguense que, de certa forma, deixou, com o seu trabalho, o nome de Olímpia nos anais do Congresso. Parabéns Rossato.

Semana da Arte Moderna

Quando o Brasil comemora, em 1992, os setenta anos da conflitante Semana da Arte Moderna (de 13 a 17 de fevereiro de 1922, Teatro Municipal de São Paulo) achamos por bem, rapidamente embora, render àqueles inovadores nossos ombros o peso do conformismo artístico, eles abriram os caminhos para que todos os setores da cultura brasileira se expandissem, prepararam o terreno para a grande aventura literária, musical, pictórica do Brasil hodierno. Graça Aranha, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Sérgio Milliet, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, entre outros, são os nomes que, direta ou indiretamente se cruzam com os nossos caminhos do folclore nacional. Abriam cerradas portas que impediam viessem à luz obras de merecido renome, humildes embora, do jeitão do Juca Mulato, sem a sua raça, porém, da maneira da Malfatti, mais atrevidos e coloridos até, os nossos artistas começaram a aparecer, inconscientes mesmo do fenômeno que os trouxe ao sol do conhecimento nacional, libertos de preconceitos milenares. Nossa cultura, erudita ou popular, deve a essa plêiade de artistas revolucionários a pátina de modernidade que a caracteriza. Sejam abençoados todos que, em 1922, nos abriram os por-

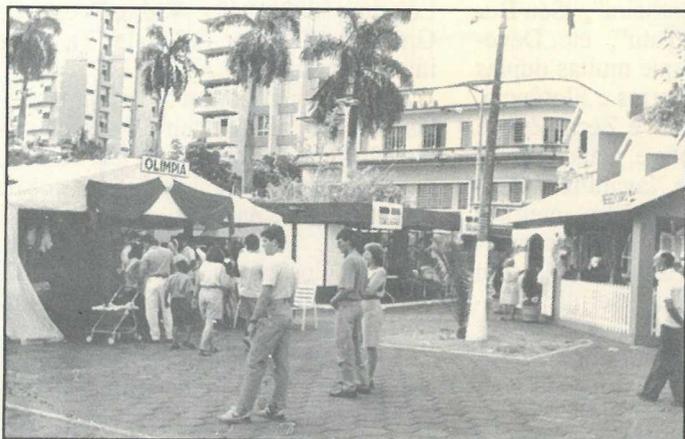
tões do porvir. Que o Senhor os ampare aqui, ali, por onde palmilharem. Nós os respeitamos, hoje e sempre.

Agroquímicos com Folclore

Embora pareça ser um casamento sui-gêneris, a verdade está aí para quem precisa ver para crer. A BASF, lançando no mercado seus produtos agroquímicos, distribui excelente calendário para 1992 com total destaque para o folclore brasileiro. Justifica: "O Brasil é um dos países mais ricos do mundo em folclore. Cada região têm sua história própria, sempre expressa com muita emoção e criatividade. Os produtos BASF para a agricultura têm muito a ver com essas manifestações: ligação com os costumes da terra, fazem parte da tradição de cada região". E no calendário temos Festa do Divino-GO, Caiapó-SP, Gaúchos-RS, Bumba-meuboi-MA, Procissão dos Farricocos-GO, Missa do Nogueira-PE.

Cumprimentos pelo trabalho e os agradecimentos do Prof. Sant'anna, possuidor de um desses calendários.

2ª Feira da Solidariedade



Por apresentarem as primeiras damas da região e, especialmente, a de Olímpia, Prof^a Regina Céli Trindade Rizzatti, produtos do artesanato local, comidas típicas e danças regionais, é com prazer que inserimos este evento em notas do Anuário do Folclore. Foi a 2ª Feira da Solidariedade, acontecimento em nível estadual e que, em 1991, teve a cidade de Olímpia por sede regional. Foi um grande espetáculo, desde as barracas originais que foram armadas na pra-

ça da Igreja de São João Batista, como a de Bebedouro, a nossa, todas, até às delícias culinárias e às apresentações de danças. Presentes as primeiras damas das cidades: Olímpia, Guaraci, Altair, Bebedouro, Monte Azul Paulista, Vista Alegre do Alto, Barretos, Cajobi, Colina, Colômbia, Guaira, Jaborandi, Severínia, Taiacu e Terra Roxa. Aconteceu nos dias 25, 26 e 27 de outubro.

Belas danças foram apresentadas

pelo Grupo "Cidade Menina-Moça", de Olímpia, sob liderança de Cidinha Manzolli e por alunos do maestro Possato, de Barretos. Também alunos das Creches locais mostraram que sabem dançar, e bem.

Cumprimentamos essas maravilhosas primeiras damas que não se poupam, a fim de que as crianças de suas cidades sejam sempre bem assistidas. Que o Senhor as proteja, paulistas de valor.

Sant'anna em Mato Grosso do Sul

A 3ª FESTARTE foi organizada pela Secretaria de Cultura e Esportes, da Prefeitura Municipal de Campo Grande, MS, de 23 a 30 de agosto de 1991.

De Olímpia, foram especialmente convidados o professor José Sant'anna e Antônio Clemêncio da Silva, hospedando-se na casa do olimpiense que lá reside, Dr. Vanildo Scatolin. Magnífica recepção, contam os convidados.

A FESTARTE contou com a apresentação do Terno de Moçambique São Benedito, do Jardim Santa Ifigênia, do Capitão Adelis Paula dos Santos, de Olímpia. Além do Moçambique, despertaram o interesse do professor, o Siriri e o Cururu apresentados por elementos de regiões próximas a Campo Grande.

É uma bonita festa, onde muitos grupos de danças parafolclóricas têm-se apresentado, revelando valores, ale-



Siriri e Cururu

grando e, de certa forma, divulgando o folclore brasileiro. Dá-se grande destaque à música sul-mato-grossense, o que é muito bom. Exposição e venda de rico artesanato fazem parte da festa, bem como barracas com comidas típicas de diversas regiões brasileiras.

Os convidados agradecem a gentileza dos organizadores e nós desejamos longa vida à FESTARTE, cumprimentando o povo dinâmico de Campo Grande. Parabéns.

Convite ao Prof. Sant'anna

A Comissão Nacional do Folclore, através do seu Vice-Presidente, Bráulio do Nascimento, enviou ao Prof. Sant'anna um convite importante. De 22 a 25 de junho de 1992, em São José dos Campos, SP, realizar-se-á o I Simpósio de Ensino e Pesquisa de Folclore, objetivando inventariar a situação do ensino e da pesquisa folclóricos no Brasil.

Apesar da ênfase que envolve o convite, solicitando a participação do mestre em mesa-redonda, apesar de representantes da América Latina e de várias regiões do Brasil estarem presentes, Sant'anna não poderá aceitar. Às vésperas do 28º FEFOL, miríades de problemas exigem a sua presença em Olímpia. E ele perderá a oportunidade de, mais uma vez, perpetuar seus pareceres sobre o folclore no Brasil e de estar presente a tão importante evento. Coisas da vida...

Ao amigo Bráulio do Nascimento, Sant'anna agradece, apresentando suas escusas. Nós, olimpienses, ficamos mais gratos ainda. Que outras ocasiões se apresentem, fazemos votos.

REGISTRO

Sant'anna vê Pires e Albuquerque

Para você que não sabe, Pires e Albuquerque é distrito do Município de Bocaiúva, norte de Minas Gerais, perto de Montes Claros, famosa terra dos festivais de roqueiros e congêneres. Pois é, para lá foi o Prof. José Sant'anna, convidado pelo Prefeito local, Alberto Caldeira, pelo coordenador do evento, Téo Azevedo, pelo Secretário da Cultura de Bocaiúva, Adilson Borges Santos (Buda) e participou das manifestações que se realizaram nos dias 4, 5 e 6 de janeiro de 1992.

O evento principal seria "o primeiro encontro de Folias de Reis no norte de Minas" e foram muitas as que se apresentaram. Paralelamente, como complemento do encontro, gente importante se apresentou: Saulo Laranjeira, o Teo Azevedo, o Grupo Agreste, o Sinval da Gameleira, Nô Violeiro e Noemo da Viola, Banda de Música de Bocaiúva, Seresteiros, dançadores, repentistas. Por estar a cidade em pleno apogeu da safra da manga e da colheita do pequi, a culinária teve, como base, esses dois procurados frutos brasileiros.

O Prof. Sant'anna ficou bastante feliz com o convite e participou, como emérito folclorista que é, de todas as festividades. Recebeu Certificado de participação, mais um para ser acrescentado ao rol dos incontáveis que compõem o seu currículo. Minas também ficou feliz, é claro. Parabéns aos organizadores, ao Teo Azevedo, a todos que lutaram pela efetivação desse 1º Encontro de Folias de Reis. Parabéns, mineiros.

Mais um evento religioso-folclórico - **Primeiro Encontro de Folias de Reis**. Esse acontecimento, já registrado, passa a fazer parte dos anais da história olimpiense, dando-lhe um brilho especial.

Foi no dia 24 de dezembro de 1991, desde as 8 horas, na Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangiro-lami". Quinze das trinta e duas Folias ali se fizeram presentes, além de duas pertencentes a outros Municípios: Companhia "Menino Jesus", de Monte Aprazível e Companhia de Reis "Asa-Branca", de Votuporanga.

A coordenação desse encontro coube ao senhor Nélson Aniceto, que serviu deliciosa comida aos foliões e convidados, ao longo desse dia. Além do senhor Nélson, colaboraram o prefeito José Fernando Rizzatti, fornecendo grande parte da alimentação e o Prof. José Sant'anna na organização. Houve muita música sacra, fogos, calor inclemente durante o dia e chuvas copiosas ao anoitecer e, após a cerimônia do terço, a Santos Reis, os grupos saíram para a peregrinação sagrada.

O Encontro atraiu muita gente que elo-



giou desde o colorido dos trajes dos foliões à farta comida e aos festivos fogos de artifício.

Nossos parabéns ao Sr. Nélson, a todos que participaram, aos foliões daqui e de fora, nossos votos para que se perpetue esse evento. Parabéns, Folias de Reis!

A revista Bradesco/91

Em coloridas páginas de muito bom papel e bom gosto, o Departamento de Marketing - Cidade de Deus - Osasco, SP, publicou a sua revista referente aos três últimos meses do ano de 1991. Divulgação dos trabalhos dessa conceituada casa bancária a acionistas e clientes, demonstração de operações compromissadas e seus resultados, eventos dos meses anteriores. E, com grande destaque - a Capa da Revista aborda um tema do folclore olimpiense: Folia de Reis.

Com graça e jeito, conta como Olímpia agradeceu aos patrocínios em dez anos de trabalho conjunto: Olímpia e Bradesco. E do decorrente Jubileu de Estanho. Belas fotos - Congada de Minas, funcionários do Banco, Placa comemorativa, Tro-

peiros de Borborema, Reisado, Anuários dos Festivais do Folclore, Prof. José Sant'anna (responsável pelas homenagens ao BRADESCO), desfile de grupos folclóricos e o Curupira.

Uma revista histórica, para nós, folcloristas olimpienses, registrando mais fortemente o vínculo indispensável que há entre o folclore brasileiro e essa Casa Bancária. Agradecemos pelo envio da revista, somos gratos pela excelente reportagem, pela beleza das fotos. Foi pouco o que Olímpia fez para dizer ao Bradesco - "Mil vezes obrigado, banco amigo. Que Deus lhe pague!"



“Inezita cai no Samba”

Esse é o título que o “Diário Sertanejo”, suplemento semanal do Diário Popular, matutino paulista de grande procura na capital, São Paulo, traz, na quarta-feira, dia 19 de fevereiro de 1992. E na capa a foto da folclorista, junto ao nome da Escola de Samba “Combinados de Sapopemba”, escola que lhe prestou homenagem por ocasião do Carnaval. Mais fotos da cidadã honorária olimpiense, Inezita Barroso, estão junto à vasta reportagem. Escola que tenta subir, desfilou fora do sambódromo paulista, na Avenida Faria Lima. E o samba-enredo da escola, muito animado e bom de ser cantado, contou um pouco da vida dessa querida atriz brasileira, marcando os seus sucessos imortais. Alegria imensa é a nossa por sabermos ser Inezita digna de tal homenagem, esperando, entretanto, que desfile no Anhembi, proximamente, na Marquês de Sapucaí muitas vezes. Parabéns, Combinados, parabéns, Inezita Barroso. Eis o samba-enredo:

**INEZITA BARROSO,
A ESTRELA DA MANHÃ**

Autores:

Kilder, Saraiva, Fubá e Bispo

Puxador: Bel Calado

Presidente da Escola:
Zilberto José da Silva

Olha que beleza
Isto é São Paulo glorioso
Vem a Combinados cantar
Com Inezita Barroso
Naturalmente o carnaval ficou mais
belo

Nasceu a menina no meio do samba
Entre danças e cirandas,
Na moda caipira imperou
Na arte da comunicação
Seu sonho de vencer se fez realidade

Atriz, mulher de verdade
A Marvada Pinga vou beber
Na Dança Gaúcha, vou me perder
O Luar do Sertão que hoje me traz
Quanta saudade do Lampião de Gás
No folclore brasileiro,
O ano inteiro
É lenda, em manifestação
Viola, Minha Viola é quem diz
Divina mestra sou feliz
Pois exaltou nossa música raiz
Brilha estrela, canta, sou seu fã
Sua vida, estrela da manhã.

Nossas folias em Polôni

Polôni, cidade não muito distante daqui, sediou, no dia 19 de janeiro de 1992, um encontro de **Folias de Reis**, evento que vem se transformando em hábito sadio no interior paulista. Assim, no mês de janeiro encontraram-se, em Polôni, Folias de muitas cidades, como Bebedouro, Sebastianópolis, Monte Aprazível, Cosmorama e outras.

Olímpia, que se orgulha de preservar cerca de 30 folias, não podia faltar. Para lá foram, representando as demais, duas Folias olimpienses: “Magos do Oriente”, do senhor Pacífico Sousa e Silva e “Estrela da Guia”, da Família Miranda.

Durante as apresentações, Olímpia destacou-se, possibilitando que um singelo encontro fosse algo inusitado, pois que, além da folia co-

nhecida e apreciada, a Família Miranda levou a **Folia de São Sebastião**, única no gênero, pelo que conhecemos atualmente.

Foi o ponto alto durante a procissão realizada, sendo que o andor de São Sebastião, ricamente ornamentado, portando o santo mártir, cujo dia comemorativo seria o próximo, vinte de janeiro, abria o cortejo. E, ao som de seus afinados instrumentos, membros da Família Miranda entoaram cânticos de louvores ao santo, tão emocionados e contritos que, entre o público que assistia, houve comoção e lágrimas. Beleza!

Parabéns Folias olimpienses, parabéns famílias que preservam essa rica tradição. Parabéns, Polôni, não pare nunca...

Folclorista é Secretário da Educação

O criador e coordenador dos Festivais do Folclore de Olímpia, folclorista que há vinte e oito anos congrega, neste recanto, o mais significativo número de grupos brasileiros foi, justamente, nomeado Secretário da Educação, Cultura, Esportes, Turismo e Lazer, conforme Portaria anexa.

**PORTARIA N.º 5254,
DE 17 DE MARÇO DE 1992**

Dispõe sobre nomeação do Secretário da Educação, Cultura, Esportes, Turismo e Lazer do Município.

JOSÉ FERNANDO RIZZATTI, Prefeito Municipal de Olímpia, Estado de São Paulo, etc., usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

NOMEIA, em Comissão, a partir desta data, o senhor **JOSÉ SANT’ANNA**, R.G. 2552220 - SSP - SP, para exercer as funções do cargo de Secretário da Educação, Cultura, Esportes, Turismo e Lazer, criado pela Lei nº 2150, de 20.11.91, fazendo jus aos vencimentos mensais de que trata o parágrafo único, do artigo 2º, da referida lei.

Registre-se e publique-se.

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 17 de março de 1992.

JOSÉ FERNANDO RIZZATTI
Prefeito Municipal

Registrada e publicada na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 17 de março de 1992.

SIDNEY CARLOS SCHALCH
Diretor Geral do Expediente

Agora, se antes o mestre se excedia em trabalhos em prol da preservação da cultura popular, com mais força veremos seus labores coroados de êxito. Ao Professor Sant’anna nossos parabéns pela nomeação, sabendo, outrossim, que esses parabéns são extensivos à cidade de Olímpia. Nada mais gratificante do que ver valores serem enaltecidos. Ninguém melhor do que Sant’anna para exercer as funções atinentes ao cargo em questão.

A Câmara Municipal de Olímpia, através do Requerimento nº 180/92, de Antônio Aparecido Carrosselli, aprovado por unanimidade, apresentou votos de congratulações ao Secretário da Educação e Cultura.

Que seja coroada de êxito a sua gestão, professor, fazemos votos. Parabéns, Rizzatti, pela escolha, parabéns, Olímpia, parabéns amigos do folclore, da cultura, da educação, dos esportes, do turismo e do lazer. Mestre, que as bênçãos de Deus coroem seu trabalho, são meus votos sinceros.

Um Triângulo Folclórico

São três brasileiros, três batalhadores incontestes pelo sucesso da cultura nacional, três seres diferenciados e tão semelhantes que dissociá-los é quase impossível. Dois do nordeste e um do sudeste, juntos na luta pela preservação das nossas mais lídimas tradições: Veríssimo de Melo, Câmara Cascudo, Mário de Andrade. Eis por que transcrevemos de "O Poty", jornal de Natal, RN, em edição de 18/8/91, este artigo de autoria do folclorista Veríssimo de Melo:

"Cascudo e Mário de Andrade

Foi lançado, na Bienal do Livro, no Rio de Janeiro, o volume "CARTAS DE MÁRIO DE ANDRADE A LUÍS DA CÂMARA CASCU DO" - edição da Vila-Rica Editora Reunidas Ltda, (antiga Itatiaia) de Belo Horizonte. Tivemos a honra de organizar o volume, escrever a introdução e notas, atendendo solicitação do presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, Diógenes da Cunha Lima, que as recebeu de D. Dhália Freire Cascudo. São 56 cartas e dois bilhetes de Mário. Em anexo, dois artigos da época dos escritores, além de missiva de Mário ao Gov. Juvenal Lamartine agradecendo doação de bangalô em Areia Preta e outra a Cascudo suplicando anulação da mesma doação, face denúncia de corrupção dos revolucionários de 1930...

O livro evidencia a forte influência recíproca entre os dois escritores, que se cartearam de 1924 a 1943, isto é, até dois anos antes do desaparecimento de Mário (1945). Já as Cartas de Cascudo a Mário se encontram no Instituto de Estudos Brasileiros, na USP. Por expressa recomendação de Mário aos seus familiares, só poderão vir a lume após 1995 - data assinalada pelo escritor paulista para divulgação de sua correspondência passiva.

Para demonstrar a influência de Cascudo sobre Mário de Andrade, basta ler este pequeno trecho da missiva de Mário, datada de 18.06.1934: "...você nas entrelinhas provou bem, minha realidade é muito outra, dum antiacadêmico pesquisador, e utilizando desse profundamente humano dom que é a faculdade de errar. Só isso me deu alívio tamanho que você nem imagina. Foi um benefício enorme, e que devo exclusivamente a você. E lhe devo também outro favor enorme: uma nova faculdade de compreensão dos novos, que o excessivo rebuscamento de mim mesmo me estava fazendo perder. Estou outro, estou mocinho, estou virgem, numa vibração nova danada. E até entusiasmo de mim, num entusiasmo novo, que o perene entusiasmo em que vivo me fazia não notar mais. Você me deixou profundamente generoso e profundamente humano, com o seu escrito,

isso é que é. E lhe sou comoventemente grato".

Por outro lado, a correspondência de Mário comprova amplamente a influência que exerceu na orientação dos estudos folclóricos de Cascudo. Na carta que denominamos de "terrível" - (1937) Mário aconselha-o a escrever sobre folclore em lugar de escrever sobre o Conde d'Eu - "um príncipe vazio". Diz, textualmente: "Você tem a riqueza folclórica aí passando na rua a qualquer hora. E, adiante: "...faça escritos da boca e hábitos que você foi buscar na casa, no mocambo, no antro, na festança, na plantação, no cais, no boteco do povo". Cascudo pegou "o pinhão na unha", como dizem os gaúchos, realizando a maior obra folclórica do País, em todos os tempos. Sobre cada aspecto importante do folclore publicou uma monografia culminando com a Antologia e o Dicionário do Folclore Brasileiro.

Há muito o que se dizer sobre essa correspondência de Mário. Agora que o Conselho Monetário Nacional lançou a cédula de 50 mil cruzeiros com a efígie de Cascudo - justa e honrosa homenagem - é que é preciso que se diga - somos testemunhas - que ninguém foi mais generoso e desprendido por dinheiro do que ele. Numa viagem que fizemos ao Rio de Janeiro, pas-

sando por Recife, Maceió e Salvador, Cascudo jamais permitiu que pagássemos um tostão nas despesas de bares e restaurantes. Mas achava graça e repetiu durante anos o nosso agradecimento:

- Mestre! Retribuirei à altura! Anuncia-se também que Mário de Andrade será homenageado pelo Governo com a sua efígie em próximo lançamento de nova cédula. Em carta anterior à sua visita a Natal, pedia a Cascudo para conseguir dois contos de réis pela conferência que pretendia fazer a fim de ajudá-lo nas despesas de viagem. Cascudo, por sua vez, pediu a Mário para que a imprensa paulista pagasse sua colaboração.

Daqui para frente os tempos são outros: nem Cascudo e nem Mário jamais precisarão de mendigar míseros contos de réis porque agora eles já viraram dinheiro..."

Veríssimo de Melo é jornalista, escritor e atual presidente do Conselho Estadual de Cultura/RN.

É, Veríssimo, e que dinheiro! Dinheiro brasileiro, cruzeiros, isso é sempre bom. Parabéns pelo que escreve dos nossos, parabéns pelo esforço em preservar a curta memória dos brasileiros ilustres. Avante, Veríssimo!

Um caso de polícia

O dia 10 de abril de 1992 marca fato épico em Olímpia, quando velha reivindicação do Município foi atendida: a criação do 1º Distrito Policial, que recebeu o nome de "Bráulio Lopes Ferraz".

Presentes à cerimônia de inauguração, o Secretário da Segurança Pública do Estado, Dr. Pedro Franco de Campos, o Delegado Geral de Polícia, Álvaro Luz Franco Pinto, o Diretor de Polícia do DERIN, Luiz Paulo Borges Braga Braus, o Deputado Estadual Uebe Rezek; Juiz de Direito da Comarca, Dr. Júlio César Afonso Cuginotti; Promotor Público, Dr. Sérgio Acayaba de Toledo; o delegado Dr. Sílvio Ruivo, o comandante da Polícia Militar, Capitão Claudemar Andreolli, Prefeito José Fernando Rizzatti, vereadores, familiares de Bráulio Lopes Ferraz, população em geral.

O Distrito funcionará, provisoriamente, na Avenida Brasil, 225, passando, logo mais,



Secretário entre os dançarinos

para prédio próprio na Rua David de Oliveira. Após a cerimônia inaugural, com comoventes discursos, o Grupo de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça" apresentou-se, encantando os visitantes, dando seu belo recado atra-

vés de danças folclóricas. Foram emocionantes os agradecimentos do deputado Uebe Rezek e do Dr. Pedro Franco de Campos que não se cansaram de elogiar a dirigente do Grupo, Cidinha Manzolli, e os dançarinos em geral.

Aos convidados a Prefeitura Municipal ofereceu lauto banquete no Clube "Termas dos Laranjais", onde, entre discursos e danças, segundo informações, o ágape fez jus à cidade de Olímpia e aos organizadores.

Parabéns, Olímpia, mais segurança para todos, é o que almejamos. Parabéns, prefeito, por ter sido a sua gestão abençoada com mais essa obra meritória.

Que a paz se faça, rogamos ao Senhor.

Átila de Almeida por Veríssimo de Melo

Veríssimo de Melo, jornalista, folclorista de grande envergadura, conhecedor de tudo o que o país produz em prol da cultura popular, amigo de todos que amigos são do folclore nacional, publicou, no "Jornal do Comércio", do Recife, em outubro do ano passado, seu pesar pelo desaparecimento de um mestre do cordel, Átila de Almeida. Assim, fazemos nossas suas palavras de adeus e saudades, transcrevendo neste Anuário, o artigo de Veríssimo de Melo.

"Um mestre do cordel

Desaparece Átila de Almeida, um grande estudioso

Átila de Almeida (1923-1991) defendeu sempre - em palestras, livros, artigos, - uma tese radical: a morte do cordel. Tudo muito à sua maneira de espadachim da cultura, irreverente e intolerante em relação a certos pontos-de-vista e pessoas. Estudioso dos mais cultos da literatura de cordel, autor de obra definitiva sobre essa área da cultura nordestina, Átila, todavia, era implacável em seus posicionamentos de escritor. Era a marca do seu temperamento irrequieto e contestador. Embora fosse pessoa boníssima, sabendo escolher e receber fidalgamente amigos em sua chácara patriarcal e acolhedora de Campina Grande.

Vejam a ironia do destino: foi justamente por intermédio de dois dos maiores poetas populares atuais no Nordeste - Manoel D'Almeida Filho e Apolônio Alves dos Santos - que soubemos agora de sua morte, ocorrida a 24 de agosto de 1991, naquela cidade paraibana.

Visitamos Átila de Almeida, mais uma vez, em sua bela casa em Campina Grande. Juntos estivemos em simpósios sobre literatura de cordel em vários Estados. Ele possuía a maior coleção de folhetos de que temos notícia: cerca de dez mil títulos. Tudo rigorosamente classificado e acondicionado em capas especiais. Em dobradinha de pesquisa e estudo com José Alves Sobrinho nasceu e foi publicada a obra da mais alta relevância sobre cordel: "DICIONÁRIO BIBLIOGRÁFICO DE POETAS POPULARES", em 3 vols., já em 2ª edição ampliada e reformulada, edição do Campus II, UFPb-1990/91. Átila era de uma minuciosidade total na organização e classificação do seu material de estudo. Ia aos últimos detalhes. Entendia que a poesia popular autêntica desaparecera a partir de 1970. Declarava, na introdução do seu DICIONÁRIO, com todas as letras: "Regra geral o que se tem produzido depois de 1970 é lixo cordelístico. A poesia popular morreu na década de 60. Mataram-na a emigração (dos poetas) para o sul e a tele-

visão". Adiante: "Cordel acabou-se, morreu, enterrou-se e nenhum santo ou santa conseguirá ressuscitá-lo".

Assim era Átila de Almeida em seus radicalismos de expressão e julgamentos polêmicos. Nos seus livros, restabeleceu a denominação tradicional de "poetas de bancada" para os produtores de cordel, separando-os dos simples cantadores de viola ou improvisadores.

Visitamos, certa vez, sua fabulosa biblioteca. Além do cordel, ele tinha outro **hobby**: colecionava dicionários em língua portuguesa de todos os tipos de autores. Herdara do pai - historiador Horácio de Almeida - grande parte da coleção, mas a ampliara consideravelmente. Possuía mais de quatro mil volumes de dicionários ou livros afins. Chegou a publicar um trabalho sob o título de "DICIONÁRIOS, PARENTES E ADERENTES" (Nova Estrela Editora, São Paulo-1988).

Numa das visitas a ele e à sua esposa, arqueóloga Ruth de Almeida - eu, Noemi e meu filho Sílvio - fomos homenageados com feijoada pantagruélica. Ao final, Sílvio tocou e cantou ao violão umas páginas de bossa-nova. Átila, exagerado como sempre, ficou tão deslumbrado com o violão de Sílvio que nos fez proposta inconcebível: queria trocar duas de suas filhas por Sílvio...

Agora, só nos resta lamentar, com profunda saudade, o desaparecimento do velho amigo Átila de Almeida. Ou dizer como o fez Manoel d'Almeida Filho nos versos em homenagem ao notável estudioso: "Todos juntos te enviamos / Nestes versos que compus / Nossas preces fervorosas / Numa procissão de luz / Clareando o teu espírito / até aos pés de Jesus".

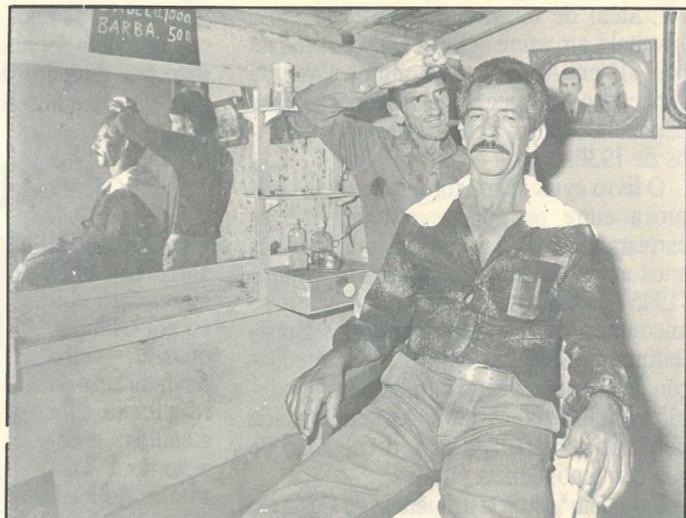
Veríssimo de Melo é jornalista, escritor e atual presidente do Conselho Estadual de Cultura/RN

Campeã de Maravilhas - Champion Papel e Celulose Ltda

Em álbum de rara beleza e fino gosto, sob o título "Interior, São Paulo", a Champion retratou, em 1991, valiosos momentos do cotidiano paulista reservando, graças a Deus, ricos instantes dos festivais do folclore olímpense.

Retratados com arte estão a Caverna do Diabo, (Eldorado Paulista), o saltão de Itirapina, as corredeiras de Águas Claras, a mata atlântica e seus habitantes, Altinópolis, São José do Rio Pardo, Matão, Bebedouro, Colina, Valparaíso, Porto Ferreira, Terra Roxa, Campinas, Moji-Guaçu, Indaiatuba, Barra Bonita, Araras, Jaú, Severínia, Barretos, São Carlos, Rio Claro, Iporanga, Presidente Prudente, Jundiá, Cerquilha, Itu, São Luís do Paraitinga, Aparecida do Norte, Campos do Jordão, Sorocaba, Paranaipacaba, Franca, Americana, São Roque, Piracicaba, Moji-Mirim, Itapira, São Simão, Araçatuba, Brotas, Casa Branca, Ribeirão Preto e Bauru.

Sob florida árvore, foto 51, vemos o **sanfoneiro da Congada** presente ao Festival do Folclore de Olímpia. A foto



Interior de uma barbearia - Olímpia

50 traz destaque de **Congada de Fitas**, também em nossa festa maior. A de número 46 apresenta elementos do **Moçambique** olímpense, em momento de descontração e riqueza de detalhes. Original é, sem dúvida, a foto número 39 que esclarece: "interior de uma barbearia em Olímpia, onde ainda se pode pedir o tradicional - barba, cabelo e bigode..." É um rico presente para a Biblioteca local. Ao senhor Odair A. Garcia, Diretor de Vendas e do Projeto da Expansão, responsável pela doação de "Interior", nossos mais sinceros agradecimentos.

Que continuem mostrando nossas belezas, fazemos votos. Parabéns.

Um Rico Museu MUSEU DE HISTÓRIA E FOLCLORE “MARIA OLÍMPIA”

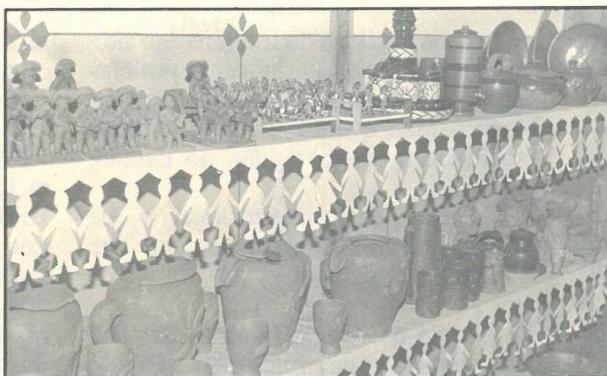
Através do projeto de lei n.º 1625/78, do vereador Prof. José Sant’anna, o Museu de Olímpia passou a denominar-se Museu de História e Folclore “Maria Olímpia”. É de 5 de julho de 1978 a lei 158/78, sancionada pelo então prefeito do Município, Álvaro Cassiano Ayusso que tornou legal a denominação.

Até chegar a “Maria Olímpia”, o Museu passou por vários percalços. Lá pelos idos de 1956, o Prof. Sant’anna começou a acumular objetos dignos de serem preservados. Apresentava-os em exposições nas vitrinas da “A Triunfal Modas” (1958) na “Camisaria das Fábricas” (1959), nos salões do Colégio Olímpia, hoje extinto, (1960 a 1963), na “Exposição de Móveis Bandeirantes”, 1964, “Taba do Carajá”, (1965), verdadeira maratona. Era difícil saber onde estariam à mostra os objetos, alguns raros e valiosos. Muita gente não conseguia descobri-los e apreciá-los.

E o acervo estava crescendo assustadoramente. Não eram as vitrinas das lojas capazes de ostentá-los de forma adequada. Já se pensava em um local apropriado, definitivo, onde o acréscimo de peças não fosse um transtorno, porém, um bem. As dificuldades eram muitas mas o Sant’anna, criador e coordenador dos Festivais do Folclore de Olímpia, já lançava seus olhos a prédios adequados. Seu acervo de peças crescia a olhos vistos: ricas, belas, raras, corriqueiras, singelas, leves, pesadas, muita coisa a ser conservada, muita coisa de grande valor histórico. A casa do mestre transbordava durante o ano inteiro de peças que iam sendo adquiridas: doações, compras, presentes dos alunos, dos Grupos Folclóricos que aqui se apresentavam, de pessoas interessadas no folclore brasileiro. Procura, pesquisa, luta o então jovem mestre Sant’anna e, em 1973, o



Fachada do Museu



Uma seção do Museu



Maria J. de Miranda orientando escolares

Prefeito Dr. Alfonso Lopes Ferraz instalou, à Avenida 15 de Novembro, n.º 1224, (hoje Avenida Dep. Waldemar Lopes Ferraz), o Museu de História e Folclore.

O prédio, onde funcionara o Posto de Puericultura era bonito, porém inadequado, pequeno, acanhado, pouco seguro e mal localizado. Coube ao

Prof. Vitório Sgorlon os cuidados com o já rico acervo. E com ele o Prof. Rothschild Mathias Netto (Departamento de Folclore) e um Conselho Deliberativo constituído por cinco professores que, hoje, está assim constituído: Iseh Bueno de Camargo, Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Aurora Giglioti, Sérgio Eiji e Aparecida Gil.

Quando foi adquirido o palacete da família de Giosué Tonâni, na Rua Jorge Tibiriçá, n.º 420, (hoje Rua David de Oliveira), bela construção de descendentes de italianos, as perspectivas da instalação de museu adequado eram bem melhores. O prédio, rico nas suas linhas arquitetônicas, estava em precárias condições. Esteve abandonado por muitos anos, usado por famílias carentes, deprecado e até perigoso para a destinação. As reformas foram iniciadas imediatamente, cuidadosas, orientadas para o fim em vista. O palacete que abrigou, por muitos anos, a família Tonâni, palacete que viu dias de grande euforia, gente jovem ao redor do piano, cantando, dançando, em felizes saraus, ponto de encontro da juventude olimpiense, transformou-se em Museu. Museu de História e Folclore “Maria Olímpia”.

Maria Giuseppe Scura (Zeca Scura) foi destacada para organizar o seu acervo tão disperso. Fez o curso de Museologia e botou mãos à obra, selecionando, dividindo, catalogando e, pouco a pouco, as salas do palacete foram se transformando em museu. Zeca ali trabalhou por vários anos, desde 1984, sob a coordenação de Alice Benfati Lapa (1977-1990) e auxiliada por Jesuína Sousa e Silva, (1983-1990). Olímpia muito deve a essa querida museóloga.

Atualmente, desde fevereiro de 1989, por destinação divina, creio eu, o Museu de História e Folclore “Maria Olímpia” está sob a coordenação de Maria de Jesus Miranda, uma jovem

denodada, olimpiense nata, descendente de família apegada às coisas do folclore regional. E agora com a nova direção artística da Maria, o Museu transformou-se em recanto encantador, acolhedor, uma autêntica obra de arte que fala da dedicação incansável de Maria Miranda, dos seus cuidados com o acervo que cresce a cada dia e embelezamento das dependências em geral. Desde a entrada percebe-se o carinho e o cuidado com o Museu, que Maria exige de sua equipe. O piso de madeira é como espelho vermelho, encerado, destacando melhor as peças que lá estão. Cada sala é um convite à pesquisa folclórica, tudo muito bem apresentado e dividido.

É imenso o acervo do nosso Museu. Mais de 1500 peças lá estão, a maior parte pertencente ao Prof. José Sant'anna.

A peça mais antiga e considerada mais valiosa está do lado de fora. É uma locomotiva que veio de Franca, ainda quando da gestão do Prefeito Marreta, locomotiva que, de 1940 a 1950, mais ou menos, fez a ligação de Olímpia ao resto do país, responsável pelo desenvolvimento econômico da região.

Além da locomotiva, a história do país está ali retratada em peças de grande beleza e valor. Trabalhos em palha, bambu, cerâmica, ferro, ágata, madeira, couro, tecidos vários. Coleção de bonecas (bruxinhas), coleção de chapéus, brinquedos, armas, "trens" de cozinha, lamparinas, lâmpadas, bules, ferros de brasa, fantasias, vestes de grupos folclóricos, carros de bois, arreios em geral, (peças de montaria), instrumentos musicais, objetos de uso doméstico, toalhas de crochê, tricô, linho, juta, algodão, abrolhos, um velho tear, torradores de café, moinhos, ícones, imagens de santos e "pais-de-santo". Flores de papel crepom, presépios de palha que já foram vistos além do Museu, peças do Mestre Vitalino e congêneres, bandeiras, emblemas, dísticos...etc...

É este, em síntese, o nosso Museu de História e Folclore "Maria Olímpia" que, em agosto de 1992 completará 19 anos (1973-1992). Continua tendo à sua frente, como diretor e responsável pela seção do folclore, o Prof. José Sant'anna, e Prof. Rothschild Mathias Netto como responsável pela seção de História.

Para os estudiosos da história de Olímpia, com base em pesquisas realizadas pelo mestre Rothschild, desde 1910 encontra-se menção à Vila Olímpia. Em 1940, o jornalista Paulo Ducatti publicou o seu "Anuário Estatístico do Município de Olímpia e ali

presta homenagem ao engenheiro Reid (Robert John Reid) como "fundador de Olímpia". Realmente, o Dr. Reid foi quem idealizou a criação do patrimônio, convencendo os condôminos a doarem parte de suas glebas de terra, formando, assim, o grande elenco de fundadores: Dr. Reid, idealizador e as famílias proprietárias, lideradas por Joaquim Miguel dos Santos.

E foi o Dr. Reid quem sugeriu ao Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira, político influente em Barretos que, como homenagem, o nascente distrito recebesse o nome de Olímpia, de Maria Olímpia, sua afilhada. Maria Olímpia nasceu em São Paulo, a 2 de fevereiro de 1897 e, com cerca de 40 dias, veio para Barretos. Através da lei Estadual nº 1035 foi criado o distrito de Olímpia, elevado à categoria de Vila

Olímpia a 19 de dezembro de 1906, tendo como padroeiro São João Batista.

Maria Olímpia, cujas fotos podem ser vistas em sala especial do Museu, é um bom nome para o arquivo perene da história olimpiense e para a preservação de peças que fizeram parte do dia-a-dia do povo desta terra e região.

Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", Rua David de Oliveira, nº 420, fone 81-1929, o local de encontro de todos que se interessam pelo folclore nacional. É visita obrigatória a quem passa por Olímpia.

Visite o Museu. Sempre. Durante o ano inteiro. Das 9 às 17 horas, nos dias úteis. A Maria estará lá, à espera de todos. Parabéns, Maria Jesus de Miranda. Parabéns, Olímpia.

Jornais e Revistas e os Festivais do Folclore

Nossos festivais do folclore têm sido alvo de notícias carinhosas, notícias que nos dão cobertura total enquanto ocorre esse evento ímpar dos anais sócio-culturais da região, do Estado, do Brasil.

Vejamos, em primeiro lugar, o que alguns jornais falaram sobre o que fazemos em agosto:

1 - "Só Mulher", Itapira - SP, sob coordenação da folclorista Odette Coppos, agosto/91, trouxe extensa reportagem engrandecendo o 27º FEFOL, dizendo ser o mesmo incomparável, enaltecendo a figura do seu criador e coordenador, Prof. José Sant'anna. Odette coloca seu coração no que escreve sobre Olímpia, o que muito nos orgulha e nos torna perpétuos devedores dessa amiga folclorista. Gratos, Odette.

2 - "Província do Pará" Belém, seção "Recortes", sob responsabilidade da Comissão Paraense de Folclore, presidida pela folclorista Maria Brígido, dá um destaque todo especial aos festivais do folclore de Olímpia, ressaltando a importância cultural dos mesmos, não olvidando o efeito social que envolve todas as notícias olimpienses, pelo que ficamos perenemente agradecidos...

3 - "Tribuna Piracicabana", Piracicaba - SP, nas páginas sob responsabilidade do historiador e folclorista Francisco Vasconcelos, demonstra grande interesse pelos nossos festivais, pelos trabalhos do Prof. Sant'an-

na e por tudo que diz respeito ao folclore brasileiro e a Olímpia. Graçíssimos lhe somos, Piracicaba amiga.

4 - "Jornal A Tarde", de Salvador - BA, sob responsabilidade da escritora, folclorista e professora da U.F.B.A., Hildegardes Vianna, da Academia de Letras, tem divulgado na coluna "Coisas de Olímpia", todas as realizações dos festivais do folclore de nossa terra, entusiasmo e admiração alternando-se, demonstrando que conhece bem o trabalho do Prof. José Sant'anna e da sua equipe. Hildegardes, nossos votos de sucesso permanente e agradecimentos imorredouros.

5 - "Jornal de Domingo", Campinas - SP, suplemento "Domingo Lazer", agosto/91, traz extraordinária reportagem sobre Olímpia e seu folclore, muitas fotos coloridas sobre grupos folclóricos que aqui se apresentam durante os festivais. Vem sob responsabilidade do jornalista Josué Pires de Menezes, com o título "No País do Folclore a Capital é Olímpia". É uma bela página sobre o que aqui se faz em uma semana, visando divulgar e preservar o folclore pátrio. Uma ode ao laborioso trabalho do Prof. Sant'anna e sua luta em prol da continuidade dos festivais. Ao caro jornalista, nossa gratidão.

6 - "O Jornal de Piracicaba" - SP, de 22/09/91, página 2, publicou tão gentil reportagem sobre Olímpia que, agradecidos em demasia, vimo-nos na contingência de transcrevê-la na íntegra, perpetuando-a nos nossos anuári-

REGISTRO

os. Eis o que Flávio de Toledo Piza escreveu:

PLUMA AO VENTO FOLCLORE

“Vamos hoje deixar de lado qualquer pseudônimo e mudar a feição desta “pluma”, para tratar de coisas muito mais sérias do que os assuntos leves que há 29 anos caracterizam este cantinho. É que acabamos de receber o Anuário do 27º Festival do Folclore de Olímpia, uma surpresa que se tornou ainda mais agradável graças a delicada dedicatória do seu diretor, José Sant’anna. Trata-se de um verdadeiro livro de 120 páginas, 20 por 30, com a matéria contada em três colunas, em grande parte de corpo pequeno, mas de leitura fácil devida a ótima qualidade do papel bem branco e também ao esmero do trabalho tipográfico. Tudo fartamente ilustrado com fotografias desenhos e “cartuns” além de numerosas reproduções de trechos musicais. Uma obra que deve despertar inveja a muitas instituições culturais, mas que não representa um milagre, sabendo-se que o Anuário contou com o patrocínio do Bradesco, que merece compartilhar de todos os elogios que se fizeram à magnífica publicação.

Coletânea do melhor quilate, traz uma série de trabalhos assinados, série que seria longo enumerar num cantinho do jornal. Todavia, como exemplo, basta citar “Sabendas” de Iseh Bueno de Camargo e “Quartéis de São Benedito em Olímpia” de José Sant’anna, dois trabalhos de fôlego com 15 e 35 páginas respectivamente. O nível se mantém sempre alto, quer nos contos, nas adivinhas, nas quadras sobre casamento, quer nos trabalhos de âmbito mais restrito como: “A cebola no folclore olimpiense”, ou ainda nos de caráter mais geral como “Folclore no Brasil” de Laura Della Mônica. Muita coisa interessante surge por toda parte, como as 105 credências, simpatias e benzimentos alinhados no trabalho de Aparecida Gil sobre o sal de cozinha, cujo título já é bastante sintomático: “Se cumbuca de sal molhar, chuva vai pingar”.

Dos dados introdutórios verifica-se que Olímpia possui um museu de História e Folclore “Maria Olímpia”, de que faz parte um Departamento de Folclore. Não é sem razão que a cidade ostenta o título de Capital do Folclore.

A gostosa surpresa que nos foi proporcionada tinha, por força, de nos levar à consideração dos felizes patrocínios à cultura por parte de empresas privadas. O Bradesco deve ter contribuído com apreciável quantia, mas,

em compensação, há de ter despertado a gratidão e a simpatia de todos os que tiveram oportunidade de ler o Anuário e, mesmo, de todos os que se interessam pelo folclore brasileiro, ou pela cultura de uma maneira geral.

Aqui ficam os parabéns a todos que nos deram esse belo presente ao lado dos votos de que se generalize cada



vez mais essa cooperação valiosa entre empresa e cultura

7 - “Shopping News”, jornal de circulação na capital paulistana, com distribuição gratuita e tiragem de muitos mil exemplares, no mês de agosto, divulga, pormenorizadamente, a nossa festa maior. A capital de São Paulo fica sabendo dos pormenores culturais que ocorrem na Capital do Folclore.

8 - Além desses, temos que consignar nossos agradecimentos pela cobertura que nos deram os jornais paulistas, “O Estado” e a “Folha”, ambos fiéis em seus artigos, generosos ao se referirem aos nossos festivais de folclore. Somos agradecidos.

9 - De Olímpia, os semanários, “Folha da Região”, “Tablóide Nova Paulista”, “O Jornal” e “Cidades”, apresentam, em agosto, vasta reportagem sobre todos os eventos a serem realizados nos oito dias do Fefol, além de fixarem, no papel, acontecimentos de tudo que marca a cidade durante a sua festa maior.

10 - E destacamos, também, com nossos agradecimentos, jornais da região que sobre o FEFOL falaram: Bebedouro, Barretos, Catanduva, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto. Se outros houve, agradeço em nome dos

festivais. Deus lhes pague.

REVISTAS

1 - “Veja”, edição 1194, ano 24, nº 32, de 7 de agosto/91 traz belíssima reportagem sobre o Festival do Folclore de Olímpia. Presta à cidade rica homenagem na pessoa do criador dos mesmos Prof. José Sant’anna.

2 - “Ícaro”, Revista de Bordo da VARIG, nº 81/91. Apresenta grande reportagem sobre “Caiapós no Festival do Folclore de Olímpia”, perfeitas e belas fotos coloridas, com um vasto texto explicativo, em português e inglês. Deve ser muito bom, durante vôo internacional, saber que há um rincão paulista que se orgulha de tentar preservar a cultura popular brasileira. Viva, Varig, infinitos vôos de sucesso, Deus a proteja sempre!

3 - Destaque: O Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura - IBECC - Comissão Nacional da UNESCO, à qual se integra a Comissão Nacional de Folclore, sob responsabilidade de Cleantho de Paiva Leite, presidente da entidade e Joaquim Caetano Gentil Netto, diretor executivo, traz, em meio a artigos de interesse nacional, menção aos festivais de folclore de Olímpia. Como nos enviam correspondência assídua, com publicações relativas aos trabalhos efetuados pelos órgãos, destacando os voltados para o folclore, bem como a bibliografia anual emitida pela Coordenação de Folclore e Cultura Popular, da Secretaria da Cultura da Presidência da República - Instituto Brasileiro de Arte e Cultura - IBAC, achamos por bem, sob forma de perene gratidão, deixar no Anuário de 1992 a composição da Comissão Nacional de Folclore:

- Ático Vilas-Boas da Mota: Presidente
- Bráulio do Nascimento: Vice-presidente
- Paulo de Carvalho-Neto: Assessor do IBECC e Secretário Geral.
- Cásia Frade: Tesoureira.
- Maria Luiza Figueira de Mello: Coordenadora para Assuntos de Intercâmbio.
- Irany Leme: Coordenadora de Promoção Cultural.
- Delzimar Coutinho: Secretária Adjunta.

Pronto, eis aí, Jornais, Revistas e Boletins que divulgaram os Festivais do Folclore de Olímpia, homenageando, assim, o criador e coordenador dos mesmos, Prof. José Sant’anna. A todos que registrei e aos que porventura passaram despercebidos, nossos mais profundos agradecimentos.

Homenagem a Saul Martins

Nosso amigo de longa data, **José Carlos Rossato**, estudioso e pesquisador do folclore nacional, autor de várias obras sobre manifestações folclóricas regionais, presta homenagem ao grande folclorólogo Saul Martins, esse nosso irmão de lutas, velho parceiro de nossas reivindicações em prol da divulgação da cultura popular brasileira.

Rossato foi muito feliz e, com prazer, registramos, na íntegra, a homenagem que presta a Saul Martins:

SAUL MARTINS



O intelectual **Saul Alves Martins**, antropólogo e folclorólogo, "pesquisador de mão cheia", nasceu em Januária (MG), em 1.º/11/1917. Tornou-se belorizontino honorário pela Resolução nº 900, de 28-04-87.

Casado com Julinda Garcia Junqueira, tem cinco filhos: Herbert, Sueli, Fani, Márcia e Jiçara.

É Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 1957. Licenciado em Ciências Sociais pela mesma UFMG, 1959. Doutor em Ciências Sociais, com especialização em Antropologia, pela UFMG, curso iniciado em 08-05-1968 e concluído em 14-12-1970, com defesa de tese.

Exerceu o magistério em todos os graus, do 1º ao 5º (doutorado). Foi Diretor Geral das Escolas "Caió Martins", chefe do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, durante dois mandatos, totalizando quatro anos; membro do Conselho Universitário da Pontifícia Católica (PUC), de Minas Gerais, por dois anos; e membro do Conselho de Cultura Popular do Estado de Minas Gerais.

Por designação do MEC-DAU, foi membro de Comissão Verificadora das Condições de Faculdades, em 1971 e 1972.

Pertence a várias instituições culturais do País e estrangeiras.

Participou, duas vezes, de Bancas para julgamento de teses destinadas à obtenção do grau de doutor pela Universidade de São Paulo (USP); e uma vez pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

É presidente de honra da Comissão Mineira de Folclore e um dos seus fundadores.

Dá nome a cinco instituições culturais no

Estado de Minas Gerais, na qualidade de patrono: um museu de folclore, um clube de leitura, uma federação com mais de cinquenta mil associados, e duas bibliotecas.

Além de placas, troféus e homenagens especiais, foi agraciado com trinta e oito medalhas, entre as quais a do Mérito Educacional, de ouro; a da Inconfidência, Estado de Minas Gerais; a de Santos Dumont, de prata; a Vital Brasil, governo do Estado de São Paulo; e a do Sesquicentenário da Independência do Brasil, concedida pelo governo federal.

Como convidado especial de diversos governos, universidades e instituições culturais, ministrou cursos e/ou palestras em todos os estados brasileiros, exceção do Ceará, Roraima, Amapá e Tocantins. A convite esteve em Córdoba, na República Argentina.

Recebeu o título "Mestre do Ano", em 1963.

Coordenou várias semanas de folclore em Belo Horizonte e uma festa nacional, no gênero, também na capital mineira, em 1976.

Esteve em Olímpia, em 1986, como "hóspede oficial do Município", para participar do Simpósio Nacional Sobre Estudo do Folclore, no decorrer do 22º Festival do Folclore, desenvolvido entre dez e dezessete de agosto daquele ano.

Foi membro consultivo da Comissão Organizadora da Festa Nacional do Folclore, realizada no Distrito Federal, Brasília, em 1974, sendo o Ato do Ministro da Educação, do ano anterior.

Autor premiado em São Paulo, em 1951. Já publicou mais de uma dezena de livros na área de sua especialidade e tem dez outros inéditos. Seu livro **Antônio Dó** serviu de roteiro para o filme de longa metragem, colorido, e que se acha rodando no circuito comercial do País. É letrista de seis canções, adotadas oficialmente pelas respectivas instituições. Seu soneto **Flores do Campo** foi considerado, em concorrido certame promovido pela Federação das Academias de Letras do Brasil, um dos dez melhores da fase contemporânea em Minas Gerais.

Participou de muitos conclave: encontros, seminários e simpósios em variados locais; e de todos os congressos de folclore já realizados em nosso País, tendo sido relator, no último destes, de um dos painéis.

OBRAS EDITADAS

A - LIVROS

1 - **A Dança de São Gonçalo** - Mantiqueira, Belo Horizonte, 1954.

2 - **Canção da Terra** - Poesias - do Autor, Belo Horizonte, 1955.

3 - **Jogos Infantis e as Cantigas de Roda** - Centro Regional de Pesquisas Educacionais - MEC-INEP, Belo Horizonte, 1962.

4 - **Antônio Dó** - Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1967; 2ª edição; Interlivros, Belo Horizonte, 1979.

5 - **Os Barraqueiros** - Centro de Estudos Mineiros - UFMG, Belo Horizonte, 1969.

6 - **Contribuição ao Estudo Científico do Artesanato** - Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1973.

7 - **Folclore em Minas Gerais** - MEC-FUNARTE-INF, com participação da UFMG, Rio de Janeiro, 1982; 2ª edição: EUFMG, Belo Horizonte, 1991.

8 - **Folclore: Teoria e Método** - Secretaria de Estado da Cultura/ Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1986.

9 - **O Misterioso Número Três** - Carranca, Belo Horizonte, 1987.

10 - **Congado: Família de Sete Irmãos** - SESC, Belo Horizonte, 1988

B - OPÚSCULOS:

1 - **Artes e Ofícios Caseiros** - Separata da Revista do Arquivo, CLXIV, obra premiada pela Discoteca Pública Municipal de São Paulo, 1959.

2 - **O Artesanato no Serro** - Secretaria de Estado do Trabalho e Cultura Popular/Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1964.

3 - **A Indústria Caseira em Pitangui** - Secretaria de Estado do Trabalho e Cultura Popular/Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1966.

4 - **Proteção ao Artesanato** - Secretaria de Estado do Trabalho e Cultura Popular/Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1966.

5 - **O Museu e a Pesquisa Artesanais** - Academia Patense de Letras, Patos de Minas, 1969.

6 - **Arte e Artesanato Folclóricos** - MEC-FUNARTE-CDFB, Rio de Janeiro, 1976.

7 - **Arte Popular Figurativa** - Carranca, Belo Horizonte, 1977.

C - FOLHETOS

1 - **O Artesanato na Região de Barreiras** (nota prévia) - Campus Avançado da UFMG - Conselho de Extensão - Barreiras, Bahia, 1973.

2 - **A Pedra no Folclore** - MEC/Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais/ Centro de Estudos Folclóricos, Recife, 1979.

3 - **Uma Oficina em Cada Lar** - Secretaria de Estado do Trabalho e Cultura Popular, Belo Horizonte, 1964.

D - INEDITAS

1- **Dicionário do Artesanato e Ocupações Afins.**

2 - **Panorama Folclórico.**

3 - **Artesanato: Criação e Vida.**

4 - **Antônio Dó** (3ª edição), revista e ampliada.

5 - **O que é cultura?**

6 - **Ideário.**

7 - **Lagartas-de-fogo** (sátiras).

8 - **Pó de Estrelas** (Trovas e outras poesias).

9 - **Crônicas.**

10 - **O Impostor** (Sátira).

Depois de muito trabalho, chegou à aposentadoria merecida, recentemente. No entanto, para felicidade dele e dos seus admiradores, como nós, os seus amigos não o deixam ocioso. Sempre é convidado para expor o brilho da cultura que carrega e a experiência obtida durante décadas e décadas."

Muito bem, José Carlos Rossato. Dê destaque aos gênios da nossa cultura popular. Saul é querido e respeitado por todos os olimpienses. Parabéns.

Livros e Anuários recebidos

Para nós, folcloristas, é muito importante estarmos a par de tudo que acontece no país em torno do folclore ou da cultura popular. Nada melhor do que livros e revistas para nos deixarem sempre em dia. Felizmente, nossos amigos de todos os rincões, estão a postos para nos informarem de tudo, estão bem próximos de nós através de publicações que nos são enviadas periodicamente.

Tentaremos registrar, juntando nossos maiores agradecimentos, o que, prazerosamente recebemos em 1991 e início de 92, anexando sempre que possível, Requerimento do Vereador José Sant'anna, junto à Câmara Municipal de Olímpia, apoiando votos de louvor aos doadores.

1) **Folclore**, da Associação de Folclore e Artesanato do Guarujá, SP, Boletim nº 16, onde a "Carta do Editor" - Baronesa Esther Sant'Anna, pelo voto de louvor à Associação de Folclore e Artesanato de Guarujá, que nos honra sobremaneira". Há bons artigos de José Geraldo de Souza, de Martha Bache (Argentina), da Baronesa, do Saul Martins, do Sant'anna, de Maria Martins Daniel, do Veríssimo, do Hélio Damante, da Iseh B. de Camargo e variados assuntos sobre folclore. Muito bom, gratos à Baronesa Esther.

2) **Boletim nº 13 da Comissão Mineira de Folclore**, 1991, com artigos interessantes como "Manifestações Folclóricas em Vespasiano", "A linguagem secreta", "Santo Antônio em Juiz de Fora", "Enigmas Populares", "Benditos" e muitos outros. Excelente trabalho pelo qual muito gratos estamos.

3) **Do Recife, PE**, com amável dedicatória, "Ao Professor José Sant'anna, que tanto e tão bem tem feito pelo nosso Folclore, com o abraço amigo e a admiração de Mário Souto Maior", vem para o acervo do folclore olimpense, o livro "Antologia do Carnaval do Recife". Mais de 400 páginas, tendo como organizadores Mário S. Maior e Leonardo Dantas Silva, aprofundam-se no estudo do Carnaval pernambucano, desde o século XIX até os nossos dias. Passam por Bailes de Máscaras, Entrudo, Lança-perfume, "O Frevedouro" e grupos carnavalescos, Clube, Músicas, Frevo Maracatu, Caboclinhos e tudo o mais sobre a alucinante festa que vem marcando os foliões do Recife - o Carnaval. Há muito o que ler e, sabemos, ao término, saberemos um pouquinho mais do recifense e do seu jeito de se divertir. Gratos pelo oferecimento, gratos pelos conhecimentos que havemos de auferir.

4) Por gentileza da Editora UFMG, da autoria de Saul Martins, chega-nos às mãos "Folclore em Minas Gerais", obra de profundo alcance folclórico. Abrange todas as manifestações folclóricas de Minas Gerais, além de excelente apanhado histórico da formação e desenvolvimento desse Estado vizinho. Aborda o "Folclore na escola", a "Linguagem popular", "Literatura Oral", "Danças e Folguedos Folclóricos", "Arte e Artesanato", "Culinária",...um feliz apanhado de tudo o que o mineiro sabe fazer e o faz bem feito. Parabéns, amigo Saul, juntamente com o Prof. José Sant'anna lhe desejamos longa vida para produzir mais e mais obras desse vulto. Gratos pela oferta.

5) **Cartas de Mario de Andrade**. Destinadas à Câmara Cascudo, cinquenta e seis cartas, obra interessante do autor que encontra, em Veríssimo de Melo um fiel apresentador. Demonstra Veríssimo o quanto Mário de Andrade influenciou Câmara Cascudo para levá-lo a aprofundar-se nos estudos do folclore brasileiro. Uma obra digna de constar no acervo de leituras folclóricas e, para Veríssimo que está sempre conosco, em franca correspondência, nossos votos de sucesso. Os missivistas dispensam nossos aplausos. Lá onde se encontram hoje já são história!

6) Pelas mãos de Doralécio Soares, recebemos o **Boletim da Comissão Catarinense de Folclore**, uma alentada obra que focaliza o folclore de Santa Catarina, com artigos de renomados autores como Nereu do Vale Pereira, do próprio editor e outros mais. Muita ilustração na dança do Pau-de-fita, uma bela explicação da Profª Lélia da Silva Nunes sobre a Procissão do Senhor Jesus dos Passos e, de Sílvio Coelho dos Santos, tudo sobre a "Farra do Boi" em Açores enriquecem o Boletim. Ao Doralécio, grande amigo de Olímpia, nossos votos de perenidade na obra encetada.

7) De Maceió, AL, recebemos **Estudos de Folclore em homenagem a Manuel Diegues Júnior**, volume de 306 páginas. Traz trabalhos de amigos como Átila Vilas-Boas da Mota, Bráulio do Nascimento, Cásia Frade, Doralécio Soares, Hildegardes Viana, José Maria Tenório Rocha, Napoleão Figueiredo, Paulo de Carvalho Neto, Veríssimo de Melo.

Assim, mais conhecimentos folclóricos, com o trabalho de Manuel Diegues Júnior, dando-nos "uma visão social ampla do folclore como componente básico da nossa formação." Mercedemente homenageado e merecidos os votos de perenidade aos amigos de Maceió que não nos esquecem. Que Deus lhes dê o quinhão solicitado, fazemos votos.

8) De Alcides Nicéas ao Prof. Sant'anna, do Recife, PE, com a dedicatória: "Meu prezado Prof. José Sant'anna. Muito obrigado pelo carinho de sua moção ao meu trabalho sobre "Saudade na forma do repente". Dez anos de pacientes leituras originaram este vocabulário. Aproveito para transmitir ao caro confrade os meus cumprimentos de Boas Festas", estamos de posse da obra "Verbetes para um dicionário do carnaval brasileiro". Como o nome diz, sob forma de dicionário, tudo sobre o Carnaval, a mais propalada festa popular brasileira. Segundo o mesmo, carnaval - sinônimo de enredo na linguagem interna nas escolas de samba. Muito bom e a Alcides Nicéas nossos agradecimentos.

9) "Ao emérito amigo Professor e Folclorista José Sant'anna, para compartilhar comigo, do pouco que aprendi sobre Deus, o mundo e o homem", assinado José Pinheiro Fernandes, assim iniciamos nosso conhecimento do trabalho desse mestre na arte de escrever, "Ficções de hoje...Realidades de amanhã". Pinheiro Fernandes nasceu em Valença, RJ, e desde jovem escreveu para jornais. Este é o seu 10º livro da Coleção de Literatura "Arnês", do escritor, poeta, jornalista e historiador em pauta. É um prazer conhecer sua obra, e Ficções são agradáveis lições sob for-

ma de prosa e verso. Muito gratos pelo livro, fazemos votos que muitos outros surjam para ampliar nossos horizontes de jornalistas, historiadores e velhos mestres. Parabéns!

10) Vem de Sorocaba, SP, oferecido ao Prof. José Sant'anna, o volume "52 Estórias Populares", de Waldemar Iglésias Fernandes. Autor de diversas outras obras de cunho folclórico, ele divide esta em Estórias de Encantamento, Estórias de Exemplo, Estória de Animais, Facécias, de Santos, do Diabo, de Assombrações e Mitos, Acumulativa, de Pedro Malasartes e algumas Sul-mineiras. Livro bom de ler, importante pelo conjunto de alegres contos que apresenta, demonstrando que sempre há alguém que nos ajuda a preservar o folclore brasileiro. Nossos parabéns pela obra e cumprimentos pela feliz publicação. Gratos ao autor.

11) No "Jornal Piracicabano" de 1991, no recanto dedicado a História e Folclore, o escritor Dr. Francisco Vasconcelos, de Petrópolis, RJ, escreve firme e tenazmente sobre o movimento cultural brasileiro, dando enfoque a Olímpia que conhece e que prestigia sempre. Temos em mãos diversos números do Jornal, e é com prazer que registramos o esmero desse culto amigo naquilo que nos diz respeito. Esperamos que continue a nos lembrar, enquanto escreve, sabendo que há um espaço bem grande no coração de Olímpia aos que sabem apreciá-la. Parabéns pelo que escreve e obrigada pelo "toque" que a nós dedica. Obrigada.

12) Benedito Pires de Almeida, de Tietê, SP, envia ao Prof. José Sant'anna, cópia xerocada de seu trabalho inédito, "Síntese do Folclore de Tietê". Aborda costumes do povo, credences, dando grande enfoque às festas religiosas tradicionais, às simpatias e aos mitos regionais. Um trabalho singelo que retrata um povo em suas tradições, perpetuando, assim, usos e costumes paulistas. Ao autor, nossos agradecimentos.

13) **Contos e História de Conceição do Coité**. Esse município baiano, lá pr'as bandas de Feira de Santana, através de Marielza Carneiro D'Vilanova e seu pequeno livro "Contos e Histórias de Conceição do Coité", enviado pela autora ao Prof. José Sant'anna, nos leva a conhecer, um pouquinho mais, como vive a nossa gente distante.

Narra, sem alardes, a difícil vida dos primeiros habitantes da árida região, sua luta devida à falta d'água, a religiosidade do povo primitivo, visões e credences que forjaram a história de sua gente. O entusiasmo de Marielza D'Vilanova impregna de poesia seu escrito, fala do seu amor à sua terra, aos seus usos e costumes, demonstra a sua admiração àqueles que, em priscas eras, enrijeceram o baiano, seu ancestral.

Nossos cumprimentos à autora, que Conceição de Coité valorize sempre o trabalho dessa denodada pioneira baiana, perpetuando a história de sua terra. O Prof. Sant'anna agradece, sensibilizado, enviando-lhe o Anuário do 27º FEFOL, conforme solicitado, esperando que venha, realmente, apreciar o que se faz em Olímpia pelo folclore brasileiro. Nossos parabéns à escritora. Continue sem esmorecer, cante a sua terra, a sua gente. Cantará o Brasil, sem dúvida. Parabéns.

Recomendações de Ático

De Macaúbas, BA, o professor Ático Vilas-Boas da Mota, Presidente da Fundação Cultural Professor Mota, através de três missivas ao Sant'anna, seu amigo, tecendo elogios ao trabalho do mestre, à sua equipe, e "à nossa querida Olímpia, graças aos seus festivais de folclore, tem sido um centro de irradiação de brasilidade", faz alguns pedidos.

Sim, respondemos: vamos envidar nossos esforços para que, em breve, calendário bem ilustrado seja mais um fator de perpetuação dos nossos festivais, embora, devido à atual crise econômica os entraves sejam muitos. Sim, dizemos: lutaremos, dentro do possível, para que o Brasil seja uno, jamais dividido para atender a isolacionistas sem amor pátrio. Através de todos os meios de comunicação que possuímos, divulgaremos nosso temor à epidemia trazida pelo cólera, batalhando para que toda pessoa se conscientize do seu papel de alerta permanente contra esse mal. E queremos, afinal, cumprimentar o Prof. Ático por sua visão global dos problemas brasileiros, agradecendo a sua dedicação ao folclore olímpense e a sua amizade ao Prof. Sant'anna, dois baluartes da nossa cultura popular. Parabéns, Ático, procuremos sempre e nos dê, constantemente, notícias de seus trabalhos. Olímpia lhe é grata, mestre.

O Ovo de Colombo

Na realidade, esse genovês obstinado, que nos descobriu, isto é, descobriu as Américas há 500 anos, não tem ligação direta com o folclore brasileiro. O fato de botar o ovo de pé... (sobre uma mesa, com as mãos) não o transforma em personagem mitológica ou lendária. E ele era bem terra a terra, segundo a história. Isso não impediu, no entanto, que ele desse asas à imaginação, que tecesse seus sonhos de descobrir terras exóticas, povos exóticos. E há muito desse seu estilo nas manifestações folclóricas: sonhos, imaginação, determinação, adversidades. Colombo, Cristóvão por nascimento, foi injustiçado, por isso não somos colombianos, somos americanos, sul-americanos. Morreu pobre, esquecido, envelhecido precocemente, envolto em mais sonhos de rotas intrincadas. Merece nossa homenagem neste 1992, 500 anos após ter chegado às Américas, desembarcado, embora por pouco tempo, em solo que hoje sedia amálgama colorida de povos diferenciados.

Uma prece de todo folclorista dirigida ao descobridor, prece que, dos siderais espaços continue a descobrir caminhos para perpetuação dos homens que povoam terras que encontrou, prece para que alcance bênçãos para todos nós, americanos de qualquer latitude. Que Deus o tenha e que sua rota pelas estrelas seja mais suave. Amém...

Comendas: Comendadores e Cavaleiros

Uma sessão de rara beleza e requinte aconteceu na manhã de 27 de outubro de 1991, na Casa da Cultura "Álvaro Marreta Cassiano Ayusso", Olímpia. Foi o dia dedicado a "Outorga de Condecorações" pela Chancelaria da Ordem Internacional dos Jornalistas a eméritos representantes da vida social, política, cultural e filantrópica desta cidade.

Além do esbanjar de cores nos trajes sociais femininos, do brilho dos ternos masculinos, do garbo dos representantes da Ordem, oitenta membros do Coral Carlos Gomes, de São Paulo, abrilhantaram a cerimônia. Os figurantes, em togas vermelhas e brancas, deram o feliz toque religioso, a fim de que bênçãos atingissem os laureados proporcionando, por outro lado, a necessária descontração com esfuziantes músicas populares, várias do folclore mineiro, algumas internacionais.

A platéia vibrou. Nós vibramos.

Presentes ao evento, o Chanceler Peter Paulipek, o Delegado da Ordem, Samir Madlum, o Secretário do Desenvolvimento Regional, Roberto Giacon, representante do Governo Federal, Paulo Sanches, componentes da mesa, ambos membros da Honraria da Ordem Internacional dos Jornalistas.

Comendadores: Deputado Estadual Uebe Rezek e senhora, D. Rosa Maria D'Ávila Rezek; Prof^º Iseh Bueno de Camargo, Prof^º Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Dr. João Paulo Forti e esposa, D. Maria Aparecida G. Forti; Dr. Nelson Jacob Caminada e senhora, D. Elza Serafim Caminada; Sr. Eurides Zangirolami (recebeu por ele Wilson Zangirolami); Dr. Valdir Virtuan e esposa, Prof^º Ivone Bonadio Virtuan e Dr. Altino Robazzi.

No segundo grau de Comendas (Cavaleiros): Wilson Zangirolami, Marcelo Gil Munhoz, Prof. José Sant'anna e Wanderley Dario Forti.

Promovido ao grau máximo das honrarias (Cavaleiro da Grã-Cruz) - Prefeito José Fernando Rizzatti.

Antes da entrega de medalhas e diplomas, o Dr. Peter Paulipek, em bem elaborado discurso explicou o significado da entrega de títulos pela Ordem. Esclareceu que essa entidade, criada em âmbito internacional, tem caráter cultural profissional, político, social e filantrópico. Ao homenagear, procura prestigiar, promover e perpetuar o nome de pessoas que se destacaram no âmbito familiar, cultural, político e social. Assim, cada homenageado serve de exemplo à juventude, em quem se depositam os ideais de liberdade com sabedoria, de igualdade com justiça e fraternidade com amor.

Alguns laureados foram indicados por

representarem a cultura local - Estudos Folclóricos - como é o caso de Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Iseh Bueno de Camargo e José Sant'anna.

Representando a área da Educação, por seus muitos anos à frente de escolares, o senhor Dr. Altino Robazzi.

Por seus trabalhos filantrópicos e sociais, destacaram-se o Prefeito José Fernando Rizzatti e o Vice-prefeito Marcelo Gil Munhoz.

Todos os agraciados com novos títulos, mercedores por méritos inquestionáveis, sentiram-se comovidos e felizes enquanto durou a cerimônia. Foram instantes de vibração constante, o público aplaudindo, freneticamente às vezes, porém simpaticamente sempre, foi um grande dia para Olímpia, inesquecível para os laureados.

Grande parte desse brilho deve-se ao Coral Carlos Gomes, dirigido pelo maestro Turíbio José de Burgo.

Encantadoras peças musicais, de fundo religioso, como a famosa Oração de São Francisco e Aleluia. Vibração com "Apolônio quer se casar"

Puro encantamento com solista especial em música sacra e no popularíssimo "Funiculá" italiano. E, nos últimos instantes da apresentação, enquanto o órgão rasgava as quentes horas matinais, membros do Coral, cantando a "Bênção", desceram junto à platéia para os cumprimentos gerais. Uma passe místico, sem dúvida. Que grande maestro! Que grande Coral!

Assim foi nossa manhã de Comendas. Agradecemos a Ordem Internacional dos Jornalistas, aos seus membros que de longe vieram e nos agraciaram, agradecemos ao Coral Carlos Gomes, agradecemos a esfuziante assistência. Que o Senhor esteja com todos vocês, que esse dia seja um marco eterno nas nossas vidas, fazemos votos. Que haja mais laureais. É bom!

Folclore Chamando Toca do Curupira

Mais uma iniciativa da Comissão de Folclore, desta vez contando com o entusiasmo de mais uns poucos auxiliares dedicados: a Toca do Curupira. Uma barraca incrementada, implantada na Praça da Matriz, recebeu, nos dias 15, 16, 22 e 23 de maio de 1992, público festeiro que, comendo bem, divertindo-se bastante, ouvindo boa música e apreciando danças folclóricas, proporcionou recursos para o maior brilho do 28º FEFOL.

A Toca do Curupira alcançou o êxito almejado para ajudar nosso festival. Nossa gente participou e se divertiu.

As comunicações recebidas de vários pontos do país

Maceió - AL, 22 de maio de 1991
Caríssimo Prof. Sant'anna

Fico felicíssimo em saber que você gostou do texto. Mais feliz ainda por vê-lo estampado no envelope. Como ficou bem apresentável! Imagino a dificuldade dos gráficos para fazer um enquadramento perfeito. Que maravilha!

Continuo no Mestrado no Recife e penso que já vou poder voltar para casa em julho e ficar indo lá uma ou duas vezes por mês, para as orientações necessárias.

Em agosto, no Festival, haverá algum curso de folclore? Não esqueça que estou louco para voltar.

Abraços de
JOSE MARIA TENÓRIO ROCHA
* * *

Rio - RJ, 3/8/1991

Prezado Prof. José Sant'anna

Agradecendo a gentileza da remessa do programa do 27º Festival do Folclore de Olímpia, desejo o sucesso de sempre neste evento que já se tornou tradição na busca pela valorização do tradicional.

Como bem disse José Maria Tenório Rocha: "Ser olimpiense é saber dar amor e receber o respeito de todos..."

CÁSCIA FRADE
* * *

Natal - RN, 12/8/1991

Telegrama

Prof. José Sant'anna

ALMEJANDO MELHORES ÊXITOS 27º FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA, FELICITAMOS ILUSTRE COORDENADOR JOSÉ SANT'ANNA, VELHO GUERREIRO QUE MANTÉM VIVA CHAMA DO CULTO DAS LEGÍTIMAS TRADIÇÕES DA NOSSA PÁTRIA.

Cordialmente,
VERÍSSIMO DE MELO

Pres. de Cons. Est. de Cultura - RN
* * *

Osasco - SP

Cidade de Deus, 12 de agosto de 1991

Prof. José Sant'anna

MD. Coordenador do FEFOL

Prezado Professor Sant'anna

Recebi a revista do 27º Festival do Folclore, que está sendo realizado nessa cidade.

Sou-lhe grato pela especial atenção com que me distinguiu.

Em nome de todos os membros da Família Bradesco, desejo agradecer, também, a destacada homenagem a nós prestada na pessoa do nosso Diretor Sr. Márcio Artur Laurelli Cypriano, fato que muito nos sensibiliza e envaidece.

Permanecendo sempre à sua disposição e fazendo votos de que o 27º Festival seja marcado pelo sucesso, firmo-nos com elevado apreço.

LÁZARO DE MELLO BRAN-DÃO

Presidente.

* * *

Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo

São Paulo, 14 de agosto de 1991

Prezado Senhor

Com os nossos cordiais cumprimentos vimos à presença de Vossa Senhoria para consultá-lo sobre a **possibilidade de alguns grupos folclóricos se apresentarem, durante este mês, no município de Santa Fé do Sul.**

Esta solicitação, que nos foi formulada pelo Prof. José Benedito Calazans, Delegado de Ensino de Santa Fé do Sul, justifica-se pelo fato de que são inúmeros os estudantes locais que se ressentem diante da impossibilidade de participar da Semana do Folclore em Olímpia, cujo prestígio ultrapassa os limites regionais.

Diante, pois, da expectativa da comunidade em conhecer o folclore que Olímpia destacou-se em promover, esperamos contar com a valiosa atenção de Vossa Senhoria ao referenciado, levando para aquele município algumas atrações e figuras representativas do folclore brasileiro com vestuário, comidas típicas e outros.

Antecipando nossos agradecimentos, aproveitamos o ensejo para renovar-lhe nossos protestos de elevado apreço e distinta consideração.

Atenciosamente

DEPUTADO EDINHO ARAÚJO

Ilmo. Sr. Prof. José Sant'anna

Presidente da Comissão de Folclore

* * *

São Paulo - SP 18/8/1991

Prezado Prof. José Sant'anna

Recebi o Anuário do Folclore 1991. Parabéns, está espetacular. Olímpia é a capital Brasileira do Folclore. José Sant'anna é o comandante maior do Folclore Brasileiro.

É pena que eu não tenha ganho espaço em Olímpia. Professor, se possível, me mande mais 2 anuários, por favor.

Abraços do cantor,

TEO AZEVEDO

Maceió - AL, 20 de agosto de 1991

Caro José Sant'anna

Dar parabéns por mais um festival do Folclore, é pleonasma!

Saudade de todos daí e do recinto do festival. Quando irei lá? Sinto estar tão distante de vocês... mas uma coisa nos une cada vez mais: o amor pelo folclore e a esperança de um dia podermos estar felizes por receber ajudas para repassar aos portadores de folclore, tão carentes.

Continuo a pesquisar folclore, embora esteja fazendo Mestrado em Antropologia no Recife. Fiz Antropologia, por entender que irei ficar aparelhado de melhores formas para compreender os fenômenos da cultura popular e folclórica; esta é a esperança que me mantém de pé.

Um abraço

JOSE MARIA TENÓRIO ROCHA
UFAL

São Paulo, 1º de setembro de 1991

Prezados Senhores

Organizadores do 27º Festival do Folclore

Olímpia - SP

Agradeço a gentileza do convite recebido para as festividades de Folclore no mês de agosto último.

Infelizmente não me era possível comparecer a tão importante acontecimento, devido a compromissos assumidos com o Mês do Folclore, aqui em São Paulo.

Congratulo-me com V. S.ªs pelo brilho e sucesso do evento, conhecido através de comentários elogiosos que ressoaram aqui na Capital.

Atenciosamente,

MARIA DO ROSÁRIO DE SOU-

ZA TAVARES DE LIMA

São Paulo - SP, 3 de setembro de 1991

Querida amiga Iseh:

Cada vez que recebo um convite ou um novo trabalho seu, me sinto feliz por sabê-la atuante e criativa como sempre e volta à minha lembrança momentos tão agradáveis e de crescimento cultural que tivemos por ocasião daquele curso tão gostoso e bem estruturado que tivemos na Caetano de Campos, organizado primorosamente pela Ineh e executado com rigor, entusiasmo, graça e profissionalismo por você e a sua inesquecível turma.

Vou ler com carinho mais este trabalho e guardá-lo junto aos outros.

Receba minha gratidão pela lembrança e saiba que mesmo longe respeito e amo essas duas estrelas da família Bueno de Camargo. Recomendações à Cidinha e à moçada tão querida de Olímpia.

Beijos e abraços

MERCIA

Tietê - SP, 4 setembro de 1991

Ilustre escritor José Sant'anna

É com a mais viva emoção que venho à sua presença para apresentarlhe os meus agradecimentos pela remessa do Anuário do 27º Festival do Folclore relativo às festividades deste ano de 1991.

Essa publicação continua sendo maravilhosa, reafirmando o prestígio dos anos anteriores e que veio enriquecer a minha coleção. Muito obrigado, o senhor merece os maiores encômios.

Este ano a revista está com novas informações e colaborações, confirmando os festejos passados.

É merecedor de destaque o trabalho do tradicional e sempre benquisto São Benedito, que em Tietê teve sua igreja fundada há 130 anos. É protetor dos pretos e escravos que aqui, em Tietê, no tempo da escravatura, contavam as fazendas com cerca de cinco mil escravos. Como seria bom se as velhas cidades de São Paulo seguissem Olímpia no seu cultivo ao Folclore.

Sem mais, cumprimento ao eminente amigo pela sua atuação no culto das tradições. O senhor terá as bênçãos da nacionalidade brasileira que não olvidará a sua atuação.

Aqui fica um velho amigo, muito grato, pelas suas atenções.

Com um forte abraço do

BENEDICTO PIRES DE

ALMEIDA

Vitória - ES, 13 de setembro de 1991

Eminente amigo e folclorista José Sant'anna:

É sempre com inusitado prazer que recebo seu Anuário de Folclore, já agora em sua 18ª edição.

Que beleza de texto e impressão! Excelente seu trabalho sobre contos populares, que abre a publicação. Muito bom também o estudo sobre Quartéis (p. 50 e seguintes). Os demais pesquisadores honram o folclore nacional!

Apóio todos os que dizem ser Olímpia a Capital do folclore brasileiro.

Cordial abraço do

RENATO JOSÉ COSTA
PACHECO

Secretário Geral - Comissão Espírito Santense de Folclore

Valença - RJ, 15 de setembro de 1991

Meu querido amigo Prof. José Sant'anna

Muito grato pelo Anuário do Folclore de 1991 que você me enviou. Você é cultor do Folclore de espírito muito elevado.

Leio-os sempre. Comparo-os e analiso-os. Nunca encontrei uma distorção dos assuntos pesquisados e cada vez mais me capacito da grandiosidade desta obra, filha diletta da Cultura, persistência, tenacidade, fibra e garra de um homem invulgar que se dedica de corpo e alma na realização de um ideal: Fazer o tempo parar e, nós como espectadores, completarmos o filme - COMO ÉRAMOS... COMO SOMOS, um misto de realidade e fantasia, de um passado longínquo e de um futuro distante.

Este homem e esta personagem de inegável valor Cultural, Social, Político, Histórico, estudioso e pesquisador do Lazer das crenças e dos costumes se chama: Prof. JOSÉ SANT'ANNA.

Abraço-o com todo o carinho e profundamente agradecido,

JOSÉ PINHEIRO FERNANDES

Natal - RN, 15/9/1991

Amigo José Sant'anna: meu abraço
Recebi a revista do 27º Festival do Folclore de Olímpia.

Você se supera em cada número dessa revista. Pelo que vejo e sinto, você e sua equipe de trabalho vão construindo, sem alarde, uma verda-

deira enciclopédia do folclore paulista. São notáveis os registros de manifestações folclóricas que vêm divulgando na sua revista. Um trabalho que há de ficar pela sua importância folclórica e histórica.

Como elogio não adianta mais para você - que já os recebeu merecidamente de todo o mundo - eu quero propor algo diferente: a edificação de uma estátua, em praça pública, do grande José Sant'anna. Para que a coisa fique mais expressiva, você deve aparecer montado não num daqueles cavalos de raça árabe, famosos, mas num jumento mesmo, que é o retrato da cultura de grande parte do país, com uma garrafa de pinga numa mão, que é bebida folclórica por excelência. Construída a estátua, todos nós iremos correndo até aí para a inauguração, com muita festa, foguetões, pinga e o mais que aparecer...

Creio que seria uma homenagem mais justa e mais digna do que essa de lampião, que uns sertanejos pernambucanos estão querendo erguer ao famigerado bandido.

Enfim, tudo isso deseja expressar o meu agradecimento à remessa da revista e exaltar o seu trabalho, que é de gigante mesmo.

Sempre seu admirador e Amigo

VERÍSSIMO DE MELO

Salvador - BA, 16-9-91

Meu caro José Sant'anna:

Recebi com o agrado de sempre, o Anuário do Folclore - 27º Festival - correspondente a 1991.

Mais uma vez, venho parabenizá-lo pelo ótimo nível da publicação. Você está realizando um trabalho realmente valioso na defesa e divulgação do folclore nacional.

Abraços cordiais de

JOSÉ CALASANS

Embu - SP, 17 de setembro de 1991

Prezado Prof. José Sant'anna

Estou muito grato pela recebimento do Anuário de Folclore - 91 e pelos elogios a mim dirigidos.

Considero o Festival do Folclore como o maior acontecimento no gênero em todo o país. Além de rico é lindo demais.

O Anuário está perfeito. Os artigos são os melhores possíveis.

Parabéns a todos. Desejo-lhes sucesso eterno.

JOTA BARROS

folclorista

Recife - PE, 17 de setembro de 1991

CORRESPONDÊNCIA/91

Prezado Sant'anna:

Agradeço a remessa do Anuário do 27º Festival do Folclore de Olímpia. Parabéns pela realização do Festival e ainda mais pelo anuário que perpetua o evento, registrando não apenas as notícias, mas documentando as manifestações apresentadas e estudadas.

A continuidade do trabalho, tão rara no Brasil, é o testemunho de sua dedicação pessoal e o fruto de integração verdadeira das lideranças com a comunidade.

Um abraço.

ROBERTO EMERSON CÂMARA
BENJAMIN

Recife - PE, 17 de setembro de 1991

Prezado Sant'anna:

Chegou, como sempre bonita e expressiva de conteúdo, a revista que você faz imprimir a cada ano, quando Olímpia revive a sua condição de parque nacional do Folclore.

Você está quase santo, meu caro confrade, realizando milagres somente afeitos aos abnegados por vocação e louvável desprendimento.

Dizer que prossiga, que vá adiante na busca de novos valores da Cultura Popular, é chover no molhado. Você se tornou, por hábito, um permanente pesquisador da Ciência folclórica, divulgando o que sabe para sustentação dessa mesma Cultura, mesmo como dogma de civismo.

Um abraço do seu amigo e confrade,
ALCIDES NICEAS

Rio de Janeiro - RJ, 18 de setembro de 1991

Prof. José Sant'anna

Sentimo-nos duplamente brindados: com a publicação contendo as informações sobre o 27º Festival do Folclore, realizado em agosto de 1991, e com a dedicatória sempre gentil do Professor José Sant'anna.

Estes Anuários, que abordam aspectos diversificados do nosso folclore, vêm enriquecer o acervo do Centro de Pesquisas Folclóricas da Escola de Música da UFRJ.

Parabenizo a todos pelo trabalho que realizam em Olímpia, envolvendo diferentes segmentos sociais desta cidade e de outras localidades. É, sem dúvida alguma, um importante espaço criado no sentido de aproximar pessoas que gostam do folclore brasileiro.

Um grande abraço.

ROSA MARIA ZAMITTI

Rio de Janeiro - RJ, 19-9-91

Prezado senhor Sant'anna,

Agradeço o envio do 27º anuário do Festival do Folclore de Olímpia. Fiquei muito interessado nas matérias sobre São Benedito, devoção que documentei em Parati, RJ, para o ex-INF. E parabéns pela publicação como um todo.

Atenciosamente,

ANA HEYE
CFCP/IBAC

Laranjeiras - SE, 19 de setembro de 1991

Prezado Dr. José Sant'anna:

Acuso o recebimento da revista do 27º FESTIVAL DO FOLCLORE, que muito nos honra com seu precioso conteúdo e qualidade de trabalho. Laranjeiras, por meu intermédio, em nome de seu povo, agradece, de todo o coração a maneira elogiosa que muito nos distinguiu. Que o nosso padroeiro, SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, cubra a cidade de Olímpia com bênção, força, vida e saúde para que sua gente laboriosa possa continuar realizando esse maravilhoso trabalho cultural, tendo V. Ex.ª e sua dedicada equipe como dirigentes.

Sem mais, apresento estima de apreço e distinguida consideração.

Atenciosamente,

JOÃO FRANCISCO DOS SANTOS

Diretor de Cultura e Turismo do Município

Olinda - PE, 20/9/1991

Meu caro Prof. Sant'anna:

Com o máximo prazer registro o recebimento do Anuário do Folclore - 27º Festival, realizado na Capital do Folclore Brasileiro, em agosto deste 1991. Parabéns!

Peço estender minhas congratulações a toda valorosa equipe que trabalha com você bem como transmitir esta minha alegria às autoridades do Conselho de Cultura, do Departamento de Folclore do Museu de História e Folclore, ao senhor Prefeito e Vereadores do Município de Olímpia, bem como ao Banco Bradesco. Sem qualquer dúvida, Olímpia é a cidade que mais prestigia e incentiva a Cultura do Povo Brasileiro, com uma dedicação de 27 anos.

Aproveito para comunicar ao ilustre amigo e demais companheiros folcloristas daí que o meu trabalho, ainda em monografia, intitulado Gigantes Foliões em Pernambuco, ao qual nos dedicamos em tempo integral durante mais de oito meses, concor-

reu e ganhou o prêmio Katarina Real, promovido pela Fundação Joaquim Nabuco, com o patrocínio financeiro do Prof. João Brasileiro Viana.

Espero que o mesmo venha a ser brevemente editado (o que, com as coisas financeiras tão difíceis como estão, não será fácil...) para poder enviar alguns exemplares ao ilustre folclorista.

Receba o abraço amigo do admirador

OLÍMPIO BONALD NETO

Rio - RJ, 21/9/1991

Querido Sant'anna,

Já tenho em mãos o 27º Anuário do Festival do Folclore. Isto significa que a agente de Olímpia é tenaz. O volume está lindo, com impressão primorosa. A qualidade gráfica não perde para os melhores padrões nacionais. E a variedade de temas torna a leitura agradável. Meus cumprimentos são extensivos a você e sua "trupe" entusiasta.

Já estou aguardando o 28º Anuário.

A admiração de
CÁSCIA FRADE

São Paulo - SP, 22-9-1991

Prezado amigo José Sant'anna

Recebi e agradeço o Anuário relativo ao 27º Festival do Folclore. Parabéns pela publicação e também pelo evento que não se realizaria, apesar de tantos e bons colaboradores, não fosse o seu trabalho incansável e entusiasmado.

Ainda não li totalmente o Anuário, mas pelo que li e vi, posso manifestar minha opinião. Está ótimo, rico de informações e bons artigos, além da primorosa composição.

Parabéns a todos os colaboradores e continuem a apoiar e divulgar as manifestações da cultura do nosso povo.

Atenciosamente,

HAYDÉE NASCIMENTO

Piracicaba - SP, 23 de setembro de 1991

Excelentíssimo Senhor

José Sant'anna

Prezado Senhor:

Quero apresentar meus melhores agradecimentos pelo magnífico Anuário. Aproveito para juntar um recorte do "Jornal de Piracicaba", em que menciono o belo presente. Esclareço que "Pluma ao vento" é uma coluna dominical que mantenho há 29 anos naquele jornal. Fiz questão de abandonar o pseudônimo de Roberto

Mateus, como prova de quanto admirei essa coletânea de trabalhos valiosos.

Reiterando os meus agradecimentos, sou o admirador sincero.

FLÁVIO MORAES DE TOLEDO
PIZA

Belém - PA, 23 de setembro de 1991

Estimado confrade amigo, Dr. José Sant'anna,

Com prazer sempre renovado recebi o convite (com atraso porque estava fora de Belém) para assistir ao vitorioso 27º Festival de Olímpia, assim como exemplar da Revista de Folclore, com ótimos enfoques. Gostei muito do conteúdo e da apresentação da Revista, como sempre bem cuidada.

Grata pela gentileza de me enviar suas notícias e exemplar da Revista, com belíssima dedicatória, prometo que, ano que vem, se eu não for antes aí, irei ao Festival de Olímpia, para informar-lhe com detalhes sobre as coisas e as gentes desta terra.

Aguardando suas notícias, abraço a amiga

MARIA BRÍGIDO

São Paulo - SP, 24/9/91

Caro José Sant'anna:

Recebi o Anuário do Folclore - 1991 e sou-lhe grata pela sua gentileza. É motivo de alegria acompanhar a continuidade do seu trabalho e o êxito de que vem coroado.

Votos de que possa prosseguir sempre, não só na promoção do Festival do Folclore de Olímpia, mas também na publicação do Anuário, cujos subsídios são tão valiosos para os interessados na cultura popular brasileira.

O abraço da
MARIA DO CARMO
VENDRAMINI

São Paulo - SP, 25 de setembro de 1991

Ilustre colega Zé Sant'anna:

Somente hoje me foi possível cumprir o alto dever de mandar-lhe estas palavras de agradecimento pela oferta de vários exemplares do Anuário/91 com que você me distinguiu.

Grande parte foi destinada às bibliotecas e a alguns alunos das Faculdades onde ensino Folclore Brasileiro. Nele também está a minha humilde colaboração.

Meus alunos ficaram tão entusiasmados com os artigos que compõem

a revista, que tive certa dificuldade em distribuí-la. Improvisei um concurso sobre folclore para tornar cristã a distribuição.

Seus trabalhos sobre contos, quadrinhas e São Benedito fizeram um grande sucesso. E o Proverbiário Brasileiro da amiga Iseh? Que riqueza profunda!

Enfim, todos os colaboradores esmeraram no que produziram.

Olímpia, então se destaca, uma vez mais, vitoriosa, como Capital do Folclore. E o banco Bradesco, a seu lado, dá-lhe o respaldo necessário para que a cidade divina eternize o cognome de Capital.

Parabéns ao prefeito José F. Rizatti pela escolha dos assessores de Folclore junto a sua administração.

Meu parabéns, novamente, com os meus agradecimentos.

Irmã adotiva, colega, amiga e admiradora.

INEZITA BARROSO

Ribeirão Preto - SP, 26 de setembro de 1991

Íncrito Prof. Sant'anna:

Estou cativo de sua amabilidade. Aliás, outra conduta não seria proveniente de um amigo do nosso Prof. Constantino e filho da bela Olímpia, que tanto admiro desde infante.

Honrar-me-ia, sobremaneira, conhecê-lo pessoalmente e, se possível, continuar recebendo os Anuários da "Festa do Folclore".

Realmente grato e atenciosamente, subscrevo-me,

WILSON ANTÔNIO DOS SANTOS

Juiz - 9ª Vara Cível

Betim - MG, 26 de setembro de 1991

Caro Amigo José Sant'anna e toda a sua equipe

PAZ E BEM!

Acuso o recebimento do Anuário do 27º Festival do Folclore. É preciso ter muito fôlego para fazer todo ano um bom trabalho como este de vocês! Parabéns. Continuem firmes. Enquanto aqui labutamos com poucos recursos e muitas dificuldades, é bom saber que vocês existem.

Abraços,

FREI FRANCISCO VAN DER POEL OFM.

GOVERNO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO
DOS NEGÓCIOS DE ESPORTES
E TURISMO

São Paulo, 26 de setembro de 1991
Senhor Presidente:

Graças à gentileza dessa Presidência, este Secretário tomou conhecimento dos Requerimentos n.º 555/91 e 567/91, de iniciativa dos Vereadores José Sant'anna e Orlando Moço, respectivamente, e aprovados por essa edilidade, agradecendo o apoio financeiro e valiosa colaboração desta Secretaria de Estado ao 27º Festival do Folclore de Olímpia.

Tive o prazer de estar presente ao evento e pude constatar o apuro de sua preparação, aliado ao entusiasmo da população local por mais esta prova de amor à cultura popular, veiculada por uma programação expressiva e deveras diversificada.

Solicito a Vossa Excelência a fineza de transmitir meus agradecimentos aos vereadores que aprovaram as mencionadas proposições e, de um modo todo especial, aos seus autores.

Queira aceitar, nesta oportunidade, meus cordiais e atenciosos cumprimentos.

VALDEMAR CORAUCI SOBRI-
NHO

Secretário de Estado

Excelentíssimo Senhor
OTACÍLIO DE OLIVEIRA NETO
DD. Presidente da Câmara Municipal de Olímpia

Sorocaba - SP, 27 de setembro de 1991

Prezadíssimo José Sant'anna

Desculpe-me por demorar em escrever-lhe. Desde o dia 2 do corrente estive viajando, só regressando ontem.

E que feliz regresso! Deparo com a gentileza de sua oferta: o excelente, o riquíssimo "Anuário de Folclore"!

Faltam-me palavras para lhe expressar o meu reconhecimento. Mas aqui vai ele simplificado e em maiúsculas: MUITO OBRIGADO!

Gostei muito. Dentro da escassez de publicações do gênero dentro do território nacional, o "Anuário" é um acontecimento invulgar, um monumento!

Apreciei bastante a sua ótima coleta de contos, terreno ainda pouco devassado no Brasil, com raros cultores. Parabéns! Espero que nos brinde com novas coletâneas, pois "entre os velhinhos há muito que ouvir e registrar", já dizia o imenso e saudoso Aluísio de Almeida, o pioneiro da coleta científica de literatura oral no nosso Estado.

CORRESPONDÊNCIA/91

Renovo-lhe os meus efusivos agradecimentos.

Um abraço do amigo e admirador
VALDEMAR IGLÉSIAS FER-
NANDES

PREFEITURA DO MUNICÍPIO
DE VÁRZEA PAULISTA

ESTADO DE SÃO PAULO

Várzea Paulista - SP, 27 de setembro de 1991

À Câmara Municipal de Olímpia

Ref.: Of. n° 649/91

Ao acusarmos o recebimento do expediente em epígrafe, vimos registrar nossos mais escolhidos agradecimentos pela calorosa manifestação de carinho, dispensada aos nossos representantes no 27° Festival do Folclore de Olímpia.

Uma vez mais, sumamente agradecidos, expressamos a Vossas Excelências a segurança de nossa grande admiração.

Atenciosamente,

KENYTY NOZAKI

Prefeito Municipal

Maceió - AL, 27 de setembro de 1991

Caríssimo Prof. Sant'anna

Dizer que o seu coração é grandioso, que sua operosidade é desmedida, que a revista ficou linda, excelente, e que Olímpia é a única coisa que funciona neste país, é lugar comum; não é nenhuma figura hiperbólica.

Aos poucos estou retornando a Maceió. Terminei os créditos do Mestrado e, dentro de dois meses, estarei trabalhando em Maceió para escrever a dissertação e defendê-la, quando no tempo.

Pena, pena mesmo é eu não ter ido ao 27° Festival, mas no próximo ano, quem sabe? Quem sabe você conseguirá montar um curso para mim e eu chego lá.

Depois de ter publicado aquele trabalho sobre as Banda-de-Pífanos do Nordeste, em Berlim, saiu um trabalho em Havana sobre a Poesia Matuta e sairá um outro ainda sobre Bandas de Pífanos, na Argentina, em dezembro. Quero expandir os trabalhos para ver se minha vida dá uma guinada e eu saio desse sufoco.

Abração do

JOSÉ MARIA TENÓRIO ROCHA

Osasco, Cidade de Deus, 3 de outubro de 1991

Exmo. Sr.

José Fernando Rizzatti

MD. Prefeito Municipal de Olímpia

Senhor Prefeito

Recebi o Diploma de Louvor ao Mérito, a mim concedido por essa Prefeitura Municipal, através do seu atuante Conselho de Cultura, pela participação da nossa Organização no 27° Festival do Folclore.

Em nome de toda a Família Bradesco, sensibilizado, agradeço a homenagem que nos é prestada, reiterando cumprimentos, extensivo ao Prof. José Sant'anna, pela iniciativa de, anualmente, promoverem aquele evento de grande valor cultural.

Com apreço,

LÁZARO DE MELLO
BRANDÃO

Presidente

Rio - RJ, 4 de outubro de 1991

Sr. Prof. José Sant'anna

Felicito-o mais uma vez pela publicação referente ao 27° Festival de Folclore de Olímpia.

A mais um trabalho que prestam grande serviço às nossas tradições folclóricas, quer pela publicação ou, mesmo, pela preservação da nossa cultura de tradição oral.

Continue com o mesmo entusiasmo, bem como, todos os integrantes da Comissão de Folclore pelo trabalho que conseguem realizar.

Os parabéns sinceros de

DULCE MARTINS LAMAS

Belo Horizonte - MG, 9 de outubro de 1991

Prezado Diretor José Sant'anna,

Vimos, pelo presente, acusar-lhe o recebimento do ANUÁRIO DO 2° FESTIVAL DO FOLCLORE/91. Excelente publicação. Matéria variada e muito bem escrita.

Sem dúvida uma fonte de consulta a todos que se dedicam ao estudo das nossas manifestações folclóricas.

Nossos parabéns. Continuem com essa publicação e com o Festival.

Ambos são exemplos a todo Brasil de como se promove e se preserva a nossa cultura popular.

Colocando-nos à disposição de V. S.ª, subscrevemo-nos anteciosamente

DOMINGOS DINIZ

Presidente da Comissão Mineira de Folclore.

Rio - RJ, 10/10/91

Com os cumprimentos cordiais e agradecimentos pela remessa do Anuário do 27° Festival de Folclore.

Sinceramente grato

SECRETÁRIO GERAL

Goiânia - GO, 10 de outubro de 1991

Amigo J. Sant'anna

Apesar de um pouco atrasada, envio-lhe, por este, meus agradecimentos pelo belo Anuário do Folclore de 1991. Anuário que é prova inequívoca e que fica registrado para a posteridade do grande trabalho que o amigo e companheiro de jornada vem desenvolvendo na bela cidade de Olímpia. Sediado em Olímpia, sua luta sensibiliza todo o Brasil.

Meus agradecimentos e votos de vida longa com o mesmo vigor de juventude que apresenta.

REGINA LACERDA

São João Del Rei - MG, 11 de outubro de 1991

Prezada Iseh:

Ao receber o Anuário do 27° Festival do Folclore de Olímpia, dois fortes sentimentos me afloraram: gratidão por sua delicadeza e euforia pelo inigualável trabalho de vocês.

Parabéns pela pesquisa, pela forma de apresentação e sobretudo pela competência para lidar com as manifestações folclóricas.

Um abraço amigo,

MAGDA MARA

Cidade de Deus, Osasco, 14 de outubro de 1991

Exmo. Sr.

José Fernando Rizzatti

DD. Prefeito Municipal de

Olímpia - SP

Senhor Prefeito

Recebi o Diploma de Louvor ao Mérito, a mim conferido pelo Conselho Municipal de Cultura, através da Comissão de Folclore, pela nossa participação no 27° Festival do Folclore.

Sensibilizado, agradeço a homenagem que me é prestada.

Peço transmitir cumprimentos ao Sr. José Sant'anna, pela iniciativa de promover, anualmente, aquele evento de grande valia cultural.

Com apreço,

NELSONI HERCULANO DE
SOUZA

Diretor Executivo

São Paulo - SP, 16/10/1991

Distintíssimo amigo Dr. J. Sant'anna

Agradeço-lhe, muito de coração, o rico presente do "27° FESTIVAL DO FOLCLORE".

Como sempre, magnífico!

Anotei, para uma conversa mais detalhada, o "BARTOLO TINHA UMA FLAUTA" no Estudo da Meire (conheci uma outra versão, de um colega cantador da Capital - S. Paulo), o "SERENO DA MADRUGADA" de Inezita Barroso (com uma colocação de sílabas acentuadas, bem "caipira", e funcional) e o "VIRGEM DO ROSÁRIO" que cantávamos, mais ou menos, assim: Ó VIRGEM MARIA, Ó MÍSTICA FLOR" (que dava a acentuação, de acordo com a grafia musical, "ó mística flor...")!

Na melodia do "QUE SANTO É AQUELE", pág. 83, talvez, poder-se-ia colocar o **mi bemol** já na armação da chave.

No Meu "O PLANGENTE CANTO DA VERÔNICA NO VALE DO PARAÍBA", à pág. 7, 1ª coluna, lembro o CURUPIRA do meus tempos e da minha área (REV. FOLCLORE, n.º 16, pág. 7).

A 15 de agosto deste, no FESTIVAL DO GUARUJÁ, eu tive o prazer de o lembrar: "E HOJE, EM TODO O BRASIL - A COMEÇAR PELA NOSSA CAPITAL DO FOLCLORE, OLÍMPIA, DO PROF. JOSÉ SANT'ANNA À FRENTE A CELEBRAÇÃO DESSE QUERIDO E MARAVILHOSO FATO FOLCLÓRICO, TÃO BEM CONCEITUADO PELO 1º CONGRESSO INTERNACIONAL DE FOLCLORE, CELEBRADO EM SÃO PAULO, NA OCASIÃO DO SEU IVº CENTENÁRIO, EM 1954"

(ao acentuar o momento vivo de celebrações em todo o mundo)

Querido PROFESSOR E MESTRE: aqui vai meu agradecimento, o meu aplauso, e os meus votos:

JOSÉ GERALDO DE SOUZA
Sociedade Brasileira de Musicologia

São Paulo-SP, 19 de outubro de 1991

Excelentíssimo Senhor
Dr. José Sant'anna

Acabo de receber o precioso trabalho sobre o 27º Festival do Folclore. É o primeiro que recebo e estou deveras admirada com o conteúdo. É uma obra para se ler e reler muitas vezes.

Realmente, Dr. Sant'anna está de parabéns! Peça a Deus que conserve o seu entusiasmo e lhe dê muita força para continuar essa linda caminhada, levando a todo o Brasil o conhecimento das belezas do nosso Folclore. Sensibilizado, agradeço a dedicató-

ria e a obra.

Os meus cumprimentos,
OLGA XAVIER DE OLIVEIRA

Taubaté - SP, 21/10/1991
Prof. José Sant'anna

Meu agradecimento pela remessa do Anuário do Folclore de 1991, belo na forma e valioso pelo conteúdo.

É grande a minha admiração pela sua luta e tenacidade em preservar e tornar conhecidos nossos valores e raízes culturais, contribuindo assim, para que permaneçam nos tempos vindouros.

Parabéns ao senhor e à Comissão de Folclore, cuja atuação vem projetando Olímpia no cenário nacional.

Grata pela atenção,
MARIA MORGADO DE ABREU
historiadora

Fortaleza - CE, 1º de novembro de 1991

Prezado amigo e confrade JOSÉ SANT'ANNA

Recebi o excelente volume de trabalhos, melhor dito, estudos e investigações, concernentes ao 27º Festival do Folclore, efetuado nessa digna cidade paulista.

Louvo a sua dedicação, o seu esforço intelectual ao promover o estudo das tradições populares entre as pessoas cultas da sua terra.

O seu interessante trabalho - "Quem conta um conto acresce-lhe um ponto" revela o domínio que possui de um tema dos mais importantes no setor folclórico relativo aos contos populares. Parabéns pelo acurado estudo que vem de nos ofertar.

Recomendações à sua digna família. E aceite um cordial abraço do amigo,

FLORIVAL SERAINE

Cuiabá - MT, 5 de novembro de 1.991

Caro amigo Prof. José Sant'anna
Recebi mais um anuário do Folclore de Olímpia - 27º Festival - 1991.

Mais uma vez louvo o esforço que você e sua equipe realizam. Trabalho que tem seu apogeu no mês de agosto, mas que com certeza é construído no dia a dia. E há quantos anos!

Minha admiração pelo brilhante trabalho de Olímpia - a Capital do Folclore.

Estou em Cuiabá pesquisando sobre a Viola do Cocho.

Abraço-o com a amizade.
MARIA CÉLIA C. COIMBRA

Maceió- Al, 29-12-91.
Caríssimo Dr. José Sant'anna
Que 92 traga maiores realizações, melhores entendimentos e excelentes empreendimentos e que os homens consigam se enxergar num espelho, verificando sempre a necessidade de serem eles mesmos, e assim sendo procurem cada vez mais a valorização de si próprio e de sua cultura.

Mais uma vez, parabéns pelo excelente cartão de natal. Que Cristo o ilumine sempre.

JOSÉ MARIA TENÓRIO ROCHA

Natal-RN, 15-1-92.

Ao velho e querido amigo José Sant'anna - muito agradeço e retribuo gostosamente os votos de felicidade no ano novo.

Publiquei as Cartas de Mário de Andrade a Cascudo, Ed. Villa-Rica Editoras Reunidas, Belo Horizonte, antiga Itatiaia. Envio-lhe um exemplar. É um livro importante. E há muito de folclore nele.

Sempre seu amigo e admirador fiel.
VERÍSSIMO DE MELO

Campo Grande, 26 de junho de 1992

Prezado amigo Sant'anna
Embora com atraso, envio meus agradecimentos pelos exemplares anteriores, do anuário do Folclore. A demora se deveu ao fato de ter me proposto a ler todos eles, antes de lhe escrever. Com razão, os elogios mais efusivos, ainda são poucos para traduzir seu trabalho, junto à comunidade olímpense.

Fiquei muito contente com sua visita no ano passado. Oxalá possamos nos encontrar brevemente.

Aproveito a oportunidade para re- meter-lhe um folheto do Grupo Sarandi-grupo parafolclórico de danças de Mato Grosso do Sul, formado em 91 e que teve a honra de se apresentar ao Fórum Global da ECO/92.

Mais uma vez, agradeço sua atenção e peço a Deus abençoar esta figura maravilhosa - o Sant'anna - patrimônio cultural do país.

Um cordial abraço da

MARLEI SIGRIST
U.F. de Mato Grosso do Sul
C.C.H.S. - D.C.A.

Lamentamos a impossibilidade de publicar toda a correspondência recebida, em virtude da diagramação previamente estabelecida.



**Prefeitura Municipal de Olímpia
Estado de São Paulo**

**28º Festival do Folclore
*Jubileu de Níquel***

Nós confiamos em Deus. O Bradesco está na cidade de Deus. Logo, nós confiamos no Bradesco.

Há 500 anos, Colombo bateu às portas da Espanha, cujos reis, principalmente a rainha, dona Isabel, acataram seu sonho, dando-lhe três caravelas e ele descobriu novas terras para o mundo: As Américas.

Há 11 anos, a cidade de Olímpia bateu às portas do Banco Bradesco S.A. e também descobriu um novo mundo. Os diretores da organização acataram a proposta para o patrocínio da publicação do Anuário que, a duras penas, vinha sendo impresso. Esse Anuário divulga a cultura folclórica brasileira, registra e informa o tesouro acumulado pelo trabalho dos que nos precederam, com base na memória coletiva, vivenciada no presente e projetada para o futuro.

Louvado seja Deus!

Louvado seja o Bradesco!

José Sant'anna

Coordenador do FEFOL

Onze anos de colaboração: Jubileu de Coral

BRADERSCO É CULTURA



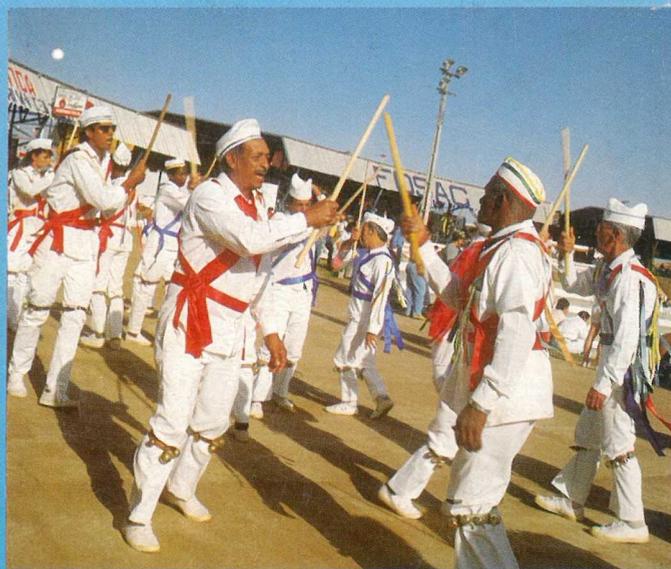
"O Folclore, fato social, é uma coisa viva,
sujeita aos processos normais dos fatos da sociedade,
e, portanto, capaz de nascimento, desenvolvimento e morte.
Folclore é o que existe e não o que existiu ou devia existir.
Não há notícias nem exemplos de fatos folclóricos
em que não se misturem as mais variadas influências,
como não há casos em que o fato folclórico,
neste ou naquele ponto,
não tenha sofrido adulterações,
decorrentes das circunstâncias do ambiente físico e social".

Edison Carneiro

Comissão Nacional de Folclore - 1953



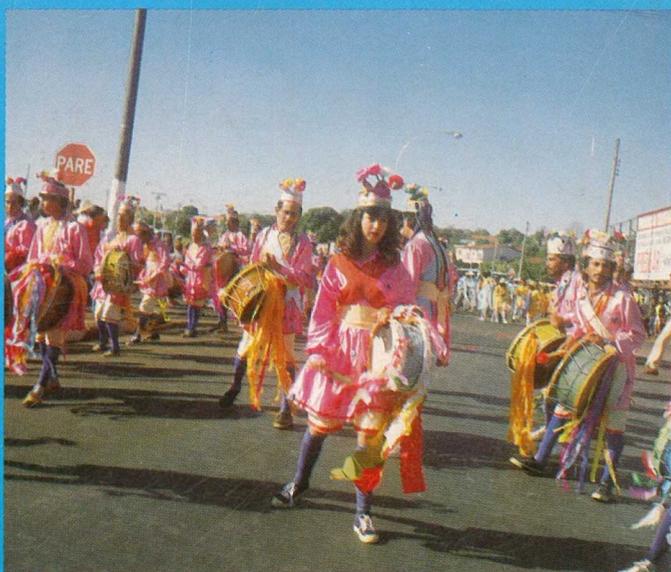
Moçambique de Uberlândia - MG



Moçambique de Taubaté - SP



Congada de Pratápolis - MG



Congada de Santo Antônio da Alegria - SP

BRADESCO